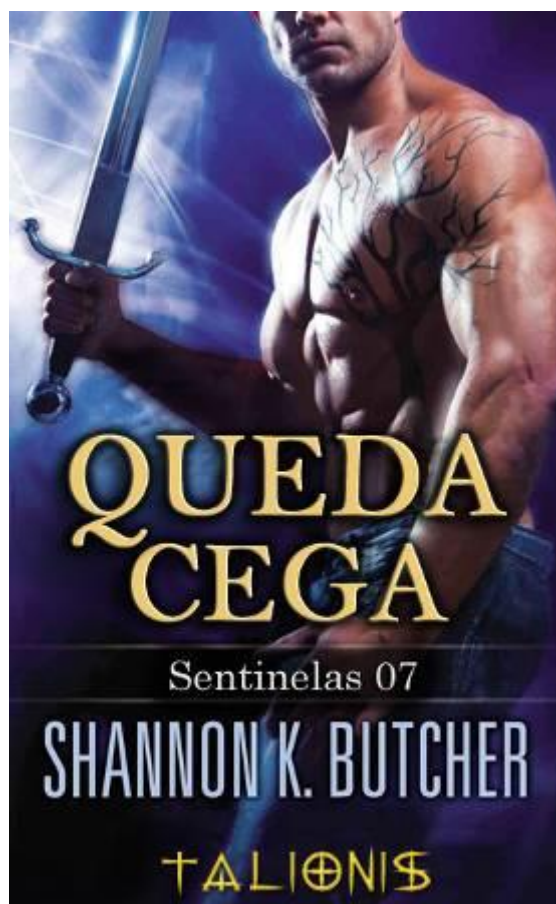




Shannon K. Butcher

Queda Cega

Guerra dos Sentinelas 7

Uma bonita e independente Theronai, Rory Rainey sabe que suas tentativas de ser uma guerreira são fúteis — a menos que ela possa parar as visões demoníacas que a atormentam. Determinada a ser livre, Rory decide encontrar o guardião misterioso que pode curá-la, antes que ela perca sua visão ou sua vida. Mas a jornada de Rory traz seus próprios perigos quando ela é atacada por uma matilha de Synestryn enviados pelo senhor demônio Raygh.

Encurralada e desesperada, Rory escapa com a ajuda de um estranho espadachim. Cain sabe que Rory precisa de sua proteção para sobreviver, assim como ele sabe que o poder dela é compatível com o seu. E quando Rory liga-se a Cain, o guerreiro sabe que ele vai fazer de tudo para mantê-la a salvo da ameaça do senhor demônio que a persegue...





Traduzido do Inglês
Revisão Inicial: Maya
Revisão Final: Elen M.
Envio e Formatação: Δίκη
Capa: Suelen M
TALIONIS

“Eles são os Sentinelas.

*Três raças descendentes de antigos guardiões da humanidade,
cada uma possuindo habilidades únicas em sua batalha para proteger a
humanidade contra seus inimigos eternos: os Synestryn.
Agora, um guerreiro deve proteger uma mulher forte de espírito de um
mal incrível...”*

Comentário Maya: É mais um livro da saga Sentinelas, mas este tem suas particularidades, é cheio de charme, irreverência, tenacidade e, claro, amor!

O casal passa por todas as terríveis etapas até se tornarem um, mas eles tem um bom humor, são fortes, charmosos, sexys e apaixonantes. Rory é irreverente, audaciosa e sabe o que quer. Cain é forte, estável, tenaz e apaixonado. Juntos formam uma das duplas mais cativantes. De todos, até agora, foi o que mais gostei, prende a atenção, faz rir, dá calafrios na espinha e chorar também. Aproveitem a leitura!!”

Comentário Elen Mariano: Concorro com a Sandra, esse é o livro mais legal da série! Cain é um guerreiro atormentado, acredita que falhou em sua missão e sente que seu fracasso “*paira em torno dele como sudário*”, suas esperança esmorecem e o único lampejo em toda essa escuridão, é uma mulher com ridículos cabelos rosa e montes de piercing, ele precisa salvá-la e toma isso com um objetivo maior, só que Rory não confia em ninguém, e jurou nunca mais se entregar ao sentimento desde que foi



traída, mas esse guerreiro, ahhhh... ele é irresistível! Trilha sugerida:
<http://letras.mus.br/michael-jackson/154217/traducao.html>

Lista de personagens

Alexander Siah: Sanguinar
Andra Madison: a Senhora Safira, Theronai, ligada a Paul Sloane
Andreas Phelan: Slayer, líder dos assassinos
Angus Brinn: guerreiro Theronai, ligado a Gilda
Aurora: serva de Atanásio
Beth Mays: sangue humano, irmã de Ella
Blake Norman: humano, meio-irmão de Grace Norman
Briant Athar: Sanguinar
Cain Aylward: guerreiro Theronai, protetor de Sibyl
Canaranth: Synestryn, Zillah o segundo-em-comando
Carmen Taite: sangue humano, Geraí, prima de Vance e Slade Taite
Cole Shepherd: sangue humano
Connal Athar: Sanguinar
Dakota Kacey: Theronai, ligado a Liam Lann
Drake Asher: guerreiro Theronai, ligado a Helen Day
Ella Mays: sangue humano, irmã de Beth
Eron: príncipe Atanasiano
Gilda Brinn: a Senhora Cinza, Theronai, ligada a Angus
Grace Norman: sangue humano, Geraí
Helen Day: a Senhora Scarlet, Theronai, ligada a Drake Asher
Hope Serrien: companheira de Logan Athar
Iain Terra: guerreiro Theronai, ligado a Jackie Patton
Jackie Patton: Theronai, filha de Lucien, ligado ao Iain Terra
Jake Morrow: humano, membro dos Defensores da Humanidade
John Hawthorne: sangue humano
Joseph Rayd: guerreiro Theronai, líder dos Sentinelas
Lexi Johns: Senhora Jade, Theronai, ligado a Zach Talon



Liam Lann: guerreiro Theronai, ligado a Dakota Kacey
Logan Athar: Sanguinar, caçador de sangue, companheiro de Hope Serrien
Lucien: príncipe Atanasiano
Lyka Phelan: Slayer, meia irmã de Andreas
Mabel Hennessy: sangue humano
Madoc Gage: guerreiro Theronai
Maura Brinn: Theronai, irmã gêmea Sibyl
Meghan Clark: sangue humano
Morgan Valens: guerreiro Theronai
Neal Etan: guerreiro Theronai
Nicholas Laith: guerreiro Theronai
Nika Madison: Theronai, a irmã de Andra
Paul Sloane: guerreiro Theronai, ligado a Andra Madison
Samuel Larsten: guerreiro Theronai
Sibyl Brinn: Theronai, irmã gêmea de Maura
SladeTaite: sangue humano, Geraí, primo de Carmen, irmão de Vance
Thea Lewis: mulher humana que vive em Dabyr
Torr Maston: guerreiro Theronai
Tynan Leygh: Sanguinar
VanceTaite: sangue humano, Geraí, primo de Carmen, irmão de Slade
Victoria (Tori) Madison: Theronai, irmã de Andra e Nika
Viviana Rowan: a Senhora Bronze, Theronai, ligado a Neal Etan
Zach Talon: guerreiro Theronai, ligado a Lexi Johns
Zillah: Lorde Synestryn

*Para Sarah Skolaut, controladora do caos,
inimiga da entropia, a guardiã do calendário,
amante de gerenciar o caos, e protetora de minha sanidade.
Obrigado por tudo que você faz.*



Capítulo 1

Kansas City, Missouri, 29 de outubro

Não havia água sanitária para cérebro o suficiente no mundo para varrer para longe as coisas que Rory Rainey vira. Suas visões foram ficando piores, e se ela não encontrasse a pessoa que poderia fazê-las parar, enlouqueceria.

Tão frequentemente quanto as imagens mentais começaram a bater nela ultimamente, a conclusão inevitável da loucura não estava longe.

Rory manteve a cabeça baixa e seu olhar firmemente cravado na calçada em frente a ela. Enquanto seus olhos viam apenas a sujeira e o concreto mal iluminado por luzes da rua, sua mente via muito, muito mais. Uma profusão de programas de TV e monitores de vídeo brilhavam em sua cabeça, uma imagem sobreposta à outra, até que tudo era apenas uma bolha brilhante de cor e luz. Ali perto, alguém estava olhando para um bebê recém-nascido. Outra pessoa estava lendo um livro, mas havia muito caos visual na cabeça de Rory para formar as palavras. Breves vislumbres das mesmas seções vizinhas da rua dispararam em sua mente, repetindo mais e mais enquanto poucas pessoas ainda estavam fora na hora tardia e dirigiam pela rua. Enquanto descia a rua, chegou perto o suficiente de um casal fazendo sexo em um dos prédios ao redor para captar o que eles estavam vendo. O homem estava todo carnudo e suando, o rosto vermelho com o esforço. Os ombros e braços torcendo a mulher em uma vaga forma de pretzel — o que fez Rory acelerar seu ritmo, até que a visão se desvaneceu.

Ugh. Não havia água sanitária para cérebro suficiente no mundo.

Ela estava em uma parte ruim da cidade duramente atingida pela



recessão. As ruas estavam cheias de lojas e de edifícios condenados abandonados. Estava tarde e fazia frio, e havia pouco tráfego a pé para ela colidir com alguém enquanto fazia seu caminho para o abrigo de sem-teto que visitava frequentemente. Não precisava do abrigo, tinha sua própria casa. A casa de Nana. Mas esse abrigo era um dos lugares onde percebera que as visões retrocediam.

Poucos momentos fugazes de paz vieram para ela lá. O que ela via era real e só dela, tornando-os calmos e, oh, tão preciosos. No início, pensou que estava ficando melhor, que o espaço entre as barreiras mentais foram ficando mais longos. Mas então deixou o abrigo e as visões estavam lá, esperando por ela.

Suas desastrosas, dolorosas experiências, a levaram a acreditar que alguém de dentro do abrigo estava bloqueando sua maldição. Se ela apenas pudesse descobrir quem era e convencê-lo a ensinar-lhe como fazia isso, estaria livre.

Mas seu potencial salvador saiu, e Rory nunca fora capaz de rastreá-lo. De vez em quando, suas visões desapareciam e sabia que ela estava perto, mas nunca descobrira quem era para agradecer por esse indulto.

Um flash de cabelo rosa quente e de correias — vestida em couros explodiu em sua mente, fazendo-a tropeçar em choque. O cabelo de Rory era cor de rosa, e ainda que não fosse a única usasse esse recurso artificial, as chances eram mínimas de que houvesse outra mulher com seu cabelo e jaqueta por perto.

Alguém estava olhando para ela.

Rory tentou classificar através das imagens misturadas para se concentrar em quem estava atrás dela, mas havia tantos flashes, e a maioria deles eram tão brilhantes, que mal podia ver o chão na frente de seus pés. Ainda havia muitas pessoas acordadas na cidade, muitas visões batendo nela para que se prendesse a uma única por muito tempo.

E só porque alguém olhou para ela não havia razão para censura.



Muita gente olhava para ela. Esse era um dos efeitos colaterais de ter o cabelo mais alto do que um trem de carga.

Ainda assim, seus instintos gritavam, e ela aprendeu da maneira mais difícil que devia confiar neles. Enquanto continuava andando, os cabelos na parte de trás do seu pescoço se eriçaram em sinal de advertência. Sendo a noite era perigoso. Havia monstros em todos os lugares, e por razões que ela se recusava a pensar, eles a desejavam.

Rory apressou o passo, a ansiedade dirigindo-a para frente. Ela cortou um beco para sair da rua e encurtar sua caminhada. O abrigo não estava muito longe agora, e enquanto a reforma não fosse concluída, as portas ficavam abertas, e eles iam deixando as pessoas entrarem para escapar do frio.

Rosa brilhante consumindo sua visão, bloqueando a calçada molhada a seus pés.

Esse era o seu cabelo de volta e quem a estava observando a seguira para o beco. Definitivamente não eram alguns pedestres aleatórios.

Bem, inferno. Agora teria que fazer alguma coisa. De jeito nenhum poderia apenas continuar caminhando, fazendo o papel de presa. Ela nunca fora muito uma atriz.

Rory parou em seus passos, agarrou a arma na bolsa, os ombros de uma forma que gritavam que ela não era uma vítima frágil, e virou-se para enfrentar quem a estava seguindo. Ela realmente não queria ter que atirar em alguém, mas depois do que Matt fizera com ela, aprendera a ser mais proativa e defensiva em seu pensamento. Dois dias e noites passadas em um porão inundado, cheio de demônios com tentáculos que viviam de carne e sangue humanos, era uma maneira de curar uma má decisão de uma menina pobre — criando hábitos.

A ansiedade apertou seu punho, mas ainda manteve sua respiração, lutando para ver o beco aparecendo na frente dela sobre as cores chamativas e luzes em sua cabeça. Ela não viu ninguém, apenas um ligeiro



lampejo de movimento que nem sequer podia confiar que fosse real.

— Eu vi você — gritou para a noite sua respiração nebulizando no ar frio.

Outro vislumbre de rosa veio a ela, mais uma vez mostrando-lhe a parte de trás da sua própria cabeça.

Não havia nenhuma maneira que alguém pudesse ter deslizado por ela. Mesmo com suas visões loucas, ela não era tão cega, pelo menos não ainda. Se as visões piorassem...

Não pensaria sobre isso agora. Precisava permanecer positiva e convencida de que havia uma cura para sua fiação defeituosa.

Um silvo baixo sacudiu fora atrás dela.

O medo riscou ao longo de suas veias, e ela virou-se para enfrentar a ameaça, arma levantada e nivelada.

Um demônio estava ali, preto e brilhante, facilmente se misturando com o asfalto molhado. Maior do que um cão grande, suas patas dianteiras eram muito longas para seu corpo musculoso, empurrando-o quase na vertical. Não havia um único fio de cabelo sobre a criatura, mas algo espesso e oleoso vazava de sua pele, deixando manchas para trás com cada passo. Seu rosto era perturbadoramente humano, com olhos que faiscavam de um verde brilhante e doentio.

Rory deu um passo para trás, incapaz de controlar o impulso de fugir. As orelhas pontudas do demônio se contraíram, como se ouvisse alguma coisa, e um segundo depois, no meio de paisagens brilhantes que não eram dela, ela viu a parte de trás de sua cabeça novamente. Só que desta vez estava muito, muito mais perto.

Ainda havia alguém atrás dela. Ou algo assim.

Ela segurou a arma e apontou para o demônio na frente dela enquanto evitava um rápido olhar por sobre seu ombro. Com certeza o gêmeo do demônio, maior e mais feio, estava bem ali atrás dela, seus olhos brilhantes queimando com fome.



Rory sabia que não deveria hesitar. Este era um tipo de situação de matar ou ser comido, se alguma vez houve um — algo que estava muito familiarizada nesses dias.

Demônios estúpidos fodendo a cidade. Alguém precisava se livrar deles, e enquanto realmente desejava que alguém fosse qualquer um menos ela, não havia ninguém ao redor.

Disparou sua arma três vezes o mais próximo do demônio. Lascas de tijolo voaram quando as balas atingiram um edifício. Um de seus tiros foi sugado menos do que os outros dois, batendo no ombro do demônio. Ele rugiu em fúria e se encolheu para trás, torcendo a cabeça em um ângulo estranho para que ele pudesse lamber sua ferida. Atrás, ela ouviu a carga de outro demônio, suas garras raspando todo o asfalto. Ela virou-se e lançou seu corpo para um lado, trabalhando para encontrar uma chance clara com o flash e brilho enchendo a cabeça.

Ela caiu com força suficiente para bater os dentes, mas conseguiu ficar em pé. Antes que pudesse estabilizar a arma, o demônio estava voando pelo ar novamente, mostrando garras e dentes longos e amarelos.

A besta realmente precisava de um bom dentista. Esse pensamento aleatório deslizou por ela enquanto se movia por instinto, saltando para fora do caminho. Seu ombro bateu com força contra uma parede de tijolos, sem dúvida acrescentando hematomas que ela naturalmente acumulava graças às suas visões de merda.

Foi somente quando ela tentou se mover mais uma vez que ela percebeu que tinha atingido mais do que seu ombro. Dor agarrou seu joelho, raspando seus nervos e cavando em sua coluna. Sua perna se recusou a dobrar. Ela olhou para baixo e viu uma pequena parte de um prego brilhante saindo de sob o lado de sua rótula. Ligado a esse prego havia uma comprida tábua descartada, que corria de volta para baixo para uma pilha de lixo de construção. A tábua era de mais de dois metros de comprimento, e não havia nenhuma maneira de que pudesse arrastá-la



junto com ela. Mas se puxasse o prego, ela sangraria mais rápido.

Rory sabia muito bem da loucura deste plano. Se ela sangrasse, estes dois demônios seriam o ato de abertura para dezenas de outros.

Um dos olhos do demônio queimava enquanto ele cheirava seu sangue, e fazia mira.

Estava acostumada a temer. Viveu com isso durante anos, e fora íntima dele brevemente por um par de noites horríveis. Esse tempo lhe ensinara como agir apesar do terror gritando por ela, mas isso não significava que não sentia medo. Suas pobres costelas estavam levando uma surra quando seu coração trovejava contra elas. O frio úmido de suor revestia sua pele, fazendo com que a arma ficasse mais difícil de segurar. Mas segurá-la era importante, então, foi o que fez.

Ela levantou a arma e disparou, enviando a besta gordurosa derrapando de volta no asfalto molhado.

Isso não iria mantê-lo longe por muito tempo. Havia apenas algumas balas mais em sua arma. Ela não tinha escolha a não ser libertar-se e esperar que pudesse correr rápido o suficiente para alcançar o abrigo antes que o resto dos demônios nas proximidades cheirasse seu sangue e viesse correndo. Porque eles definitivamente o fariam.

Ela respirou profundamente e empurrou o prego de seu joelho. O metal curvado estava revestido em seu sangue, e ela podia sentir o resfriamento da umidade em seu jeans.

Ambos os demônios estavam deslizando em sua direção agora, suas patas dianteiras sem jeito inclinaram-se para os lados, seus focinhos para baixo no chão quando eles teceram o seu caminho para mais perto. Um levantou a cabeça e gritou, deixando escapar um som estranho e triste.

De algum lugar a poucos quarteirões de distância, um uivo de resposta se levantou. E, um pouco mais distante outro. Em seguida, outro.

Às vezes, ela odiava estar certa.

Esses gritos eram o sino do jantar, e Rory era o prato principal.



Como o inferno.

Ela apontou para a cabeça do maior demônio e disparou. Seu tiro foi limpo, e um pedaço de pele oleosa e osso surgiram da cabeça da coisa. Ele cambaleou e mergulhou desajeitado para a rua, as pernas se contorcendo. Seu irmão gêmeo se abaixou e lambeu a ferida, mas se ele estava ajudando ou prejudicando a fera ferida ela não tinha ideia. Também não dava a mínima.

Ela não o matou — não era como a maioria das criaturas que vira. Tudo o que ela fizera foi comprar algum tempo e aumentar suas chances de sobreviver, se apenas de zero por cento para um por cento. Um demônio voraz era mais do que suficiente para matá-la tão morta quanto dois podiam.

Alguém em um apartamento nas proximidades olhava dentro de uma geladeira quase vazia e, alguma maldição mágica assombrada decidiu que ela realmente precisava ver uma tigela de material verde difuso, agora, em vez dos demônios tentando matá-la.

Frustração se enfureceu dentro dela, mas ela socou-a. Ela tinha que manter a calma e se concentrar no que era real em frente a ela. Quanto mais irritada, mais caóticas suas visões se tornariam — mais cega ela se tornaria.

Rory empurrou uma respiração dura, e se afastou do par de monstros, aliviando o seu peso sobre a perna machucada. Aguentou, mas a dor piorava a cada passo. O ponto frio e úmido em seus jeans expandia mais para baixo, atingindo sua canela agora.

Em algum lugar próximo, um dedo torto pela idade e artrite discou 911.

Merda. Os pobres policiais não tinham ideia de como lidar com demônios. Algum ignorante, cidadão cumpridor da lei, havia acabado de enviar a equipe de proteger-e-servir para as mandíbulas do mal. Literalmente.



Talvez se ela desse o fora daqui rápido, os demônios fossem embora e não olhariam nos rostos dos policiais. Era a única chance que tinham.

Antes que pudesse dar um passo, a visão de grama marrom morta encheu sua mente, deslizando rápido por ela. Era iluminada por um brilho verde que cintilava de um focinho pontudo e brilhante que parecia com os dos demônios em sua frente. E então a visão mudou e ela viu outro focinho apontado para baixo em uma rua suja, e outro, elevando o olhar para o alto de uma cerca de arame, e outra se esgueirando sob um meio parado.

O medo gelou sua pele e apertou seus músculos, e ela teve que tomar uma decisão consciente de não cair em uma pirueta de gritos de pânico. Mais demônios estavam chegando, chegando mais perto. Tinha que sair daqui— tanto para o bem dela como dos policiais.

Rory deu mais um passo e seu joelho cedeu sob o seu peso. Quase caiu, pegando-se contra a parede antes de perder completamente o equilíbrio.

Um som arranhando atrás dela avisou-a de que algo estava por vir. Achatou-se de costas para a parede e dividiu sua atenção entre o par de demônios e tudo o que estava por vir agora.

Era pequeno —do tamanho de um rato, mas sem pelos e ostentando uma cauda de farpada escorpião que se curvava sobre sua volta. Três espinhos brilhantes pegaram um brilho da rua quando suas garras escavaram sobre o pavimento, indo direto para ela. Seis pequenos olhos brilhantes acenderam em seu caminho.

Rory não tinha ideia do que era, mas ela sabia o que seria em um segundo: morta.

Ela apontou e disparou, atingindo, finalmente, onde ela apontou de uma vez. O demônio, ou o que quer que fosse — salpicado em uma mancha oleosa. Gotas de sangue preto chiaram pela calçada, enviando espirais finas de fumaça.

Definitivamente um demônio.



Ela estava se sentindo muito satisfeita consigo mesma, congratulando-se pelo o tiro, quando ouviu mais arranhados vindos de todo o canto. Nem seis metros de distância, ela viu um tênue brilho verde. E então ela viu o que estavam fazendo.

Dezenas desses escorpiões de cauda farpadas vieram correndo em sua direção, se movendo mais rápido do que ela podia correr.

Ela não tinha balas suficientes. Ela não podia colocar peso no joelho fodido. A única saída foi bloqueada pelo par de gordurosos demônios negros. Apenas alguns segundos se passaram desde que ela olhou para longe deles, mas ela não se atreveu a voltar sua atenção para longe por muito tempo.

Ela precisava de uma saída. Rápido.

Rory nivelou sua arma para a maior ameaça. O demônio que ela tinha dado um tiro na cabeça estava de volta em seus pés. O buraco no seu crânio já havia começado a fechar. O menor demônio estava vários metros mais perto dela, e ela podia ver flashes de seu próprio rosto, pálido e aterrorizado, pois andou mais perto.

Ela olhou para cima, esperando por uma escada de incêndio conveniente, mas não havia nada sobre ela, apenas o claro céu negro e janelas fechadas com tábuas muito altas para alcançar.

Tomou uma respiração fortificante, trabalhando duro para empurrar para fora um pouco de seu medo enquanto exalava. A arma resistia em seu aperto. O demônio mais próximo gritou e se encolheu, mas não caiu. Ela disparou de novo, e de novo, cada tiro fazendo-a deslizar um pouco, mas sem fazer qualquer diferença real. As coisas continuavam a avançar, e ela jurava que estavam sorrindo para ela, seus olhos verdes brilhando com intenção maliciosa.

Sua arma clicou. Estava sem balas. Mas não estava prestes a desistir e deixar que esses filhos da puta a tivessem. Sobreviveu a chances piores do que estas.



Claro, ela não estivera sangrando então, e nem chamado cada coisa peludo, viscosa, escamosa, próxima para entrar e dar uma mordida.

Rory deixou cair à arma e pegou a tábua longa que a atingira com o prego inconvenientemente colocado. A madeira estava fria em seu aperto, mas era sólida e real. Se fosse derrotada, faria isso no estilo Babe Ruth¹.

Uma das coisas pequenas bateu em seu sapato e começou a rastejar para ela. Ela tentou arremessá-lo com um chute forte, mas a dor parou-a, e a coisa continuou. Ela bateu o final da tábua nele, esmagando sua cabeça e seu próprio dedo do pé.

Dor a cortou, roubando sua respiração por um momento.

Sua atenção havia sido deslocada para a coisa escorpião a pouco menos de três segundos, mas quando a visão de sua própria cabeça chegando perto encheu sua mente, ela sabia que fora muito tempo para uma distração. Quando o maior demônio se lançou para ela, ela estava completamente flanqueada, e completamente fodida.

O mundo diminuiu e a adrenalina inundou seu corpo. Ela se virou e começou a mudar o seu peso para lançar-se para fora do caminho. As garras do demônio estavam abertas, seus dentes amarelos apenas um par de metros de sua cabeça — perto o suficiente para ver o revestimento preto do sangue deles e pedaços de carne gordurosa presa entre eles. O cheiro podre de sua respiração a fez sufocar.

Ela levantou a tábua para proteger o rosto, mas mesmo quando começou a se mover, sabia que não seria rápida o suficiente. Não havia tempo suficiente para colocar a tábua no caminho antes que os maxilares se fechassem em sua cabeça.

Era isso. Era assim que ela ia deixar esta terra — sangrando, com medo e sozinha, enquanto o resto do mundo seguia em frente como se nada tivesse acontecido. O fato de que ela pudesse vê-los seguindo em suas rotinas esfregou seu nariz apenas em quão pequena e insignificante a sua

¹ Considerado o melhor jogador de Beisebol de todos os tempos.



vida realmente foi. Agora que Nana fora embora, ninguém sentiria sua falta. Tão distante como manteve as pessoas, as chances eram de ninguém sequer soubesse que morreria. Essas coisas iriam transportá-la e comê-la, não deixando nenhuma evidência para trás.

Que vida triste ela levou, cheia de medo e boba.

Um som metálico encheu seus ouvidos, seguido por uma paulada sólida. As mandíbulas abertas oscilando para ela, empurradas para baixo e, repentinamente, bateram em sua canela, mas não havia nenhuma força por trás do golpe. O focinho simplesmente saltou fora, e a cabeça rolou para longe.

Ele não tinha corpo.

Confusão nublou sua mente enquanto ela tentava descobrir o que ela estava vendo. Essa era outra visão? Algo acontecendo nas proximidades? Se for assim, então por que ela não estava morta e não vendo nada?

Rory piscou, na esperança de esclarecer a realidade.

Um homem apareceu a poucos metros de distância, grande demais para ser real. Ele segurava uma espada larga em suas mãos enormes. A lâmina brilhante estava revestida em óleo preto. Seu corpo gigante se moveu rápido, os músculos esticando as costuras de sua jaqueta de couro.

Ela não confiava em seus olhos, e ainda tudo isso parecia muito real. Ele ainda parecia real. Suas visões ficaram em silêncio.

Aos pés do homem jazia o corpo do demônio que quase a matou. Sangue negro se arqueava para fora de seu pescoço em um spray pulsante cada vez mais fraco a cada surto. Em frente a ele estava o maior demônio, permanecendo abaixo e fora da lâmina letal.

Ele a salvou. Ele cortou a cabeça do demônio e salvou seu rosto de ser comido. Isso não era para acontecer. Essa não era a forma como a sua vida foi estes dias. As coisas estavam lá supostamente para sugar, como sempre fizeram.

E ainda assim, lá estava ele, ainda lá, não desapareceu como uma visão



fugaz.

O mundo de Rory começou a fazer sentido novamente, mas o choque de ainda estar viva, não desaparecera. Uma sensação de alegria encheu-a com sua próxima respiração. Não estava morta. O mundo ainda se movia, mas ela estava se movendo com ele.

O grande homem estava de costas para ela, e ele foi lentamente circulando o demônio, inclinando-se de costas em uma porta de entrada para um ataque. Por um momento, tudo o que Rory podia fazer era olhar. Ele era bom, cada movimento fluía para o lado em uma transição suave de poder e força. Os músculos em suas coxas incharam sob seu jeans, e quando ele pisou em uma poça rasa, a bota mal fez uma ondulação. Mesmo a névoa de sua respiração enrolava lenta e preguiçosa, subindo para a noite, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Poder gracioso irradiava de cada passo. Sombras o acariciavam, segurando-o perto em um abraço de amante. Ele parecia muito sólido—aterrado, como se nada pudesse tanto quanto embalá-lo. E não foi apenas o tamanho dele que lhe deu essa impressão. Ela sentiu algo correr fora dele—um tipo pesado de energia que a prendeu no local, hipnotizando-a. Ela podia olhar para as costas largas todo o dia e nunca ficar entediada.

Uma dor aguda esfaqueou seu tornozelo, empurrando sua atenção de volta para a realidade. Ela olhou para baixo e viu que um desses pequenos demônios escorpião a tinha picado e agora estava correndo para longe, sua farpa brilhando molhada com o sangue dela.

Aquela dor fazia sentido. Era assim que a vida deveria ser. Ela tinha um belo deleite visual em troca do custo baixo, o baixo custo de ser esfaqueada por um demônio.

A tábua ainda estava em suas mãos, e ela golpeou o pequeno filho da puta, na esperança de esmagá-lo morto. Seu objetivo estava longe, e ela somente o feriu, enviando-o em um giro deslizante.

A coisa se endireitou e saiu em disparada. Os outros de sua espécie



desviaram em torno dela e foram direto para seu salvador em couro preto.

— Atrás de você! Ela falou, ao mesmo tempo em que ela se empurrava para frente, usando a tábua como uma muleta estranha.

O homem virou-se em um arco fluido que era muito gracioso para alguém do seu tamanho. Entre suas grandes botas, ela viu a cabeça do segundo demônio rolando em todo o pavimento e saltando para uma parede de tijolos.

Quem quer que fosse ela estava feliz por estar do lado dela. Pelo menos ele estava agora.

Rory bateu a tábua para baixo sobre uma das coisas de tamanho de um rato, transformando-o em uma mancha preta gordurosa.

O homem empurrou um deles em uma parede com força suficiente para fazê-lo estalar como um balão de água. O resto do enxame deve ter visto isso acontecer, porque eles se moviam como um, como um bando de pássaros, invertendo a direção para fugir. Segundos depois, eles foram embora, de volta a virar a esquina do jeito que vieram.

Ele examinou a área, em busca de mais sinais de uma ameaça. Seus ombros largos levantados com cada respiração, e a grande espada ainda estava em suas garras, pronta para a ação. Luz fraca brilhava de sua espada, como se coletando partículas das sombras escuras. Ele não estava olhando para ela, mas ela ainda sentia sua consciência tão agudamente como se ele estivesse olhando.

— Você está ferida, — disse ele. Não era uma pergunta.

— Só um pouco. Vou viver.

Seu olhar bateu-lhe em seguida, e levou o fôlego de seu corpo. Seus olhos eram de um verde profundo, terra, fixado sob sobrelanceiras grossas escuras. Os ossos de seu rosto se destacavam, formando ângulos rígidos, masculinos. Sua mandíbula era uma declaração ousada de força, os músculos cheios de determinação. Não foi à sua boa aparência que ela reagiu, embora ele fosse um homem de belíssima aparência. Havia alguma



coisa mais naqueles olhos escuros, algo potente e austero, com uma espécie de desespero que vira apenas algumas vezes em sua vida— geralmente em pessoas que sabiam que estavam prestes a morrer. Dor irradiava dele, tremendo nas pequenas linhas ao redor dos olhos, tanto uma parte dele que ela não tinha certeza de que ele sequer estava ciente de quão óbvia a sua agonia era para quem quisesse ver.

Não conseguia desviar o olhar. Sua dor gritou para ela, fazendo-a sentir a dor de forma que ela não entendia. Era como se algo dentro dele estivesse chegando para ela, gritando em tormento.

Rory fechou os olhos para bloquear seus pedidos silenciosos de ajuda. A visão do rosto adormecido de uma mulher idosa apareceu por um momento antes de desvanecer atrás de um fechar de pálpebras.

Ela empurrou as visões de lado, tentando se concentrar no que era real e iminente à sua frente — todos os dois metros dele.

Ele deu um passo mais perto, examinando-a, e ela sentiu que o controle deslizava ao longo de seu corpo, até seus frios, pulsantes dedos. No momento em que seu olhar fizera o seu caminho da cabeça aos pés e de volta, ela se sentiu despida, estava tremendo e indefesa. E ele estava puto com ela.

Ela sabia o que ele via: o cabelo rosa, a maquiagem pesada, os vários piercings. Ninguém nunca realmente via debaixo do fator de choque, e esse era o jeito que ela gostava.

Pelo menos até agora. Por alguma razão estúpida, ela queria que este homem a visse — a ela real — todo o caminho até os ossos.

Seu olhar deslizou sobre o rosto, depois baixou para onde ela estava sangrando. Ela não podia dizer se ele estava dimensionando sua lesão, porque ele se importava ou porque ele estava procurando alguma fraqueza que pudesse explorar. Seu rosto era tão expressivo como uma parede de mármore, então não havia maneira de saber com certeza. O que ela sabia era que, se ele mandasse essa espada em sua direção, não havia uma



maldita coisa que pudesse pensar em fazer para impedi-lo de cortá-la em duas onde ela estava.

Sua voz era baixa e profunda, retumbando fora dele como pedras rolando montanha abaixo. — Venha comigo.

Capítulo 2

Seu cabelo rosa era ridículo. Isso foi o primeiro pensamento de Cain.

Seus olhos escuros estavam cheios de maquiagem preta borrada que se destacava contra sua pele pálida. Anéis de prata e cristais cintilantes decoravam seus ouvidos, e ela usava um trio emaranhado de correntes em torno de seu pescoço delgado, junto com o que parecia perturbadoramente com uma coleira de cão com pregos.

Seu segundo pensamento foi que ela era mais do que parecia — mais do que o cabelo rosa e armadilhas juvenis. Aquilo tudo parecia mais um show para ele, um disfarce.

A jaqueta de couro era equipada com anéis de metal, correntes e tachas, todos posicionados de uma forma que parecia muito suspeito, como se tivessem sido colocados lá com o propósito de protegê-la de um contra ataque, em vez de serem meramente decorativos.

Ela manteve a calma na luta, o que o fez supor que esta não era a primeira da qual participara.

Esse pensamento o irritou e fez sua cabeça pulsar ainda mais duro. Nem mesmo o esforço físico e a corrida do combate ajudaram a aliviar a dor neste momento. Ela apareceu dentro dele, grande e exigente. Meditação não ajudou, e agora parecia que ele estava perdendo o leve benefício que a luta lhe deu também. Uma vez que se fosse, não tinha ideia do que ele faria para afastar a dor de sua alma moribunda.



Morte ou prisão eram suas únicas opções, e nenhuma delas o atraía. Então novamente nada mais o atraía. Sua alma estava desaparecendo, e com isso sua capacidade de encontrar alegria nas coisas ao seu redor.

Sua pupila, Sibyl, que fora como sua própria filha durante séculos, cresceu e deixou-o há alguns meses. Não a vira desde então, e cada dia ele doía com a solidão. Seus e-mails da África foram ficando mais curtos e mais afastados. Cada vez mais continha poucos detalhes sobre sua vida, como se ela estivesse desmamando-o de tê-la por perto. Ele sabia que tinha que deixá-la ir — que ela merecia uma vida própria e uma chance de encontrar seu lugar no mundo — mas o custo de perdê-la era muito maior do que imaginara. Isso o estava matando.

Mas não esta noite. Hoje à noite ainda havia alguma luta deixada nele.

Cain estendeu a mão para a mulher. — Se não tirá-la daqui você vai morrer. Eu ouvi os gritos. Mais demônios estão vindo.

—Obrigada, mas vou encontrar o meu próprio caminho para casa.

O olhar encontrou o dele, e a pressão batendo em seu crânio acalmou. A dor de moagem do poder cada vez maior que ele continha dentro dele diminuiu. Sua Luceria — o anel mágico e colar que nascera usando — vibraram contra sua pele.

Cain se aproximou, recusando-se a acreditar no que estava sentindo. Sua Luceria reagiria apenas na presença de uma mulher que fosse capaz de empunhar o poder que ele carregava. As mulheres de sua espécie eram raras, e tropeçar em uma no escuro, fazia suspeita a esperança e a guerra dentro de seu peito. Parte dele desejava acreditar que ela era como parecia — que era uma das poucas preciosas capazes de salvar a sua alma em decomposição. Mas, principalmente, duvidava do que parecia ser bom demais para ser verdade.

Se os Synestryn tinham a intenção de criar um pacote atraente, um que não poderia resistir para atraí-lo, esta mulher teria sido isso.

Ela era adorável sob a maquiagem pesada. A inclinação de seus olhos



escuros, a curva suave de sua bochecha, a forma doce de sua boca – tudo isso convidando seu olhar a se demorar um pouco mais. Quanto mais ele olhava, mais curioso ele ficava. Ela despertou uma dor inquieta, quente, no fundo de seu intestino, mesmo quando ela aliviou os músculos firmemente cerrados ao longo de sua coluna vertebral.

Havia um furor sobre ela que o intrigou. Nos momentos antes que chegasse ao final do beco, vira a sua luta. Seu medo era evidente em suas pernas trêmulas, e ainda assim ela se recusou a fugir como a maioria dos seres humanos teria feito. Talvez fosse a lesão que a mantinha no lugar, mas algo sobre sua atitude o fez questionar isso. Se o seu palpite estava certo, ela não era nova em situações perigosas. Ela parecia muito calma para isso. Não houve perguntas sobre o que esses demônios eram ou por que a atacaram. Ela não estava em estado de choque. Não houve histeria.

Ela fizera isso antes. E sobreviveu. Apenas um verdadeiro lutador poderia ter feito isso.

Mas por baixo daquele exterior feroz, sob as correntes e o couro e o cabelo ridículo, Cain viu algo mais — algo vulnerável e frágil, como se estivesse protegendo alguma parte vital, quebrável, de si mesma.

Isso foi o que mais o intrigou, atraindo-o. Ele queria passar por todas as armadilhas e envolturas exteriores e embalar a mulher real escondida embaixo. Só lá descobriria se ela era o milagre que parecia ser, ou algum truque novo que os Synestryn aprenderam a tocar.

Cain se aproximou. O vento aumentou, arrastando uma insinuação do seu cheiro quente e doce ao seu nariz. Alguma parte dormente agachada dentro dele acordou, gemendo de prazer. Ele respirou novamente, desesperado por qualquer coisa poderosa o suficiente para distraí-lo da dor. Não se importava como isso o fazia parecer, encostando perto e sugando o ar ao seu redor, como se fosse à única fonte de oxigênio que pudesse encontrar.

O calor se espalhou por seu peito. Ele sentiu os ramos de sua árvore



da vida balançarem como se estivesse procurando uma maneira de se aproximar dela.

Tinha que ser um truque – alguma arma sinistra criada pelos Synestryn para ainda mantê-lo imobilizado então ela poderia atacar.

Mas ela não fez nenhum movimento nesse sentido. Ela simplesmente ficou ali, olhando para ele com os olhos escuros, inebriantes, pretendendo seduzi-lo e torná-lo estúpido.

Mantendo a voz calma para não assustá-la, ele perguntou: — Qual é o seu nome?

Seu olhar deslizou para o chão, apertando sua postura defensiva com sua pergunta.

A dor dentro dele inchou de novo, cortando o ar por um momento. Luzes dançavam em sua visão. Sua mão agarrou sua espada mais duro à medida que ele lutava com a volta da dor, empurrando-a para baixo, onde ele poderia controlar melhor isso.

— Há um abrigo não muito longe daqui, no velho edifício Tyler, — disse ela, evitando a sua pergunta.

Ela não quis dizer a ele o nome dela? Bem. Ele iria aprendê-lo em breve. Depois que visse a sua ferida.

— Eu conheço o lugar, — disse ele. — Você pode andar?

Ela fez uma careta como se ele a tivesse insultado. — É claro.

Ela usou a tábua, como uma bengala, mas era demasiado longa para o trabalho. Em seu próximo passo, ela inclinou descontroladamente, e Cain se lançou para frente para pegá-la.

Antes que suas mãos fizessem contato, ela se endireitou. Suas mãos caíram para os lados. Ele estava feliz que não tivesse tocá-la e, ao mesmo tempo lamentando a oportunidade perdida de sentir uma parte dela dentro de seu alcance. Se a tocasse, saberia com certeza se estava imaginando a reação de sua Luceria.

Tão estúpido como era, ele não tinha certeza se queria saber a verdade



ainda. Demorar nesta névoa de possibilidade era bom. Havia tão pouca esperança deixada em sua vida que ele não podia evitar desejar que permanecer vivo mais um pouco.

Estava perto dela o suficiente agora para ver que ela estava tremendo, perto o suficiente para que seu colar levantasse longe de sua pele, esforçando-se para alcançá-la.

Ele não estava imaginando isso. Ele não estava simplesmente fazendo-se de mentirinha para si mesmo. Ela era a coisa real. Uma Theronai como ele.

Ou o estava levando a ter alucinações.

Cain não podia correr nenhum risco com sua vida — mesmo que isso significasse cair para o que quer que o Synestryn lançasse em sua direção para atraí-lo. Tinha que assumir que ela era como parecia até prova em contrário. E isso significava levá-la para um abrigo. Não era seguro para ela ficar sozinha e desprotegida como agora. — Precisamos remendar você.

Ele estendeu a mão para ela, mas ela mancou para trás, apoiando-se na tábua de apoio. — Vou ficar bem, obrigada.

Irritação apertou sua boca, segurando palavras afiadas que era melhor não dizer. Sua rejeição era tão óbvia quanto previsível. Ele tinha passado por isso antes — esteve ao alcance do braço de uma mulher que poderia salvar sua vida só para ela o negar. Jackie escolhera outro homem. Com base na reação dessa mulher a ele, suas chances com ela não eram muito melhores.

Cain deu um longo passo para trás. Não faria isso a si mesmo novamente. Não se deixaria esperar por milagres só para que eles se puxassem para longe dele no último segundo. A escolha de Jackie quase o matara. Isso o estava matando. Ele podia sentir a decadência de sua alma se movendo mais rápido a cada dia que passava. Se não fora capaz de convencer uma mulher que era digno de seu voto antes, teria pouca chance de fazê-lo agora, com ainda menos do homem que uma vez fora.



Sua responsabilidade para com a garota de cabelo rosa era só garantir sua segurança. Logan a curaria e relataria sua existência para o seu líder, Joseph. Uma vez que isso fosse feito, Cain estaria a caminho.

Com esta decisão tomada, ele se sentiu melhor. Menos desequilibrado.

Ela deu um passo cambaleante para frente, tentando fazê-lo por conta própria. Se continuasse assim, ela ia se machucar, e mesmo que ela não o fizesse mantê-la em segurança levaria um tempo demasiado longo.

— Não vou te machucar — ele disse a ela, na esperança de aliviar qualquer desconfiança que ela tinha. — Meu nome é Cain. Só quero ajudar.

Ela evitou seu olhar e seu convite para dar-lhe o seu nome. — Você foi muito útil um minuto atrás, fazendo o ato ninja. Eu teria sido comida de monstro se você não tivesse vindo. Como você me encontrou?

Então ela sabia sobre os demônios Synestryn, ela não era uma daquelas pessoas que fingiam que eram cães raivosos ou chimpanzés que escaparam do zoológico porque era mais fácil de aceitar.

Isso o fez se perguntar se ela sabia quem ela era também. Várias das mulheres como ela que foram encontradas recentemente não tinham nenhuma pista sobre quem eram. O que eram. Achavam que eram humanas.

Não era exatamente o tipo de coisa que poderia perguntar. Se ela não estava nem mesmo disposta a contar-lhe o seu nome, não poderia esperar que ela dissesse a ele seus segredos. E tinha que ser um segredo. Se não fosse, alguém saberia sobre ela, um dos Sanguinar, pelo menos. Eles interferiam bastante na vida dos seres humanos para saber de tudo, e se um deles a tivesse conhecido, ele a teria trazido para Dabyr para sua proteção.

— Eu estava na área de caça, — disse ele.

Ela piscou rapidamente, como se tentando limpar sua visão. — Uh... caçando?



Ele percebeu a violência latente de sua expressão demasiado tarde. Não era de admirar que Jackie o houvesse rejeitado. Ele soou como uma espécie de bárbaro. —Essas coisas que atacaram você, é meu trabalho matá-los. Foi-me dito que havia uma infestação nesta região e vim para eliminá-los.

— Então, você é como uma espécie de monstro exterminador?

— Algo assim. Eu ouvi os tiros. E achei que deveria dar uma olhada.

— Você não é o único que ouviu. A polícia estará aqui em breve.

No ritmo que ela estava se movimentando, tanto ela como Cain ainda estariam aqui quando isso acontecesse. Ele realmente não tinha tempo ou paciência para limpar a mente de um bando de policiais humanos e enviá-los em seu caminho.

— Por favor. Deixe-me ajudá-la, ele ofereceu novamente, pisando alguns centímetros mais perto, avaliando a reação dela para ver se ela recusava a sua abordagem. Ele vira o rosto dos demônios, e conquanto ela estivesse com medo, ela não tinha estado em pânico. O espaçamento dos tiros era muito uniforme. Ela poupou sua munição até o fim. Aquelas não eram as ações de um covarde.

— A menos que você tenha medo de mim, acrescentou.

Como se ele tivesse virado um interruptor, sua postura mudou. Ela já não estava se encolhendo para longe dele, mas empurrando o queixo em desafio, os ombros estreitos enquadrados e sua cabeça erguida. Independência feroz irradiava para fora de seus olhos escuros e Cain sentiu-se atraído, desejando que pudesse ficar ainda mais perto.

Sua voz era afiada, com raiva. — Você precisa de um inferno de muito mais do que apenas uma espada para fazer o meu medidor de medo sacudir. Alguns dentes feios e pelo menos umas poucas garras para começar.

— Ótimo. Então você não vai se importar.

Antes que ela pudesse perguntar com o que ela deveria se importar,



ele deslizou o braço por cima do ombro e agarrou a cintura dela, forçando-a a inclinar-se sobre ele para apoio. Ele não queria tocá-la, mas ela não era capaz de arrumar-se sem a ajuda de Logan, e quanto mais cedo Cain a tivesse em segurança, mais cedo poderia estar a caminho.

Ele teve o cuidado de não tocar sua pele nua com a dela, mas mesmo com o estofamento de tecido e couro entre eles, mais dor gotejou à distância, dando a Cain espaço para respirar. Ele ainda não percebera o quão ruim as coisas ficaram para ele até que um pouco dessa agonia diminuiu com sua proximidade.

Ele olhou para a parte do anel de sua banda Luceria — a banda mágica que era para amarrá-lo a uma mulher, permitindo a ela exercer o poder inchado dentro dele. Ele tinha estado por si próprio por muito tempo, e agora o poder o estava matando, esmagando a alma de seu corpo.

Os redemoinhos de cores em seu anel estavam se movendo como se tivessem sido agitados, muito mais rápidos do que alguma vez se moveram com Jackie. Não havia dúvida. Quem quer que fosse essa mulher, era uma Theronai. E era compatível com o seu poder.

Esta menina pequena, com um ridículo cabelo rosa que nem sequer queria dizer-lhe o seu nome tinha o poder de salvar sua vida.

Rory estava quebrada. Essa foi a única explicação de por que ela estava deixando um estranho tocá-la, especialmente um tão armado e mortal como este homem.

Ela mentiu sobre sua espada não assustá-la. A prova de quão mortal era estava deitada no chão atrás deles, vazando sangue negro. Não que ela pensasse que ele a usaria contra ela. Ela não o fazia. Mas aprendera a não confiar em seu próprio julgamento quando se tratava de homens quentes.

E Cain era definitivamente quente.

Pressionada contra seu lado como agora, com o braço ao redor dela, ela podia sentir o quão poderosamente construído ele era. Cada passo



fazia seus músculos flexíveis se volumarem quando ele praticamente a carregou em direção ao abrigo.

Ele estava tão quente. Ondas após ondas de calor afundaram através de suas roupas, cada uma mais quente que a anterior. Ela tentou sufocar seus arrepios de prazer, mas estava certa de que ele fora capaz de senti-los.

— Está frio aqui fora, — disse ela, esperando que ele tomasse os arrepios por outra coisa que não a bebida em seu calor delicioso.

Ele não disse nada, mas a puxou mais apertado contra seu lado, deslizando sua mão um pouco mais para baixo no quadril.

Rory reprimiu um gemido de prazer, mordendo os lábios para mantê-los de volta. A vontade de inclinar a cabeça sobre ele a estava deixando louca. Ela não era o tipo de garota que se aconchegava contra um homem por calor. Ou qualquer outra coisa, desse assunto. Aprendera a lição que Matt ensinou. Por tudo o que sabia esse cara era algum tipo de aberração do festival de Renascimento que cortava cabeças de demônios para se divertir. Matar o dragão, salvar a garota.

Rory não precisava ser salva. Pelo menos, geralmente não. Embora mesmo ela tivesse que admitir que esta noite tivesse sido por um triz.

Luzes da polícia piscando encheram sua cabeça entre lampejos de QVC e um cara surfando num site pornô. — A polícia está chegando.

— Eles são a menor de nossas preocupações. Você está sangrando.

— Então?

— Você deve ser sangue puro. É por isso que os Synestryn vieram.

Ouvira Hope falar sobre Synestryn, mas nunca ouvira o termo sangue puro antes. Além disso, parecer tola era, provavelmente, a opção mais segura aqui. — Eu não sei do que você está falando.

Um uivo áspero ecoou dos edifícios próximos.

Ela sentiu mais do que ouviu um grunhido baixo, como raiva emanando da espessura do peito de Cain, e nesse momento, ela tornou-se



muito consciente de quão formidável adversário ele seria. Ela não teve chance de defender-se contra ele, e esperava como o inferno que ele estivesse dizendo a verdade sobre o desejo de ajudar. Porque se não estivesse, ela não conseguia pensar em uma única coisa que pudesse fazer para impedi-lo de fazer o que ele queria. Ela não podia nem correr.

Seu braço apertou em torno de sua cintura um pouco mais, e ela podia sentir sua mão através de suas roupas, deixando manchas de calor onde quer que seus dedos a tocassem. Por um breve momento de insanidade total, ela se perguntava qual seria a sensação do seu toque sem todo o jeans e couro no caminho.

Grande. Aparentemente, perdera sangue o suficiente para tornar-se estúpida, também. Que sorte a sua.

Sua mão estava tremendo. Ou talvez isso fosse toda ela e sua idiotice tremenda. Ela não podia dizer. Fosse o que fosse, o toque da vibração que sentia... bom. Certo. E ele cheirava estupidamente bem, estava certa de que tinha que ser sua imaginação. Se apoiasse a cabeça contra ele como queria e respirasse seu cheiro, havia uma boa chance de que pudesse ser capaz de distrair-se do fato de que ele poderia ser um pouco louco, de espada em punho, um serial killer que queria usar seu crânio como uma caneca de café.

Seu progresso era lento e difícil, graças à sua lesão. Cada passo doía mais do que o último. A dor, aguda punhalada em sua articulação, quase lhe roubou o fôlego, e agora uma fina camada de suor estava se formando em sua pele. Ela fez isso apenas alguns metros antes que não conseguisse mais colocar qualquer peso sobre o joelho. Ela tentou cobrir a fisgada da dor, mas podia senti-lo olhando para ela.

— Isso não está funcionando, — disse ele. — Eu vou levar você.

Parte dela saltou para cima e para baixo, batendo as mãos com o pensamento de estar nos braços deste homem, mas o resto era mais inteligente do que isso. — Nós não estamos longe. Eu posso fazer isso.



— Antes que os demônios nos apanhem?

Como os pontos iam, ele tinha um muito bom. Normalmente ela teria protestado, mas estava desgastada pela dor e não de todo pronta para a segunda rodada com uma horda demoníaca.

Seu orgulho morreu um pouco quando aceitou a única opção razoável.

— Ok, mas se você tentar me apalpar, eu vou lhe dar um soco no olho.

Um lado de sua boca se contraiu com um sorriso escondido. — Eu me considero avisado.

Ele trocou seu peso, e um segundo depois, ela estava no ar. Foi um longo caminho, e o movimento girou-lhe a cabeça e deu-lhe um breve momento de vertigem.

Seus dedos deslizaram mais em seu ombro e roçaram a pele nua de seu pescoço.

O mundo de Rory ficou escuro.

Todos os flashes, todas as visões — desapareceram como se alguém tivesse virado um interruptor. Paz caiu sobre ela, limpando a mente da névoa confusa e deixando seus pensamentos alegremente claros.

Ele gemeu, fazendo um som profundo, ronronante, e disse algo que ela não entendeu. Ela estava muito ocupada se aquecendo no silêncio visual, no escuro e silencioso beco onde a única coisa que viu foi a partir de seus próprios olhos.

As pálpebras de Rory tremularam fechadas de prazer, e não viu nada. Nada, perfeitamente nada. Isso era tão pacífico, tão bonito. Ela não se atreveu a se mover. Ela quase não respirava.

Sua garganta apertada com uma gratidão que ela não conseguia pronunciar. Tentou dizer-lhe para não se mover, que se o fizesse poderia perder esse presente, mas ele já parou em suas trilhas. Ela sentiu o calor de seu corpo contra o seu lado esquerdo, sentiu os braços puxá-la mais apertado contra o peito. As vibrações que sentiu antes eram mais fortes agora, fortes o suficiente, ela podia dizer que não era o tremor das mãos



causando isso. Havia algo mais do que isso, um tipo de energia viva pulsando entre eles.

Ela sentiu o corpo se apertar. Ouvia sua respiração sair em uma corrida de choque.

Ela abriu os olhos e viu-o olhando para ela. Mesmo na escuridão, ela podia ver desejo e fome em seus olhos, como se tivesse passado fome durante toda sua vida e só agora encontrou a sua primeira refeição. E era ela.

O fato de que tal noção louca não lhe desse um susto de morte, provava quão grande tola ela era. Nem mesmo a lição que não-sei-o-nome ensinara parecia fazer qualquer bem.

Rory começou a puxar sua mão para longe de sua pele quente, mas seu abraço apertou e um olhar de medo ampliou seus olhos verde-musgo.

— Não pare de me tocar, — disse ele, mais um pedido do que uma ordem. — Ainda não. Não até que você esteja em segurança.

Estavam a apenas alguns quarteirões de distância do abrigo, e a verdade era que não importava se o tocava ou não. Se ele pretendia fazer mal a ela, ela estava ferrada.

— Não vou te machucar, — disse ele, como se estivesse sentindo sua preocupação.

Ela ergueu o queixo, dando-lhe um olhar duro. — Não o deixaria me machucar.

— Estou certo que sim. Vamos. Vamos levá-la para dentro e fora de suas roupas.

Capítulo 3

— Desculpe-me? Rory quase gritou.



— Isso não é o que quis dizer, — disse ele, uma pitada de vergonha em sua voz profunda. — O sangue em sua roupa vai chamar os demônios. Tenho certeza de que Hope terá algo mais que você possa usar.

Oh. Bem. Isso era diferente do que seu primeiro pensamento — que ele tinha outras intenções, menos nobres. Embora com ondas de delicioso calor afundando dentro dela onde quer que ele tocasse, e essas vibrações formigando, dançando entre eles, talvez intenções menos nobres fossem divertidas.

Não. Rory má. Lembra-se de Matt?

Sim. Ela lembrava. Ela também lembrou as horas intermináveis de luta por sua vida, sem saber se já estava livre, ou se morreria como um lanche para um monstro escondido na água suja. Matt causara essa tortura, e mesmo que ele estivesse morto, Rory não esquecera a lição.

— Você conhece Hope? — ela perguntou, na esperança de distrair-se das memórias infernais.

— Sim. Como você a conhece?

Ela podia sentir o ronco baixo de sua voz o tempo todo seu lado esquerdo. Ele tinha uma leve sugestão de um sotaque — um que saia apenas com certas palavras, como se tivesse sido criado em outro lugar. Ela achou intrigante e sensual como o inferno. Se as circunstâncias fossem diferentes, estaria feliz em simplesmente fechar os olhos e ouvi-lo por horas. E nem sequer importava o que dissesse. Deixá-lo recitar sua receita para cérebros cozidos de Rory era tudo o que importava — se aqueceria em sua voz mesmo.

Depois de um momento coletando os restos de alguns recados que foram deixados de seu juízo, ela limpou sua garganta. — Eu ia para o antigo abrigo onde ela trabalhava, às vezes. Antes de queimar. Voltei quando a irmã Olive — Rory não conseguiu terminar. Sua garganta apertada com tristeza, cortando seu ar. Ela engoliu em seco, tentando trabalhar com seus sentimentos de perda e raiva pelo assassinato da freira, mas ela não era



tão forte. Era muito cedo. Apenas alguns meses se passaram, mas cada minuto fora solitário e isolado. Não falara com ninguém sobre o que acontecera no prédio abandonado que esses demônios converteram em casa, doce casa.

As palavras não poderiam fazer a dor das lembranças irem embora. Nada podia. Ela tinha que levar o sofrimento e o terror em volta dela para o resto de sua vida provavelmente curta.

Seu polegar deslizou sobre seu lado, claramente, uma oferta de conforto. — Hope contou-me sobre ela. Sua morte foi uma verdadeira perda.

Rory assentiu, mas isso foi tudo que conseguiu dizer. Ela ainda não fora capaz de empurrar para longe as lembranças daquela noite e todo o seu horror persistente.

E os monstros a encontraram no momento em que saiu do isolamento. Histórias de sua vida esquisita.

Chegaram à parte de trás do abrigo. A porta estava trancada. Cain bateu com a bota e alguns segundos depois, ela se abriu para revelar Logan, marido de Hope, que era muito bonito para ter nascido homem. Ele tinha o cabelo sedoso, escuro, e olhos prateados que se iluminaram com o reconhecimento. Os ângulos de seu rosto eram demasiado perfeitos para serem reais, e ele estava muito menos magro do que da última vez Rory o vira, de volta na noite quando Irmã Olive morrera.

— Rory? Uma carranca franziu a testa por um segundo, então seus olhos zeraram com o sangue manchando sua calça jeans. — Leve-a para dentro.

Cain levou-a para a cozinha grande, mas em vez de deixá-la e ir como ela esperava, ele a puxou um pouco mais contra o seu corpo, deslocando-a para longe de Logan e seu olhar intenso.

— Eu deixei alguns corpos alguns blocos atrás, — disse Cain. — A polícia está a caminho. Eu preciso ir limpar a bagunça e apagar as mentes



dos policiais, se viram qualquer coisa que não deveriam.

— Estou muito melhor para essas coisas que você. Eu vou cuidar disso,
— disse Logan. — Leve Rory para a sala de segurança. Ele acenou com uma mão elegante para uma das portas que levam para fora da cozinha.

— Remende-a. Ela está sangrando.

— Estou bem ciente do fato, e do quão forte o sangue dela é.

— Então, pegue-a. Faça parar o sangramento.

— Uh, meninos. Eu estou bem aqui. Eu sei que os demônios podem cheirar meu sangue. Basta colocar-me no chão e eu vou despejar alguma super-cola na ferida e tapar o buraco.

— Você não vai fazer tal coisa, — disse Logan.

— Não podemos correr o risco de você ter infecção, — disse Cain.

— Não é nada que eu não tenha feito antes. Vou ficar bem. Só me dê umas calças limpas ou uma tesoura para cortar o sangue, e estarei por minha conta.

Logan olhou a Cain por cima de sua cabeça, claramente ignorando-a.
— Lexi protegeu a sala quando ela veio visitar. Isso deve cortar a trilha de cheiro de seu sangue, pelo menos por um tempo. Estarei lá em um momento.

— Logan —

— Estamos perdendo tempo, Cain. Faça o que eu peço.

O corpo de Cain contraiu-se. Posicionada em seus braços como ela estava, ela podia sentir o poder tremer por ele. Até agora, não percebera o quão gentil ele fora com ela, como era a leve de seu poder sobre ela. E agora que sabia, não tinha certeza se estava grata por sua contenção ou se sentia-se privada de que ele não a segurasse mais perto, mais apertado.

Prova ainda maior de o quão estúpida este homem tornou-a.

A voz de Cain retumbou em um aviso duro. — Os dois demônios que eu matei não estão sozinhos.

— Eles não me verão, — disse Logan, e então ele se foi.



Cain não disse uma palavra enquanto corria pela cozinha, mas ela podia dizer pelos músculos salientes em seu queixo que ele estava chateado.

— Logan nasceu uma menina? — ela perguntou, na esperança de distrair Cain da tensão que atravessava seu corpo.

Ele parou, no meio do passo, e olhou para ela. Uma leve sugestão de um sorriso vincou os cantos de seus olhos. — Acho que você deve perguntar a ele mesmo. De preferência, quando eu possa ver.

Então, ele moveu-se através da cozinha, mas pelo menos agora ele não parecia que ia lascar alguns molares em frustração.

Rory não estivera no novo abrigo antes, mas era muito mais bonito do que o antigo fora. Naturalmente, o fato de que não havia uma pilha de cinzas e escombros não fez nenhuma competição.

Este edifício — anteriormente, o degradado edifício Tyler — fora deixado na última primavera e agora estava quase reconstruído. A moderna cozinha industrial estava brilhante e reluzente, com aparelhos novos e montes de aço inoxidável. Passando a porta de um corredor que levava a vários escritórios e uma pequena sala de conferências que estavam vagos neste momento da noite.

— Aqui, — disse Cain, acenando para uma porta de madeira maciça com nenhuma janela. Ele não tinha uma mão livre para abrir, então ela fez o trabalho e acionou o interruptor de luz.

Dentro havia uma matriz organizada de liofilização² de alimentos, grandes caixas etiquetadas como água potável e suprimentos médicos empilhados ordenadamente em prateleiras abertas de metal. A maca coberta de lençóis brancos imaculados foi colocada contra a parede, perto de uma pia gigante de aço inoxidável. Uma fila de tanques de oxigênio assentados em um canto, junto com um monte de equipamentos médicos que não podia identificar. Do lado oposto da sala estava o que ela jurava

² é um processo de desidratação usado para preservar alimentos perecíveis, princípios ativos, bactérias, etc, onde estes são congelados e a água é retirada, por sublimação, sem que passe pelo estado líquido.



que tinha que ser uma espécie de forno que eles usavam para cremar corpos.

Apesar do fato de que eles chamavam esta sala de sala de segurança, isso não fazia sentir nada. — Parece que eles estão se preparando para o apocalipse zumbi.

— Algo como isso, — disse Cain quando ele chutou a porta atrás de si. Ele a colocou na maca e se afastou.

No momento em que sua mão saiu de seu pescoço, as visões voltaram, atirando-a com uma barragem de luzes e cores tão feroz que seu estômago deu uma perigosa alçada. Pressão construiu-se por trás de seus olhos, como se todos as visões que não tivera nos últimos minutos fossem para lá, esperando para inundá-la e torturá-la.

Um som estridente de dor encheu seus ouvidos, e ela levou um momento para perceber que ela era a única fazendo esse som horrível.

Ela segurou os lábios fechados, e respirava por meio de assaltos, deixando-a passar por cima dela. Aos poucos, sua respiração se estabilizou e ela abriu os olhos.

Cain estava no chão, seu grande corpo tremendo. Ela piscou para clarear a visão, se perguntando se o que ela estava vendo era real.

Um flash de um anúncio em uma revista de armas se sobrepôs em cima de alguém lavando as mãos, capturando sua atenção por um segundo, antes que ela pudesse recuperar um momento de controle.

Ela não estava vendo coisas. Cain estava esparramado sobre o azulejo branco, fazendo um som horrível de asfixia.

Pânico arremessou através de seus ossos, congelando-a no lugar por um longo segundo. Uma vez que seu coração começou a bater de novo, ela reuniu seus sentidos e olhou em volta para os sinais de um ataque. Ninguém estava aqui, mas ela não podia imaginar o que poderia ter sido forte o suficiente para bater assim na bunda do gigante.

Rory se ajoelhou ao lado dele. A dor disparou através de seu joelho,



como se alguém tivesse batido um martelo nele. Ela sentiu escoar sangue mais rápido do ferimento, mas ignorou tudo isso.

Ela pegou Cain pela cabeça para impedi-lo de bater nas estantes metálicas, e ele foi ainda a seu punho. Rápido, respirações duras aumentaram de seus lábios.

Mais uma vez, Cain era a única coisa que ela via. Sem luzes, sem visões, apenas o rosto.

Então, estranho, e ainda assim muito, muito bem-vindo.

Com a preocupação alinhada em sua testa e suor pontilhando sua fronte. Uma veia em sua têmpora latejava e sua respiração era difícil. — Você está bem? — ele perguntou, sua voz áspera e tensa.

Ele estava perguntando sobre ela? — Você é a pessoa no chão. Você estava se debatendo em torno como se você estivesse sufocando.

Suas mãos cobriram as dela, vibrou contra eles, e ela jurou que podia sentir seu anel movimentado perto de sua pele.

— Desculpe. Eu sabia que ia ser ruim para mim, mas eu não achei que faria mal a você também.

Ele sentou-se. Seu rosto estava perto dela agora, e pela primeira vez, a iluminação era boa o suficiente para ela realmente vê-lo. Ele era mais velho do que ela pensava. Com uma construção pesada como a sua e seus reflexos de deslizamento, ela tinha imaginado que ele estivesse em seus vinte anos, mas agora que ela tinha um olhar mais atento, ela sabia que estava errada. Parecia que ele estava na casa dos trinta, mas o que não parecia se encaixar, também. Ele parecia mais velho, mas ele não tinha rugas ou linhas pesadas, sem cinza em seu cabelo. Havia uma espécie de profundidade em seus olhos verde musgo, uma espécie de consciência ou sabedoria que vira apenas em pessoas como Nana que viveu um longo, longo tempo.

Várias pequenas cicatrizes marcadas nas mãos e no rosto, apoiando sua teoria. Seu cabelo castanho escuro estava despenteado pelo vento,



caindo sobre a testa em alguns lugares. Alguns fios se agarraram à sua pele úmida. Ela percebeu que estivera olhando por um longo tempo. Muito longo.

Rory limpou a garganta e olhou para longe. — Você não achou que poderia me machucar?

— Quebra de contato. Eu vi seu rosto antes que eu... entrasse em colapso. Eu ouvi você. Você estava com dor.

Não começaria a falar com ele sobre suas visões. De jeito nenhum. Tudo o que ela precisava era ser remendada e voltar lá para caçar a pessoa que poderia fazer parar as visões.

Da maneira como ele fez.

Talvez ele fosse a pessoa que ela estava procurando. Talvez ele fosse o único que interrompera suas visões antes.

— Você vive nas proximidades? — ela perguntou.

— Não. Por quê?

— Você já foi ao abrigo da Irmã Olive antes que ele queimasse?

Ele balançou a cabeça, franzindo a testa para ela. — Não que eu me lembre.

— Perto dele?

— Não sei. Talvez. Por que isso importa?

— Estou procurando por alguém. Ela se sentiu obrigada a dizer-lhe, pelo menos isso. Ele, afinal, salvara sua vida hoje.

Seu olhar vagou em seu rosto, tão palpável que era quase uma carícia. — Quem?

Oh baby. Ela poderia se perder em um homem como este. Não seria mesmo difícil. Estava tão acostumada a ser invisível — as pessoas apenas olhando para a superfície — seu foco total era quase intenso demais para ficar de pé. Se ele tivesse tentado fazer um movimento, ela teria se assustado, mas ele não tinha.

A porta se abriu e Hope entrou, brilhando com saúde e tão bonita que



fez Rory recuar para trás para Cain não compará-las.

— Rory. Você está segura. Hope correu e envolveu-a num abraço forte cheio de amor e amizade. Rory teve que piscar para conter as lágrimas que ninguém iria vê-las. Ela não era sentimental. Ela não chorava, exceto durante aquele comercial de café que foi ao ar durante as férias, mas que era perdoável. Não iria chorar agora, por causa de uma bobagem como um abraço.

Hope não parecia se importar em mostrar aos outros sua fraqueza, porque as lágrimas escorriam por seu rosto abertamente quando ela se afastou. — Eu estava tão preocupada. Você simplesmente desapareceu depois daquela noite. Ninguém sabia onde você tinha ido.

— Que noite? — perguntou Cain.

— Eu precisava de um tempo sozinha, Rory mentiu, cortando Hope antes que ela pudesse dizer a Cain coisas que não eram de sua alçada. Ele não precisava saber sobre o seu cativeiro. Ninguém o sabia. Sua ignorância e vergonha de cair em um truque tão estúpido não era algo que ela queria que ele soubesse.

As visões estiveram felizmente ausentes enquanto ela era mantida em cativeiro e voltaram antes do caos se estabelecer e dos sobreviventes serem afastados à distância. Não só as visões voltaram, mas elas eram mais fortes. Ela estava se cagando de medo. Não queria que ninguém a visse assim, então ela saiu correndo como um coelho tímido.

Hope enxugou os olhos, que brilhavam com compaixão. — Eu entendo.

Não, ela não entendia. Ninguém entendia. Mas Rory não queria ser rude salientando isso.

Cain estava assistindo toda a troca. Ele estava segurando a mão de Rory, seus dedos atados entre os dela. Não a deixara ir, mesmo que eles estivessem todos no chão em um monte estranho.

Hope finalmente viu suas mãos unidas, em seguida, seu olhar deslizou



até a garganta de Cain. A estreita banda iridescente estendia-se ao redor de seu pescoço, abraçando-o. Cores rodavam dentro da banda, como se estivesse viva. Azuis cintilantes e rosas deslizaram em uma dança lenta em torno de plumas de lavanda e os mais escuros roxos. As cores eram muito femininas para um homem como Cain usar, mas, em seguida, Rory percebeu que um homem como ele poderia usar o que diabos ele quisesse e ninguém diria nada por medo de ser batido em pedaços gordos.

Choque arregalou os olhos de Hope, e então ela olhou para Rory. Um sorriso se espalhou por seu rosto e ela mergulhou em outro abraço apertado, só que este parecia algum tipo de parabéns.

— O quê? Rory perguntou, confusa.

— Ela não sabe, — disse Cain.

Hope olhou para ele. — Mas você tem certeza?

Ele concordou, mas ao invés de olhar para a mulher deslumbrante que tinha feito a pergunta, seu olhar estava fixado diretamente sobre Rory. E ela sentiu o olhar por todo o caminho até sua espinha em uma emocionante corrida.

— O que eu perdi? — ela perguntou.

Hope segurou o rosto de Rory em suas mãos. — Você é uma de nós. Bem-vinda à família.

Família? Uma família que lutava contra demônios e tinha um quarto "seguro" abastecido como uma espécie de sobrevivência maluca? Isso não soava como o seu tipo de família. — Whoa. Espere um segundo. Eu não tenho nenhuma ideia do que você está falando.

— Deixa para lá, Hope, — disse Cain. — Nós vamos lidar com isso depois que ela for suturada.

— Suturada? O que aconteceu?

Rory tentou puxar a mão livre de Cain, mas ele não a soltou. Ela olhou para ele enquanto ela respondia à pergunta de Hope. — Só eu e minha sorte fodida com monstros. Você sabe. O de sempre.



Logan entrou. Suas narinas e seus olhos pareciam brilhar. — O sangramento. Ele piorou.

— Isso é culpa minha, — disse Cain. — Eu desmaiei. Ela veio aqui para ajudar.

A boca de Logan contraiu-se quando ele olhou para ela e, em seguida, para Cain. — Eu vejo. Nós vamos lidar com isso em um minuto. Agora precisamos parar o sangramento.

— Eles são compatíveis, — disse Hope.

Cain fez uma careta para ela. — Não agora, Hope.

A confusão de Rory se aprofundou, enquanto observava o jogo em silêncio entre eles. Hope estava olhando como se tivesse acabado de abrir um novo brinquedo brilhante. Logan estava claramente tentando levar aquele brinquedo à distância, e Cain mantinha um controle apertado sobre a mão de Rory como se ela fosse flutuar se a deixasse ir.

Rory queria prestar atenção. Ela queria ficar chateada, porque era muito mais fácil de lidar do que com todo esse formigamento inquietante, sentimental, absurdo.

Cain levantou-se em um movimento gracioso. Ele segurou a mão dela, os dedos grossos atados entre os dela. Em um levantamento fácil, ele a colocou na borda da maca.

Ele não recuou, mas ela podia ver seu corpo tenso, como se estivesse se preparando para que ela o chutasse nas bolas ou algo assim.

— Você precisa deixar de ir a ela, — disse Logan.

— Eu sei, — disse Cain em um tom que advertiu Logan para recuar. — Eu estou trabalhando nisso.

— Faça-o lentamente. Eu vou fazer o que puder para aliviar a dor.

— Dor? Será que um de vocês, por favor, pode explicar o que diabos está acontecendo aqui?

— Em um momento, — disse Logan quando ele pegou o pulso de Cain. — Basta segurar ainda.



— Alivie para ela, — disse Cain. — A última vez que parou de me tocar, a machucou também.

— Interessante, — disse Logan, e então olhou para Rory como se ela fosse um novo e intrigante quebra-cabeça para sua diversão.

Ela quase disse a ele que não era dor que ela sentiu, mas se ela fizesse isso, ela teria que dizer-lhes sobre as visões, e ela não estava disposta a fazer isso. Ela não conhecia essas pessoas. Não confiava neles. Mesmo que ela e Hope tivessem passado por algo horrível juntas, isso não significava que Rory estava pronta para ser BFFs³.

Logan colocou a mão em sua testa, e ela se encolheu longe de seu toque. Seus dedos eram finos e frios, não como Cain. Ela não gostou do modo que Logan colocou suas mãos nela. Isso era. . . errado de alguma forma, como uma espécie de traição que ela não conseguia entender.

— Eu não vou lhe machucar, — disse Logan. — Apenas relaxe.

Ela não tinha nenhuma intenção de fazer qualquer coisa, mas um segundo depois, ela sentiu a tensão escorrer. Ela se sentou lá na beira da maca, balançando e satisfeita. Mesmo sabendo que tudo o que ele fizera com ela era falso, ela não conseguia encontrar a energia para se importar.

Cain respirou fundo várias vezes como se ele estivesse prestes a ir para um mergulho livre, e, em seguida, diminuiu o aperto em sua mão. Seus dedos soltaram e deslizaram entre os dela, aumentando a distância. Ela tinha certeza que ele não quis dizer a ela que fosse uma carícia, mas ela o sentiu por todo o caminho até os dedos dos pés se curvarem. Essas vibrações quentes escorrendo dentro dela onde quer que ele a tocasse pareciam agarrar-se, envolvendo em torno das pontas de seus dedos. Ela balançou em direção a ele, ansiosa para aprofundar o contato novamente, mas ele continuou a recuar mantendo distância suficiente entre eles para que ela não pudesse fazer qualquer progresso.

Finalmente, depois que ela estava segurando a borda da maca para

³ BFFs – Best Friends Forever – Melhores amigos para sempre.



não se lançar em direção a ele e ficar cada vez mais em contato com a pele — onde quer que ela pudesse encontrá-la — um pouquinho de seu dedo indicador estava em contato com o dela.

Eletricidade arqueou entre eles, tão intensa que jurou que podia ouvi-la crepitar. Havia algo de precioso e poderoso naquele pequeno contato — uma promessa de algo que ela não entendia, mas ansiava por possuir a mesma coisa. Ela reconheceu o poder, como se uma parte dela tivesse sido cortada no parto, só para voltar para ela agora desta forma.

Isso era dela e ela o queria.

Ele se afastou, e todos os pensamentos de poder foram esmagados de sua cabeça. O fluxo incessante de imagens estava lá, esperando por ela, pronto para atacar. Em segundos, ela estava completamente cega pela inundação de luzes e cores que não lhe pertenciam. Nunca antes fora tão ruim. Nem mesmo durante o dia. Havia muitas atrações. Ela não conseguia absorver todas elas.

O fluxo de imagens a enjoava. Sua cabeça girava. Ela segurou na maca, mas mesmo o suporte sólido não fez nada para fixá-la no lugar.

Ela tentou não entrar em pânico, mas o terror estava arranhando-a, rasgando sua determinação até que estava em pedaços esfarrapados. Ela não tinha nenhum controle, nenhum lugar para se esconder. Tudo o que ela podia fazer era sentar-se aqui, enquanto as visões se chocavam contra ela, deixando-a mais à beira da loucura.

Capítulo 4

O mundo de Cain estava envolto em agonia. Nunca sentira nada assim antes, nem mesmo na noite em que quase morreu, na noite em que falhou em sua missão, e Sibyl fora roubada de sua cama.



Isso era diferente. Mais profundo. Era mais do que dor meramente física. Era como se sua alma estivesse sendo arrancada de seu corpo, erguida por uma barra de ferro em brasa.

Ele prendeu a respiração e esperou passar, mas quanto mais tempo passava, mais difícil se tornou para ele manter a calma. A dor deveria ter começado a desvanecer-se por agora. Deveria ter afrouxado seu controle o suficiente para que ele pudesse puxar uma respiração. E ainda assim, continuou a estrangulá-lo e roubá-lo de sua força.

E então, ele ouviu algo tecendo entre as batidas do seu coração, crescendo em seus ouvidos. Rory. Ela estava fazendo um som arrasador de frustração e derrota.

Cain se lançou em direção a ela, a necessidade de fazer sua dor parar o dirigindo a agir.

— Não, — disse Logan. — Ainda não.

Alguém o segurou fisicamente. Demorou a Cain um segundo para perceber que era Hope que estava bloqueando o seu progresso. Ela era muito mais forte do que parecia possível, e o choque era a única coisa que impedia Cain de lutar o seu caminho de volta para onde ele estaria tocando a pele de Rory.

Com um esforço de vontade, ele forçou os olhos abertos. As bordas de sua visão estavam turvas, embaçada com a dor.

— Respire Rory, — disse Logan. — Está tudo bem agora.

Rory puxou uma respiração arfante, mas era mais profunda do que antes. Seus olhos escuros estavam abertos, terror austero e pálido assombrava sua expressão. Enquanto ele observava, um pouco da cor voltou ao seu rosto, afastando a palidez fantasmagórica.

— Bom. É isso aí. Só isso.

Cain, uma vez mais no controle de si mesmo, olhou para Hope. Sua voz era calma, apesar de tudo dentro dele estar se agitando no caos. — Deixe-me ir.



A mulher ergueu as mãos. — Não toque nela.

Era a única coisa que ele queria fazer, mas era inteligente o suficiente. Ele não podia andar por aí a segurando para o resto de sua vida. Precisavam cuidar de sua ferida. Isso tinha que vir em primeiro lugar antes de qualquer outra coisa.

Cain recuou e enfiou as mãos nos bolsos para se lembrar de não tocar Rory. Mas isso não o impediu de vê-la e ter certeza de que ela estava bem.

Seus olhos estavam abertos, mas ela não parecia ser capaz de se concentrar em qualquer coisa. Seu olhar era distante, como se fosse cego. Os anéis de prata perfurando sua pele brilhavam quando ela balançou sob a iluminação fluorescente. Logan colocou uma mão elegante ao longo de sua testa, e foi tudo que Cain poderia fazer para evitar sacar sua espada.

Logan era um amigo. Um curandeiro. Rory precisava dele, o que significava que Cain não poderia cortar a mão do outro homem, não importa o quanto a declaração de posse de Cain o impelisse a fazê-lo.

Lentamente, o olhar vago e distante em seus olhos desapareceu quando ela olhou para ele. Assim que o seu olhar se conectou ao dele, ele o sentiu por todo o caminho através dele, aquecendo lugares que ele não sabia que estavam frios até agora.

Havia desespero em seu olhar, como se estivesse se afogando e ele fosse o único que pudesse estender a mão para salvá-la. O pensamento inchou-o, afastando os efeitos prolongados da sua batalha com a dor de perder seu toque. Sentia-se mais forte, mais sólido, como se pudesse continuar por anos sem descanso, se fosse isso que ela precisasse que ele fizesse.

Essa inundação repentina de propósito o deixou tremendo todo o caminho para suas botas. Ele não teve algo assim um por que em um longo período de tempo — e não desde que sua menina cresceu e o deixou. Desde então, ele estava se debatendo, batendo em torno de algum motivo para continuar a puxar sua próxima respiração. A maneira como Rory o



estava olhando agora, ele já não questionou o que era que ele precisava fazer. Ficou claro.

Ela precisava dele para salvá-la de tudo o que ela acabou de passar.

Sua Luceria vibrou freneticamente, celebrando sua proximidade, clamando por mais.

Ela parecia tão pequena sentada ali, tão vulnerável. Seu cabelo rosa brilhante, brilhando sob a luz fluorescente, era difícil ver o passado, mas ele viu. Acreditando que era a parte mais difícil. Apesar de seu tamanho e aparência, potência irradiava para fora de seu olhar. Ele não conseguia parar de olhar.

Seus olhos escuros o sugaram, fazendo-o esquecer de tudo sobre o mundo girando em torno deles. Ele sabia que havia coisas que deveria estar fazendo. Ele simplesmente não se importava. Ele se contentou em ficar aqui, olhando-a nos olhos enquanto ela o deixasse.

Ela lambeu os lábios. Seu olhar caiu para assistir o caminho de sua língua-cor-de-rosa. Não poderia ter parado ele mesmo se tivesse tentado.

Necessidade quente o agarrou rápido. Tentou empurrá-la para longe antes que tivesse um ponto de apoio, mas foi muito lento. Seu corpo aqueceu, e suor escorrendo ao longo de sua coluna vertebral. Foi somente através de um simples esforço de vontade afinado por décadas de autocontrole que ele foi capaz evitar que seu pênis endurecesse.

Ele não poderia deixar-se querê-la. Fosse qual fosse a reação inconveniente que estava tendo era simplesmente um truque da Luceria que estava jogando com ele, uma maneira de forçá-lo a se aproximar dela e convencê-la a amarrar-se a ele.

A ideia era atraente, e ele teve que dar outro passo para trás para lembrar a si mesmo que não ia acontecer. Passara por isso uma vez com Jackie. Sabia como terminou.

A voz de Logan cortou Cain do nevoeiro, lembrando-lhe que não estavam sozinhos. — Parei o sangramento, mas há algum dano à sua



articulação que devo curar.

— Como você fez isso? — perguntou Rory.

— Mágica. Agora, fique quieta. Preciso cortar o pano ensanguentado e queimá-lo.

— O que aconteceu com você? — perguntou Hope.

— Eu caí em um prego, — disse Rory.

— Ela foi atacada por demônios, — disse Cain.

Hope deu um sorriso reconfortante a Rory. — Você vai ficar bem. Vou te encontrar outra coisa para vestir. Já volto.

Logan tinha cortado a perna da calça jeans de Rory fora, na altura de sua coxa e tirou o sapato e a meia. Ele limpou as manchas de sangue, deixando toda a pele lisa.

Cain deveria ter evitado olhar e dado a ela um pouco de privacidade, mas, mesmo esse pequeno ato foi demais para sua força de vontade esgotada. A curva pálida de sua coxa o provocou, fazendo com que ele desejasse que pudesse ver mais dela. Ele se perguntou como sua pele pareceria e quão longe ela deixaria sua mão deslizar antes de impedi-lo.

Ele odiava ver a mão de Logan sobre ela. Na verdade, ele não gostava do Sanguinar perto dela. Se Cain não distraísse a si mesmo, faria algo violento e indecente.

Ela o pegou olhando para sua perna, e ele viu quando um rubor escureceu seu rosto.

A ideia de que ele a estava fazendo desconfortável fez seu cérebro se mover novamente. — Sinto muito, — disse ele, enquanto olhava para longe, em busca de algo, qualquer coisa, que iria prender sua atenção para longe dela.

Ele precisava sair e garantir o seu futuro, mas ele não podia fazer isso ainda. Ele tinha que ficar e se certificar de que Logan não tomaria seu sangue. — Ela já derramou sangue suficiente esta noite. Se você precisar de mais para alimentar seus esforços, terá o meu.



— Graças a Hope, eu não tenho necessidade disso, mas Ronan tem. Ele está próximo. Pague-lhe o que você teria me dado.

— Eu vou, — disse Cain, sentindo o peso esvoaçante de seu voto vibrar sobre ele, prendendo-o à sua palavra.

Logan se dirigiu a Rory. — Isso pode doer um pouco. Tente ficar parada enquanto eu curo a articulação. Eu vou fazer isso o mais rápido que eu puder.

Logan cobriu o joelho com a mão pálida, e era tudo que Cain podia fazer para não rasgar o homem longe dela. Esta possessividade furiosa não era normal em Cain. Ele não costumava impedir alguém que só estava tentando ajudar da maneira que Logan estava.

E então Rory soltou um pequeno gemido de dor, e a visão de Cain brilhou vermelha. Ele tinha acabado de envolver sua mão ao redor do braço de Logan quando ela soltou um longo suspiro e caiu em alívio.

— Melhor? Logan perguntou a ela, dando a Cain um olhar duro.

— Sim. Obrigada. Como diabos você fez isso?

Cain o soltou e andou pela sala para longe dela, seu corpo vibrando com sua luta para recuperar o controle de suas emoções furiosas.

— Mágica, como eu disse. Como você se sente? Alguma dor?

— Não. Não é mesmo forte. Ela pulou da mesa e olhou para Logan. — Quanto lhe devo?

Claro que não. Logan gostaria de sangue, e Cain não ia deixar isso acontecer. — Eu estou pagando a sua dívida.

— Não, você não está, — disse Rory. — Eu posso pagar por meus próprios meios. Quanto custa?

Logan abriu a boca bastante para responder a ela, mas Cain o cortou. — Ele é pago em sangue, Rory. Ele vai morder seu pescoço e beber o seu sangue. É isso que você quer?

Ela empalideceu e deu um passo para trás, batendo na maca.

Logan sacudiu a cabeça, dando a Cain uma expressão decepcionada.



— Não há necessidade de assustá-la assim. Eu teria pensado melhor de você.

E assim, Cain sentiu-se como um burro. Logan estava certo. Ela já tinha passado por muito esta noite, e lá estava ele, acumulando mais uma dose de medo nela.

— Sinto muito. Eu deveria ir. Ele olhou para Rory. — Você estará segura aqui. Logan não vai te machucar. Ele vai levá-la para um lugar onde os demônios não podem encontrá-la.

— Uh. Não, ele não vai, — disse Rory. — Eu não vou a lugar nenhum. Eu tenho um trabalho a fazer. Agradeço-lhe por salvar a minha vida, e toda a coisa de cura mágica, mas eu preciso voltar para fora.

— Os demônios ainda estão lá fora, — disse Logan. — Eu obscureci seu rastro, mas eles não vão deixar a área até o amanhecer. Eles ainda estão procurando por você.

— Vou encontrá-los e matá-los, — disse Cain. — Fique aqui esta noite. Será seguro viajar para Dabyr pela manhã.

— Uau. Vocês dois devem ter desistido de sua capacidade de ouvir, em troca de todos esses poderes mágicos. Eu. Não. Vou. Ficar. Há algo que eu preciso fazer.

— Vamos ajudá-la a fazê-lo, então, — disse Logan. — O que é?

Seus lábios apertados, uma clara indicação de que tinha a intenção de permanecer em silêncio.

— Ela está procurando por alguém, — disse Cain.

— Que maneira de guardar um segredo, retrucou Rory.

— Você não disse que era um segredo. Além disso, Logan é bom para encontrar pessoas. Tenho certeza que ele vai ser capaz de ajudar. Cain deu um olhar duro a Logan. — Mas se você tocar seu sangue, você e eu vamos conversar.

Rory procurou em sua bolsa. — Você sabe, essa besteira machista é bonita e tudo e mais um pouco, mas vai um longo caminho. Ela jogou algum



dinheiro na maca e pegou o sapato e a meia.

— Você não pode sair com isso. Seu sangue está em seu sapato. Eles vão sentir o cheiro.

Ela soltou um longo suspiro de irritação. — Esses estúpidos pequenos escorpiões filhos da puta. Ela deixou cair o sapato e começou a desamarrar um ainda em seu pé. — Não é ruim o suficiente que os grandes demônios tentaram comer o meu rosto, mas os pequenos tinham que vir e me picar e arruinar um perfeitamente bom par de sapatos também.

— Você foi picada? — perguntou Logan, chocado.

— Yeah. Eles tinham esses rabos farpados e um deles chegou a mim antes que eu pudesse esmagá-lo.

— Eu não sinto qualquer veneno.

Ela franziu o cenho para Logan. — Isso é bom. Nem eu, vendo como eu ainda estou viva e coisa e tal.

— Você não entende, — disse Cain. — Se um deles lhe picou, então você poderia estar envenenada.

E se fosse algo que Logan não podia curar? Eles viram isso antes. Apenas o pensamento dela passar por aquilo que Torr sofrera fez as mãos de Cain tremerem.

— Eu vou sair imediatamente e encontrar um deles, em caso de necessidade de inventar um antídoto.

Logan balançou a cabeça. — Estou dizendo que não havia nenhum traço de veneno nela. Eu teria percebido isso.

— E se você estiver errado? E se é algo que você não pode detectar? — perguntou Cain. — Eu não vou deixá-la acabar como Torr. Ou pior.

— Uh, rapazes. Vocês estão me assustando.

Hope voltou para o quarto com uma muda de roupas em seus braços. — O que está acontecendo?

— Cain está desnecessariamente perturbando nossa convidada, — disse Logan.



A raiva cresceu no intestino de Cain, e ele teve que trabalhar para evitar gritar. — Desnecessariamente? Você pode dizer com cem por cento de certeza de que ela não está envenenada? Isso não era algo novo que nós não vimos antes? Que não há absolutamente nenhuma chance de que o que foi feito com ela esta noite, foi feito para um dos nossos — e não vai prejudicá-la?

Logan não disse nada.

— Isso é o que eu pensei, rugiu Cain. — Eu não estou disposto a correr o risco de que você esteja errado. Eu vou lá fora para encontrar uma dessas coisas de modo que você pode dissecá-lo e certificar-se. Entendeu?

Hope foi para Rory e segurou os ombros. — Ouça-me. Você vai ficar bem. Não há nada para se preocupar. Nós vamos ter certeza disso.

— Claro, — disse Rory, sua voz carregada de sarcasmo. — Gigantor⁴ provavelmente enlouquece como uma menina o tempo todo. Quero dizer, com certeza, ele enfrentou um monte de demônios sem suar a camisa, mas eu aposto que é uma novidade para ele. Ele provavelmente é um caso de carga total que grita quando vê um rato. Ela puxou um longo suspiro. — Não há nada para se preocupar? Você está brincando comigo? Se Cain diz que há uma chance de que eu esteja envenenada, realmente gostaria de saber se ele está certo.

— É claro, — disse Logan. — Tudo o que você quiser.

— Bom. Então está resolvido. Cain olhou para Rory, desejando que ele pudesse tocá-la, confortá-la. Mas se ele a tocasse, ele teria que parar de tocá-la novamente, e não tinha certeza de que poderia ter esse tipo de dor novamente esta noite. Ele tinha um trabalho a fazer, e por um momento de glória, ele sentiu como seu antigo eu novamente, orientado por um objetivo e o desejo de fazer o que era certo. Era um presente que ele não iria desperdiçar.

— Eu vou ser rápido, — disse a Rory. — Fique aqui.

⁴ É um desenho americano de 1956.



Cain pegou o sapato ensanguentado e saiu para ir à caça.

Rory não queria que Cain saísse. Esse pensamento a golpeou na cabeça, surpreendendo-a assustadoramente. Pelo menos Hope estava aqui, e a última vez que Rory a vira, fora sensata, ao contrário dos irmãos em duelo de testosterona.

Flashes de luz brilhante encheram sua cabeça. Havia pessoas por perto, e algumas estavam acordadas. Mesmo aqueles que dormiam ainda eram um problema — enviando seus pequenos cortes aleatórios de visões que não eram dela. As visões eram agora mais fortes do que jamais foram, mas pelo menos não estava doente. — Não me sinto envenenada.

— Tenho certeza de que você está bem, — disse Logan. — Cain está simplesmente sendo cuidadoso. É compreensível, dada a situação.

— E que situação é essa, exatamente? Vocês continuam dando uns aos outros esses olhares e parece que você não quer que eu saiba o que está acontecendo. Eu pensei que fosse a única a guardar segredos do mundo sobre demônios e monstros, e aqui estou eu me sentindo como se fosse a rainha dos enigmas.

— Logan, — disse Hope, — por que você não vai e encontra algo para Rory comer? Eu vou ajudá-la a se limpar e certificar-me que as roupas servem.

Logan assentiu. — Como você quiser meu amor. Eu não estarei longe.

A porta se fechou atrás dele, deixando as mulheres sozinhas. Rory apressou-se em se trocar, não sabia quanto tempo ele podia ficar fora. — Você vai me dizer o que diabos está acontecendo, né?

— Sei o que é estar ignorante. Não posso afirmar que saiba tudo, mas direi o que sei. Se você prometer parar de se esconder.

— Não estou me escondendo.

— Na noite em que quase morreu você fugiu. Você nem sequer disse adeus.



Culpa bateu em Rory, torcendo seu estômago. — Eu sei. Sinto muito. Foi simplesmente demais para suportar. Aquele Krag⁵ imbecil. Sendo atiradas para o covil de monstros. Irmã Olive.

Os olhos cor de âmbar de Hope fecharam-se por um minuto de tristeza. — Eu entendo. Verdadeiramente. Mas nós só queremos ajudar.

— Cain disse que eu era uma de vocês. O que ele quis dizer?

— Você tem uma marca de nascença em forma de anel?

Rory fez uma pausa no ato de deslizar sobre as calças jeans limpas. Ela chegou perto para se certificar de que não havia um buraco na sua calcinha ou algo assim. — Na minha bunda. Dá para perceber completamente?

— Não. É uma marca que a identifica como uma Theronai.

— Eu nem sei o que é. Como posso ter um?

— Você já encontrou o seu pai?

Uma imagem de dedos longos e elegantes, abrindo uma lata de sopa brilhou na cabeça de Rory. Os dedos de Logan. Ele estava fazendo a comida.

— Não. Ele foi um caso de uma noite. Mamãe usou um monte de drogas por um monte de anos antes que tivesse uma overdose. Nana disse que não sabia nem o nome do meu pai.

Hope estremeceu com a feiura, mas teve a decência de manter a pena para si mesma. — As chances são de que ele era de outro mundo. Outro planeta.

As mãos de Rory pararam em seu zíper, quando a ideia insana empurrou fora qualquer outro pensamento e todas as visões piscando em sua cabeça. — Você está me dizendo que meu pai era um alienígena?

Hope tomou as mãos de Rory na dela. — Se isso é de alguma ajuda minha mãe também era. Na verdade, eu fui criada em um mundo diferente antes de me mandarem para cá.

Um mundo diferente? Rory se afastou, não querendo acreditar em

⁵ Krag, o Senhor Synestrin malvadão, apareceu no livro “Caçador de Sangue – Sentinelas 05”



algo tão obviamente falso. — Isso é um conto de fadas interessante e tudo mais, mas se você não pode vir com uma mentira mais crível, eu realmente preciso ir. Longe de pessoas que acreditavam que eram alienígenas.

— É realmente tão difícil de acreditar, depois do que você já viu? Demônios? Senhores Synestryn como Krag? Homens que podem curar com um toque como Logan ou matar com o poder e a facilidade que Cain pode?

— Isso é diferente.

— Como?

Hum. Só porque ela não conseguia pensar em uma boa razão não quer dizer que era um deles. — Eu não sei. Simplesmente é.

— Por favor, Rory. Apenas me escute. Se você é quem pensa que é, então você não pode ir lá sozinha. Você está em perigo terrível.

— É que eu sou muito consciente. Já corri destas coisas toda a minha vida. Vou continuar correndo até que eles me peguem.

— Você disse que estava procurando alguém. Quem?

— Eu não sei quem. Ainda.

Hope sacudiu a cabeça, fazendo seu cabelo loiro oscilar ao redor de seus ombros. — Eu não entendo.

— Eu deveria ir. Eu não quero lhe arrastar para isso mais longe do que você já foi. É o meu problema. Eu vou lidar com isso.

— Você é uma de nós. Seus problemas são nossos problemas.

A ideia de pertencer a algum lugar, de não ser uma aberração entre essas pessoas, era tão tentadora que era aterrorizante. — Não é algo que eu realmente gostaria de falar.

Hope pegou a mão dela novamente, e Rory sentiu um fio de calor percorrendo o braço. — Por favor.

— Você não acreditaria em mim, mesmo se eu lhe dissesse a verdade.

— Pode o seu segredo realmente ser mais difícil de acreditar do que em aliens?

Quando ela colocou-o dessa forma. . . Que mal havia em dizer a Hope?



Ninguém ia acreditar em uma mulher que dizia ser um alienígena, de qualquer maneira.

Rory arrastou-se em um longo suspiro e cedeu à vontade de derramar suas entranhas. — Eu vejo coisas. Coisas que eu não deveria ver. Só quero que elas vão embora e há alguém lá fora que faz parar.

Hope franziu a testa e isso a deixou só mais bonita, o que era, francamente, terrivelmente injusto. — Que tipo de coisas?

— Tudo. Pedacos aleatórios de existência mundana. Coisas particulares. Tudo empurra seu caminho em minha cabeça e eu não quero isso. É muito. Dói.

— E essa pessoa que você está procurando faz tudo parar?

Uma imagem de um velho cara urinando encheu sua cabeça por um instante antes de desaparecer.

— Sim.

— Como?

— Eu não sei. Eu nem sei se é apenas uma pessoa que eu estou procurando. Talvez seja mais do que um. Tudo o que sei é que às vezes, quando eu passo ao redor da cidade, as visões param quando eu chego perto deles.

— Como é que você sabe que é uma pessoa?

— Se fosse um lugar, então eu poderia ficar em um local e as visões não voltariam. Eu percebi que quem quer que seja que está me ajudando deve se afastar. Expulsar ou algo assim. Eu não posso jamais alcançá-los.

— Poderia ser um artefato mágico.

Isso era algo que Rory nunca considerara. Ela ficou lá por um minuto em estado de choque, considerando a possibilidade. — Não sabia que essas coisas existiam.

— Existem. Eu os vi. A espada de Cain e a bainha são exemplos de tais coisas. É por isso que você não pode ver a sua espada a menos que seja puxada.



Agora que Rory pensava nisso, ela não notara sua espada desde a batalha. — Então alguém poderia estar andando por aí com um anel mágico ou algo que pudesse me consertar?

— É possível.

Isso certamente resolveria o problema de como convenceria quem quer que estivesse bloqueando suas visões em ensiná-la como fizeram isso, ou Deus me perdoe, ficar ao seu lado o tempo todo. Ela queria uma cura, não um gêmeo siamês. Se isso fosse uma solução, poderia pagar para Cain segurar a mão dela para o resto de sua vida. O que nunca iria funcionar. Ela precisava de liberdade. Independência. Sabia que seria um obstáculo, mas não era um com qual sentia que poderia planejar como superar até que soubesse com quem estaria lidando.

Logan entrou carregando uma tigela de sopa.

— Vamos encontrar uma maneira de ajudá-la, — disse Hope. — Logan e eu temos amigos poderosos. Como Cain.

Logan colocou a sopa para baixo em uma mesa perto da porta. — Você está com fome?

Rory não estava, mas ele tinha sumido com todos os problemas. Pareceria rude, pelo menos, não tomar alguns bocados. — Claro.

Hope soltou sua mão e o braço de Rory ficou frio. Ela olhou para o vapor se enrolando da tigela e percebeu que ela não tinha ideia do que poderia estar nela. Essas pessoas queriam que ela ficasse. Queriam seus segredos. Poderiam facilmente ter drogado a sopa.

Ela disse coisas a Hope que nunca dissera a ninguém, apenas a mamãe e Nana. E ela não tinha sequer hesitado em derramar suas entranhas agora. Isso não era algo que Rory fizesse. Nunca.

Ela olhou para suas mãos tremendo. Havia uma mancha cor de rosa onde os dedos de Hope a haviam tocado. Drogas? Mágica? Rory não tinha ideia, mas algo tinha definitivamente deixado essa marca.

A mulher em que Rory pensava que ela podia confiar fizera alguma



coisa para ela — tirou a suspeita de alguma forma. E ela nem sabia o que estava acontecendo.

Estúpida. Descuidada. Irritante. Rory sabia que não devia confiar em alguém tanto assim.

— Eu preciso ir. Ela pegou sua bolsa e se dirigiu para a porta.

Logan parecia confuso. — Você não vai, pelo menos, esperar até Cain voltar para se certificar de que não há sinal de veneno na criatura que a picou?

Cain era tanto uma ameaça como Hope era. Aquele homem continuou puxando-a, fazendo-a querer se aproximar dele. Tocá-lo. Confiar nele. Tinha que haver algum tipo de truque — algum tipo de magia ou bioquímica bizarra que ela não entendia. Bem, ela não estava apaixonada por ele. Não desta vez.

Rory parou tempo suficiente para escrever o seu número de telefone celular na parede. — Me envie uma mensagem com os resultados. Não se preocupe em chamar. Eu não vou responder. Em caso de eles poderem fazer hipnose, ou o que fosse através das linhas telefônicas.

— Você está com medo, — disse Hope. — Entendo. Quando pensei que estava sozinha, estava com medo, também. Mas você não está sozinha. Podemos ajudar.

A voz de Hope era tão gentil, tão cheia de genuína preocupação. A tentação de ficar e mergulhar fundo eram fortes.

— Obrigado por curar o meu joelho, Rory agradeceu, então, saiu correndo do jeito que ela entrou. Claro, havia monstros por aí, mas ela não estava totalmente convencida de que não estavam aqui também. Pelo menos os monstros lá fora não tentavam enganá-la a pensar que eles eram nada, mas bestas vorazes que queriam comer seu rosto.

Logan impediu Hope de ir atrás de Rory. — Deixe-a ir. Posso cheirar seu sangue. Se necessário, posso encontrá-la mais tarde. Ela precisa de um



tempo.

A voz de Hope era sombria, tornando o coração de Logan sofrido por ela. — Ela não tem nenhuma ideia de quanto ela está em perigo, não é?

— Ela sobreviveu por tanto tempo. Diria que é um bom sinal que não saiba.

Hope deitou a cabeça no ombro dele. — Você acha que ela vai salvar Cain?

— Talvez. Ou pode nos levar a alguém que o faça.

Hope levantou a cabeça para olhar para ele. — Sabe de alguma coisa. O que é?

— Seu sangue tem cheiro familiar. Tenho certeza de que eu encontrei um de seus parentes. Talvez uma meia-irmã.

— Você não saberia se tomasse o sangue de um Theronai?

— Não necessariamente. Não sabia com Helen. Suas defesas naturais mascaravam-na para mim do jeito que ela foi mascarada para os Synestryn por um tempo.

— Portanto, poderia haver outra mulher como Rory lá fora?

— Sim.

— Você se lembra de onde veio esta outra mulher, esta meia-irmã?

Logan assentiu. — Ela estava entre aqueles que resgatamos do covil de Krag.

— Você sabe onde ela está agora?

— Havia tanta coisa acontecendo, então. Tanto caos. Presumo que ela foi para Dabyr com os outros, mas Rory fugiu.

— Mas você tem o sangue desta outra mulher. Você pode encontrá-la.

— Sim. E eu quero, mas até que eu faça, não diga nada a Cain. Ela poderia facilmente ter compartilhado da mesma mãe humana, em vez de o mesmo pai Atanásio.

— De qualquer forma, isso não importa. Rory é tão sozinha. Tão



isolada. Senti quando eu toquei sua mente. Qualquer família dela que possamos encontrar fará a diferença, mesmo que a família não possa salvar Cain ou um dos outros.

Logan acariciou o cabelo cor de mel de Hope. — Ela é uma de nós agora. Parte da nossa família. Faremos tudo o que pudermos para trazer sua alegria.

Ela olhou para ele, seus olhos cor de âmbar brilhando. — E isso é apenas mais uma razão porque eu te amo.

Capítulo 5

Cain estava vendo coisas — prova de quão longe ele deslizou ao longo dos últimos meses. Quando entrou pela porta dos fundos do abrigo, estava certo que vira Sibyl. Ela ficou ali, olhando para ele em choque. Seu rosto fora parcialmente escondido pelas sombras, e ele ainda não estava tão familiarizado com o rosto adulto como fora com sua aparência infantil, mas por um momento, teve certeza que era ela.

E então ela foi embora — deslizando pela porta da cozinha para a sala de jantar. Ele seguiu atrás dela, mas não havia qualquer sinal de que alguém tivesse passado por ali. Sem luzes, sem movimento... nada, apenas o buraco dolorido que Sibyl deixara para trás.

Se ele escorregara ao ponto da alucinação, não tinha muito tempo de sobra. Ele precisava ver Rory estabelecida em segurança em Dabyr. Agora.

Virou-se e voltou para a sala de segurança, carregando um demônio quase intacto para Logan estudar. Assim que entrou na sala, sabia que Rory foi embora. O espaço parecia vazio sem ela, ecoando sem vida em sua ausência.

A raiva aumentou e borbulhava sob sua pele enquanto via Logan



queimando suas roupas. Ele aguçou o tom, mas não pode evitá-lo. — Você a deixou ir? Sozinha?

— Foi minha culpa, — disse Hope. — Eu obriguei-a a confiar em mim, para que me contasse o que estava escondendo. Não sou muito boa para esse tipo de coisa ainda, e no momento em que a minha magia se dissipou, ela sabia o que eu fizera. Ela se assustou. Sinto muito.

— Não foi sua culpa, amor, — disse Logan. — Rory não é tão suscetível às nossas habilidades como um ser humano seria. Pelo menos você a fez falar. Agora sabemos a fonte de sua dor.

— Quem a está machucando? Exigiu Cain. Ele iria encontrar essa pessoa ou demônio e destruí-lo. Apenas o pensamento aumentou o bombeamento de sangue através de seus membros, ansiosamente.

Desde que a encontrou, fora encorajado por uma sensação inebriante de propósito. Sua necessidade levou-o para frente, obrigando suas ações tão fortemente quanto qualquer voto que alguma vez dera.

Hope sacudiu a cabeça, fazendo seu rabo de cavalo loiro balançar. — Não é assim. Ela tem visões de algum tipo. Está procurando pela pessoa que ela pensa que pode pará-los.

— Visões? Do futuro? Sibyl as tinha, e o conhecimento do que aconteceria com aqueles que amava a assombrava. Muitas vezes Cain se preocupou sobre como ela lidava com elas, agora que já não estava lá para confortá-la.

— Ela não foi específica. Tudo o que eu sei é que ela vê as coisas e essas visões claramente a prejudicam.

Isso é o que ele vira antes de seu colapso, o rosto contorcido de medo e dor.

A ideia dela lá fora, sozinha era ruim o suficiente, mas saber que ela estava lá fora sozinha e sofrendo era demais para ele ficar. Precisava encontrá-la. Ajudá-la. Ele não tinha certeza do que poderia fazer, mas descobriria alguma coisa.



Ele poderia ajudar.

O pensamento sussurrou em sua mente, tentando-o com coisas que ele sabia mais do que acreditava. Ele não podia se dar ao luxo de caminhar até a montanha da esperança novamente. Desta vez, a queda o mataria.

Seu foco deveria ser encontrá-la e vê-la em segurança. Qualquer coisa além disso era muito perigoso arriscar com ele estando tão perto de seu fim. Ele tinha apenas duas folhas deixadas agarradas à sua Árvore da Vida. Depois que elas fossem embora, sua alma morreria, e junto com ele, o núcleo fundamental daquele que o fez quem ele era. Ele não podia se dar ao luxo de acelerar esse processo por mentir para si mesmo. Rory claramente não queria ter nada a ver com ele. Se isso não o mantivesse afastado, ele merecia o que tinha.

— Vou atrás dela. Ele jogou o pequeno demônio na maca. — Corte essa coisa e descubra se ele é uma ameaça para ela.

— Como é que você vai encontrá-la? — perguntou Hope.

Logan colocou o demônio em uma bandeja de metal. — Você deixou uma marca de sangue sobre ela?

Cain deveria ter sido esperto o suficiente para deixar uma marca mágica de rastreamento em sua pele, mas não estivera exatamente pensando direito no momento. Uma vez que a tocou, tudo o que estava pensando era sobre como era bom senti-la. — Não.

— Então você vai precisar de seu número de telefone celular. Tenho certeza de que Nicholas pode rastreá-lo. E se não, volte aqui. Eu cheirei seu sangue. Eu serei capaz de encontrá-la se ela ficar na cidade.

— Eu vou encontrá-la.

— E quando você a encontrar? — perguntou Logan.

— Eu vou trazê-la de volta para cá. Você pode levá-la para Dabyr.

— Você não vai reclamá-la para si próprio?

Sonhos escondidos tentaram borbulhar para a superfície, mas Cain empurrou-os de volta para baixo. Ele se recusava a fazer isso a si mesmo



novamente. — Ela pode ser como Jackie. Ela pode ser capaz de escolher quem ela quer. Se assim for, ela deve ter a chance de fazer essa escolha.

— Eu percebo que Jackie lhe machucou, mas isso não significa que Rory faria o mesmo.

Cain não contara a ninguém sobre isso, o que significava que Logan fora onde não era bem-vindo.

Fúria explodiu ao longo dos ossos de Cain. Ele se lançou para Logan, mas o Sanguinar foi mais rápido, correndo atrás de uma mesa, fora do alcance.

— Não se atreva a tentar entrar na minha cabeça de novo, advertiu Cain.

Logan ergueu as mãos e manteve a voz calma. — Não quis ofender. Você sabe tão bem quanto eu que a capacidade de Jackie de se relacionar com qualquer um dos Theronai é uma coisa rara — uma que Rory não é susceptível de possuir. Você também sabe que Rory será muito mais capaz de proteger a si mesma se tiver acesso ao seu poder. Eu estava pensando apenas em sua segurança.

Ainda que isso tudo fosse verdade, Cain não poderia deixar-se ser seduzido. Ele não sobreviveria a mais um golpe como o que Jackie dera. Ela não fizera isso intencionalmente, e não podia culpá-la pela escolha que fizera, mas o efeito era o mesmo. Não podia se permitir se apegar ainda mais à ideia de Rory ou qualquer uma das dolorosamente belas coisas que ela representava. — Vou trazê-la de volta aqui e você vai levá-la para Dabyr. Entendido?

— Sei o quanto você está perto do fim. Se você quer que ela vá para Dabyr, você terá que ser o único a levá-la. Não o ajudarei a se matar.

Era isso o que Cain estava tentando fazer? Ele não queria morrer. Ele lutou tão duro quanto pôde. A única diferença é que agora não estava fazendo isso para proteger a sua menina. Era apenas hábito, algo que ele fazia, porque ele sempre fez. Seu voto para proteger os seres humanos o



levou adiante, obrigando-o a continuar lutando. Lá não tem que ter mais sentido à sua vida do que isso. Era o suficiente.

E se não fosse, ele fingia que era até que já não importava.

— Fizemos um acordo, — Cain se sentiu obrigado a lembrá-lo. — Eu me certifico de que os demônios fiquem longe do amado abrigo de Hope, e você vai acabar com a minha vida, uma vez que eu estiver preso injustamente em Dabyr, depois que minha alma morrer.

— Vou manter a minha parte do acordo, mas não vou fazê-lo mais fácil para você desistir. Pense em Sibyl. A pobre moça já perdeu ambos os pais. Ela merece perdê-lo, também?

A onda de culpa lhe deu um soco no estômago, mas ele se recusou a deixar o Sanguinar saber que ele conseguiu um ponto. Cain nem sequer piscou. — Ela deixou claro que ela não precisa mais de mim. Ela é uma mulher adulta e tem uma vida própria agora, como deveria ser.

— Ela está desfrutando de sua nova liberdade agora, mas um dia desses, ela vai precisar de conselhos ou ajuda, e você precisa estar vivo para dar-lhe.

— Você não acha que isso é o que eu quero? Cain gritou. — Eu não tenho desejo de morrer. Mas eu sou realista. Eu sei quão pouca são as chances de que Rory concordaria em estar com um homem como eu.

— Por quê?

— Você sabe por que, resmungou Cain. — Você sabe por que Sibyl se foi. Eu falhei em protegê-la. Meu único trabalho era mantê-la segura, e deixei que os demônios a roubassem.

— Rory não sabe sobre isso. E você não tem que dizer a ela.

— Meu fracasso paira em torno de mim como um sudário para que todos possam ver. E Rory vê mais do que a maioria. Ou talvez ela apenas sentisse seu olhar mais profundamente do que qualquer outra pessoa.

— Então, você não pedirá a Rory que salve sua vida?

Ele já havia tentado com Jackie. Não havia funcionado para ele, mas



pelo menos a vida de seu irmão fora salva. Ele era grato por isso. — Não vou discutir isso com você. Ligue-me quando você souber se Rory foi envenenada ou não. E nesse meio tempo, vou encontrá-la e mantê-la à vista, da maneira como você deveria ter feito.

— Não a afaste, Cain, — disse Hope. — Determinação e orgulho passam através de sua aura tão brilhantemente como o medo e a dor. Ela não é como as outras mulheres. Você a empurra, e ela vai empurrar de volta. Duro.

— Obrigado pelo conselho, mas eu acho que posso lidar com uma mulher pequena.

Maura ficou escondida no armário de alimentação, esperando o frenético bater do seu coração se abrandar. Cain a vira. Ela sentiu seu olhar sobre ela, visto a luz com o reconhecimento. Por que ele não tinha chegado à caça para ela, ela não tinha ideia.

Mas seu reconhecimento fácil respondeu pelo menos uma das perguntas de Maura. Sibyl — a irmã gêmea de Maura e pupila de Cain — deve ter sido libertada da prisão de seu corpo de criança, ao mesmo tempo em que Maura fora. Era a única coisa que Maura poderia pensar que explicaria como ele a reconheceu tão facilmente.

Maura se encolheu em seu esconderijo, tentando ouvir algum sinal de que ela estava sozinha, que o gigante, Cain, não estava esperando por ela no corredor.

Ficara aqui por muito tempo. Esses seres humanos que a abrigavam acreditavam que ela era um deles. Pior ainda, ela estava começando a se sentir como se pertencesse. Ela comeu ao lado deles, dormiu ao lado deles. Nunca, nenhuma vez questionaram sua presença entre eles.

Nenhum deles sabia que das coisas que ela tinha feito para eles — para os seus filhos. Se soubessem, teriam cortado sua garganta durante o sono, e ela teria estado impotente para detê-los. Agora.



Houve um tempo em que até mesmo os mais poderosos senhores Synestryn a temiam. Um toque dela e eles morriam gritando de dor. Mas esses dias se foram. Seu poder, sua capacidade de ver o futuro, sua ligação com a irmã. . . tudo despojado no dia que sua mãe morreu e libertou Maura de seu corpo de criança.

Ela vestia o traje de uma mulher adulta, mas por dentro, estava com medo o tempo todo. Não pertencia a lugar nenhum, não entre os Sentinelas e certamente não entre os seres humanos. Era uma coisa perversa, torcida, que se transformara em seu próprio tipo de rebelião, mas nem mesmo os Synestryn iriam querê-la agora. Sem poderes, ela não significava nada para eles. Eles a usariam para drenar seu sangue e a secar.

Era melhor se esconder, mas ela não podia mais ficar aqui neste abrigo, não quando o risco de Cain vê-la era tão alto. É melhor sair agora, enquanto ainda podia, porque a única coisa que ela poderia pensar que seria pior do que ser drenada de seu sangue por demônios seria a de enfrentar aqueles que ela traiu e vê-los olhar para ela com pena e decepção.

Maura saiu do armário e correu para a cama, com cuidado para não acordar as outras mulheres por perto. Debaixo de sua cama estava uma mala fechada que continha algumas peças de roupa e um pouco de dinheiro. Ela não tinha certeza de onde iria ou o que faria, mas não havia mais tempo a perder aqui, aceitando a bondade daqueles que acorriam a este lugar. E agora que Logan estava aqui com Hope, era apenas uma questão de tempo antes de Maura ser descoberta. Ela não podia evitá-los para sempre.

Era hora de sair e encontrar o seu próprio caminho no mundo. Ela só queria que a ideia não a assustasse mais do que qualquer demônio já tinha.

Pela milésima vez, Maura procurou sua irmã gêmea, buscando o conforto de sua presença. Tudo o que ela sentia era o frio preto do nada absoluto, deixando-a a se perguntar se Sibyl ainda estava viva. Mesmo que



ela estivesse, ela estava além do alcance agora.

Maura estava realmente sozinha.

Cain pensou que poderia seguir Rory? Isso era bonito e tudo, mas era a única coisa agradável sobre sua maldição: Ela podia vê-lo chegando.

E era Cain. Ela teve um vislumbre de sua mão, junto com seu cabelo rosa, e duvidava que alguém mais tivesse mãos tão grandes, especialmente com essas mesmas cicatrizes.

Ela parou em seu caminho e virou-se para encará-lo. Ela não viu nada. — Eu sei que você está aí. Você pode muito bem sair.

Esta seção da rua estava escura. Não havia qualquer tráfego tão tarde. Os bares e discotecas há muito haviam fechado. O amanhecer ainda estava a horas de distância. As pessoas estavam em sua maioria dormindo, dando-lhe um pouco de alívio de suas visões, de repente, hiperativas. Ela ainda podia ver o que viam, mas pelo menos era a calma negra e tranquila do interior das pálpebras.

Cain apareceu ao virar a esquina. Ele parecia ainda maior do que fora antes, parecendo como uma espécie de gigante. Era imponente, seu corpo desprendendo vibrações irregulares desesperadas que a chamavam. Se ela não o tivesse visto salvar sua vida com seus próprios olhos, estaria correndo agora.

Mas ela não estava correndo. Na verdade, o desejo de estar alguns centímetros mais perto era quase irresistível. Lembrou-se de como se sentiu ao ser cercada por sua força, ter as visões desaparecendo, deixando-a flutuando em serenidade. Seria tão fácil cruzar a distância e atirar-se a ele, pedir-lhe para fazer os seus problemas e medos irem embora, só por um tempinho.

Se ela fosse uma pessoa mais fraca, é o que ela teria feito. Mas fraqueza como essa não era uma parte de sua maquiagem. Ela fora queimada fora de seu DNA antes do nascimento, preparando-a para uma



vida que era mais difícil do que a maioria.

Conhecia o medo. Conhecia a dor. Essas coisas eram tão familiares como velhos amigos. Foi sua carência que a assustou — seu desejo de se aproximar de um homem no qual não se atrevia a confiar.

E se ela encontrasse a pessoa que parou suas visões e ela não pudesse confiar nela também? E se nunca encontrasse uma cura?

Ela não podia ir lá agora. Aquele lugar era escuro, assustador, melhor deixar atrás de uma porta trancada e agradável, a negação sólida. Ela não poderia enfrentar os seus medos mais profundos e Cain ao mesmo tempo.

O vento bagunçou seu cabelo escuro. Seus pés estavam preparados separadamente, firmemente plantados no chão. Ele manteve as mãos em seus lados, mas não era uma postura preguiçosa. Ela teve a nítida impressão de que ele poderia ter sua espada invisível na mão em um instante, se necessário.

— Como você sabia que eu estava lá? Eu não fiz um som.

Ela ignorou a pergunta. — O que você quer?

— Você precisa vir comigo. Vamos levá-la para um lugar seguro.

— Obrigada, mas não, obrigada. Ela virou-se e caminhou para onde seu carro estava estacionado. Ele ainda estava a alguns quarteirões de distância, mas as chances de ela correr para a pessoa que bloqueou suas visões estavam ficando menores a cada momento. Hora de cortar suas perdas e ir para casa antes que a cidade acordasse e ela estivesse cega demais para dirigir.

— Por favor, não me faça pará-la, — disse ele, atrás dela, muito mais perto do que ele tinha estado um minuto atrás. — Eu realmente não quero tocar em você de novo.

Um jorro de adrenalina apressou seu passo. Ela não ia lhe dar a satisfação de fugir. Poder caminhar longe não contava como um ato covarde. Tanto quanto lhe dizia respeito, poder andar em público era um ato de bravura, sempre foi feito. — Uau. Que maneira de fazer uma garota



se sentir bem.

— Você sabe o que quero dizer.

Ela o fez, mas isso não significava que ela admitiria isso. — Eu não estou lhe pedindo mais. Deixe-me em paz.

— Ou o quê?

Ele teve que ir e perguntar, fazendo-a lutar por uma boa resposta. — Você viu a minha arma.

— Descarregada.

— Eu poderia ter mais balas.

— Você as teria usado sobre os demônios.

Bom ponto.

Ele deslizou por ela e parou bem na frente dela, barrando seu caminho. Rory teve que derrapar para uma parada para evitar ir correndo para seu grande peito.

Ela esticou a cabeça para trás para olhá-lo nos olhos. O corpo dela se iluminou com uma resposta tonta à sua proximidade. Suas terminações nervosas dançaram um pouco, formigamento e calor espalharam-se sobre sua pele.

Seu efeito sobre ela a irritou, dando-lhe o surto de raiva que ela precisava para manter a sua cabeça em linha reta. — Que diabos você pensa que está fazendo?

Sua expressão era solene, quase arrependida. — Salvando sua vida. Mais uma vez.

— Pedi isso a você?

Sua boca torceu como se ele tivesse acabado de morder um limão. — Que tipo de desonroso idiota faz uma mulher pedir uma coisa dessas?

Mesmo na escuridão, ela podia ver seus olhos vagando em seu rosto, como se estivesse procurando alguma coisa importante. A parte louca dela realmente queria que ele achasse o que quer que fosse que ele estava procurando.



Prova que ela estava um passo mais próxima a essa conclusão de insanidade inevitável.

Ela deu um longo passo para trás. — Eu vou fazer isso bastante claro, para que mesmo você possa compreendê-lo. Eu não vou a lugar nenhum com você. Nunca. Você está desperdiçando seu tempo. Vá embora e não volte.

Ele se encolheu. Quase não foi um movimento, mais um endurecimento dos músculos finos em seu rosto, mas ela viu isso de qualquer maneira.

E isso a fazia se sentir uma merda.

Droga. Isso seria muito mais fácil se ele não tivesse sentimentos por ela o machucar.

Ela puxou uma respiração profunda. — Sinto muito. Eu não quero ser uma vadia, mas estar me seguindo é um pouco traiçoeiro e assustador.

— Como a protegeria dos demônios se não estivesse por perto?

Aquele não era o tipo de pergunta que Rory tinha qualquer prática de atendimento. — Você... não?

— Não posso deixá-la morrer. Precisamos muito de você.

— Não sou o tipo de pessoa que alguém precisa. Realmente. Tenho peças que não funcionam direito, meu sangue é perigoso, e eu sou uma espécie de floco.

— Um floco de quê?

— Bizarro. Assim você não pode confiar em mim. Eu não posso mesmo dizer-lhe quantos empregos eu perdi.

— Por causa de suas visões?

— Como diabos você sabe sobre isso?

— Você não pode confiar em um Sanguinar.

— Você quer dizer Hope. Ela me enganou para dizer a ela o que ela queria saber e, em seguida, ela foi e lhe disse? Grande.

Ele acenou com a cabeça. — Ela não é tão ruim quanto alguns. Ela só



me disse por que ela está preocupada com você.

— Eu sou uma garota grande.

Um lado de sua boca se elevou em um sorriso. — Dificilmente.

Ninguém era grande em comparação a ele. Rory não tinha dificuldade em acreditar que ele era um alienígena, porque os seres humanos não eram construídos assim. Ou talvez fosse sua presença que a fez avultar — bloqueando a existência de tudo à sua volta.

Ela endireitou os ombros. — Eu quero dizer que eu posso me proteger.

— Como você fez mais cedo hoje à noite?

— Você não pode provar que o demônio ia comer o meu rosto se você não tivesse aparecido.

— Eu não sinto necessidade de provar nada.

— Então por que você está discutindo comigo?

— Porque as alternativas são jogá-la por cima do meu ombro ou torná-la inconsciente. Ambas requerem que eu toque em você, o que eu prefiro não fazer.

Novamente com o golpe no ego. Esse cara tinha o objetivo mais mortal do mundo, quando chegou a esse ponto do concurso. — Será que realmente lhe machucou muito quando me tocou?

— Só quando eu paro.

Oh. Bem. Isso era diferente. — Quando você me tocou, minha visão foi-se embora, admitiu ela antes que ela pudesse controlar a boca.

Todo o seu comportamento mudou em um piscar de olhos. Seus olhos se obscureceram e sem se mexer, ele estava de alguma forma mais perto do que ele tinha estado um segundo atrás. Ela viu sua garganta se mover quando ele engoliu em seco e sentiu o calor de seu corpo embrulhar ao redor dela.

Ela estremeceu em reação, e ela tinha certeza que ele viu. Ele era o único homem que já conheceu que ela sentia que estava olhando para ela,



ao invés de roçando a superfície. Ela sempre se perguntou como seria, mas agora que ela estava enfrentando o peso da sua atenção inabalável, ela descobriu que era demais para ela tomar. Ele a fez se contorcer, fez em profundidade, partes necessitadas dela despertaram e uivaram.

— Eu parei seu sofrimento? — perguntou ele, como se a resposta fosse importante para a sua própria sobrevivência.

Ela não entendeu sua estranha reação, mas sua boca estava seca demais para perguntar a ele sobre isso. Em vez disso, seu queixo subiu, e ele deve ter tomado isso como um aceno de cabeça.

— Se eu a tocasse agora, você acha que levaria suas visões de novo?

Ela assentiu. Ela não conseguia dizer as palavras, mas no fundo ela sabia que se ele somente passasse a mão na dela, ela estaria livre.

Pelo menos por um momento.

— Você me faz querer correr riscos, ele sussurrou. — Você me faz esquecer o perigo. Sua mão pairou perto de seu rosto, tão perto que ela jurou que podia sentir faíscas de eletricidade estática passando entre eles.

Por que ela não estava correndo? Por que ela não estava mesmo se afastando? Esta era a parte em que ela deveria se afastar e entregar algum tipo de piada cortante. Em vez disso, ela sentiu-se balançar em seus pés, inclinando-se na direção dele.

Mesmo estando tão perto se sentia bem. Ondas de calor varreram fora dele, afastando o vento. Ela não podia sentir o cheiro da sujeira da cidade, ou remanescentes de gases de escapamentos. Tudo o que ela podia sentir era o cheiro de sua pele e do couro de sua jaqueta. A combinação lhe subiu a cabeça, fazendo-a girar.

Seus lábios se separaram, e uma corrente de ar quente rodou na noite.

Ele tinha uma boa boca. Não feminina, mas cheia o suficiente para ser suave. Onde quer que ele a beijasse.

Ela não estava pensando em deixar esse estranho beijá-la. Ela estava?

Rory lambeu os lábios e sentiu sua respiração em velocidade. As



narinas dele dilataram, e ela jurou que sua cabeça mergulhou uma fração de centímetros antes de parar.

Suas pupilas estavam enormes, e havia um resplendor de cor em suas bochechas que não tinha estado lá há pouco. — Você deveria se afastar.

Recuar? Isso não era o que ela queria. Chegar mais perto teria sido bom, no entanto. Ela podia mexer-se contra ele e absorver seu calor. Ele poderia tirar a barragem de visões dela, junto com algumas de suas roupas.

Oh, sim. Ela estava definitivamente pensando em deixá-lo beijá-la. E algo mais.

Sua voz profunda e grave era tão tranquila que ela mal conseguia ouvi-lo sobre o seu próprio coração batendo. — Eu não sou forte o suficiente para parar.

Ele fez esse som como se fosse uma coisa ruim quando cada célula de seu corpo estava fazendo uma dancinha feliz com a ideia dele não parar.

Ela não se mexeu. Ela não podia.

— Se você não sair, vou tocar em você, Rory. Suas palavras retumbaram, vibrando contra sua pele.

Seus olhos se fecharam para que ela pudesse se concentrar na sensação. Para ela não havia como afastar-se agora. Não mais. Tudo o que ele fazia com ela era forte e inebriante, afastando todo pensamento racional. Ela não se importava que não quisesse isso apenas um momento atrás. Queria isso agora. Terrivelmente.

Sua mão acariciou os cabelos, apenas puxando os fios cor de rosa.

Não foi o suficiente. Nem perto.

Ela inclinou a cabeça para olhar para ele. Sua boca estava a poucos centímetros da dele. Tudo o que tinha a fazer era ir para cima na ponta dos pés e ela podia beijá-lo.

Isso era tão insano — tão completamente maluco — que ela nem sequer se sentia como ela mesma mais. Era alguma urgência primitiva, no fundo, dentro dela, levando-a para frente, exigindo que ela tomasse o que



era dela.

Ela tentou se lembrar de que ele não era dela, mas a lógica não era boa classificação em sua escala de coisas para se preocupar agora. Seu corpo inteiro estava cantarolando. Ela podia ouvir sussurros urgentes dentro de seu crânio e senti-los irradiando para fora de sua pele.

Seu colar pulsava com cor, arrastando seu olhar. Era muito bonito para ele usar. Ficaria muito melhor nela, colocou perto de sua pele.

— Eu quero, ela sussurrou.

Ela estendeu a mão para ele, precisando sentir sua textura contra seu dedo.

Cain estava lá num minuto, e no próximo, ele simplesmente desapareceu. Rory piscou os olhos, todo o seu corpo balançando em discórdia. Ele estava a vários metros de distância, respirando com dificuldade, seus membros vibrando com a tensão.

Desorientação invadiu sua cabeça, juntamente com visões estreitas, escuras que não eram dela. Tetos, paredes, despertadores. As visões vinham de pessoas dormindo nas proximidades.

Normalmente, Rory nunca tinha que lutar contra o que as pessoas viam quando eles dormiam. E agora eles estavam vindo para ela mais fortes do que nunca.

Ela fechou os olhos, mas isso só fez piorar. As visões eram mais claras, olhando para ela, desafio vibrante.

Ela viu os joelhos de uma mulher quando ela se sentou no vaso sanitário. Um homem pegou uma garrafa de água na geladeira.

— Rory? Veio a voz profunda de Cain.

O som dele a acalmou o suficiente para ela se lembrar de respirar.

— Eu preciso ir. Agora, enquanto ela ainda podia ver bem o suficiente para dirigir, antes que a cidade acordasse e ela estivesse presa aqui para sofrer todo o dia.

Ela deu três passos e correu para uma parede de tijolos que não vira.



— Você não vai a lugar nenhum assim. Deixe-me ajudar.

— Não me toque. Nem sequer chegue perto de mim. Toda vez que você faz, isso fica pior.

— Tudo bem. Eu não vou tocar em você. Basta parar de se mover antes de você saia para uma rua.

Rory parou. Esta visão de coisa de esteroide louco que ele fez com ela iria desaparecer. Tinha desaparecido antes. Desapareceria novamente.

— Logan. Preciso de sua ajuda, ela ouviu Cain dizer, presumivelmente em seu telefone.

Ela se agachou no chão, colocando um pouco mais de distância entre ela e os que viviam nos andares superiores de todos os edifícios de apartamentos próximos.

— Não está perto da madrugada, — disse ele. — Tudo bem, em seguida, envie Hope. Ela precisa de nossa ajuda.

Ele estava falando de Rory. Ela ainda estava chateada com Hope por enganá-la como ela fez. Agora todos sabiam sobre as visões de Rory, que era exatamente o que ela esteve tentando evitar toda a sua vida. — Eu vou ficar bem. Eu só preciso chegar ao meu carro.

— Você não vai ficar atrás de um volante quando você não consegue nem ver para andar.

— Eu preciso ficar longe das pessoas. Se não houvesse pessoas ao redor, não haviam olhos em torno para empurrar as imagens em seu cérebro.

— Isso vai ajudar? Perguntou Cain.

— Sim.

— Vou levá-la para uma casa Geraí, — disse ele a quem estava ao telefone. — Joseph pode enviar alguém para buscá-la.

Rory não sabia o que era uma casa Geraí, e ela realmente não se importava. — Eu vou ficar bem em um minuto. Eu vou estar ainda melhor se você me deixar.



— Você vai vir tranquilamente, ou não?

— Não. Eu disse que vou ficar bem. E ela realmente esperava que não fosse uma mentira.

— Sinto muito sobre isso, — disse ele, o arrependimento pendurado em sua voz, como o machado de um carrasco.

— Sobre o quê? Ela abriu os olhos e se levantou. As visões estavam bloqueando a maior parte de sua visão, mas ela viu o suficiente para testemunhar seu grande corpo que se aproximava.

Moveu-se rápido demais para ser real. Muito rápido para ela até mesmo puxar uma respiração completa a gritar. Sua palma ampla pressionada quente contra sua testa e disse: — Durma.

E Rory dormiu.

Capítulo 6

Caim pegou Rory quando ela desabou. A picada metálica da extração do poder, suficiente para fazê-la dormir, ainda queimava a mão, mas o resto de sua dor estava, felizmente, ausente.

Ele segurou-a nos braços e acariciou sua bochecha como ele estava morrendo de vontade de fazer antes. Ela era ainda mais suave do que ele se lembrava, sua pele quente e suave sob seus dedos ásperos.

Por mais que adorasse perder tempo com ela, não havia tempo. Ela não iria dormir por muito tempo, e quando ela acordasse, ele queria que ela estivesse o mais longe possível das pessoas. Se isso era o que ajudava a silenciar suas visões dolorosas, então isso é o que ele faria.

A caminhada de volta para o abrigo parecia passar em um piscar de olhos. Sua cabeça ridiculamente rosa estava embalada contra ele de modo que sua testa estava pressionada em seu pescoço. O cheiro de algo doce



encheu-lhe as narinas, e ele continuava respirando-a, tentando identificar o cheiro inebriante. Ele se lembrou da primavera, do jeito que costumava cheirar séculos atrás.

Ele fez com que sua pele nunca deixasse o contato com a dela. A explosão de agonia que ele sofreu quando ele parou de tocá-la não era algo que ele queria enfrentar até que fosse absolutamente necessário. Era tão demorado como era incapacitante. A noite ainda estava sobre eles e demônios vagavam livres. Ele não tinha certeza se seria capaz de lutar se a dor batesse nele novamente. Ele não tinha certeza se iria mesmo ser capaz de ficar de pé. O pensamento de deixá-la cair o fez cuidadoso, não que tocá-la fosse qualquer dificuldade.

O roçar macio de seu fôlego sobre sua pele fez todos os músculos do seu corpo apertar em antecipação e saudade. Ela o fez querer coisas que ele se recusou a nomear. Ela deu-lhe esperança onde ele pensava não que não podia ser encontrada, e ao mesmo tempo em que era um presente, também era uma maldição. A esperança era boa apenas enquanto durasse, enquanto ainda houvesse alguma dúvida quanto ao futuro.

Mas quantas perguntas poderia haver, quando ela claramente não gostava dele, quando ela não podia esperar para se livrar dele?

E, no entanto, ela quase tocou sua Luceria. Ela disse que queria.

É claro que ela não tinha ideia de onde estava se metendo. Não havia nenhuma maneira que ela pudesse saber.

O fato de que ele quase optou por não impedi-la mostrou o quão longe ele deslizou do homem que ele fora uma vez.

Cain bateu na porta do abrigo e Hope o deixou entrar, pânico forçando sua voz. — O que aconteceu?

— Ela está apenas dormindo. Eu não podia deixá-la fugir.

— Você fez isso com ela?

Cain a levou de volta para a sala de segurança. — Eu tinha que fazer. Ela não me deixou escolha.



— Oh, cara. Ela vai ficar furiosa quando acordar.

— Enquanto ela ainda estiver viva, pode ficar tão louca como ela quiser.

Logan estava sentado curvado sobre a carcaça do pequeno demônio com um bisturi na mão. Ele olhou para cima, quando Cain entrou e levantou de seu assento.

— Ela está bem, — disse Cain, antecipando mais preocupação.

Ele foi para colocar Rory sobre a maca, mas havia uma mancha negra de sangue de demônio manchando os lençóis. De jeito nenhum ele a colocaria sobre isso.

Em vez disso, ele se acomodou em uma cadeira e se inclinou para trás de modo que ela estava descansando confortavelmente contra seu peito, abraçando-a para que ela não escorregasse. Sua testa estava enfiada em seu pescoço, e ele podia sentir as correntes de energia deslizando para fora dele, estendendo a mão para ela, afundando-se em sua pele onde quer que eles se tocassem. Havia uma espécie de magia inebriante na troca — que ele não se permitia pensar por muito tempo. Esse minuto de transferência de energia era muito perto do jeito que deveria ser com uma mulher — sua parceira. Nunca sentira isso antes como agora, nem mesmo com Jackie, e tinha a sensação de que poderia se acostumar com isso de maneira muito rápida.

Talvez ele já tivesse.

Cain supôs que quanto mais ele a tocasse, mais a separação doeria, mas agora não conseguia se importar. Ele gostou desta feliz falta de dor, este pequeno vislumbre do que deveria ter sido, e ele usaria qualquer desculpa que pudesse encontrar para ficar assim por tanto tempo quanto possível. Isso iria acabar muito em breve, não importa o que ele fizesse, e a dor estaria esperando por ele, pronta para atacar.

Logan olhou para ele por um momento, com a cabeça muito inclinada para um lado, estudando Cain.



— O quê? exigiu Cain.

— Nada, — disse Logan em uma maneira que claramente significava outra coisa. — Nós não precisamos nos preocupar com ela ter sido envenenada.

Alívio passou por ele, e ele sentiu algo em seu peito descerrar. — Essa é uma boa notícia.

Rory moveu-se em seu colo. Sua mão deslizou até as pontas de seus dedos estarem tocando a pele acima de seu colarinho, a poucos centímetros de sua Luceria.

Ele pegou-se prendendo a respiração e teve que fazer um esforço consciente para deixá-la fora.

— Há, no entanto, uma má notícia, — disse Logan.

— O quê? Cain sufocou.

— Esta criatura não continha glândulas de veneno que eu pudesse detectar, mas tinha essa meio estranha anatomia anexada às farpas.

— O que era?

— Um tipo de bexiga, mas ela estava vazia. E suas farpas eram ocas. Eu acredito que ele é destinado a coletar fluido. Como sangue.

Lenta, uma raiva feroz começou a ferver nos intestinos de Cain. — Você acha que aquela coisa que a picou tomou seu sangue?

— Eu teria que ter um espécime vivo para ter certeza, mas parece uma suposição razoável.

Algum demônio lá fora tinha o sangue de Rory? Cain não podia deixar isso ficar assim. — Eu vou segui-lo e matá-lo. E eu vou te trazer de volta um vivo para estudar.

Ele começou a se mover, mas Rory soltou um pequeno gemido, como se o movimento a tivesse perturbado.

Cain estava ainda entre sua necessidade de ver sua felicidade e a necessidade de resgatar o sangue dela em guerra dentro dele.

— Como você vai encontrá-lo? — perguntou Hope.



— Eu não sei. Eu só vou. A tarefa era simples. Ele não falharia.

Logan girou sua cadeira para encará-los. — Talvez eu pudesse detectar o cheiro de seu sangue dentro de uma das criaturas, mas é muito próximo ao amanhecer para eu sair para caçar.

— Tudo bem, então eu vou matar todos eles. Tão logo ele conseguisse deixar Rory ir. — Mas um de vocês precisa levá-la para fora da cidade. Ela disse que, estar em torno de um monte de gente faz suas visões piores.

Hope olhou para a amiga. — Eu posso levá-la.

— Não, — disse Logan, sua voz rouca e final. — É muito perigoso. E se o objetivo de tomar o sangue dela é usá-lo para localizá-la?

— Vai ser dia. Os demônios não podem segui-la durante o dia.

— Não, mas eles podem usar os Dorjan, — disse Logan, falando dos servos humanos que sofriam lavagem cerebral pelos Synestryn e eram usados para seguir suas ordens. — E não há nenhuma maneira de saber o que os Synestryn vão fazer com o seu sangue. Eles poderiam usá-lo para controlá-la. Ela poderia atacá-la.

Hope empalideceu e deu um passo mais perto de Logan. — Isso é ridículo.

Não, não era, e Cain não poderia pedir a Hope para arriscar-se assim. Apesar de seu poder e força cada vez maiores, ela não era uma Theronai. Ela não era uma guerreira.

Da maneira que Rory seria se ela escolhesse tomar a Luceria de um homem.

Até que acontecesse, Cain se certificaria de que ela estava bem protegida. — Eu pedi Joseph que envie alguns homens para levá-la para Dabyr. Então eu vou caçar essas criaturas farpadas. Vocês dois já ajudaram bastante.

— Ela não vai me machucar, — disse Hope.

Os dedos de Rory apertaram em torno de sua camisa, e ela soltou um sussurro grogue. — Não me deixe machucá-la.



Ela tentou se sentar, mas Cain manteve seu aperto firme para que ela acidentalmente não parasse de tocá-lo. Se o fizesse, ele provavelmente se agitaria e a despejaria no chão duro, ou pior ainda, na terra, em cima dela e a esmagaria.

O pensamento de estar em cima dela por um motivo diferente, mais prazeroso o acertou a partir do nada. Ele quase podia ver o cabelo rosa espalhado por todo o lençol branco, com o rosto envolto em sombras e em forma de prazer enquanto ele empurrava os dois na direção de um cintilante, brilhante prazer.

Em um instante, sua boca ficou seca, a garganta comprimindo forte o suficiente para cortar o ar. Seu pau inchou e ele quase não se deslocou rápido o suficiente para esconder a sua vergonhosa falta de controle dela. Cobiçar uma mulher indefesa era vergonhoso, e ele ainda não conseguia encontrar honra suficiente para deixar isso detê-lo. Tudo sobre ela o chamou em um canto da sereia pretendendo derrubar sua força de vontade. Mesmo o cabelo rosa ridículo foi crescendo nele.

Hope deu a Logan um olhar duro, irritada. — Veja o que você fez? Agora você a tem preocupada sem uma boa razão.

— Há uma boa razão, amor. Você já foi atacada por um Dorjan uma vez. Eu não vou deixar você arriscar-se novamente. Nem mesmo por Rory. Não quando Cain é capaz de prover seu cuidado.

Fúria escureceu o rosto de Hope e ela pairava sobre Logan, sua voz calma e tremendo. — Você não pode me dizer o que fazer ou a quem ajudar.

Logan se levantou, sua graça habitual sumindo em face de sua própria raiva. — Então, você arriscaria sua vida por algo que outro pode fazer tão facilmente?

— É a minha vida em risco.

— E o que será de mim? Onde você acha que eu estaria sem você? Você é o meu mundo, e goste ou não, você é agora responsável por minha



vida também.

A discussão deles estava começando a crescer, e Cain podia sentir Rory ficando mais chateada pelo momento, seu corpo esbelto tenso em seus braços.

— Ele está certo, — disse Rory, sua voz muito tranquila para viajar para além de seus ouvidos em paz. — Eu poderia machucá-la?

Cain não podia mentir para ela, não quando ela parecia tão vulnerável e com medo — tão confiante nele. — É possível.

— Então me ajude a me tirar daqui. Por favor.

— Eu posso ajudá-la, — disse Hope. — Mesmo se as coisas derem errado, eu estou ficando mais forte a cada dia. Eu posso me proteger.

— Você não faz parte do nosso mundo por tempo suficiente para saber o quão mal as coisas podem ficar, — disse Logan.

Este não era o tipo de discussão de amantes que Cain queria testemunhar. Era um assunto privado, e ele queria ajudar a mantê-lo assim.

Ele levantou-se e saiu da sala com Rory em seus braços. Ele chutou a porta que se fechou atrás dele, silenciando os sons de seus argumentos cada vez mais aquecidos.

Quando chegou à cozinha, ele fez uma pausa longa o suficiente para perguntar: — Você está se sentindo bem?

— Yeah. Você pode me colocar no chão agora.

Cain a contragosto colocou-a no chão, segurando a mão dela para ter certeza de que ela estava firme em seus pés. Ela balançou, e seus olhos não pareceram se concentrar em qualquer coisa. Ele não estava certo se era de sonolência, ou se suas visões voltaram apesar de seu toque.

— Eu estou bem. Você pode me deixar ir.

Vergonha queimava em seu rosto. — Receio que eu não possa. Não se você me quiser, de qualquer forma, para dirigir.

Ela assentiu com a cabeça vacilante, e atou seus dedos com os dele. —



Nos mataria agora se eu pegasse o volante, mas eu realmente quero sair. Se fizer alguma coisa para ferir Hope, nunca me perdoaria.

Cain sabia muito bem o quão horrível era o sentido de ferir outro. Ele não podia suportar a ideia de Rory sofrendo com tal culpa. — Eu não vou deixar isso acontecer.

Ele a levou para fora, para sua caminhonete. Rory rastejou dentro, movendo-se para que ele pudesse entrar atrás do volante. Ele manteve seu domínio sobre os dedos apertados para que eles não escapassem acidentalmente. Não que isso fosse qualquer dificuldade. Gostava da sensação de seus dedos delicados atados aos seus, o calor de sua pele, e as flâmulas trêmulas de energia vibrando entre eles. Era tudo o que podia fazer para se concentrar em utilizar o veículo com segurança.

Cain levou para fora da cidade em direção a Dabyr, satisfeito que ela estava em seu caminho para onde ela pertencia. Não queria ser aquele que a levaria, mas ele estava contando isso como uma vitória, no entanto.

Até que ela ficou rígida ao lado dele e lançou-lhe um olhar tão ácido que ele podia senti-lo contra o lado de seu rosto. — Você me nocauteou, — disse ela, como se só agora se lembrasse. — Eu estava indo embora e você me deixou fora do ar.

Cain soltou um suspiro e aceitou sua bronca recebida. — Eu mandei você dormir. Você não me deixou escolha.

— Yeah? Bem, você não me deixou escolha. Encoste foda.

— Por quê?

— Porque em cerca de dez segundos, eu vou deixar de segurar a sua mão, e eu prefiro não morrer em um acidente de fogo e derramar o meu sangue por toda parte para que os monstros nos encontrem e comam nossos corpos.

Ronan preferia o papel de caçador à presa.

Ele podia sentir o cheiro fétido de demônios rastreando-o, ouvir seus



corações saltitantes da corrida. Havia mais de uma dúzia deles acompanhando atrás dele. Ele não poderia deixá-los seguir ao casal humano com o filho doente, filho de sangue puro, que ele precisava para se curar.

Ronan levou-os para longe de seu destino e encontrou uma calma doca de carregamento escura na parte de trás de um armazém vago. Não havia olhares indiscretos aqui — não há razão para ele perder seus preciosos, minguados lotes de magia em blindagem do que ele estava prestes a fazer na vista dos seres humanos.

O ar frio se infiltrou através de seu casaco de couro, em seus ossos. O frio diminuiu seus reflexos e fez suas articulações doerem com a necessidade de calor.

Ele estava sozinho aqui — da forma como ele preferia. Apesar do fato de que uma lâmina de Theronai seria útil agora mesmo, seu trabalho era mais simples, quando ele não tinha que dar nenhuma explicação para o outro por suas ações.

O projeto Lullaby precisava dele e, sua dedicação para salvar sua raça, tinha que ser absoluta.

Ronan desembainhou a espada e virou-se para enfrentar a ameaça que se aproximava. Seu olhar cortou a escuridão, agarrando-se ao primeiro demônio corajoso o suficiente para mostrar-se.

Era pequeno, mas ele sabia que não devia deixar de fazê-lo confiante. Até mesmo o mais ínfimo demônio poderia matar um homem tão morto quanto um gigante podia. A única diferença era que ele tinha a chance de derrotar algo tão pequeno sem esgotar sua energia que diminuía.

A cauda grossa do inseto demônio era curvada sobre suas costas, com três longas farpas reluzentes na ponta. Moveu-se rápido, para baixo, para o chão, suas garras fazendo apenas o som mais fraco ao longo do asfalto frio. Um brilho verde pálido derramando de seus seis olhos, uma vez que se aproximava de Ronan.



À distância mais coisas apareceram, seus olhos brilhando com fome e emoção. Ele ouviu a agitação da velocidade de seus corações com a antecipação, como se eles se esforçassem para alcançá-lo.

Ronan contou vinte antes de o primeiro chegar perto o suficiente para ele atacar. Ele espetou-o com a ponta de sua espada e atirou-o contra a parede com força suficiente para fazê-lo espirrar. Até o momento que ele se virou, mais três das coisas que estavam a seus pés.

Ele chutou dois à distância e pisou em um terceiro.

Mais perto inundaram, e Ronan não tinha escolha, apenas pular de volta para a borda fina à esquerda do concreto, fora da porta da doca fechada.

Os demônios se arrastaram até a parede, nem mesmo abrandando.

Ronan não teve o luxo de opções. Sua espada não era boa contra muitas das coisas. Ele ia ter que mergulhar em suas reservas.

Ele reuniu o poder de suas células, sentindo-o vibrar ao longo de seus membros quando uma luz azul fraca infiltrou-se a partir de sua pele. Seus dedos brilhavam como uma chama azul enquanto a energia se fundia em um disco lancinante.

Ronan bateu o poder para baixo sobre a horda a seus pés, ordenando o disco para rolar os demônios e esmagá-los, uma vez que passasse.

As pequenas criaturas gritavam enquanto eles morriam. Apenas algumas escaparam encolhidas nas sombras próximas.

Sua carne parecia que estava cedendo em seus ossos. Cada respiração era difícil, a cada batida de seu coração um esforço. Um arrepio profundo afundou-o, sacudiu-o de dentro para fora, sussurrando-lhe que ele nunca ia ser quente novamente.

Ele se inclinou contra a porta, deixando-a apoiar o seu peso quando ele prendeu a respiração.

Três dos demônios permaneceram, se aproximando como se sentissem a sua fraqueza.



Através de um simples esforço de vontade, Ronan levantou sua espada, assim quando o primeiro demônio cobrou.

Ele cortou-o, mais por acidente do que habilidade, mas pelo tempo que ele tinha recuperado a partir do balanço, um dos demônios se arrastou até a perna e empurrou suas farpas em sua coxa. O outro parecia estar indo para sua virilha.

Não nesta vida.

Ronan arrancou-o, e assim que a pele dele o tocou, ele sentiu uma onda de compulsão maligna escorrer da coisa. O poder da compulsão era tão forte que ele chocou Ronan na quietude.

O demônio que o tinha picado pulou e correu para longe. Não havia nenhum sinal de veneno em seu sangue, o que era estranho, mas o que era mais importante foi descobrir que estava controlando essas coisas. Eles não eram simplesmente demônios à procura de comida. Eles estavam sob ordens, e quem tinha dado as ordens era a verdadeira ameaça.

Ronan manteve um firme segurar na cauda do demônio enquanto ele alcançava em sua mente débil, em busca de respostas. Não houve pensamentos reais dentro da coisa, só os instintos e os mais básicos de emoções.

Foi enviado para caçá-lo. Ele conhecia o seu perfume, assim como o de vários outros. Suas ordens eram para coletar sangue e trazê-lo de volta para a pessoa que o tinha obrigado a caçar. Não havia nenhum indício de por que era necessário o sangue, nenhum traço de pensamento racional para além da sua missão.

Mas havia algo ali, um sussurro de energia que passava por ele, controlando-o.

Ronan alcançou esse poder. Ele estudou, memorizando como se fosse um perfume. Era vil e cheirava a malignidade. Vingança.

O Synestryn que tinha enviado esses demônios era poderoso e procurava vingança contra alvos muito específicos. E agora ele tinha o



sangue de Ronan.

Capítulo 7

A cabeça de Rory ainda estava nebulosa, mas a raiva estava ajudando a despertar mais rápido do que qualquer café expresso duplo jamais poderia.

Os dedos de Cain apertados entre os dela, e o contato mais firme fez esses formigamentos quentes mergulhá-la ainda mais rápido.

Sua voz era baixa e calma. — Eu não vou encostar. Você está sendo irracional.

— Não. Irracional seria puxar minha mão antes de dar-lhe aviso prévio. Eu acho que eu estou sendo uma santa, dadas as circunstâncias.

Ele não encostou. O céu estava começando a clarear com o primeiro toque de alvorada, e à medida que acelerava pela estrada, ela podia ver o tráfego pegando na direção oposta, uma vez que corria na cidade.

— Eu não vou parar. Não até eu chegar a Dabyr.

— Eu não sei quem ou o que é, mas eu não vou a lugar nenhum com alguém que prefere me nocautear a aceitar a minha decisão de sair.

— Você estará segura em Dabyr. É bem protegido, e as paredes impedem a entrada de magia mais hostil. Há pessoas lá que podem ser capazes de ajudar suas visões a desaparecerem.

Por mais tentador que fosse, tinha que ser muito bom para ser verdade. — Como?

— Da mesma forma que posso ajudá-la, mas muito mais... permanente.

— Como é permanente? Ela não tinha certeza se ela poderia sobreviver com suas visões indo embora só para voltar novamente. Pelo



menos agora ela tinha esperança a agarrar. Se as visões voltassem...

— Isso seria a sua decisão.

— Você faz parecer simples, — disse ela.

— Garanto que nada é simples. Ele não se estendeu sobre o assunto, e seu silêncio era grosso e pesado, dizendo que ele terminou de discuti-lo.

Rory deveria ter empurrado a questão e forçá-lo a puxar mais, mas seu medo a deteve. Ela estava tão perto da cidade, ela sabia que, assim que ela parasse de tocá-lo, suas visões a inundariam. Milhares de visões iriam inundar sua cabeça, deixando-a cega e tropeçando ao longo da rodovia, não é uma boa posição para estar dentro. — Existem muitas pessoas lá?

— Cerca de quinhentos ou mais.

— Quão grande é esse bairro?

— Não é um bairro, é mais como um complexo. Há algumas estruturas menores, mas a maioria em Dabyr é um grande edifício.

Ela gemeu com o pensamento. — Quinhentas pessoas sob o mesmo teto? Você acaba de descrever a minha versão do inferno.

— É lindo. Você vai gostar.

— Como é? Como você gostaria de ter as coisas que quinhentas pessoas veem empurradas para o seu cérebro de uma só vez, deixando seus olhos em chamas? Como você acha que as pessoas vão se sentir sabendo que eu não posso deixar de invadir sua privacidade? Ou você vai manter isso em segredo e me usar como uma espécie de espiã?

A caminhonete diminuiu a velocidade e ele se mudou para a faixa da direita. — Eu não tinha considerado que ir lá iria machucá-la. Meu único pensamento era para mantê-la segura.

— Sim, bem, eu estou segura em casa. Apenas me leve de volta para o meu carro e vamos esquecer que nos conhecemos um ao outro. Assim que ela pronunciou as palavras, ela sabia o quão ridículas elas eram. Cain não era um homem fácil de esquecer. Não o seu tamanho, ou o seu poder, ou sua capacidade letal com a espada invisível. Não do jeito que sua sentia



pele quando a tocava. Mesmo agora, depois de alguns minutos para se acostumar com seu toque, ela ainda sentia cada fio de calor elétrico, uma vez que deslizou para dentro dela, envolvendo em torno de sua espinha e fazendo-a formigar todo o caminho até os dedos dos pés.

— Onde é a sua casa? — ele perguntou.

— Você realmente acha que eu vou te dizer isso?

— Se isso é aonde você quer ir, então é aí que eu vou te levar. Se você me disser para onde ir, é isso.

Ela precisava de seu carro, mas se ela poderia pelo menos chegar a casa antes que a cidade acordasse e a bombardeasse com visões, seria melhor do que nada. Ela gostaria de encontrar outra maneira de obter o seu carro de volta.

— Se eu te contar, como é que eu sei que você não vai voltar depois de me deixar e me incomodar? Eu gosto da minha privacidade.

— Acho que é uma decisão que você vai ter que tomar, — disse ele. — Se serve de consolo, eu pretendo ir matar o demônio que roubou seu sangue. Estarei muito ocupado para me preocupar.

Esse pensamento levou todos os outros fora dela em um único instante. Quão chateada quanto ela deveria estar com ele, o medo sobre ele enfrentar mais demônios e tudo o que ia acontecer com ela agora fez essa raiva pálida em comparação. — O que aquela coisa vai fazer com o meu sangue?

— Nós não sabemos. E eu não pretendo que você descubra da maneira mais difícil. Eu vou matá-lo primeiro.

— Como você sabe onde ele foi?

— Eu não sei, mas eu tenho caçado muitos demônios em minha vida. E se eu não conseguir localizar seu ninho, Logan vai ser capaz de ajudar.

— Como?

— Ele sentiu seu sangue. Ele deve ser capaz de controlar aquele cheiro de volta para o demônio.



Rory deixou cair a cabeça contra o assento na derrota esmagadora. — Eu não entendo nada disso. Eu não sei como Logan pode sentir o cheiro do meu sangue. Eu não sei por que os demônios o querem. Eu não sei por que seu toque bloqueia minhas visões ou como pode me fazer sentir desse jeito. Tudo o que eu sei é que eu quero viver minha vida em paz, sem monstros me caçando o tempo todo.

— Isso é tudo que qualquer um de nós quer Rory. Mas você e eu não somos como seres humanos. Nós não temos esse tipo de vida.

Ela era humana, embora uma versão fodida de uma, e ninguém poderia convencê-la do contrário. Mas havia outra questão que trouxe o comentário acima, que ela mal conseguia ficar sem perguntar. Se não fosse pela curiosidade que estava queimando um buraco em seu cérebro, fazendo com que toda a lógica driblasse seu pensamento, ela teria ficado em silêncio. — Que tipo de vida *você* tem?

Ele não disse nada por alguns segundos. Sua mandíbula estava tensa e uma veia pulsava em sua têmpora. Ele realmente era um homem bonito em uma espécie de forma bárbara, não como o tipo de cara que ela normalmente notaria, todo artístico e frágil, mas que fazia parte de seu apelo. Ela fez tantas escolhas erradas no passado, era reconfortante estar sentada ao lado de um cara tão completamente *diferente*.

Rory apostaria a casa de Nana como o homem não tinha um único ponto frágil em seu corpo inteiro.

Ele puxou uma respiração profunda que expandiu a espessura de seu peito ainda mais. — Há dois tipos de Theronai: aqueles que são unidos como eles foram feitos para ser, e aqueles que não são.

— E o que você é?

Ele olhou para os dedos entrelaçados, e ela jurou que podia sentir um sentimento de tristeza e perda que irradiava de seu toque.

— Eu sou como a maioria da minha espécie. Vivemos um longo tempo. Nós caçamos e matamos demônios. Nós protegemos os seres humanos e



os outros, e tentamos não pensar muito sobre as coisas que nós nunca podemos ter.

— Parece que são um monte de bobos.

Sua boca se contorceu. — É uma vida cheia de honra, dever e propósito. É mais do que muitos têm.

Era mais do que Rory tinha, o que era repugnantemente patético. Desde que perdera Nana, ela estivera *perdida*. As únicas amizades que conseguiu foram de longa distância — aquelas pessoas on-line com quem ela nunca se encontrou em pessoa, por medo do que ela poderia ver através de seus olhos. Eles ajudaram a preencher o vazio, mas ainda havia buracos, Rory sabia que nunca seria completa. Tinha vinte e cinco anos e não fora capaz de ir para uma escola normal ou manter um emprego ou manter um namorado durante mais do que alguns dias — pelo menos não um que não estivesse planejando entregá-la a um demônio em troca de drogas.

Ela parou de sonhar com um futuro há anos atrás. A única coisa que a impulsionava era a busca para encontrar a pessoa que faria suas visões irem embora. Era sua baleia branca, a razão para se levantar de manhã.

Agora ela estava segurando a mão de um homem que bloqueava suas visões, e tão bom quanto era não foi o suficiente. Era vazio. Pior do que isso lhe permitiu ver quão inócua a sua vida se tornara. Quão inútil.

Uma vez que suas visões tivessem ido embora, e depois? O que a tiraria da cama, então?

Não havia resposta, que fez todo seu intestino se contorcer numa massa de medo subitamente viva em seu estômago. Não era o tipo de pessoa que entrava em pânico, mas podia sentir agora o corte nas bordas de sua confiança, usando-a, pouco a pouco.

Suas visões definiram sua vida. Não podia viver com elas, mas não estava certa se poderia viver sem elas.

Rory não sabia como acalmar seus temores. Nem sabia se isso era



possível. O que ela sabia era que o homem do qual teve pena apenas alguns momentos antes por sua vida porcária, tinha uma vida melhor do que a dela, e se não começasse a tomar algumas providências, nunca seria capaz de fazer algo a si mesma.

— Direção sul na próxima saída, — disse ela.

— Você vai me deixar levá-la para casa?

— Parece.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo, só falando para dar-lhe as direções para a casa de Nana. — Essas pessoas que você disse podem ser capazes de me ajudar? Estariam dispostos a vir me ver ou me encontrar em algum lugar, sem um monte de pessoas ao seu redor?

— Os homens nadariam oceanos inteiros para conhecê-la.

Isso soou um pouco por cima e deixou-a confusa. — Mas não as mulheres?

— As mulheres não podem ajudá-la. Não é assim que Isso funciona.

— Então, como é que funciona?

— Nossa espécie — os Theronai — foi criada para trabalhar em pares. Um homem, uma mulher.

— Você não sabe se eu sou de sua espécie.

— Eu sei. A sua marca de nascença em forma de anel prova.

Horror bateu nela, e se ele não estivesse segurando firmemente em seus dedos, ela teria se afastado em choque. — Você olhou para minha bunda quando eu estava dormindo?

Um lento sorriso puxou sua boca. — Não, mas agora eu sei que você tem a marca. Não há como negar isso.

— Você me enganou.

Ele deu de ombros e ela sentiu o poderoso movimento todo o caminho até seu braço. — Negar não vai levar a lugar nenhum. Isso poderia até matá-la, o que é algo que eu não posso permitir. Nós todos temos que encarar a realidade, a sua não vai mudar só porque você não gosta.



— Você soa como se conhecesse minha vida melhor do que eu.

— Não o seu passado, talvez, mas eu sei sobre o seu futuro.

Ela grunhiu de diversão. — Então você pode ver o futuro, não é?

— Só o seu.

— Tudo bem. Então despeje. O que o meu grandioso futuro me assegura?

— Poder. Mais do que você pode imaginar. Finalidade também. Sua vida será cheia de medo e perigo, mas também de amor. Eterno, inquebrantável amor e devoção de um homem que colocaria a sua segurança e felicidade acima de tudo, exceto, talvez, de seus filhos.

Rory riu da imagem ridícula que ele pintou. — Você sabe, quando eu costumava pensar em ter filhos, eu sempre achei que minhas visões viriam a calhar. Eu saberia o que eles estariam fazendo o tempo todo. Sem esconder biscoitos antes do jantar ou cortar seu próprio cabelo sem me contar.

— Você diz isso como se você não pensasse em ter filhos.

— Eu não sei. Como posso cuidar de alguém, quando às vezes não consigo nem andar sem correr contra as paredes?

— Estou certo de que você vai aprender a controlar suas visões.

— Oh. Eu vejo. Você está certo. Bem, isso faz com que seja verdade então, né?

— Cada Theronai fêmea tem um dom especial. Estas visões são os seus, e uma vez que você esteja conectada ao seu companheiro e tenha acesso a seu poder, você vai ser capaz de usar esse poder para controlá-las.

— E o vencedor de hoje do concurso Tão Bom Para Ser Verdade é...

— Estou falando sério, Rory. Já vi esse tipo de coisa antes. Você não tem ideia o quanto de energia espera por você quando você conectar-se com o homem certo.

— E como faço para encontrar este homem certo?



— Eu vou enviar alguns homens para você.

— E eu tenho que confiar em seu julgamento?

— Não é um julgamento. Não haverá nenhuma pergunta. Sua Luceria vai reagir à sua presença. Ela irá vibrar e mudar de cor.

Isso soou meio estranho. — Luceria?

— O tipo de anel e colar que nós usamos.

— Oh. Não é o que eu estava pensando. Ela olhou para sua mão esquerda, que estava presa em torno do volante. Redemoinhos roxos e rosa dançavam loucamente ao longo de sua superfície iridescente. — O seu está fazendo isso.

— Sim.

— É por isso que as visões vão embora quando eu toco em você?

— Eu acredito que sim.

— Então, por que você não pode ser o único a bloquear as visões?

— Eu não sou bom para você. Você vai ter que fazer uma promessa a este homem que vai exigir confiança.

—Você está dizendo que você não é digno de confiança?

Cain se mexeu na cadeira, sua mandíbula apertada. — Você claramente não confia em mim.

— Yeah. Nocautear-me daquele jeito foi definitivamente uma grande marca preta na coluna não confiar.

Ele bufou, descartando sua declaração. — Isso não foi nada. E para que conste, eu faria tudo de novo se eu achasse que iria mantê-la segura.

— Vamos chamar isso de segundo ponto.

— Chame do que quiser. Não importa. O nosso caminho juntos vai acabar assim que eu tenha certeza que você está segura.

Rory não gostava do pensamento, mas tinha certeza que era só porque o seu toque trouxe muito alívio e prazer. Depois que ele fosse embora, ele tomaria isso com ele, e ela estaria sozinha em sua vida um pouco oca, escondendo-se do mundo ofuscante.



Ela sentou-se em silêncio enquanto eles retumbaram pela estrada de cascalho que conduzia à casa de Nana. — Que tipo de promessa? — ela perguntou.

— Essa é uma decisão sua, mas o que você prometer será vinculativo deve escolher suas palavras cuidadosamente.

— Você sabe que isso não faz qualquer sentido, certo?

Ele puxou uma respiração profunda como se procurasse paciência. — Seu homem escolhido promete protegê-la, mesmo que isso lhe custe a própria vida. Então você vai dar-lhe uma promessa em troca. Algo como prometer ficar com ele até o fim dos tempos.

— Whoa. Isso é um inferno de uma promessa.

— Não tem que ser. Você pode optar por ficar com ele por uma única noite, mas é duvidoso que lhe desse tempo suficiente para aprender a controlar o poder a que você terá acesso.

— Que tipo de poder?

— Sabe aquelas faíscas afundando em você onde quer que a toque?

— Oh, sim. Eu definitivamente conheço essas.

— Elas são como flocos de neve individuais dentro de uma avalanche. Quando a sua confiança e conexão com seu parceiro crescer, assim cresce o fluxo de energia. Seu trabalho será o de aprender a controlá-lo e moldá-lo para executar a tarefa que você escolher.

— Posso usá-lo para espanar a minha casa?

Ele soltou um longo suspiro. — Estou explicando isso mal. Vai ser muito mais fácil se você me deixar te mostrar.

— Como?

— Eu não tenho muita habilidade, mas há algumas coisas que posso fazer.

— Como me nocautear.

— Sim, assim. Eu também posso tocar sua mente se você me deixar.

— Uh.



— Eu já fiz isso antes com os outros, apressou-se a dizer. — Nós muitas vezes temos que remover as memórias de humanos que são atacados por Synestryn para que eles possam continuar a viver uma vida normal.

— Você quer apagar minhas memórias?

— Não. Mas eu poderia mostrar-lhe as minhas, deixá-la ver o que eu vi. Então você saberá o tipo de poder que você possui.

— Será que vai doer?

— Não. Eu vou ser gentil. Iremos lentamente de modo a que não haja nenhuma dor.

Mais uma vez, sua mente caiu dos trilhos na sarjeta. Talvez fossem esses tremores quentes de magia encharcando-a que estavam enchendo sua mente com impropriedades. Talvez fosse simplesmente o próprio homem, grande e forte, salvando sua vida e a transformando em uma murcha bagunça, insípida. Mas o que quer que fosse Cain era potente, indo para sua cabeça, tecendo através de seus pensamentos e enviando pela tangente um pouco de atrevimento para ter as coxas se apertando.

Não estivera com um homem em um longo tempo. Matt não fizera mais do que beijá-la, um presente pelo qual era grata a cada dia. Deixá-lo trocá-la por drogas era ruim o suficiente sem ter dormido com ele.

E nunca estivera com alguém como Cain, toda a graça letal, pingando com testosterona. Não deveria ter sequer pensado assim dele. Deveria ser mais espera. Seu gosto por homens era quase tão bom como o senso de moda de um menino de dez anos de idade. Só acabaria nua, envergonhada e se perguntando o que diabos acontecera.

— Isso é realmente necessário? — ela perguntou.

— Depende se deseja ou não ser informada ou permanecer ignorante, antes que seja convidada a tomar o que poderia ser a maior decisão de sua vida.

— Geee. Sem pressão.

— Este não é um jogo, Rory. Estou tentando ajudá-la.



Ela poderia dizer isso. Sua sinceridade era evidente em sua voz, e ela realmente queria se livrar dessas visões permanentemente. Se esta era uma maneira de fazer isso acontecer, ela tinha que pelo menos fazer tudo em seu poder para aprender mais.

— Tudo bem, — disse a ele. — Tive um relacionamento longo e íntimo com más decisões. Acho que é tempo que terminamos.

— Sábia escolha.

— Assumindo que não é uma má decisão deixá-lo fazer isso em primeiro lugar.

— É perfeitamente seguro. Nunca faria nada para prejudicá-la.

Acreditou nele. O que fazia dela uma idiota, mas pelo menos permaneceria fiel à forma.

Maura se apressou a descer a rua, com a cabeça escondida baixa para afastar o vento frio. A mala na mão era muito leve, lembrando-a de quão pouco ela tinha. Algumas peças de roupa, alguns produtos de higiene pessoal doados pelos seres humanos. Essas coisas não iriam sustentá-la por muito tempo.

Talvez fosse a hora de ir para casa. Tomar sua punição. Deixar aos Sentinelas sua vingança.

Era nada menos do que ela merecia.

Então, novamente, não foi o calafrio nos ossos, a agitação vazia no estômago e o medo que sempre caminhou ao seu lado.

Se os Synestryn a encontrassem, sabia que não sobreviveria. Seu valor para eles como uma aliada se esgotara. A única coisa que gostariam dela agora era o sangue e carne de seu corpo oferecido. Ou pior ainda, um vaso para sua prole.

Maura se recusava a acabar com sua vida dessa maneira. Mesmo que ela, com todos os seus vastos pecados, merecesse mais do que isso.

Ela virou uma esquina, andando em nenhuma direção específica. Tudo



que ela sabia era que se Cain a viu, seria obrigado pela honra a levá-la em custódia. Com seus poderes acabados, ela não tinha como se defender.

Seu foco estava tão fortemente voltado para dentro que ela não percebeu o trio de homens à sua frente até que estava em cima deles.

A rua aqui estava escura. Os edifícios próximos eram degradados, as janelas mais frequentemente tampadas com madeira do que cheias de vidro. Negligência e decadência permaneceram aqui, e se ela estivesse procurando ninhos de Synestryn, este seria o tipo de lugar em que ela procuraria.

Mas, quando ela levantou a cabeça, ela percebeu que o perigo para ela, aqui e agora, não era do tipo demônio, mas humano.

Os homens barravam seu caminho, suas faces sombreadas por capuzes e chapéus.

— Aonde você vai, moça bonita? — perguntou o homem alto no centro.

Maura endireitou sua coluna e usou a mesma voz de comando que ela usara para exércitos de demônios. — Saia da frente e deixe-me passar.

Dois deles caíram na gargalhada. O terceiro olhou para ela, de soslaio. — Ele fez-lhe uma pergunta.

Medo clamava em seu estômago, tão familiar e tão indesejável. Ela tentou esconder o tremor em sua voz. — E eu emiti uma ordem.

Ele estendeu a mão e deu um tapa nela. Aconteceu tão rápido, ela mal teve tempo de registrar o que havia acontecido. No momento em que a cabeça girou de volta ao centro, a dor violenta irradiava através de sua mandíbula.

Ninguém nunca a atingira antes. Ela estava tão atordoada com a simples ideia de que alguém se atreveria a tocá-la de que ela simplesmente ficou ali, segurando o queixo.

— Responda à pergunta, — disse o mais alto.

Maura tinha matado homens melhores do que estes. Ela vira suas lutas



enfraquecerem quando o sangue era drenado de seu corpo, quando a carne era despojada de seus ossos. Nunca sentira medo de pé sobre eles, e se recusou a mostrar qualquer um agora.

Ela baixou a mão e endireitou os ombros, olhando o homem certo nos olhos. — Para onde eu vou não é da sua conta.

O homem alto falou de novo, ainda sorrindo. — Ouça senhorita calças extravagantes. Talvez você não fosse tão arrogante com essas calças em torno de seus tornozelos e meu pau em sua boceta.

Repulsa invadiu sobre ela, sufocando o ar de seus pulmões. Vira a violência. Estupro. Mas nunca temera que fosse acontecer com ela. Nenhum dos demônios ousou tocá-la. Todo mundo que a tocou morreu gritando de dor.

Pelo menos eles morreram até a noite em que ela trocou seu corpo de criança e se tornou uma mulher. Desde então, seus poderes haviam falhado com ela, deixando-a fraca e indefesa.

Isso nunca foi mais evidente para ela que era agora, e a fraqueza a enojava.

Mesmo como uma mulher adulta, ela não era páreo para a força de três homens — humanos ou não. Sua única opção era correr.

Maura balançou a mala para cima, batendo direto no rosto de um deles. Sangue pulverizou de seu nariz, e ela correu em volta dele, saindo fora o mais rápido que podia.

Ela deu três passos antes que um peso atingisse suas costas e a empurrasse para o chão. Seu queixo bateu no concreto, atordoando-a por um momento. Umidade resfriando sua pele. Quando ela recuperou o juízo, ela estava de costas, com as mãos do homem rasgando sua calça aberta.

Medo tremeu através dela, tomando conta de seu corpo. Ela chutou e arranhou e gritou, lutando para empurrar o homem para o lado.

Seus amigos vieram em seu auxílio, tomando o controle de seus braços. Não havia nada que pudesse fazer. Ela estava presa. Desamparada.



A raiva explodiu em seu peito, empurrando um grito de seus pulmões. Esse grito furioso ecoou pelas paredes circundantes, zombando dela, depois voltou para seus ouvidos, cada vez mais fraco. Ela tentou lutar, mas nada se libertou de seu corpo a estes homens. Eles estavam indo fazer o que eles iriam fazer, e não havia nada que pudesse detê-los.

Mas, quando eles terminassem, iria procurá-los. Encontraria armas humanas e garantiria que cada um deles pagasse pelo que fariam com ela agora. Vingança seria o seu domínio, assim como o medo sempre foi. Não permitiria que parte dela morresse junto com todo o resto.

O homem à sua esquerda se afastou de seu aperto de morte em seus braços, olhando para as mãos em horror. Um grito rasgou de seus lábios e sangue derramou de seus dedos.

O homem à sua direita cambaleou para trás, chovendo sangue de seus olhos.

O homem em cima dela se inclinou para trás, seus gritos somando-se ao coro discordante de seus amigos. Seu sangue espirrou em seu rosto e escorreu por seu cabelo.

Maura empurrou para o lado e empurrou seus pés, enxugando os olhos. O trio de homens agarrou suas cabeças, seus gritos aquietando apenas quando eles morreram.

Ela olhou para suas mãos. Elas estavam com sangue vermelho brilhante. Foi uma visão estranha, ela estava lá em estado de choque. Normalmente, o sangue era negro. Ela não matara um ser humano ou Sentinela em um longo tempo.

Ela não tinha a intenção de matar esses homens agora, mas ela estava feliz que estivessem mortos. Ela se alegrou com o seu sofrimento.

Não se alegrou?

Maura estava tremendo muito forte para saber o que sentia. Alívio, raiva, medo, todos juntos muito apertados para fazer sentido para ela. Mas havia uma coisa que ela sabia com certeza: Seus poderes estavam de volta.



Podia matar com um simples toque. Esse tipo de poder não pertencia aos Sentinelas. O dela era o poder do mal e da dor. O poder de um ser sem alma, sem esperança de redenção.

Ela limpou as mãos no casaco do homem que tinha a intenção de estuprá-la. Em seguida, ela esvaziou suas carteiras, pegou a mala e foi embora. Não sabia para onde estava indo, mas sabia para onde ela não ia, e por agora, isso era suficiente.

Capítulo 8

Raygh trancou a sua mais recente aquisição de volta em sua cela. Ela não iria recuperar a consciência durante horas, se recuperasse de qualquer forma. Deveria ter sido mais cuidadoso com ela, mas a fome era muito grande, ofuscada somente pela sua raiva.

Os Sentinelas tomaram o que era seu, mataram seus filhos, e os crimes tinham que ser punidos.

Este sistema de cavernas que haviam pertencido a seu filho estava úmido e apertado, não como aqueles que estão no centro de suas próprias terras, mas ele tinha que estar aqui, perto de onde os crimes foram cometidos para que ele pudesse encontrar aqueles a quem culpava.

A água escorria pelas paredes, e o cheiro de sujeira humana queimava as narinas. Pelo menos ele não teria que estar aqui por muito tempo. Seus assecclas já estavam vagando pela cidade vizinha, vasculhando pelos traços daqueles que procurava.

Um desses assecclas cutucou seu pé para ganhar sua atenção, e ele permitiu-lhe subir a perna. A farpa na cauda curvada da coisa estava coberta com sangue seco — sangue que cheirava a poder. O saco bulboso abaixo do trio de farpas estava cheia com o sangue.



A caça desta criatura fora bem sucedida.

Raygh torceu o rabo do demônio, ignorando seu grito de dor, e perfurou o saco inchado com os dentes. Sangue, doce e poderoso fluíu sobre a língua — um raro prazer que ele não tinha provado em muito tempo — o sangue de um Sanguinar.

— Você encontrou um? — perguntou Canaranth, o pegajoso servo de vontade fraca que anteriormente pertencia a outro senhor Synestryn.

Como Raygh era o filho amado de Murak, Canaranth fora presenteado com uma aparência enganosamente humana. Sua pele pálida tinha um tom rosado, mais do que o fundido cinzento que tantos de sua espécie tinham. E os seus olhos quase pretos — com pupilas perfeitamente redondas — mostravam pequenas lascas de coloração humana. Ele poderia se misturar com o gado, fingindo ser um deles, persuadindo-os cada vez mais perto para que Raygh pudesse apanhar os de sua escolha.

Como a menina deitada na cela trancada.

— Há ainda mais amostras a recolher, — disse Raygh. — Eu quero encontrar todos os Sentinela e humanos que ajudaram a matar os meus filhos. Eu não vou descansar até que todos paguem o que tiraram de mim.

— Outro enxame de batedores voltou. Nenhum deles foi bem-sucedido.

— Envie-os de novo.

— Está quase amanhecendo.

— Eu não me importo. Eles podem se abrigar do sol ou queimar em cinzas por sua incompetência. Eu os quero lá fora, procurando.

— Sim, meu senhor, — disse Canaranth, curvando-se baixo, com os olhos humanos abatidos.

— Você não foi capaz de localizar nenhuma das mulheres que foram tiradas de nós?

— Não, meu senhor. Os Sentinelas mantiveram-nas bem escondidas. Nós temos um aliado que pode ajudar.



— Você fala do espião que seu anterior dono, Zillah, teve dentro das paredes de Dabyr?

— Sim, meu senhor. O Sanguinar que nos serviu em troca de sangue.

— Ele me trará o sangue daqueles que eu procuro?

— Não, meu senhor. Zillah tinha um laço de sangue com ele e poderia obrigá-lo a agir, mas sem que —

— Corte esse Sanguinar fora de todo contato. Faça-o morrer de fome. Faça-o questionar se nunca daremos sangue a ele novamente. Talvez quando ficar com fome o suficiente, ele será mais cooperativo.

— Sim, meu senhor. Canaranth inclinou-se novamente e saiu da sala. Em nenhum momento ele virou as costas para Raygh.

Se a sua genética humana não tinha conseguido o melhor dele, talvez houvesse esperança para o servo choramingar ainda.

A casa de Rory não era nada do que Cain tinha esperado. Era à moda antiga, pedra, casa de fazenda de dois andares, com uma grande varanda envolvendo completamente com um balanço balançando. Um canteiro brilhante de crisântemos ladeando ambos os lados dos degraus. Algumas árvores grandes pontilhavam a superfície gramada perto da casa, e mais espessa, na floresta velha crescendo isolada da área de todos os vizinhos próximos.

— É bom, — disse ele. — Isolado.

— Essa é a única coisa que me mantém sã, eu acho. Não sofro com as visões aqui, exceto quando o carteiro ou alguém chega perto.

— Então você mora sozinha?

Ela assentiu com a cabeça, os lábios apertando em luto. — Desde que Nana morreu no ano passado, sim.

— Sinto muito.

Ela encolheu os ombros quando ela abriu a porta e acendeu as luzes.



Ele podia dizer pela tensão sutil entre os dedos que sua indiferença era apenas aparente. A perda de sua avó fora grande.

O lugar era aconchegante, cheio de fotos emolduradas e bordados feitos à mão. Um cobertor de fios coloridos estava jogado sobre o encosto do sofá, e várias fotos cruzadas, costuradas, penduradas nas paredes. A mesa da sala de jantar estava cheia de papéis, e um computador de mesa desatualizado sentava-se no meio do caos.

— Perdoe a bagunça. Eu não estava esperando companhia.

— Eu não vou ficar muito tempo. Apenas até o amanhecer. Você deve estar segura, então, contanto que você mantenha as portas trancadas.

— Ninguém sabe onde eu moro. Ficarei bem.

— Você não pode confiar mais nisso como sendo verdade. Esse demônio tomou seu sangue. Os Synestryn poderiam usá-lo para encontrá-la. — Ou pior. Se um poderoso demônio tem seu sangue, poderiam usá-lo para controlá-la. Ele não podia culpar-se por assustá-la mencionando-o. Se isso acontecesse, não haveria nada que pudesse fazer para impedi-lo. A melhor proteção era que fosse vinculada a um dos homens para que eles sentissem uma compulsão por protegê-la. Pelo menos, ela poderia estar incapacitada para que ninguém ficasse ferido.

— Mas não durante o dia, certo?

— Synestryn são menos poderosos durante o dia. E vou garantir que haja pelo menos um guerreiro aqui antes do anoitecer.

— Você tem certeza que enviar pessoas aqui é uma boa ideia?

— Você quer controlar suas visões, não é?

— Claro que eu quero.

— Então me deixe mostrar-lhe o que você precisa saber para que você possa escolher o homem certo.

Rory hesitou por um momento, mordendo o lábio. Sua indecisão a fazia parecer mais jovem e mais vulnerável do que o lado agressivo e feroz dela que ele vira antes. Isso também o fez doer para tranquilizá-la da



maneira que podia, mesmo que isso significasse mentir para ela, algo que normalmente teria achado repulsivo.

Mais do homem que fora claramente mortera. Iain — o Theronai que havia passado por este mesmo tormento — avisara a ele que isso aconteceria, que pequenos pedaços de si mesmo simplesmente desapareceriam. Nem sequer saberia que foram embora, até que fosse tarde demais. Pelo menos Cain ainda tinha o suficiente de si mesmo e deixou de lamentar o que perdera.

Ao invés de se deter sobre isso, ele colocou seu foco em Rory. A visão dela o acalmou, emprestando-lhe conforto e uma sensação de calma que ele tanto precisava. Ele só desejava que pudesse oferecer o mesmo.

Seus olhos escuros encontraram os dele e ela lhe deu um pequeno aceno de cabeça.

Alívio inchou no peito de Cain, e só então percebeu que ele estava se preparando para forçá-la a ver o que ele queria que ela visse. Seu contato o salvara de mais uma marca negra em sua alma.

Antes que ela pudesse mudar de ideia, ele apoiou-a no sofá até que suas pernas a derrubaram. Ele embalou sua cabeça em suas mãos e passou os polegares sobre os olhos para fechá-los. Seu cabelo rosa roçava o dorso dos dedos, sedoso e quente.

Teria sido tão fácil beijá-la agora. A única mudança de pulsos que inclinaria a cabeça para trás para o ângulo perfeito. Seus lábios já estavam separados. Ele poderia ter um gosto dela antes que ela pudesse puxar o fôlego para dizer-lhe para parar.

Sua língua umedeceu os lábios num gesto nervoso, mas seu corpo tomou isso como um convite, sentiu formigamento por todo o caminho até a base de sua espinha.

Não estivera com uma mulher em um longo, longo tempo. Não, desde que ele tomou ao longo de séculos os cuidados de Sibyl. Vários dos Theronai alegaram que o sexo aliviava sua dor, mas a dor de Cain era



suportável até o dia em que sua pupila foi embora.

Ficara tão solitário desde então. Seus melhores amigos foram mortos. Muitos de seus outros amigos encontraram, recentemente, suas companheiras e viviam felizes juntos. Alguns deles estavam esperando filhos um presente que nenhum jamais esperou receber.

Jackie queria um filho. Cain negociara com um Sanguinar para ter a capacidade de dar-lhe um, apenas para descobrir que não era para ser. Ela estava grávida de Iain agora, fato que deu a Cain grande alegria e ciúme tão feroz que não poderia mais falar com o homem que fora seu amigo. Iain veria os ciúmes de Cain, e depois do que o outro homem passara, não era justo roubar até mesmo um pedaço de sua alegria recém-descoberta.

Era melhor para Cain manter-se à distância e esquecer tudo sobre a esperança que uma vez ele havia sentido quando se olha para a mulher de outro homem.

E ainda agora, segurando Rory tão perto, esperança o tentava em uma bolha, de novo a enganá-lo a acreditar em coisas que não poderiam ser. Jackie vira a inadequação de Cain. Ela sabia que ele não conseguiu manter Sibyl segura — que sua fraqueza havia permitido que ela fosse roubada. Se ele ficasse com Rory um tempo, ela iria ver suas falhas também.

Era melhor não ter esperança em tudo do que testemunhar a morte da esperança.

Rory estava diante dele, compatível em suas mãos. Sua confiança nele era tão humilhante como era assustadora. Ela era muito vulnerável para confiar no homem errado. Parte dele queria ficar perto e certificar-se de que escolhesse o homem certo, mas por outro lado ele sabia que não tinha o direito de julgar seus irmãos. Tanto quanto sabia, estava mais perto de mudar do que qualquer um deles. Isso fazia dele o pior juiz de todos.

Mas, prepará-la para o que estava por vir — isso era algo que podia fazer. Mostraria a ela o que ela precisava saber e deixaria todo o julgamento para ela. Esta era a sua vida. Tinha que ser a sua decisão. Se



pudesse armá-la com conhecimento, então ela teria, pelo menos, se equipado para escolher seu próprio caminho.

Esse pensamento facilitou e deu-lhe o sossego mental que precisava para completar a sua tarefa.

— Relaxe, — disse ele, sua voz um estrondo baixo entre eles. — Deixe-me entrar.

Cain aliviou sua mente lentamente, usando cada pedaço de habilidade que ele aprendeu ao longo dos séculos para não machucá-la. Ele entrou nos pensamentos dos outros muitas vezes antes de remover as memórias, mas nunca tinha feito isso para mostrar a alguém algo de sua própria vida.

Deslizando dentro dela como se isso fosse fácil. Pacífico. O desejo de pesquisar suas memórias puxou para ele, mas ele resistiu. Ela pertenceria a outro homem em breve. Invadir sua mente mais do que o necessário era muito perto de trair um de seus irmãos para a sua paz de espírito.

Além disso, quanto menos ele a conhecesse, mais fácil seria ir embora em poucos minutos. Havia uma bondade dentro dela que brilhava muito forte para ele pensar que não iria gozar se ele se permitisse o prazer. Era melhor fazer o trabalho e voltar para a realidade o mais breve possível.

Cain correu através de suas mais recentes batalhas — as que ele tinha lutado ao lado de Gilda e Angus. Suas mortes ainda o perseguiram, mas ele se sentia melhor sabendo que suas memórias viviam dentro dele, como elas agora também faziam dentro de Rory.

Levou apenas alguns minutos para encontrar o que queria — uma escaramuça pequena o suficiente para não assustar ou confundir Rory, mas aquela em que Gilda tinha exercido o seu poder abertamente. Ele queria que Rory visse o que ela se tornaria, e não temesse.

Cain deixou a memória jogar através de sua mente, diminuiu a velocidade para mostrar o fogo derramar da ponta dos dedos de Gilda. Isso consumindo um demônio em questão de segundos. Luz estourou dela, arqueando-se para proteger a cabeça do marido num piscar de olhos antes



de outro demônio descesse das árvores. Suas garras raspavam contra a barreira, levantando faíscas pálidas.

O resto da memória deslizou, e quando a luta acabou, Gilda pôs as mãos em um ser humano ferido e com a marca de três garra escancaradas, curando, fechando no espaço de poucos minutos. As estrias vermelhas de veneno desapareceram de sua pele, e seus olhos se abriram, brilhando com gratidão.

— Uau, soprou Rory. — Isso é estupidamente legal.

Podia ouvir sua voz e seus pensamentos, ao mesmo tempo, e isso parecia... certo. Não queria deixá-la, o que foi suficiente advertência para dizer que quase cruzara a linha.

Cain saiu de sua mente, e no momento em que ele a deixou, a solidão se abriu dentro dele novamente. Algo escuro e aterrorizado expandindo sob sua pele, espalhando-se para roubar seu calor. Isso o deixou tremendo e estranhamente vulnerável.

Ela olhou para ele, seus olhos escuros escancarados. — Isso foi incrível. Você realmente acha que eu posso fazer esse tipo de coisa?

Ele teve que engolir duas vezes antes que ele pudesse falar, e quando o fez, sua voz era áspera e tensa. — Eu sei que você pode.

Suas mãos estavam em seu peito, e ele podia sentir sua Marca da Vida, a imagem viva de uma árvore embutida em sua pele balançando debaixo de sua camisa, em direção ao toque dela. Nunca xingou tanto um pedaço de tecido em sua vida do que ele fez à sua camisa pela sua mera existência.

— Você pode me mostrar mais? — ela perguntou, ânsia levantando em sua voz.

Ele queria. Ele poderia ter felizmente passado o dia inteiro dentro de seus pensamentos, mas isso não estava certo. De fato, tocá-la assim também não era bom.

Cain soltou o rosto dela e tomou-lhe a mão. — Eu preciso fazer algumas chamadas, ter alguns homens na estrada para vir vê-la.



Ela soltou um suspiro relutante. — Yeah. Eu preciso trabalhar, de qualquer maneira.

— Trabalhar?

— Eu tenho que comer, não é?

— O que você faz?

— *Day trader*⁶.

— Você quer dizer como o mercado de ações?

— Yep. Só isso. Eu não sou rica, mas tenho uma vida decente e não tem que ser em torno de ninguém. É chato, mas funciona.

Cain não podia encontrar uma razão para demorar-se, não importa o quanto ele tentasse. — Eu preciso libertá-la agora.

— Eu imaginei. Eu poderia usar um pouco de tempo sozinha mesmo. Eu não estou acostumada a ter alguém por perto por muito tempo, sabe?

— Fique quieta. Esperemos que isso não vá prejudicá-la, agora que não há pessoas ao seu redor. Mas ia machucá-lo como o inferno.

— E você? — ela perguntou.

— Eu vou ficar bem. Enquanto eu continuar respirando, não me toque, ok?

— O que você quer dizer? Existe uma chance de você parar de respirar?

Ele odiava lhe dar preocupação. — Eu vou ficar bem.

Cain sentou-se assim não iria cair e fazer-se de tolo novamente. Aos poucos, com muito cuidado, ele soltou a mão dela. Assim que a ponta de seu dedo saiu dele, a dor bateu nele, torcendo o fôlego de seu corpo. Cada músculo dentro dele ficou apertado e duro, lutando contra a força de tanta agonia. Um rugido feroz estourou fora dele enquanto ele lutava para respirar. Pequenas respirações ofegantes encheram seus pulmões, mas não havia oxigênio suficiente para mantê-lo. As bordas de sua visão desapareceram na névoa cinza. O sofá debaixo dele sacudiu contra o chão.

⁶ refere-se à prática de especulação em títulos na Bolsa de Valores.



Ele tentou recuperar algum tipo de controle, mas era inútil. Ele não podia lutar contra isso. Havia muita agonia para lutar. Então, ele fez a única coisa que ele podia fazer, ele cedeu e deixou a escuridão envolvê-lo.

Rory assustou-se.

Cain estava tremendo como se estivesse tendo uma convulsão, e sua pele tinha ficado branca pastosa. Veias se destacaram em seu pescoço, e o colar que ele usava parecia estar morto. Todas as cores desapareceram, mas pelo menos ela pode ver seu coração batendo na superfície brilhante da banda.

Ela apertou os dedos para não chegar perto dele. Seu corpo grande cravado em seu sofá, até que bateu contra a parede, e então ele ficou quieto.

Seu peito subia e descia rapidamente com a respiração ofegante. Suor pontilhava sua testa, mas ela não se atreveu a tocá-lo o suficiente para tirar a jaqueta de couro, por medo de ela piorar uma situação ruim.

Ela olhou para ele por vários minutos, sofrendo com a indecisão. Ele parecia estar com a pior parte, mas ela ainda podia sentir a sua dor, como se estivesse saindo dele em ondas palpáveis.

Não sabia como ajudá-lo. Ela não era como a mulher que vira em suas memórias. Ela não tinha poder.

E isso a irritou.

Ele disse que o poder seria dela depois que conhecesse o cara mágico certo, e enquanto tudo isso tinha o anel da verdade, ela sentia como se algo estivesse errado. Ele propositalmente havia deixado alguma coisa de fora.

Enquanto Rory tentava descobrir o que essa omissão poderia ser, ocupava-se com o trabalho. Mas não importa o que fizesse para se distrair, seu olhar continuava deslizando de volta para Cain. Ele estava deitado no delicado sofá amarelo de sua avó, estes braços grossos e pernas



penduradas. Ele parecia completamente desconfortável, mas ela não se atreveu a tentar ajustar o seu corpo.

Ela podia ver através de seus olhos de forma intermitente, mas não era tão invasiva como de costume. Seus olhos estavam quase fechados, e a escuridão silenciosa escorrendo dele foi se acalmando. Contanto que ela pudesse ver na escuridão, ela sabia que ele ainda estava vivo.

Minutos passavam lentamente. Ela estava distraída demais para conseguir muito mais. Ela leu e-mails, conversou com um de seus amigos on-line, sem dizer nada sobre os recentes desenvolvimentos gigantescos em sua vida.

A hora do almoço veio e foi, e Cain não fez tanto mais que posições de deslocamento quando ela aquece e comeu uma refeição congelada.

Finalmente, depois de lutar com ela por muito tempo, ela cedeu ante a necessidade de olhar para ele.

Ele realmente era um homem de boa aparência, esculpido a partir de ângulos gritantes e planos duros. Mesmo em seu sono, ela podia ver os sulcos suaves dos músculos ao longo de seu peito, onde o casaco se abriu. Seu cabelo escuro caiu descuidadamente na testa, tentando-a para escová-lo de volta. Uma barba curta sombreava sua mandíbula, mas deu uma boa olhada para ele, fazendo com que o pensamento de barba queimasse mais atraente do que ela jamais imaginou ser possível.

Ela realmente queria tocá-lo. Fez um esforço para resistir, mas tudo foi consumindo sua força de vontade.

Sua Luceria reagira a ela, assim como ele havia dito que faria para aqueles homens que poderiam oferecer-lhe o tipo de poder da mulher que Cain tinha nas memórias. Mesmo agora, simplesmente chegar perto dele, deixar que seus dedos pairassem a um centímetro da sua pele, ela podia sentir o formigamento de energia fora de seu alcance. Quanto mais se aproximava, mais as cores dançavam dentro de seu anel e colar.

Tão bonito.



Rory olhou por um longo tempo até que seus olhos ardiam de não piscar. Ela nunca vira nada parecido antes, e o desejo de colocar esse colar e ver como ele ficaria nela era quase irresistível.

Deveria ter ficado com medo do desconhecido, mas isso simplesmente não estava nela. Como muitas coisas horríveis que ela vira — tanto quanto ela odiava ter monstros assombrando cada movimento dela — ansiava por mais conhecimento. Havia coisas que aprendeu nas últimas horas que nem sabia que existiam. Quanta coisa mais poderia um homem como Cain mostrar a ela?

Ele disse que não era certo para ela, mas nunca disse o motivo. E não era como se ela fosse fazer promessas a um homem em alguns dias. Um teste para ver se ela ainda gostaria de ter acesso a esse tipo de poder. Por tudo o que ela sabia isso poderia machucá-la ou fazê-la coçar incontrolavelmente ou transformar sua pele em cor de laranja.

Tão presa quanto ela estava aqui sozinha, ansiava por novas experiências. E ser capaz de usar magia era definitivamente isso.

Excitação cantarolava através dela, vibrando sob a pele.

Que mal poderia haver em dar-lhe um puxão? Cain parecia um cara decente, só um pouco bárbaro. Ele certamente não a tinha machucado, mas ele teve uma grande oportunidade. Na verdade, ele parecia tão sincero em querer ajudá-la. Certamente ele não se importaria se ela praticasse com ele antes de dar aos outros um test drive.

Manchas de sol deslizaram pelo tapete quando Rory sentou lá na indecisão. O relógio de Nana cronometrava o tique-taque, contando os segundos. O aquecedor ligou e desligou de novo. A máquina de gelo jogou fora outro lote de gelo no freezer.

Seus instintos estavam batendo dentro dela, cantando, *pegue-a, pegue-a*.

Ela queria ouvir. Ela queria saber qual era a sensação de ter o colar bonito perto de sua pele. Ele pertencia a ela. Não tinha certeza de como



sabia disso, mas sabia.

Rory se aproximou e pairou sobre dele. Seu pulso batendo abaixo da banda iridescente, forte e estável. Seu próprio coração bateu duas vezes mais rápido quando se desfez do emaranhado de gargantilhas e correntes no pescoço. Elas pousaram em uma pilha brilhante sobre o tapete, descartadas e esquecidas.

Ajoelhou-se ao lado dele, se aproximando ainda mais. Não podia ver nenhuma trava ou fechamento, de modo que ela usou a ponta da unha para levantá-la com cuidado para que ela pudesse deslizar ao redor, sem tocá-la. No instante em que seus dedos agarraram a superfície escorregadia, ela se soltou na mão.

O calor de seu corpo agarrou-se ao colar, afundando em sua pele. Era suave, pesado. As pontas eram contundentes, como se tivessem sido cortadas. Não estava certa de como ela a prenderia, mas a coisa era movida a magia, e os seus instintos estavam ouvindo.

Rory afastou o cabelo e colocou a banda em torno de seu pescoço. Assim que o fez, as extremidades se fecharam com um estalo audível.

Cain abriu os olhos como se alguém o tivesse apunhalado. Ele se sacudiu ereto, e seu olhar se concentrou em sua garganta. Um olhar de desejo intenso, desesperado cobriu seu rosto, e ele levantou-se em um movimento de fluidez graciosa.

Ele olhou para onde ela se ajoelhou ao lado do sofá. Ele ficou em silêncio e tão grave que ela começou a se perguntar se ela tinha cometido um erro.

— Sinto muito, ela sussurrou.

— É tarde demais para isso, — disse ele, seu olhar feroz e determinado.

Ele tirou a jaqueta e jogou-a de lado. Um segundo depois, a camisa se foi também, e ele estava ali, seu peito nu consumindo cada partícula de sua atenção.



Seu corpo era bonito, provocando uma profunda resposta de lugares primitivos dentro dela, que ela nem sabia que tinha. Espessas camadas de músculos incharam em seu grande peito. Sem suas roupas, ela podia ver que a largura dos ombros não era devido a qualquer tipo de preenchimento ou truques do alfaiate. Era tudo dele.

Ela queria que fosse tudo dela — para deixar as mãos vaguearem sobre ele — detendo-se em cada cume liso e oco. Mesmo pensar em tocá-lo era o suficiente para fazê-la suar as mãos e tremerem.

A tatuagem de árvore gigante cobria o peito, seus galhos nus chegando por cima do ombro. Com cada respiração profunda, os galhos balançaram, fazendo com que parecesse viva. Quem fez isso para ele era um verdadeiro artista.

Como uma mulher em transe, ela pôs-se de pé. Seus dedos apoiados contra a árvore, e ela ficou chocada ao sentir o calor suave de sua pele ao invés de casca de árvore áspera. Ela traçou um ramo, olhando os outros se movem como se estivessem tentando chegar mais perto dela.

Cain respirou fundo e todo o seu corpo estremeceu.

Rory olhou para seu rosto, tentando avaliar sua reação. — Sinto muito. Eu esqueci que eu não deveria tocar em você.

Mas ela não ia parar agora. Sentia-se muito bem com a pele contra sua mão. Calor deslizou por seu braço e rodeou sua garganta onde colocou seu colar. Infiltrou-se nela, fazendo os músculos que estavam tensos por muito tempo se abrirem.

O lânguido, sonolento calor impregnado nela. Parecia a luz solar no inverno — preciosa e bem-vinda, ela nem sequer pensou em questioná-la.

Rory sentiu os músculos deslocarem sob a palma da mão, ouviu o raspar de metal contra metal.

Ele sacou a espada.

Ela deveria ter ficado com medo. Em algum lugar da parte racional do cérebro suas advertências foram saindo, mas ela se sentiu bem demais



para ouvi-las.

Cain moveu a mão de onde ela repousava sobre seu coração e usou a espada para cortar a si mesmo.

O horror de ver seu sangue pingar para baixo de sua pele a sacudiu para fora de seu estupor. — Que diabos você está fazendo?

— Minha vida pela sua, Rory.

— O quê?

— Você levou a minha Luceria. Eu questiono a sabedoria de sua escolha, mas você fez isso. Sem força ou compulsão. Não há como voltar atrás agora.

Capítulo 9

Cain não conseguia pensar direito. A esperança contra a qual estava tentando lutar desde que conheceu Rory vencera. Ela explodiu dentro dele, gritando em comemoração.

Rory tomara sua Luceria. Não entendia por que ela fizera tal coisa, mas o ato foi feito. Sua irresponsabilidade havia recuado a este canto, e Cain sonhara com este momento por muito tempo para controlar sua profunda reação visceral à sua escolha.

Ela estava em pé diante dele, tremendo, representando tudo o que ele sempre quis. Ele queria empurrá-la, para exigir que ela se apressasse e terminasse amarrando-se a ele. Mas já vira o suficiente dela para saber que sua Rory não gostava de ser pressionada.

Esse momento era tão importante para ela como era para ele, e enquanto sua mente ainda estava se recuperando das implicações de seus atos, ele teve que lhe dar espaço para fazer o que ela quisesse.

— Dê-me o seu voto, — disse ele, sua voz tão áspera que mal



reconheceu.

— Não sei o que dizer.

— Não posso te dizer. Tem que ser a sua decisão sozinha. — Porque se ele lhe desse algum conselho, seria egoísta, amarrando-a para si de forma permanente para que tivessem uma eternidade para resolver suas diferenças, fossem elas quais fossem.

— Quanto tempo leva para aprender a usar magia como a daquela mulher que você me mostrou?

— Anos. Décadas.

Ele queria mais tempo do que isso, mas ele tomaria o que ela escolhesse para dar. E ele usaria esse tempo para provar a ela que era digno dela, apesar de suas falhas passadas. Por ela, encontraria uma maneira de ser um homem melhor.

Ela engoliu em seco, e o movimento trouxe seus olhos para a Luceria em torno de sua garganta. Era muito grande para ela ainda. O voto ainda não estava completo e a magia que seria a obrigação deles ainda não invocada.

— Isso é muito tempo.

— Não é verdade. Não quando você vive tanto tempo quanto o que vivemos.

Ele podia ver o flash de ceticismo em seus olhos escuros. Ela ainda não acreditava nele sobre quem e o que ela era, mas ela o faria. Eventualmente, ela iria ver que ele nunca mentiu para ela sobre essas coisas.

Seus lábios se separaram, e Cain prendeu a respiração, tudo dentro dele enrolou apertado em antecipação de seu voto. — Espere. Antes que você diga o que você vai dizer, você precisa saber que o que vem a seguir pode ser assustador. Você terá uma visão... alguma coisa. Eu não sei o que, mas eu não quero que você se assuste com o que você vir. Nada pode prejudicá-la, ok?



Ela assentiu com a cabeça. — Você não precisa se preocupar comigo.

Ele recolheu uma gota de sangue no dedo e tocou no colar.

Ela não entendia ainda, mas ela o faria. Eventualmente, saberia que ele sempre se preocupou com ela, pelo menos por tanto tempo quanto fora possível. Ela era parte dele agora. O resto da cerimônia de ligação era uma formalidade. Uma vital, certamente, mas sua decisão de tomar a sua Luceria foi o catalisador que mudou a forma de sua vida para sempre. Ela tinha dado a ele a esperança de um futuro que seria de outra maneira, triste e desolado, e por isso, ele nunca seria capaz de lhe agradecer o suficiente.

Rory puxou uma respiração profunda. — Eu vou ficar com você o tempo suficiente para encontrar a pessoa ou coisa que eu estive procurando — o que faz com que minhas visões vão embora.

A esperança de Cain murchou e morreu, assim como quando Jackie escolhera Iain. Uma mulher tão determinada quanto Rory iria encontrar seu salvador dentro de algumas semanas. Talvez até mesmo alguns dias.

Ela não salvara sua vida. Ela encontrou uma maneira de acabar com ela mais cedo.

Ele sabia que era melhor deixar de esperar obter o melhor dele, e apesar de suas advertências em contrário, ele deixou-se ser atraído para a fantasia.

Pelo menos ela o poupou de passar seus últimos dias de dor. Ele tentou se consolar com isso, mas não conseguiu encontrar nenhum consolo.

Ele não conseguia esconder sua decepção e tristeza. Ele sabia que ela ia vê-lo em seu rosto, e ele não queria sobrecarregá-la com os seus desejos egoístas.

Cain afastou-se para esconder a sua expressão e um instante depois, uma visão bateu nele.

Ele viu Rory como uma criança, talvez cinco ou seis anos de idade. Seu cabelo fora loiro na época, mas seus olhos escuros e a curva de seu lábio



superior eram inconfundíveis. Ela sentou-se nesta mesma casa, na mesma mesa da sala de jantar ainda empoleirada no mesmo local. Uma mulher idosa — sua Nana — sentou-se com ela, o envelhecimento do corpo se inclinando com a dor e culpa.

- Sua mãe se foi, querida. As drogas a levaram. Ela não vai voltar.
- Mama sempre volta. Ela disse que sim.
- Não desta vez, Rory. Somos só você e eu agora.

E essa declaração provou ser verdade. Cain viu uma série de eventos, e enquanto havia vislumbres fugazes de outros, a única constante ao lado de Rory era sua avó. Ela não foi para a escola com as outras crianças. Brincou sozinha. Quando cresceu, a solidão pendurada nela, pesando-a com tristeza. E depois a tristeza desapareceu e em seu lugar veio raiva, revolta. Seu cabelo mudou de cor. Sua roupa tornou-se reveladora e caótica. Ela perfurou seu nariz, sobrancelha, umbigo. Cada novo piercing trouxe uma carranca mais profunda para o rosto de sua avó.

Então algo aconteceu. As visões desaceleraram para mostrar Rory sentada na mesma mesa, na mesma cadeira onde ela sempre sentou. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, fazendo a maquiagem pesada borrar em riachos negros.

Nana fora embora. Morta. Cain podia sentir a dor de Rory tão claramente como se fosse a sua própria.

Estava realmente sozinha agora.

O tempo acelerou de novo, e várias das perfurações desapareceram. As roupas vagabundas tornaram-se menos reveladoras e mais defensivas. O cabelo colorido permaneceu, mas começou a crescer para o seu loiro natural. Rory trabalhava muito, passava horas e horas em seu computador.

Sua vida era uma sequência de isolamento tranquilo, marcada ocasionalmente por breves viagens à cidade para procurar uma maneira de livrar-se de suas visões.

Finalmente, a história que a Luceria tinha escolhido para mostrar a ele



terminou, mas ele não sabia o que ele deveria tomar a partir disso. O emaranhado confuso de imagens tinha que ter algum significado, mas ele não tinha certeza do que era.

A única coisa que conseguia pensar era que o homem com quem ela deveria estar — a quem ela acabaria por encontrar — teria sabido o que a Luceria estava tentando dizer. O fato de que Cain não pudesse descobrir isso, só fortaleceu sua conclusão de que Rory não fora realmente feita para ser sua. Esta situação em que estavam agora era simplesmente um erro passado da parte dela, que ela iria corrigir assim que ela encontrasse seu verdadeiro parceiro.

Ronan raramente sonhava. Era melhor assim. Mais seguro. Mas hoje, o seu controle habitual sobre essas coisas tinha escorregado enquanto o sol pairava no alto do céu, silenciando seus poderes limitados.

Um sonho o tinha chupado, tecendo em torno dele um desespero sombrio.

Tudo estava escuro, matizado com a derrota impotente. Sua fome o estava consumindo, levando-o para caçar mesmo uma gota de sustento, mas não havia ninguém para ter.

As ruas estavam vazias. Lares humanos sentavam-se vagos e vazios, as portas arrancadas das dobradiças, como um sinal de que os outros haviam passado por ali antes dele. O corpo desperdiçado de Ronan doía quando ele forçou as pernas para se mover.

O fedor da decadência e sujeira pairava no ar, tão espesso que criou uma névoa fria ao redor de seus pés. Ele chupou o calor de sua pele e forçou seu coração cansado a bater mais rápido, restaurando o pouco calor que podia.

Não havia mais pessoas a serem encontradas, não mais sangue. O único sangue que restava era o veneno contaminado fluindo nas veias dos Synestryn.



E de sua própria espécie.

O sonho mudou e Ronan enfrentou seu amigo, Tynan. Eles compartilharam suas vidas por milênios, lado a lado, a caça, o trabalho para garantir a sobrevivência de sua raça, protegendo as mais fortes linhagens humanas.

Seus esforços haviam falhado, e tudo o que restava era cinza, podridão e fome.

Tynan estava tão faminto como Ronan. Sua carne pendurados em seus ossos, solto e vazio. Seu rosto, uma vez bonito, agora era o rosto da morte, tão magro como um esqueleto e queimado com o tom doentio de infecção.

Seus olhos brilhavam, queimados com um brilho fraco de luz. — Um de nós tem que morrer.

Ronan concordou, mesmo o pequeno esforço foi quase demais para ele se manter. Ele tentou dizer a Tynan para tomar seu sangue e acabar com seu sofrimento, mas a besta voraz dentro dele o impulsionou pela fome e o instinto assumiu.

Ronan pulou sobre o seu amigo ao longo da vida e arrancou sua cabeça para trás até o pescoço quase quebrar. A pele de Tynan se separou facilmente para as presas de Ronan. O sangue de seu amigo encheu a boca, fraco demais para fazer mais do que aliviar sua fome rosnando.

O pulso de Tynan diminuiu. Ronan ordenou a seu corpo para parar, mas sua boca continuou se movendo. Ele chupou grandes goles de sangue até que o coração de seu amigo falhou e, finalmente, inevitavelmente, parou.

Ronan segurou o cadáver de Tynan em suas mãos e soube que acabara de matar a última criatura na terra que o amava. Acabara de destruir o último ser que ele alguma vez poderia amar. E agora o mundo não era apenas desprovido de comida, também estava vazio de amizade e amor. Para sempre. A ganância de Ronan destruíra tudo o que era bom, e ao fazê-lo, ele matou a esperança.

Sua fome voltou, pior do que antes. Desta vez, não havia maneira de



apaziguá-la. Morreria de fome. Sozinho.

Ronan acordou, o suor escorrendo por seu corpo. Estava tremendo, seus músculos tão apertados que mal conseguia respirar. A adega da casa Geraí onde dormia parecia fechar em torno dele, sufocando-o.

Ele se forçou a tomar respirações lentas, mesmo enquanto o terror e os tremores passaram.

Esse pesadelo não fora natural. Havia uma mancha de magia maléfica sobre isso — a mancha escura dos Synestryn reconhecida de Ronan somente agora que estava acordado.

Uma mecha de poder pairava nas proximidades, chegando da Terra.

Furioso que alguma criatura ousasse invadir sua mente, Ronan pegou uma mecha e empurrou sua consciência de volta por ela, seguindo-o à sua fonte.

Nas profundezas da terra um Synestryn estava escondido, o envio de tópicos torcidos de poder. Assim que Ronan sentiu os limites fétidos da mente do demônio, ele cambaleou para trás em repulsa. Apodrecido, decadência fedorenta agarrada aos pensamentos da criatura, cada um pulsando com o ritmo destacado do ódio e da vingança. Houve pouco sentido a ser feito de tal caos, mas Ronan podia sentir o poder que este demônio exercia. Ele era mais forte do que a maioria — mais forte do que Ronan jamais poderia esperar dada a escassez dos suprimentos cada vez menores de sangue Atanásio remanescentes no planeta.

O demônio sentiu-o imediatamente e tentou prendê-lo, puxando-o mais para dentro das construções decadentes de sua mente. Ronan evitou a tentativa, mas ele era desajeitado, e o esforço o deixou fraco. Não havia tempo para relaxar e descobrir o que esse demônio havia planejado. Ronan tinha que fugir agora, antes que já não pudesse.

Com um golpe duro de poder, ele empurrou-se para fora da mente do Synestryn. Garras murchas e quentes arranharam em todo o interior do crânio de Ronan, fazendo-o gritar de dor. Ele desembarcou em seu próprio



corpo, ofegante e tremendo. Sua cabeça latejava, e sangue vazava de seu nariz.

Ele estava quase fraco demais para respirar, muito menos se movimentar e limpar o sangue de sua pele. Ele não sabia o quão forte as salvaguardas nesta casa Geraí eram, e se iriam ou não manter o cheiro de seu sangue contido. Mesmo que ele descansasse na escuridão do porão trancado, não havia garantias de que não seria encontrado aqui, logo que o sol se pusesse.

Ronan tentou sentar-se, mas seu corpo se recusava a obedecer seus comandos. Mesmo suas tentativas patéticas para limpar o sangue tinham feito pouco mais do que espalhá-lo em seu rosto. Ele precisava de ajuda, mas todos os seus irmãos estavam dormindo e sofrendo através de sua própria fraqueza à luz do dia.

Ronan sentiu o demônio cutucando as bordas de sua mente, como se procurasse uma maneira de entrar. Ele ficou imóvel, reservando-se cada bocado de força que tinha enquanto se concentrava em manter a criatura longe de invadir seus pensamentos.

Era mais forte do que ele. Ele estava com fome e violento, golpeando-se contra as defesas de Ronan, em um esforço para romper.

Instintos avisaram que se ele baixasse a guarda, sua mente nunca mais seria a mesma. Tocar tal escuridão iria deixar a sua marca, de forma permanente.

Ronan começou a suar sob a tensão de proteger a si mesmo. Ele não conseguia mais sentir o toque doente do demônio, mas isso não significava que ele tinha ido embora. Algum instinto disse a Ronan que ele não estava mais sozinho.

Com lento, doloroso cuidado, ele pegou o celular do bolso e enviou um pedido de ajuda. Por sangue. Se alguém não viesse logo ele não iria sobreviver ao dia, mas pelo menos eles saberiam onde encontrar seu corpo.



Capítulo 10

Rory estava acostumada às visões, mas o que estava vendo agora era muito mais do que isso. Havia sons e cheiros para acompanhar os locais que testemunhava, assim como uma baixa vibração de emoção vinda daqueles que via.

Cain disse para não ter medo, o que era a única coisa que a impedia de entrar em pânico.

Ela estava em um quarto que não reconheceu. Estava escuro, mas de alguma forma, ainda era capaz de ver. Cain estava dormindo em uma grande cama, seu corpo estatelado debaixo de um lençol. Havia muito mais folhas em sua tatuagem então, o que significava que ele deve ter tido algumas removidas.

Algo sobre essa conclusão estava errada, mas ela não perdeu tempo em questioná-la. Não quando ela viu o enorme monstro peludo esgueirando-se em seu tapete.

Rory gritou para ele em advertência, mas ele não fez mais do que uma contração. O monstro se aproximou, movendo-se tão silenciosamente quanto um pensamento. Ela tentou pegar um livro e lançá-lo, mas sua mão passou, lembrando-lhe que tudo isso era uma visão, embora uma visão fodida.

O monstro levantou-se na vertical, em pé com pelo menos dois metros e meio de altura. Ele pulou na cama, cravando suas garras no peito de Cain.

Ele acordou com um berro de dor e raiva. Seu punho bateu no queixo do monstro, mas isso fez bem pouco.

— Sibyl, gritou. — Corra!

A palavra tinha acabado de sair de sua boca quando o demônio o



pegou e jogou-o de cabeça contra uma parede. Ele quicou, bateu no chão e não se mexeu novamente.

Mas o demônio não parou. Cravou as garras no corpo inconsciente de Cain e arremessou-o do outro lado da sala. Sangue pulverizado sobre a cama. A lâmpada caiu e quebrou.

Mais e mais, o demônio atirou-se sobre ele, desacelerando apenas para deslizar sua língua empolada sobre o corpo ensanguentado de Cain antes de cada ataque vicioso. Então, de repente, o focinho do monstro levantou como se tivesse ouvido algo. Ele saiu correndo pela porta, deixando Cain em uma poça de sangue e vidro quebrado.

A coisa toda tomou apenas alguns segundos, e nesse tempo, Rory ficara fria e com náuseas. Ela estivera impotente para parar o demônio, forçada a testemunhar a exibição brutal de violência e poder.

Pessoas correram para o quarto e começaram a trabalhar para curar seus ferimentos. Ela queria ficar e se certificar de que ele estava seguro, mas a visão empurrou-a para fora da sala em uma diferente. Esta era cheia de babados e rosa pastel. A cama, de tamanho infantil, assentava-se sob um dossel perto da janela quebrada. As cobertas estavam fluindo através da abertura irregular como se alguém tivesse arrancado a criança de sua cama.

A boneca de porcelana estava sentada no chão, com os olhos vidrados olhando para o teto. Não havia sinais de luta aqui. Sem sangue. Sem móveis derrubados. Somente a janela quebrada e a cama vazia.

Rory sentiu que havia alguma coisa aqui que ela deveria ver, mas ela não tinha ideia do que era. Seu medo por Cain ainda estava batendo nela, tornando-se difícil se concentrar. Ela sabia que ele estava vivo e bem — ele disse-lhe para não ter medo, mas isso era mais fácil de dizer do que fazer.

Obrigou-se a dar um passo, e depois outro, vasculhando o quarto por qualquer o que fosse que ela precisava ver para que esta maldita visão acabasse. A pequena mesa e cadeiras, o conjunto com um serviço de chá



de porcelana chinesa deixados sem interesse. As estantes estavam aparecendo recheadas de livros e histórias muito adultas para a ocupante deste quarto. Sentada em uma das prateleiras mais baixas, amorosamente enquadrado em prata, havia uma única foto.

Rory inclinou-se para olhar para ela. Cain estava lá, sorrindo tão grande que o seu orgulho paterno brilhava por todo o caminho para seus olhos. Em seu colo estava uma menina loira com os mais bonitos cachos que Rory já vira. Suas bochechas eram redondas e rosadas, e seus olhos azuis eram da mesma cor de um céu de verão sem nuvens. Ela não tinha um sorriso no rosto, apenas um olhar assombrado e solitário, como se alguma pessoa vital estivesse faltando na foto.

Mais uma vez, a visão mudou e Cain estava no mesmo quarto sozinho. O ar aqui era diferente agora. Mais pesado, mais escuro. Tristeza e culpa pairava sobre ele, curvando os ombros com seu peso. Lágrimas pairavam em seus olhos, mas não caíam. Ele fez um lento círculo ao redor da sala, tocando as coisas aqui e ali, como se cada um mostrasse alguma importância ou memória preciosa. Quando ele se deparou com a foto, ele pegou, com as mãos tremendo visivelmente. Ele embalou a imagem com uma espécie de reverência reservada para inestimáveis, coisas insubstituíveis.

Sua dor e sofrimento óbvios enterraram em Rory, enchendo-a com a necessidade de fazê-lo parar. Ele perdeu sua filhinha, mas Rory não conseguia pensar em nenhuma maneira de trazer de volta os mortos. Ela tinha perdido Nana, mas isso era diferente. Nana estava pronta para ir. Ela tinha tido o seu tempo. A menina na foto não poderia ter mais do que oito ou nove anos. Não havia nada de natural sobre sua morte.

Rory se aproximou para envolver os braços ao redor dele, apenas para encontrar-se em pé na sua própria sala de estar, mais uma vez. O sol começou a se pôr, deixando um brilho dourado sobre seus ambientes familiares.



Cain ficou na frente dela, enchendo sua linha de visão. Não havia indícios de fraqueza sobre ele agora somente a sólida, inflexível força que ela viria a reconhecer. Mas agora viu algo que não percebera antes, ou talvez ela simplesmente não tivesse reconhecido. Tristeza pairava sobre ele, sombreando seus olhos. Mais uma vez, o desejo de livrá-lo de sua dor se chocou contra ela, mandando-a em uma pirueta.

Rory não estava acostumada a sentir essas coisas. Ela não tinha estado em torno de pessoas suficientes para sequer saber ver o que os fez estalar, muito menos remendar qualquer dano que tenha sido feito a eles.

Tudo que ela sabia era que o homem que estava à sua frente agora era o mesmo que ela conheceu na noite passada, mas ela não podia mais vê-lo na mesma luz. Ele não era simplesmente um estranho louco que virou sobre suas visões e as fez ir embora. Ele era... real. Ele se machucou, se lamentou, ele sangrou. Cain era um homem de formidável aparência, e que fora fácil para ela assumir que ele não tinha nenhuma fraqueza.

E ainda, ela havia visto exatamente quão aflito e devastado ele poderia estar.

— Você teve uma filha.

O rosto de Cain enrugou por um momento, antes que ele recuperasse a compostura. Tristeza derramava dele, atritando contra a pele dela. Sua voz era baixa, burburinho silencioso, como um trovão distante. — Ela estava sob minha proteção, mas esteve comigo por um longo, longo tempo.

— Mas era apenas uma criança.

Suas palavras saíram lentas e instáveis, como se cada uma tivesse sido arrancada de um lugar lá no fundo, deixando um buraco sangrento e irregular em seu peito. — Sibyl era mais do que uma criança, e conquanto ela não fosse minha por nascimento, era a minha maior alegria. Seus lábios apertados como se ele estivesse tentando conter palavras que ele não queria dizer. — Ela foi amaldiçoada a parecer como uma criança, mesmo



que sua mente não fosse. Seu pequeno tamanho e fraqueza a tornavam vulnerável. Ela precisava de mim. Ele disse essas últimas palavras como se Sibyl lhe houvesse dado algum tipo de presente, como se sua necessidade por Cain fosse algo precioso para ele, ao invés de um fardo, e, agora, essa necessidade foi embora.

Rory lembrou-se da maneira como ele embalou a foto, angústia torcendo suas feições. Tinha havido culpa lá também. Baseado no que ela vira — o ataque demônio, a janela quebrada e vazia, a cama de tamanho infantil, o tormento de Cain e a culpa — ela sabia como a história terminou. — Eu sinto muito que você a perdeu.

— Foi minha culpa. Se eu tivesse sido mais cuidadoso, ela nunca teria saído. Mas eu falhei com ela, e agora ela raramente chama ou escreve.

— Ela está viva? Eu vi a janela quebrada, vi que ela fora embora.

Cain assentiu enquanto ele empurrou um suspiro áspero. — Então é isso o que a Luceria escolheu para mostrar a você, não é? Meu fracasso?

— Fracasso? Dificilmente. Vi um monstro atacá-lo em seu sono. Mesmo agora, a lembrança da visão tinha o poder de fazer os dedos das mãos e pés ficarem frios com o medo.

Sua boca se apertou em frustração. — Na noite em que Sibyl foi levada, eu nem sequer ouvi o Synestryn vindo para ela. Meu único trabalho era o de garantir a segurança dela, e eu falhei. Não é à toa que ela me deixou.

— Tenho certeza que ela vai voltar.

Ele parecia duvidoso. — Ela me deixou por um motivo. Ela cresceu e precisava ir para se tornar a mulher que ela nasceu para ser. Sibyl sempre foi mais esperta do que eu. Ela sabia que se ficasse comigo, eu iria sufocá-la. Depois de séculos ficando presa dentro daquele corpo pequeno e vulnerável, incapaz de cuidar de si mesma, quando ela finalmente cresceu, ela precisava abrir suas asas e voar, ir para algum lugar onde ninguém a tratasse como uma criança.

— Para onde ela foi?



— África. Temos uma fortaleza lá que foi atacada há alguns meses atrás, e ela foi para ajudá-los a reconstruir. E talvez para encontrar um homem que possa dar-lhe o tipo de poder que ela precisa, para provar a si mesma que ela não é mais fraca.

— Você não parece muito feliz com a ideia.

— Eu não gosto da ideia de homens a arranhando, especialmente quando eu não estou lá para forçar o seu bom comportamento.

— É isso que eles vão fazer? Arranhá-la?

Cain deu um ligeiro encolher de ombros. —É injusto da minha parte pensar nessas coisas, mas parece que não consigo evitar. Tudo que posso fazer é tentar não pensar nisso.

Rory não estava exatamente ajudando-o nessa frente. Tempo para uma mudança de assunto, qualquer coisa para livrá-lo da culpa que roubou dos olhos seu brilho habitual. Odiava ver a sua dor, e a ideia de distraí-lo era uma tentação irresistível.

Ele não olhou para ela desde que ela saiu do outro lado dessas visões. Seu olhar passou por ela, concentrando-se na parede atrás dela, ou no chão, como se estivesse envergonhado. Pareceu-lhe que ela perdeu a forma que ele olhou para ela, vendo além do superficial. Parte dela se divertia com ele, mas o resto dela estava assustada que ele ignorasse completamente sua armadura. Sua análise foi geralmente muito intensa, mas agora que ele se foi, ela perdeu sua franqueza.

Rory se afastou dele, colocando alguma distância entre eles. Um flash de alguém queimando um hambúrguer em uma panela empurrou o seu caminho em sua cabeça, chocando-a. Os vizinhos estavam longe demais para ela pegar o que eles viam, e ainda assim a imagem das mãos nodosas da Sra. Wittle era inconfundíveis.

Ela oscilou em estado de choque, segurando o espaldar de uma cadeira de jantar para se firmar.

— Você está bem? Perguntou Cain.



Ele deu um passo em direção a ela, mas ela levantou a mão para segurá-lo. — Tudo bem. Só não estou acostumada a toda esta sucata mágica.

Ele ficou onde estava, mas ela podia senti-lo olhando para ela de novo, vendo-a. Ela tentou não se contorcer, mas não era uma coisa que ela poderia fazer sobre a explosão de calor que formigava em cascatas para baixo de seu corpo em um processo lento, em persistentes carícias.

— Eu sinto muito que você teve que sofrer com a visão. Eu nunca teria lhe pedido para testemunhar essa parte da minha vida. Por que a Luceria escolheu para mostrar é um mistério.

— A Luceria escolheu...? Você faz parecer que a coisa tem uma mente própria. É apenas uma peça de joalheria.

— É muito mais do que isso. Seu olhar permanecia em seu pescoço, e ela viu a menor oscilação de luz de esperança em seus olhos verdes. — Ela tem o poder de mudar vidas, unir as pessoas de forma irrevogável.

— Assim como um anel de casamento, mas ainda é apenas uma peça de joalheria.

Cain deslizou em direção a ela, seu corpo se movendo muito bem para seu tamanho. Ela queria recuar, mas o seu orgulho a prendeu em seu lugar e forçou o queixo para cima para encontrar seu avanço.

— Pode um anel de casamento fazer isso? — ele perguntou.

Um segundo depois, Rory sentiu uma cortina cintilante de energia raiar para baixo de sua garganta, acariciando sua pele. Seus mamilos se contraíram, e um arrepio de prazer sacudiu-a todo o caminho até os ossos. Parecia bom demais, e ela não foi capaz de parar o audível gemido que saiu de seus lábios. Ela cedeu sob o peso de tanta sensação, não se importando se ela caísse no chão em uma pilha malfeita de tremendo prazer.

As mãos de Cain agarraram seus braços para segurá-la na posição vertical. Ela balançou em direção a ele, atraídos por uma força magnética que ela estava fraca demais para resistir. Sua testa atingiu seu peito nu, e



ela jurou que ela podia ouvir o rangido de ramos se deslocando ao longo de sua pele. Ele irradiava calor vivo. Seu perfume encheu sua cabeça, quente e delicioso — familiar, embora ela não pudesse colocar o dedo sobre o que era sobre ele que a fez se sentir como se ela o conhecesse.

Com tanta pele masculina nua à sua disposição, ela teve que resistir à necessidade louca de pressionar os lábios contra o peito. Beijá-lo parecia ser o cúmulo da estupidez, e ainda assim ela não conseguia pensar em outra coisa no momento, não quando todo o seu corpo tremia na esteira de tudo o que ele tinha acabado de fazer.

— O que foi isso? ela finalmente conseguiu perguntar.

— Meu poder, fluindo para você através da Luceria — um pequeno pulso do que significa para mostrar o que está por vir.

Os joelhos de Rory ficaram flácidos, e ela firmou-se, apertando as mãos contra o calor, o peito nu. — Se isso é pequeno, eu não vou sobreviver a qualquer coisa maior.

Sua voz era áspera, profunda, com uma pitada de diversão. — Talvez não no início, mas em breve você vai ser capaz de tomar muito, muito mais. Tanto quanto você precise.

Ela não tinha certeza se ele tinha escolhido as palavras para pintar imagens vivas, excitantes deles dois, os corpos entrelaçados, mas sua imaginação traquina estava correndo selvagem, como uma garota de fraternidade bêbada. — Porque eu preciso dele?

— Para encontrar a pessoa que interrompe suas visões. Isso é o que você quer, não é?

As visões eram a última coisa em sua mente agora. Ela não conseguia pensar direito tão perto de um homem como ele. Ele a deixava muito quente e dolorida para se concentrar simultaneamente, encharcando-a de excitação intoxicante, inebriante. Ela queria coisas que ela não tinha palavras para — coisas que provocaram a vida dentro de seu peito,



pequena e tremendo de possibilidades.

— Sim, ela disse, odiando a insípida e sem fôlego qualidade de sua voz.

— Isso é o que eu quero.

Seu corpo se moveu ligeiramente, o movimento tão suave que mal conseguia senti-lo. Mesmo assim, todo o seu comportamento mudou. Ele segurou-a com mais força, quase a levantando de seus pés. A energia fervente derramando para fora dele, e sua voz saiu baixa, saindo em um sussurro quase inaudível. — Você não tem que encontrar essa pessoa. Poderíamos trabalhar juntos para encontrar uma maneira de bloquear as visões. Com meu poder à sua disposição, não há nada que nós dois não possamos fazer juntos.

Oh, cara. Não é justo. Ele estava intoxicando-a com sua voz sexy, com seu toque, com seu cheiro. Toda a sua presença em volta dela a segurava em cativeiro, fazendo-a ansiar por coisas que ela sabia melhor do que queria.

Ela fora tão solitária desde que Nana tinha morrido. Sua companhia era um alívio da rotina diária, como uma mancha de sol em um infinito mar de névoa fria. Ela queria se aconchegar direito e ter o que ele estava tão ansioso para dar a ela, mas nada tão bom podia ser verdade. Seus olhos faziam promessas que nenhuma pessoa jamais poderia ser suficientemente poderosa para cumprir.

— Mas você disse que eu tinha que fazer minha promessa para você com cuidado. Se eu não encontrar a pessoa que deixa minhas visões, então o que acontece?

Seu dedo traçou o colar que ela usava agora. Ela saltou em resposta ao seu toque, tremendo e murmurando contra sua pele. — Minha Luceria permanece fixa em torno de seu pescoço.

— Por quanto tempo?

— Você sabe a resposta para isso.

Ela sabia. Ela sentiu o conhecimento brilhando dentro de sua mente



— como uma dormente memória esquecida que de repente despertou para a vida. — Para sempre.

Ele balançou a cabeça, sua garganta trabalhando quando ele engoliu em seco.

— Você não me conhece. Não de verdade. Como pode a ideia de nós termos essa conexão estranha, mágica, não lhe assustar? Pelo tanto que me conhece, poderia ser uma assassina em série.

— A Luceria teria me mostrado se tivesse sido verdade. Isso não aconteceu. Eu vi outras coisas, no entanto.

— Você está dizendo que esse colar lhe mostrou algo de minha vida?

— Essa é a forma como ele funciona. Eu mostro o meu. Você me mostra o seu.

Em uma corrida embaraçosamente rápida, sua mente foi para um lugar pouco impertinente, onde os dois estavam nus e apertados o mais perto que duas pessoas poderiam estar. Foi uma coisa boba, imatura para ela imaginar, mas ela não pôde deixar de sentir uma corrida vertiginosa de excitação feminina do mesmo jeito.

— O que você viu? — ela perguntou, olhando para os dedos dos pés, porque ela estava com muito medo de ver as dicas de deboche no rosto.

— Pedacos de sua vida. Sua avó. Seu isolamento. Ele inclinou seu queixo para cima com o dedo. — Não tem que ser assim agora. Você não está mais sozinha.

Lágrimas queimaram seus olhos quando uma onda de emoções indesejadas varreu sobre ela. Ela estava envergonhada de sua fraqueza, envergonhada por sua angústia e a solidão que causou. Mas, principalmente, ela ficou aliviada ao ser capaz de estar tão perto de outra pessoa novamente. Ela não fora capaz de ver através dos olhos de Nana, por algum motivo, e Cain foi, pelo menos quando ela o tocou. Ele a fez se sentir normal, ao invés de se mostrar como a louca fodida que ela realmente era.



Com ele, foi fácil fingir que tudo realmente ia ficar bem, e que sua vida não seria uma luta constante para manter as visões à distância.

E esse era o problema. Com ele era fingir. Não real. Não permanente.

Claro, ele disse palavras bonitas sobre para sempre, mas que não era a maneira como o mundo real funcionava. Mais cedo ou mais tarde ela o enfureceria, ou ele a irritaria e seguiriam caminhos separados. E isso assumindo que ele simplesmente não ficaria entediado. Um homem preparado como ele poderia ter qualquer mulher que quisesse. Cedo ou tarde, a mulher entrava em sua vida e deixaria Rory parecendo uma esponja suja e molhada em comparação.

— Preciso terminar o que comecei, — disse ela. — Vou encontrar a pessoa que faz com que minhas visões irem embora e descobrir como ela faz isso. Hope disse que poderia ser tão simples como encontrar um anel mágico ou algo assim.

Essa pequena centelha de esperança que acendera em seus olhos verdes foi apagada. Ele balançou a cabeça e deixou suas mãos caírem para os lados, deixando uma cunha de ar frio entre eles. — Se você quiser encontrar essa pessoa, então é hora de aprender a usar o meu poder.

— Como é que vai ajudar?

— Porque você pode ser capaz de usar a magia para ajudar na sua busca.

— Sério?

— Realmente. E mesmo se você não puder usá-lo dessa maneira, você precisa aprender a se proteger.

— Eu tenho uma arma. Eu sei como usá-la.

— Isso fará pouco bem contra a maioria dos demônios.

Uma parte de Rory empolgou-se com a ideia de aprender a usar a magia, mas o lado mais razoável dela estava cauteloso. Ter algo tão legal em sua vida e perdê-lo era muito difícil. Ela já perdera muito, e talvez, neste caso, era melhor nunca saber o que ela estava perdendo. — Eu acho que



vou passar as coisas mágicas. Mas obrigado de qualquer maneira.

Sua boca se abriu em silêncio chocado, depois fechou de novo. Suas sobrelhas escuras mergulharam baixas e seu queixo inchou com raiva frustrada. — Você vai passar? Isso não é assim que funciona, Rory.

— Quem disse? Existe algum tipo de manual ou algo que você não compartilhou comigo?

— Claro que não.

— Bom. Então está resolvido.

— Você está dizendo que você preferiria permanecer amarrada a mim por toda a eternidade? Porque é isso que vai acontecer se você não encontrar essa pessoa que você está procurando. Eu lhe disse para dizer o seu voto com cuidado. As palavras que você escolheu vão amarrá-la a mim até que tenha encontrado o que faz com que suas visões vão embora. Suas palavras. Não minhas.

Rory deu um longo passo para trás, precisando de um pouco de espaço para pensar. Cain parecia muito grande, dominando-a com sua mera presença. Ela estava muito consciente dele, e ele estava tomando uma parte do seu cérebro que ela realmente precisava livre para trabalhar em uma cláusula de escape.

As mãos nodosas da Sra. Wittle empurraram o seu caminho de volta para a cabeça de Rory quando ela acrescentou macarrão em uma panela de água fervente.

A casa da velha senhora estava a quase um quilômetro de distância. Rory nunca fora capaz de ver através dos olhos de alguém tão longe antes. E isso a assustava.

A voz de Cain baixa, grave cortou seu medo apenas o suficiente para mantê-la estável. — O que aconteceu? — ele perguntou.

Ela não queria responder a essa pergunta, nem mesmo para si mesma. Se suas visões estivessem piorando, não estava certa do que faria. Não seria mais capaz de dirigir ou ver a tela de seu computador. Como cuidaria



de si mesma se não pudesse ganhar dinheiro ou comprar mantimentos?

Rory engoliu seu medo e jogou a cabeça para trás para olhá-lo nos olhos. Não o deixaria saber que estava com medo. Enfrentou problemas maiores do que este e sobreviveu. Este seria apenas mais um. — Diga-me exatamente o que serei capaz de fazer com toda essa besteira de magia.

Ele estremeceu com suas palavras. — Muitas coisas. Quais são suas habilidades ainda é uma questão, mas as chances são de que você será capaz de se defender, no mínimo.

Rory se lembrou da mulher que Cain mostrara a partir de suas memórias — aquela que havia usado algum tipo de escudo invisível para ficar no caminho de um ataque. — Que tal encontrar pessoas? Como faço para usar a magia para isso?

Cain balançou a cabeça. — Eu não sei. Eu posso por você para conversar com Andra. Ela é uma Theronai e tem a capacidade de encontrar crianças perdidas. Talvez ela pudesse lhe dar algumas dicas.

Ok. Isso era um bom começo. — E quanto a ofensivas? Serei capaz de lançar fogo ao redor como aquela garota que você me mostrou?

— É provável. Você deve aprender a defender-se em primeiro lugar, porém, não acha?

— Chaaatooo. Eu prefiro explodir merda. Se você me mostrar como fazer isso, então nós estamos juntos.

Ele ficou lá por um longo minuto, olhando para ela. — Se é isso o que você quer aprender então farei o meu melhor para lhe mostrar. Lá fora.

— Boa ideia. Se eu perdesse a casa de Nana, não teria para onde ir.

— Isso não é verdade, — disse Cain quando se aproximou, enchendo sua visão. — Você está na família agora, e cuidamos dos nossos.

O pulsar de emoção que apresentou em sua garganta foi completamente inesperado. Ela piscou rapidamente para esconder as lágrimas, sem saber por que a sua simples declaração a pegou tão de surpresa.



Talvez ela estivesse sozinha por muito tempo. Ela não conseguia se lembrar da última vez que passara tanto tempo com alguém — definitivamente não desde que Nana morrera. Mesmo Matt fora muito áspero em seus sentidos para ela ficar perto dele por muito tempo.

— Fico melhor por minha conta, — disse ela, mas a hesitação em sua voz a fez soar como uma mentira petulante.

— É uma pena. Esses dias acabaram.

— Você não tem que me dizer o que fazer.

— Eu não estou tentando. Estou simplesmente apontando um fato. Você e eu estamos unidos agora. Mesmo quando estamos separados, ainda poderei senti-la, ouvi-la se você me chamar.

— Sim, certo. Como?

Ela estava empurrando-o. Até agora ele fora muito descontraído, mas ela podia ver a forma como ela esticou seu controle — do jeito que ela fez as veias em suas têmporas vibrarem, e os tendões de seu pescoço se destacarem. Ela foi áspera com seus nervos, do jeito que ela fazia com todos, mais cedo ou mais tarde.

Ele estendeu a mão para ela, seu movimento tão suave e rápido, que ela nem sequer pensou em se esquivar.

— Assim. — As mãos em concha nos lados de seu rosto, quentes e muito grandes para ela fazer uma oração para escapar. Os calos ásperos ao longo de suas palmas lembraram o quão capaz ele era com a espada, e o quanto mais forte ele era do que ela. Força que estava sob controle agora, mas, se ela continuasse empurrando, ele poderia não se lembrar de ser tão gentil.

Um segundo depois, ela sentiu-o deslizar para dentro de sua mente, e suas preocupações com sua força física se evaporando.

Aquecendo-se na sua presença era como estar nua debaixo de um sol quente, fazendo-a se sentir exposta e acariciada, tudo ao mesmo tempo. Ele era muito intenso para olhar diretamente, e ainda assim ela foi atraída



para ele, querendo se aproximar de seu calor.

— Você pode me sentir? — Ele perguntou, e ela ouviu as palavras ecoando dentro de seus pensamentos.

— É meio difícil não o fazer.

— Não tem que ter medo.

— Eu não tenho, — disse ela automaticamente, mesmo que fosse uma mentira. Tudo isso era tão novo e estranho, ele a apavorando e encantando.

— Você não pode esconder nada de mim desse jeito.

O que a fez se perguntar se isso trabalhava em ambos os sentidos. E se ele estava escondendo o conhecimento que ela precisava para encontrar a cura para suas visões? Ela podia sentir o quanto era importante para ele que ela tenha tomado sua Luceria — que ajudou de alguma forma. E se ele não quisesse que ela a desse de volta?

Rory não tinha certeza de como encontrar a informação, mas assim como o desejo de olhar para ele floresceu em realidade, ela descobriu que buscar através de seus pensamentos era tão fácil quanto pesquisar através de si própria. Claro, as paredes aqui eram diferentes, mais e mais escuras, mas o espaço era basicamente o mesmo. Navegar era intuitivo, como se tivesse estado aqui antes.

— O que você está fazendo? — Perguntou ele.

— Silêncio. Eu estou ocupada.

Ela girou através dos dados em sua cabeça, em busca de conhecimentos de magia e seus usos. Ela encontrou memória após memória das coisas que vira outras mulheres fazerem, assim como alguns homens. A batalha, a cura, a criação de dispositivos mágicos — tudo nadando juntos em um borrão de informações. Ela sentiu as ligações aqui, e talvez algumas ideias que ela poderia tentar, mas como ele disse, não havia conhecimento definitivo de como resolver seu problema.

Quando Rory estava saindo, puxando-se para fora de sua mente, ela



sentiu algo roçar contra ela, tão brilhante com esperança e desejo que quase queimou. Ela não tinha certeza do que era, mas a curiosidade sempre foi uma de suas falhas.

Ela voltou para aquele lugar, buscando a energia furiosa dele. Ela pensou que ela poderia se queimar se ela tocasse novamente, mas em vez disso, ela foi puxada, obrigada a deslizar dentro do pensamento ou da memória ou o que fosse.

Havia um homem aqui, possivelmente, ainda mais bonito do que Logan. Ele injetou algo em Cain que queimava como ácido, mas Cain sentiu só esperança e um sentimento de alegria tão brilhante e frágil como um floco de neve de cristal.

— O que ele fez para você? Você estava doente? quando ela fez as perguntas, ela correu em sua mente em direção à resposta.

Uma mulher bonita estava ali, seus olhos cinzentos cheios de felicidade. Em torno de seu pescoço estava um cintilante, dourada banda — a Luceria como a que Rory usava agora. Esta mulher sorriu para Cain, com a mão espalmada sobre a barriga num gesto de alegria maternal.

Rory tinha pensado que Cain disse que sua filha não era sua por nascimento, mas o sentimento que ela tinha agora era inconfundível. A criança que a mulher carregava era dele.

Enquanto Rory observava, as bordas do pensamento cambalearam, esfarelando. A mão da mulher caiu. Seu sorriso desapareceu. A esperança e a felicidade desta imagem criada murcharam e morreram. E depois, um instante mais tarde, a mulher reapareceu como fora antes, vibrante e brilhante com avidez. O ciclo inteiro jogado fora, mais e mais.

Foi então que Rory percebeu o que era que ela tropeçou. Não era uma lembrança, mas uma espécie de sonho. Um desejo. Esta imagem era algo que Cain queria. Brutalmente.

— Isso não importa agora, — disse ele. — Ela está com outro homem. Um homem bom.



Rory sentiu-o tentando afastá-la, e ela não gostou. — Você queria que ela tivesse o seu bebê. É por isso que você tomou a injeção.

Ele empurrou com mais força, fazendo com que sua cabeça latejasse com a tensão de ficar onde estava.

— Como eu disse, não importa.

Só que importava. Importava muito para ele.

Com um empurrão final de Cain, Rory pousou firmemente de volta dentro de sua própria mente. Seu corpo físico estava tremendo e exausto, como se tivesse acabado de correr uma maratona. Cain estava ofegando com o esforço, com o rosto vermelho e seu corpo tremendo com a tensão.

Suas mãos deslizaram para os ombros, segurando-a firme. — Por que você lutou comigo?

— Por que você tentou empurrar-me para fora? Você foi o único que queria que a coisa do elo mental acontecesse. Não eu.

— Foi um erro deixá-la ver isso. Sinto muito.

Fadiga cavou-se por ela, mas ela se recusou a deixá-lo ver a sua fraqueza. — Toda essa coisa flexão—cerebral é confusa. Todo este material mágico. Navegar na memória.

Seu olhar ficou verde escuro, com suas pupilas expandindo. — Estar em seus pensamentos é fácil. Pacífico.

Oh, merda. Ela não tinha pensado que seria recíproco. — O que você vê?

— Menos do que você, eu imagino.

— Não há segredos profundos e escuros?

— Meu desejo de ter um filho não é um segredo. Eu simplesmente pensei que poderia te assustar.

— Por quê? Não é como se fosse a mim que estava imaginando como mãe do bebê. Então você está ansiando depois por alguma mulher? Eu realmente não me importo.

Só que ela se importava. Ela não tinha motivos para se preocupar, mas



ela gostava de ter a atenção de Cain para si mesma. Claro que, eventualmente, ele ficaria no caminho e a deixaria maluca, mas agora, era bom tê-lo por perto. Não que ela alguma vez lhe diria isso.

Ele a soltou e pegou o casaco nas costas da cadeira onde ela havia deixado. Mais uma vez, ele fechou a mente, deixando-a perguntando-se o que estava acontecendo dentro de sua cabeça.

Com o desejo batendo nela, ela sentiu uma presença vibrante roçar sua mente, como se ela tivesse simplesmente estendido a mão e encontrado. Por um segundo fugaz, ela sentiu um leve toque de algo escuro e triste, mas depois ele foi embora tão rápido quanto veio, deixando-a se perguntando se ela tinha imaginado.

Colocou o casaco sobre os ombros. — Vamos lá. Não há muito tempo, até o anoitecer. Devemos ir lá fora e ver o que você pode fazer.

Rory era muito mais intuitiva do que dera crédito. Ela simplesmente andou direto em seus pensamentos, como se fosse a dona do lugar e encontrara suas mais profundas e mais íntimas fantasias.

Cain queria Jackie para ser sua. Ela ofereceu-lhe uma união, mas as coisas não foram como qualquer um deles antecipara. Jackie terminara com Iain, e a criança que estavam esperando agora era de Iain.

Jackie havia lhe dado algumas horas preciosas de esperança, de sonhar com o que a sua vida poderia ter sido com uma mulher e um filho a valorizar — e a perda de esperança quase o matou.

Ele se recusou a cometer o mesmo erro com Rory. Ela fora muito clara de que a união era para ser temporária. Ele teve que aceitar isso e não ser sugado para algum conto de fadas bonito.

Por que não? Perguntou-se um pouco, parte oculta de si mesmo. Por que não aproveitar a fantasia enquanto ele tinha a chance? Rory o deixaria em breve, e quando o fizesse, suas chances de encontrar outra mulher para



mantê-lo vivo eram mínimas. Ele morreria no final. Por que não aproveitar o passeio, enquanto podia?

A ele fora dado o soro para restaurar sua fertilidade. Tudo o que tinha a fazer era seduzir Rory e deixar a natureza seguir seu curso. Se ele morresse, pelo menos haveria uma chance de que uma parte dele vivesse.

Mas ele realmente poderia usá-la assim? Era esse o tipo de homem que ele era?

Cain não tinha mais certeza. Ao mesmo tempo, teria ficado horrorizado com a ideia, mas muito aconteceu desde então. Sua Marca da Vida ainda não havia sido restaurada. Sua alma ainda estava em perigo. Sibyl fora embora. A cura para a infertilidade de seus homens fora encontrada. E agora aqui estava Rory, tão tentadora e doce.

Ceder seria fácil. Agora que eles estavam ligados, seduzi-la seria simples. Tudo o que tinha a fazer era invadir suas fantasias e descobrir o que ela gostava, o que a excitava.

Mesmo o pensamento de fazê-lo fez seu pau inchar.

— Você vem? — Ela perguntou. Ela estava na porta, olhando por cima dos ombros o trancando com o olhar. Seu cabelo rosa se destacou em contraste brilhante contra o couro preto. Abaixo disso, o jeans se agarrou em um abraço carinhoso em torno de sua bunda e coxas. Ela era arredondada em todos os lugares, fazendo com que suas mãos apertassem com a necessidade de apenas um longo toque persistente.

Oh, sim. Seduzi-la não seria nenhuma dificuldade em tudo. E talvez, apenas talvez, se ele fizesse ela se sentir bem o suficiente, ela pensaria duas vezes antes de trocá-lo uma vez que suas visões tivessem ido embora.

Seu povo precisava dele. Os seres humanos precisavam dele. Era seu dever viver por tanto tempo quanto pudesse para lutar enquanto pudesse e se ele tivesse que amarrar Rory com ele para que isso acontecesse, então quem iria dizer que não era a coisa certa a fazer?

Algo sobre essa linha de pensamento o incomodava, mas ele



empurrou-a para o lado.

— Em um minuto. — Entrou no banheiro para lavar os flocos secos de sangue de seu peito para o ralo. Quando ele puxou a camisa de volta e colocou seu casaco em seus ombros, o início de uma estratégia de sedução ganhou vida.

Rory não teria uma chance.

Capítulo 11

Rory não esperou por Cain para alcançá-la. Ela vira uma infinidade de imagens em sua mente, coisas que outras mulheres poderiam fazer. O conceito básico estava lá, também. Tudo o que tinha a fazer era juntar tudo e fazer as coisas acontecerem.

A Luceria no pescoço cantarolou com entusiasmo. Ela praticamente podia ver o pequeno fio de energia invisível que se estendia entre ela e Cain. Como um fio brilhante de seda de aranha soprada pelo vento, ele vibrou, chamando sua atenção. No final desse fio sentiu um fio de energia. Quase imperceptível e bruxuleante, ela agarrou-o, senti-o enchê-la. Ele empurrou para longe a fadiga, uma vez que passou, sumindo na terra.

Abaixo de seus pés, a grama seca estalava e balançava, dobrando longe dela em um círculo perfeito.

A visão da Sra. Wittle bateu contra ela, mostrando-lhe um prato de espaguete e uma mão retorcida enrolando uma mecha de massas em torno de um garfo. Esta visão foi mais forte do que as anteriores, com duração mais longa e bloqueando a visão de tudo. Normalmente, levava pelo menos uma dúzia de visões sobrepostas umas sobre as outras para cegar Rory, mas normalmente elas não eram tão claras e sólidas, também.

Um momento depois, a visão mudou, até que encontrou-se pela visão



de si mesma, destacando-se em seu quintal, encolhida contra o frio.

Cain. Isso foi o que ele viu, e com base na forma como ela foi crescendo, estava se aproximando.

Sua mão se estabeleceu em seu braço, e seus próprios olhos começaram a chamar os tiros novamente.

— Você está bem? Você só estava ali de pé.

Ela acenou como se fosse sem importância, ao invés de deixá-la assumir o medo crescente. — Só me concentrando.

— Eu senti um puxão em meu poder um segundo atrás. Você entendeu isso rápido.

— Vem de anos de ser autodidata. Não pude exatamente ir para a escola normal com a coisa toda das visões. Muito fácil de enganar.

— Você pode fazer isso de novo?

— Claro.

— Ataque ou defesa?

Ela lhe deu um olhar plano. — O que você acha?

Ele sorriu e apontou para uma moita de mato morto na base do poste do varal. — Tentar atear-lhe fogo.

— Sério? Estamos pulando direto para o fogo?

— Não me diga que você está com medo.

— Claro que não. Não seja idiota. Eu só quis dizer que tem que ter algo antes disso.

— Como o quê?

— Eu não sei. Levitar uma folha ou algo assim.

— Como é que isso vai matar um demônio? Você é a única que foi toda a favor de ir para a ofensiva. Bem, aqui está sua chance para estourar a merda, como você diz.

Ele agarrou seus quadris e virou de frente para o alvo. Ele estava em suas costas, seu corpo contra o dela, todos quentes e duros.

Sim, certo. Concentrar-se agora seria impossível.



— Importa-se de dar um pouco de espaço a uma menina? — ela perguntou.

— Você não precisa de espaço. Você precisa de energia. E eu vou dar a você.

Ele estendeu a mão ao redor de seu corpo, envolvendo sua mão esquerda em torno de seu pescoço. Seu anel iridescente clicando no lugar, travando contra o colar correspondente, e no instante em que o fez, todo o corpo de Rory tornou-se vivo.

Ela podia sentir tudo. O balanço de cada fio cabelo quando o vento o varreu por trás. O roçar quente da respiração de Cain perto de sua orelha. O aperto de pequenos músculos ao longo de sua pele, arrepios a atingindo duramente. O alto-forno de dissipação de calor em suas costas, lutando contra o frio no ar.

Energia pulsava através de seu corpo, fazendo-a inchar e latejar. Uma onda de formigamento de energia se reuniu em sua barriga, enrolando apertado com um propósito silencioso.

Cain levantou a mão para o pequeno grupo de ervas daninhas. — Meu poder é seu agora. Diga-lhe o que fazer. Obrigue-o a obedecer.

Suas palavras a fizeram se sentir poderosa, enchendo-a com confiança. Ela poderia fazer isso. Neste momento, ela sentiu como se pudesse fazer qualquer coisa.

Um raio brilhante de faíscas atirou de sua mão, acendendo as ervas daninha em um flash de chamas e fumaça. Um sentimento vertiginoso de euforia explodiu em seu peito, gritando vitória. Isso a empurrou para fora do chão, em um salto animado só para descobrir que, quando ela aterrissou, seus joelhos já não funcionavam.

Cain pegou-a pela cintura e puxou-a de volta contra o seu peito sólido. Ela podia sentir seu coração batendo lento e constante, enquanto que o pequeno órgão frenético no peito tentou vibrar à distância.

— Você fez isso, — disse ele. O ronco baixo afundou dentro dela,



aliviando algumas das corridas de nervosismo frenético através dela.

— Eu fiz isso. — Suas palavras saíram em ofegos cansados, humilhando-a.

— Está tudo bem, — disse a ela, como se sentindo sua ansiedade. — É suposto ser cansativo em primeiro lugar.

— Eu não sou uma fracote miserável. E para provar isso, ela forçou as pernas para tomar seu peso e descobrir outro alvo, desta vez, a poucos metros mais longe.

— Você não tem que fazer isso.

Ela tinha. Ela tinha que ter certeza que a primeira vez não foi apenas um acaso.

Rory aspirou profundamente. As mãos de Cain estavam em sua cintura, como se esperasse que ela caísse. Sem seu anel a tocá-la na Luceria, era mais difícil de tocar em seu poder. Ela podia senti-lo lá, brilhando como um mar distante, mas não conseguia alcançá-lo.

— Concentre-se na Luceria. Sua voz profunda ressoou dentro dela. Ela podia senti-lo o tempo todo de costas, distraindo-a por um momento.

Rory focou. Ela estava atenta a si mesma na a pele que ficava logo abaixo da banda. Parecia quente e zumbindo, como se excitada.

— Chegue através dela, — disse ele. — Encontre a fita estreita que nos conecta.

Ela a encontrou. Ela não tinha certeza de como, mas ela praticamente podia vê-la, e ela estava brilhando como o filamento de uma lâmpada. Mas, em vez de queimá-la quando ela a tocou, a fita saltou e fervia com antecipação.

— Só isso. A boca de Cain estava perto de sua orelha agora. Seus lábios roçaram sua pele, torcendo um arrepio nela. — Você tem isso. Agora puxe essa fita. Puxe-a para si mesma.

Sim. Isso era o que ela queria fazer — deixar que ele se tornar-se uma parte dela, deixá-lo enchê-la.



Seus instintos assumiram, e Rory não precisava de mais instruções. Ela puxou esse fio de energia em seu corpo. Ele aqueceu a pele e aumentou seus sentidos. Ela podia sentir o cheiro de Cain, tão quente e delicioso. Ela podia sentir seu corpo embalando o dela em um abraço protetor. Ela podia ouvir a batida do seu coração, no tempo, com o seu próprio. Como o poder dentro dela crescendo, ela reconheceu a força e intensidade de Cain brilhando. Era uma parte dele, e agora era uma parte dela.

Ela não queria deixá-lo ir. Ela queria ficar com isso para sempre para que pudesse mantê-la aquecida.

— Você tem que deixá-la ir, — disse ele, como se tivesse visto sua intenção. — É perigoso para você tentar se segurar.

— Eu gosto disso. Eu quero isso. Ela não se importou se ela soou petulante. Ela tinha que fazê-lo entender que ela precisava disso.

Seu tom era calmo, reconfortante. — Eu vou dar-lhe mais. O que você quiser. Apenas deixe ir.

A bobina de energia dentro dela continuou a crescer, engrossando enquanto puxava mais para si mesma. E à medida que crescia, começou a empurrar seu interior, fazendo-a se sentir muito cheia.

— Deixe-a ir, Rory.

Ele estava certo. Isso era demais. Não poderia prendê-lo de todo, não importa o quanto quisesse.

Ela tentou levantar a mão como fizera antes, mas não conseguia se mexer. Seus braços estavam muito pesados, muito fracos.

Cain sussurrou palavras suaves em toda a sua mente. Ele estava ali com ela, segurando seu corpo e sua mente. Ela não sabia como isso poderia ser, mas ela não tinha forças para perguntar. Simplesmente o aceitou como um mistério mais estranho para adicionar à pilha.

Seus dedos em volta de seu pulso, segurando-a com cuidado, como se fosse quebrar. — Eu tenho você. Deixo-a ir.

Rory fez. Ela empurrou para fora da bobina gigante de poder que



recolhera, deixando brotar em seu alvo. Calor queimou seu rosto como uma bolha de fogo e explodiu como uma melancia cheia de explosivos. Ervas daninha e sujeira vomitadas em um gêiser. Quando o flash de luz se apagou, ela podia ver uma pequena cratera deixada cavada no chão frio. Pequenos incêndios cercavam a área com ervas daninha queimadas.

Uma sensação de euforia a encheu, apenas para ser arrastada pelo peso extenuante da fadiga. Suas pernas pareciam evaporar, mas o controle de Cain sobre seu corpo firmou-a.

Sem esse poder dentro brilhante, ela se sentiu fria e vazia, como se algo vital estivesse faltando. Por um momento, pensou em puxar um pouco em si mesma, mas ela não tinha certeza de quão habilidosa era. Controle nunca fora um de seus pontos fortes, e se fosse sugada de volta para o alto? Não achava que fosse forte o suficiente para mais uma rodada de mágica direta agora.

— Você fez bem, — disse Cain. — Assim que você recuperar o fôlego, vamos tentar outra coisa — talvez algo no lado defensivo.

Rory não tinha certeza de quanto mais ela poderia fazer em um dia, mas ela que se danasse se ela ia deixá-lo saber disso. Se as mulheres em suas memórias poderiam lançar magia durante todo o dia, ela também podia.

Logo depois, ela encontrou forças para suportar seu próprio peso novamente.

Ele abaixou-a no chão, colocando-a em seu colo. Ela teria reclamado, mas o fato foi que ele fez uma grande cadeira — tudo quente e perfumada como suas fantasias mais escuras. Ela inclinou-se contra seu braço, deixando-o manter o frio da terra longe de sua bunda.

— Quanto tempo demora para eu ficar boa nisso?

— Depende, — disse ele. — Cada mulher é diferente. Algumas o dominam mais rápido do que as outras. Algumas lutam com certas coisas. Não há nenhuma maneira de saber até que você tente.



O céu ainda estava brilhante quando o sol de fim de tarde tentou romper as nuvens que pairavam acima nas faixas cinzentas. O vento empurrou-os ao longo de um ritmo rápido, dando a Rory um toque de vertigem. Ela fechou os olhos para bloquear a visão, mas só a fez muito mais consciente de quão confortável ela estava com Cain.

Ela não o conhecia o suficiente para estar tão confortável com ele, e ainda parte dela sentia como se o tivesse conhecido desde sempre, provavelmente algum subproduto de estar dentro de sua cabeça ou de tê-lo na sua.

Quando sua respiração se estabilizou, ela começou a se sentir mais como ela mesma novamente. Mais controlada e menos exausta. Ela abriu os olhos para que ela pudesse olhar para Cain e dizer-lhe que ela estava pronta para tentar novamente, mas suas palavras morreram em seus lábios quando ela o avistou.

Ele estava olhando para ela, mas era mais do que um simples olhar. Havia algo predatório em seus olhos, algum tipo de intenção em silêncio, como se tivesse tomado uma decisão que a envolvesse. Algo importante. Desejo escureceu os olhos e permaneceu ao redor de sua boca. Seus lábios se separaram e todo o seu corpo mudou com cada uma de suas respirações.

Ela não notara antes, mas havia uma leve cicatriz dividindo o cabelo logo acima de sua têmpora esquerda. Ela o assistiu atirando-se para o caminho do perigo antes, mas ver a cicatriz deu-lhe um senso de medo, lembrando-lhe que ele poderia se machucar também. Ele não era tão invencível como parecia.

Por um momento ridículo, ela queria protegê-lo — ficar ao seu lado e explodir os demônios antes que eles pudessem deitar uma garra sobre ele. Sua proteção a um homem como ele era uma ideia tão absurda, que ela tinha certeza que era uma prova de que ela realmente precisava de uma verificação da realidade.



Seu dedo traçou sobre a testa e pelo seu rosto. Ele veio para descansar em sua garganta, onde sua Luceria estava perto de sua pele. Enquanto acariciava a banda, ela jurou que podia sentir o seu toque correndo ao longo de sua coluna vertebral, bem como, puxando outro arrepio dela.

— Combina com você.

— Seu colar?

Seu olhar bateu nela de novo, e desta vez, a fome masculina escura era muito mais brilhante. — Meu poder. Você gosta de tê-lo dentro de você. Isso faz você se sentir bem.

Ela não podia negar isso. Na verdade, ela estava doendo por mais agora, mesmo tão exausta quanto ela estava. — Não é suposto ser assim?

— Oh, não. É perfeito. Eu simplesmente não esperava isso. Eu pensei que você ia resistir me usando — que a faria sentir-se mais fraca de alguma forma.

Ela tentou não bufar em diversão, mas não pôde evitá-lo. — Sim, porque eu sou tão difícil relaxar no seu colo assim, tremendo e muito frágil para suportar. Além disso, é apenas temporário. Se eu tiver que usá-lo por alguns dias, a fim de parar essas visões, então isso é apenas um golpe que meu orgulho vai ter que suportar.

Seu sorriso vacilou, e sua mão cobriu seu pescoço, deslocada na largura. A joia mágica ligada de novo, e ela foi inundada por uma onda de energia, como se ela tivesse acabado de injetar-se alguns Red Bull.

— Melhor? — ele perguntou.

Era mais do que simplesmente melhor. Formigamentos de luz e calor espalharam-se através de seus membros. A fadiga sumiu. Ela se sentiu flutuante. Ela jurou seu corpo ainda levantou uma polegada de seu colo.

Cain abraçou-a, alimentando mais poder nela até que ela não achava que ela podia segurar mais.

— Pare. É demais.

O fluxo de energia foi interrompido, e a mão de Caim deslizou para



descansar acima dos seios. Seu casaco estava aberto na frente, dando-lhe nenhum isolamento do calor do seu toque. Seus dedos bateram na carne nua, deslizando em pequenos círculos como se ele gostasse da textura de sua pele.

Os mamilos de Rory apertados até os seios doíam. Ela deveria ter movido a sua mão de cima dela, mas se sentia muito bem. Cada um de seus dedos estava emitindo pequenas flâmulas felizes que teciam através dela, tornando-a estúpida.

Ela não deixava que os homens que mal conhecia a tocassem assim, e ainda se ele tentasse mover a mão, ela o teria agarrado e colocado de volta onde pertencia, logo acima do coração.

Um desejo louco de beijá-lo desfraldava em seu peito. Ele tinha uma boa boca, e enquanto ela observava, um sorriso maroto levantou os cantos.

— Você está na minha cabeça, não é?

— Talvez um pouco. Eu só queria ajudá-la a canalizar minha energia, mas eu descobri que gosto de ficar vendo o que te faz vibrar.

Não havia calor em suas palavras, apesar de sua intenção de repreendê-lo. — É uma invasão de privacidade.

— Para um ser humano, talvez. Para a nossa espécie, é assim que as coisas são destinadas a ser.

Reviravolta para o jogo justo. Se ele ia ser intrometido, ela poderia ser também. Ela não tinha certeza de como tudo isso funcionava, mas seus instintos tinham sido muito bons até este ponto, então ela seguiu.

— Então você não vai se importar se eu — Falar tornou-se impossível, quando ela conseguiu sua tarefa, afundando-se em seus pensamentos, atingindo um muro de necessidade tão forte que ela tinha certeza que ela ia quebrar em cima dele.

Desejo, potente e fervilhante, cozidos abaixo de sua superfície calma. Ele escondeu bem, mas agora que ela estava de frente para ele, ela não



tinha certeza de como isso fora possível.

Imagens dos dois juntos rodaram através de sua mente, provocando-a, enquanto dançavam ao redor. Sombras esconderam seus corpos, mas a ação foi clara. Ele a queria, e a ideia era tão chocante, que ela achou difícil respirar.

Ela era mais bonita através de seus olhos, com um tipo sensual de sex appeal ⁷ que ela nunca vira antes em si mesma. Ela era uma idiota, e não algum tipo de deusa exótica do jeito que ele parecia pensar. Seus olhos não eram quase tão grandes, sua pele nem mesmo tão luminosa. Tanto quanto ela gostava da maneira como ele a viu, não era real. Não era verdade.

Enquanto ela observava as fantasias de Caim, seu corpo começou a esquentar, e um rubor espalhar-se sobre sua pele. Sentiu suas roupas muito pequenas. A dor de um vazio, carente se consolidou em sua barriga quando cada parte feminina dela se animou em interesse.

Sua visão se auto inclinou para beijá-la no pescoço, e ela jurou que podia sentir o pincel macio de sua boca sobre a sua verdadeira garganta — que não era tão longa e elegante como esta falsa Rory. Mas falsa ou não, observando sua cabeça escura trabalhar seu caminho para baixo quando ele beijou sua pele em camadas muito luminosas era inebriante. Tentador.

Um momento depois, as imagens encantadoras desapareceram, e ela se viu sendo empurrada para longe de sua mente. Ela lutou, mas estava muito fraca para arremessar magia ao redor para lutar com ele.

— Você não deveria ver isso, — disse ele.

— Oh, eu vejo como é. Você começa a invadir minha cabeça, mas a sua é fora dos limites?

— Não, mas não há nenhum ponto em submeter-lhe a minha falta de controle. Não é?

A falta de controle? Isso é o que ele pensava que era?

Sua voz estava um pouco sem fôlego, com a boca seca do que ela vira.

⁷ Charme, sensualidade.



— O que é que isso quer dizer?

— Uma vez que você encontre o seu salvador, vamos por caminhos diferentes — em poucos dias, talvez algumas semanas. Seu braço deslocou-se. Com os músculos endurecidos em suas costas, ela se elevou para mais perto dele. Quase perto o suficiente para chegar à sua boca. — As coisas que eu quero fazer com você vão demorar muito mais tempo do que isso. Por que provar algo raro, se você sabe que só vai querer mais?

Oh. Bem. Ela não tinha pensado nisso bem assim. Ela abriu a boca para responder, mas nem um único pensamento coerente lhe veio à mente. Ele roubou cada um deles com a forma como os seus olhos pousaram em sua boca como se morrendo por um gosto.

O baixo, tremendo calor em seu ventre era a favor de dar-lhe um puxão. Por quanto tempo ela pudesse tê-lo. — Você pode não gostar de mim, tanto quanto você pensa.

— Ou talvez eu gostasse ainda mais de você. Não estive com ninguém em um longo, longo tempo. Pode levar um tempo para tirar o meu celibato prolongado para fora do meu sistema.

Isso soou como o mais delicioso dos desafios para ela. — Ok.

— É uma oferta, Rory?

Ela queria que fosse — ela queria sentir apenas uma fração do que esses pensamentos impertinentes a fizeram sentir — mas a enorme defasagem entre seu cérebro e sua boca estava causando problemas. Tudo o que saiu foi um guincho evasivo.

Com a cabeça inclinada sobre a dela, seus lábios a apenas um centímetro de sua boca. E então ele parou. — Eu não poderia atrasá-la assim, — disse ele. — Você tem que encontrar o seu salvador. Nós provavelmente devemos ir.

Um segundo depois, sua boca havia desaparecido e sua expressão quente congelou, como se eles simplesmente não tivessem falado sobre o fim de seu celibato prolongado. Com ela.



As calças de Cain vibraram, e ela percebeu que seu telefone estava tocando. Por um segundo, ela pensou que era um novo tipo de magia que pretendia roubar suas últimas células cerebrais remanescentes. Tudo estava tão confuso, que não esperava algo tão simples como um telefone celular.

Cain respondeu à chamada. Rory queria afastar-se dele e lhe dar um pouco de privacidade, mas as pernas não estavam cooperando. As imagens sensuais, assim como brincar com a magia a deixaram abalada e seus joelhos demasiado fracos para ir para um passeio.

Ela ouviu a voz abafada de outro homem na linha. O corpo de Cain se endireitou, e ele mudou de relaxado para alerta vermelho em segundos. —Eu posso estar lá pelo anoitecer... Não, é a minha dívida para pagar. Eu fiz uma promessa.

O outro homem falou de novo, brevemente, e então Cain desligou. — Eu tenho que ir. É uma emergência.

Ela não queria que ele sáísse o que era ridículo. Algumas horas atrás, ela não queria sequer que ele soubesse onde ela morava, e agora ela estava tendo um festival de excitação sobre isso?

Aparentemente, toda essa porcaria mágica causava danos cerebrais.

Rory colocou um ar de indiferença. Ela se recusava a deixá-lo saber tudo o que a afetou — a deixando ou não. — Não tem problema. Eu vou chamar um táxi para me levar até a cidade para pegar meu carro. Você pode me ligar se você quiser me encontrar mais tarde.

Ele não moveu um músculo, e ele ainda parecia maior, mais assustador. Seus braços em suas costas apertados, e ela podia sentir seus dedos curvados em seu quadril. —Se? Você claramente ainda não entendeu a situação entre nós.

— É meio difícil de entender alguma coisa quando ninguém está se incomodando em explicar isso para mim.

Cain deu um longo suspiro e o deixou sair lentamente. Seu peito



expandido para proporções monumentais, e Rory não podia ajudar, mas queria afundar os dedos e apenas sentir todos aqueles músculos flexionarem-se sob sua pele.

Tão gostoso. Mas ela não era quase mulher o suficiente para comê-lo. De jeito nenhum. Um homem como ele era demais para ela lidar. Ela esteve com apenas um par de caras, e os dois eram como crianças, em comparação — todos pequenos e pegajosos. Ela não era uma mulher forte o suficiente para suportar o tipo de amante que Cain seria — especialmente depois de um longo tempo de abstinência.

Apesar de como ele conseguira ficar mais de uma semana sem alguma mulher o atacando era um mistério.

— Você está certa, — disse ele. — Eu deveria ser mais paciente com você.

Se ele fosse mais paciente, sua calcinha queimaria. — Apenas me diga o que está acontecendo.

— Preciso sair agora — alguém está em perigo. Eu gostaria muito se você viesse comigo.

Ele gostaria? Uma pequena parte feminina sua fez uma pequena dança vertiginosa. — Por quê?

— Porque você estará segura ao meu lado.

Algumas das vertigens perderam seu brilho, esvaziando-a. — Eu posso cuidar de mim mesma.

— Eu não estou sugerindo que você é fraca, mas tem que admitir que ser capaz de ficar por sua própria conta tem suas desvantagens. Especialmente se os demônios a encontrarem. E se eu for embora, você não tem carro, não há como escapar, se você precisar.

Isso soou como uma fórmula perfeita para um dia ruim.

Rory empurrou-se a seus pés e se afastou bem fora de seu alcance. Talvez se ela colocasse mais distância entre eles, seu cérebro começaria a funcionar direito novamente.



Suas pernas tremiam, mas seguraram-na, que era tudo o que ela estava pedindo agora.

Ela achou que já que não o estava mais tocando, seu cérebro normalmente adequado, começaria a funcionar direito novamente. Em vez disso, ela foi capaz de vê-lo melhor a partir desta distância, o que lhe deu uma vantagem injusta.

Ela fechou os olhos para bloquear a vista, e mãos nodosas da Sra. Wittle apareceram do nada quando ela mergulhou um saco de chá em água quente.

Talvez sair daqui fosse uma boa ideia. Ela poderia ter seu carro de volta e as coisas poderiam voltar ao normal. Ter visões em casa era muito estranho para ela lidar. Pelo menos quando ela deixar sua casa, ela deverá ser invadida pelas visões. Tendo isso acontecendo aqui também era. . . invasivo.

— Tudo bem, — disse ela. — Vamos lá. Mas, no caminho, você vai me contar tudo o que sabe sobre a forma como todo este material mágico funciona.

— Tudo o que você quiser saber. Tudo que você precisa fazer é pedir.

— Vamos começar com onde estamos indo.

Caim levantou-se em um belo movimento suave e afastou a grama morta de seus jeans. — Salvar a vida de um vampiro.

Capítulo 12

Cain dirigiu tão rápido quanto ousou. Estava correndo contra o sol, e se não o fizesse para Ronan antes de escurecer, era provável que o Sanguinar não sobrevivesse.

Cain prometeu a Logan dar seu sangue a Ronan, o que o empurrava a



se apressar, preenchendo o fundo de sua mente com um sentimento ardente de urgência. Ao lado dele, Rory recarregava a arma.

— Quão longe está seu amigo vampiro? — ela perguntou.

Ele olhou no espelho retrovisor, ao sol poente agora tocando o horizonte. — Muito longe, eu temo.

— Pare com as respostas vagas. Seja específico.

Se específico era o que ela queria, ele iria dar a ela — qualquer coisa para mantê-la ao seu lado, onde ele poderia garantir sua segurança. Seus planos para a sedução, a sua jogada dura para conseguir, estava trabalhando em sua mal-humorada Rory, exatamente como ele esperava. Talvez fosse desonesto ele usar sua própria teimosia contra ela, mas a sua vida estava em jogo. Ele descobriu que não podia ajudar a si mesmo. E mesmo se não fosse o prêmio de sentir seu corpo deslizar nu contra o seu era mais do que suficiente para compeli-lo.

Cain limpou a garganta e tentou não soar como se seu pênis estivesse tão duro que doía. — Ronan está deitado no porão de uma casa Gerai cerca de vinte quilômetros daqui. Ele está fraco demais para se mover, e ele está sangrando, o que significa que uma vez que o sol se ponha —

— Os demônios vão vir para comê-lo. Entendi. Ela colocou a arma em sua bolsa. — O que é uma casa Gerai?

— Humanos sangue puro — aqueles que são descendentes de uma antiga e mágica raça — às vezes concordam em ajudar aos Sentinelas. Uma das coisas que eles fazem é manter casas abastecidas com alimentos e suprimentos e garantir que tenhamos lugares para ir quando precisamos descansar ou curar.

— Como casas seguras.

— Exatamente.

Ela ficou em silêncio por um momento, e levou a Cain uma boa dose de força de vontade para manter-se longe de alcançá-la através do link criado pela Luceria a fim de ver o que ela estava pensando. Eventualmente,



ela pode recebê-lo em sua cabeça, mas Rory não era a mulher mais confiante que ele já conheceu. E ela estava armada.

— Você sabe, se você tivesse me dito ontem à noite que eu estaria indo em uma missão de resgate com um guerreiro de espada em punho para salvar um vampiro, eu não teria acreditado.

— E agora?

— Completamente plausível. Que loucura é essa?

— Outro dia de trabalho para mim. Para nós, ele queria dizer, mas segurou a língua. Ela deixou claro quais eram seus limites, e o aviso de Hope não se perdeu nele. Empurre-a e ela vai empurrar para trás. Duro.

Ele não queria isso. Na verdade, o que ele queria era estar de volta onde eles tinham estado um pouco atrás, com as mãos em seu peito e seus lábios perto o suficiente para tocar. Se ela tivesse tanto como olhar para baixo no momento, ela teria visto o quanto ela o afetou — como a mera ideia de seus lábios em sua pele fazia o duro como uma rocha.

Mas ela não tinha olhado para baixo, e ela estava levando a sua missão de resgate, como ela dizia, no tranco.

Rory era certamente uma criatura adaptável. Ela rolou com os socos, o que era algo que ele tinha certeza de que iria servi-la bem nos próximos dias. Talvez mais cedo.

Seu corpo se apertou, e ele podia sentir um surto de frustração escorrendo pela Luceria. Esse sentimento tinha vindo dela, mas Cain absorveu-o e deixou-o tornar-se parte dele, maravilhado com a forma como a sua ligação estava crescendo tão rápido tão cedo. — O que há de errado?

Ela se ajeitou na cadeira e alisou o cabelo rosa atrás das orelhas. — Apenas um pouco de canal mental, navegação. Nada para se preocupar.

— Nós não estamos perto de quaisquer áreas povoadas. Na verdade, eles foram ainda mais longe do que a sua casa estava, ainda mais isolados. Não havia tráfego ao redor, ninguém à vista.



— Yeah. Normalmente, isso não é um problema. Pena que muito ruim normalmente não está no menu ultimamente. Sua voz foi cortada com irritação, mas isso não o incomodava tanto quanto o pequeno tremor de medo que sentiu escorrer para fora dela.

— Fale comigo. Diga-me o que está acontecendo. Talvez eu possa ajudar.

— Eu provavelmente sou apenas cansada. Eu meio que estou sentindo falta de conseguir dormir na noite passada.

Sua necessidade o atingiu duro quando ele percebeu que estivera negligenciando seu dever de zelar por sua saúde. Não que ele pudesse simplesmente dizer a para ir para a cama como uma criança. Ela teria mais chances de matá-lo que ela teria ao obedecer a uma ordem sua, não importa o quanto ela concordasse com ele. Ela era a mulher mais contrária que já conheceu, e ainda assim isso só fazia muito mais interessante para ele.

Então, ao invés de arriscar uma bala, ele manteve sua boca fechada sobre sua necessidade de tirar um cochilo. Mais tarde, quando o perigo para Ronan acabasse, então ele providenciaria que ela descansasse. Havia várias maneiras que ele poderia usar para sair, algumas delas mais atraente do que as outras.

— É mais do que isso, — disse ele, mantendo seu desejo claro de sua voz. — Você está com medo.

Sua coluna ficou rígida, e seu tom pingava com indignação. — Estamos indo ao encontro um vampiro. A maioria das pessoas sãs estaria um pouco apreensiva quanto a isso, você não acha?

Ele lançou um olhar rápido em sua direção. Sua pele estava pálida, e ele podia ver um fino tremor em seus dedos enquanto brincava com a alça de sua bolsa. Não importa o quão indignada ela parecia, ela não poderia enganá-lo. — As visões estão cada vez pior, não estão?

— Sim, — ela sussurrou como se dizendo muito alto tornaria a situação



pior. — Eu tive alguma delas em casa, também. Isso nunca aconteceu antes, pelo menos não com os meus vizinhos. Eles estão muito longe. Ou estavam.

Mas não mais. —Tente manter a calma, ok? O que está acontecendo é provavelmente apenas um problema temporário causado por você estar levando minha Luceria. Você poderia estar inadvertidamente usando meu poder de amplificar sua capacidade.

Sarcasmo aguçando seu tom. — Certo. Porque eu sei muito sobre tudo essa besteira mágica. Eu não sei nem por onde começar a usar o seu poder para amplificar qualquer coisa.

— Você sabe mais do que você pensa. Caso contrário, como você teria conseguido a minha Luceria? Eu nem sequer disse-lhe que era possível. Você simplesmente sabia.

— Isso foi diferente. Eu vi e quis. Era uma coisa impulsiva e egoísta de fazer, e olha onde isso me levou.

Cain cobriu a mão dela com a sua, desejando que ele soubesse como aliviar sua frustração. Ele não tinha estado em torno de um grande número de pessoas nos últimos séculos. A maior parte do tempo foi gasto com Sibyl, e Rory não era nada como Sibyl. Rory era mais feroz, mais independente. Ele não sabia o que dizer para fazê-la se sentir melhor, não importa o quão alto a necessidade de aliviar o seu interior clamasse nele.

— Vai ficar tudo bem, — disse ela, estremecendo com a inadequação manca de suas palavras.

Ela estava ainda sob sua mão. Até mesmo seu tremor se acalmou. — Como você faz isso?

— O quê?

— Sempre que você me toca, as visões vão embora.

— Não é algo que eu estou fazendo de propósito.

Sua cabeça cor-de-rosa caiu para trás contra o assento em frustração.

— Eu não suponho que você tem alguma mágica de bloqueio de visão



escondido no anel em algum lugar, não é?

— Sinto muito.

— Está tudo bem. Eu vou sobreviver. Eu sempre faço.

Havia algo mais em suas palavras do que o que estava na superfície. Cain sentiu uma vibração irregular de medo zumbido através de seu link. Com ele veio uma enxurrada caótica de imagens de água escura e terror. Eles foram embora antes que ele pudesse piscar, mas os restos gordurosos de seu medo permaneceram.

Ele queria se aprofundar e buscar a fonte desse medo, mas não se atreveu a distrair-se assim enquanto estivesse dirigindo.

— Aconteceu alguma coisa com você? — Perguntou ele. Sua voz era mais áspera do que pretendia, mais forte.

— Muitas coisas aconteceram comigo. Assim é a vida. Ela se afastou dele para olhar pela janela lateral. Seus dedos deslizaram debaixo de sua mão, e ela cruzou os braços sobre o peito. — Quão perto estamos?

A distância que ela colocou entre eles ecoou como um frio oco. Cain o sentiu todo o caminho até os ossos até que ele estava doendo com a necessidade de sentir seu calor novamente.

Se não tivesse sido por sua linguagem corporal muito clara e o sinal de neon MANTENHA-SE FORA pintado, ele poderia tê-la alcançado novamente. Mas como isso estava tudo o que ele poderia pensar em oferecer-lhe era a pequena quantidade de privacidade que a cabine de sua caminhonete poderia permitir.

Os últimos dois quilômetros de sua viagem pareceram durar uma eternidade. Ele queria tocar seus pensamentos e procurar uma maneira de fazê-la relaxar, mas não se atreveu, e não quando ele estava atrás do volante e tão novo para sua parceria. O tipo de concentração que ele precisava para fazer contato era mais do que ele poderia poupar. E mesmo se tivesse, teria se sentido como uma violação, uma intromissão em seus desejos de ficar sozinha.



Então Cain deixou-a cair, sentindo-se inútil e inquieto. Até o momento em que ele parou na entrada da garagem da casa Geraí, tudo o que podia pensar era em conseguir esta tarefa feita e encontrar um lugar agradável, tranquilo para sentá-la e trabalhar com algumas coisas. Ou, talvez, deitá-la. Que teve o seu próprio encantador conjunto de possibilidades também.

Não havia nenhuma maneira de saber quanto tempo iria durar a parceria. E mesmo que fosse só por alguns dias, eles precisavam de algumas regras básicas. Ou seja, ela precisava parar de desligá-lo. Se ele não sabia o que estava acontecendo, ele não poderia ajudá-la.

Então, novamente, se sua busca para encontrar a pessoa que parasse suas visões falhasse, então ela estaria ligada a Cain por tempo indeterminado. Ele poderia passar o resto de sua vida tocando-a o mais rápido possível, afastando suas visões. Ela iria precisar dele. Ele mais uma vez teria um propósito. E Rory.

Antes que o pensamento começasse a crescer e encher sua mente, ele esmagou-o, recusando-se até mesmo a entreter a ideia de sabotar seus desejos como esse. Ela queria uma cura. Liberdade. Forçando-se em sua vida, fazendo-a precisar dele, só ia para ralar contra a sua independência. Isso não era o tipo de homem que ele era, ou pelo menos não o tipo de homem que ele queria ser.

E se ele era aquele tipo de homem, ele não merecia Rory.

Com o seu caminho em mente, ele saiu de seu caminhão, assim como o último pedaço do sol era visível acima do horizonte. Rory estava poucos passos na frente dele, e ele a viu vacilar enquanto ela se aproximava.

— O quê? — Ele perguntou.

— Nada de novo. Há, definitivamente, alguém lá dentro. Há manchas de sangue em seu travesseiro.

Cain acelerou, ansioso para ter esse sangue queimado antes de ficar completamente escuro. Synestryn seriam atraídos para o cheiro dele, e com Rory aqui, ele não queria correr riscos desnecessários.



Ele encontrou Ronan em um berço no porão inacabado. As pequenas janelas altas haviam sido pintadas com grossas camadas de tinta. Várias prateleiras utilitárias cobriam as paredes, abastecidas com roupas e bens enlatados. A lavadora e secadora assentava-se em um canto, ao lado de um pequeno banheiro. O piso de cimento exalava um frio úmido.

Ronan mal se contraiu quando Cain desceu correndo os degraus de madeira. Seu corpo magro estava em silêncio apático quando Cain se aproximou. Só os olhos de Ronan se moveram, seguindo Cain quando ele se aproximou.

Rory estava atrás dele, pairando no topo da escada. Ele poderia sentir um pouco de cócegas de curiosidade vindo dela, junto com uma boa dose de cautela.

— Você pode, por favor, começar um fogo? — ele perguntou. Ele não estava interessado em deixá-la ver o que estava prestes a acontecer. As chances eram de que Ronan não ia gostar de um público, também.

— Claro. Não tem problema.

Os olhos de Ronan brilharam com luz azul pálido. Seus lábios descascados para trás de seus dentes na fome. Pele caiu em seu quadro, e vestígios de sangue deixando manchas escuras no rosto branco mortal.

Cain retirou sua jaqueta quando ele chegou perto. O olhar nos olhos de Ronan não era um intelecto calmo. Havia apenas instinto lá — a tremer, a fome animalesca que Cain vira antes. Ronan estava quase morto, faminto, o que o tornava perigoso.

— Estou aqui para alimentá-lo, — disse Cain. Ele estendeu o braço esquerdo, mantendo a mão direita sobre o punho da espada.

Em um movimento rápido demais para Cain acompanhar, Ronan agarrou seu pulso e puxou-o à boca. Dentes afiados dividiram a pele de Cain, e um pesado, voraz som de engolir ecoou no espaço. Depois de alguns minutos, ele sentiu seu corpo começar a se enfraquecer. A letargia tonta girava em sua cabeça, e suas pernas estavam muito pesadas.



— Pare, — disse ele. — Você tomou o suficiente.

Ronan não parou. Cain puxou seu braço, mas Ronan segurou firme, sua força alimentada pelo sangue poderoso de Cain.

Ele puxou com força, provocando um grunhido de advertência de Ronan.

Um momento depois, Cain estava no chão, mas ele não conseguia se lembrar de como ele chegou lá. Sua necessidade de dormir era quase insuportável, uma compulsão de Ronan, sem dúvida, e Rory estava lá em cima, desprotegida. Como o sangue de Ronan foi derramado, era só uma questão de tempo antes que eles tivessem companhia do tipo Synestryn. E se ele desmaiasse, não havia uma coisa que ele poderia fazer para proteger Rory dos demônios.

Ou de Ronan.

Raygh sentiu o momento que sua presa passou a corda. O Sanguinar amarrado a ele tinha se alimentado, dando-lhe a força que ele precisava para erguer um muro entre eles.

Não que isso importasse. Raygh já sabia onde o Sanguinar estava. Ele não conseguia se esconder agora — não dos assecas que Raygh tinha rastejando por todo o campo.

Outro enxame estava por perto, esperando que os últimos raios de luz do dia desaparecessem antes de se moverem. Um deles tinha o sangue de um daqueles que procurava, e assim que chegasse a casa, outra de sua presa estaria ao seu alcance. Esta mulher.

Raygh tinha algo especial reservado para ela — algo que o fez contorcer-se com antecipação.

Ele estendeu a mão para aqueles sob seu controle, que estavam perto do Sanguinar perdido. A maioria dos demônios menores ainda estava dormindo, mas alguns estavam acordados e prontos para fazer o seu lance.



Assim que ele tocasse os murchos, as mentes alienígenas de seus *handlers*, ele daria instruções para o trabalho de hoje à noite. O Sanguinar estava perto. Eles não teriam nenhuma dificuldade de erradicá-lo e trazê-lo de volta para enfrentar o castigo que merecia.

Ele esteve presente na morte de pelo menos um dos filhos de Raygh. Por isso, ele ia sofrer.

No segundo que Rory viu através dos olhos do vampiro, ela sabia que Cain estava em apuros. Seu corpo estava caído no chão, com o braço grosso atingindo todo o caminho de volta para a boca do vampiro.

Cain não parecia bem. Ele estava muito pálido, e havia uma espécie de inclinação de fadiga que pairava sobre ele, como se ele estivesse fraco demais para sentar-se em linha reta.

Isso não era como ele. Ele normalmente irradiava força, o que significa que tudo o que estava acontecendo lá embaixo não era normal.

Ela desceu correndo as escadas e viu o vampiro debruçado sobre o braço de Cain. Sua espada estava fora, mas pendia frouxa em seu aperto, como se fosse muito pesada para levantar.

— Que diabos você está fazendo? Ela exigiu.

O vampiro olhou para ela então. Seus olhos azuis pálidos queimando de largura, com emoção, e uma luz iluminou os olhos lacrimejantes. Enquanto ela o observava, sua garganta se moveu enquanto bebia mais do sangue de Cain.

Choque, nojo e medo todos se levantaram em um nó emaranhado que apresentou em sua garganta. Ela tentou dizer que ele estava matando Cain, mas ela não conseguia enfiar as palavras. Mas ela tinha que fazer alguma coisa. Rápido.

Rory sempre lutara com impulsividade. Sua Nana dissera repetidamente que ela acabaria por se machucar um destes dias.



Bem, aparentemente, esse dia chegou.

Ela atacou o vampiro, com os punhos enrolado apertado. Ela não tinha certeza exatamente do que ia acontecer, até que os nós dos dedos se conectaram com o lado de sua cabeça bonita. Ela conseguiu um sólido golpe na têmpora que era forte o suficiente para bater a boca longe do braço de Cain. O sangue escorria dos ferimentos.

O vampiro levantou-se a seus pés, a raiva e a fome fazendo com que os ângulos magros de seu rosto se destacassem em detalhes gritantes.

Rory o empurrou para trás longe de Cain e ergueu os punhos. — Quer ir para o outro round, menino bonito?

Ele olhou para ela em estado de choque por um momento. Franziu a testa, e ele sacudiu um pouco a cabeça. De repente, a luz azul-claro em seus olhos se apagou e ele ergueu as mãos em sinal de rendição. — Sinto muito. Eu perdi a cabeça por um momento.

Ele se moveu em direção a Cain, mas Rory mudou para bloquear seu caminho. — Fique para trás.

— Eu preciso curar suas feridas e restaurar um pouco do que eu levei dele.

— Sim, eu não penso assim. Você já fez o suficiente.

— Está tudo bem, Rory, — disse Cain atrás dela. — Ronan é o próprio novamente.

— Quem diabos ele era a um minuto atrás, então? Porque eu gostaria de chutar aquele idiota no lixo.

— Você tem todas as razões para suspeitar, mas garanto-lhe que não estou mais fora de controle. Garanto também, que, se não conseguir todo esse sangue limpo, demônios vão encontrar-nos em breve.

Havia isso.

Cain pôs-se de pé. O olhar que ele deu a Rory era uma combinação de orgulho e humilhação. — Obrigado por intervir.

— Sim, — disse Ronan. — Eu sinto muito que você teve que interferir,



mas eu estou contente que você estivesse aqui para fazê-lo.

— Então o que diabos foi isso? — Ela perguntou.

— Eu estava com fome. Cain me alimentou.

Sangue. A palavra foi silenciosa, mas pairava ali, no ar frio e úmido, dolorosamente óbvio.

— O fogo está aceso? — perguntou Cain. Ele ainda estava pálido e trêmulo, mas pelo menos ele estava de pé, o que era uma grande melhoria.

— Yeah. Alguém já tinha colocado os gravetos e outras coisas. Eu só tinha que acender os gravetos.

— Bom. Temos que queimar todos os vestígios de sangue. Cain começou a tirar a fronha do travesseiro ensanguentado, mas Rory o parou.

— Eu vou fazer isso, — disse ela, pegando o travesseiro longe de Cain. — Sente-se, antes de cair, e coloque alguma pressão em seu pulso. Ela apontou o dedo para Ronan. — E você mantenha seus dentes para si mesmo.

Ele era muito bonito para ser confiável. Na verdade, ele a lembrou de Logan, com seus traços perfeitos e seus elegantes músculos simplificados. Seu cabelo escuro caiu sobre sua testa, e havia um pouco de barba montando sua mandíbula — apenas o suficiente para acentuar a pequena perfeita travessão em seu queixo.

O olhar de Ronan permaneceu em sua garganta por um minuto, e ela viu o que ele viu num flash em sua mente, completando com o pulsar da banda bonita, brilhante em torno de seu pescoço. Estava mais escuro do que tinha estado antes, com mais roxo do que rosa passando por ela.

— Nem pensar em seu sangue, retumbou Cain em advertência. — Ela está fora dos limites.

— É claro, — disse Ronan, mas seu tom de voz fez soar mais como a resposta a um desafio do que aceitação. — Posso ver o seu pulso?

Cain ofereceu o braço, mas ele não estava olhando para Ronan. Seu olhar estava fixo em Rory, fazendo-a se contorcer. Havia algo diferente em



sua expressão agora, uma espécie de nova consciência, como se ele estivesse vendo-a em uma luz diferente.

Ronan pressionou os dedos contra as marcas de dentes no pulso de Cain, e um segundo depois, sua pele era nova de novo, com apenas algumas manchas de sangue para provar que nada tivesse acontecido.

— Uau. Isso é útil, — disse Rory.

— Minha dívida está paga agora, — disse Cain. — Diga a Logan da próxima vez que você falar com ele.

Ronan deu a Cain uma pequena reverência formal de sua cabeça. — Claro. E obrigado por terem vindo.

— Nós não estamos fora de perigo ainda. Você ainda tem sangue no seu rosto. Precisamos do lugar limpo de todos os cheiros. Rory é nova em o seu poder, e eu não vou colocá-la em risco.

— Você sabe que o jeito que vocês falam de mim como se eu não estivesse aqui é irritante como o inferno. Ela pegou o tecido ensanguentado e marchou para cima para queimá-lo. Quando ela se virou, Cain estava lá, uma toalha ensanguentada na mão.

Ele a acrescentou às chamas, e ela podia ver que sua mão estava tremendo. — Eu sinto muito por isso, em falar por você, sobre como fazer você ver Ronan perder o controle.

— Por que você não está mais assustado com isso?

Cain deu um encolher de ombros. — Somos todos fracos, às vezes. Ronan não pode deixar que ele seja mais do que eu. Eu sei como é se sentir fora de controle. Esfregar o nariz em seu erro só vai tornar sua vida mais difícil. E garanto, é dura o suficiente.

— E o que acontece com sua vida? Você está tremendo, sua pele está pálida, e você parece um pouco instável em seus pés. Se demônios sentirem o cheiro do sangue e vierem para cá, você não vai estar em qualquer forma para balançar essa grande espada ao redor.

— Vou dar um jeito. Estive mais fraco do que isso antes e sobrevivi.



— Ela está certa, — disse Ronan da escada. — A vida de Rory é preciosa. Você precisa ser capaz de mantê-la segura. O sangue foi lavado do rosto, deixando-o ainda mais bonito do que antes.

Ela se virou para encará-lo, ralando irritação ao longo de seus nervos. — Rory tem uma arma. Ela pode manter-se a salvo.

Ronan teve a coragem de sorrir para ela. — Você é encantadora. Já nos encontramos antes?

— Não. Ela tinha quase certeza de que teria se lembrado de um homem como ele se tivesse tanto quanto o visto andar na rua.

— Você cheira... familiar.

— Cheiro? Ela virou-se para Cain em horror humilhado. — Eu cheiro?

— Você tem um cheiro agradável, — disse Cain, sua voz tão áspera com o desejo que ela teve que pressionar as coxas em torno de um pulso de necessidade crua.

Ronan deu um passo mais perto. — Estou certo de que já nos conhecemos antes. Seu perfume... Seus olhos se arregalaram em reconhecimento e queimado azul pálido. Virou-se para Cain, sua voz áspera com urgência. — Leve-a daqui.

— O que é isso? Perguntou Cain.

— O senhor Synestryn que me deixou debilitado e sangrando — enviou estas criaturas escorpião — como para caçar certas pessoas. É por isso que ela cheirava familiar. O cheiro de Rory era um que estava buscando, e recentemente encontrou.

— Você quer dizer que essas coisas com as três farpas saindo de suas caudas? — perguntou Rory.

— Sim. Você já viu?

— Uma delas lhe picou na noite passada, — disse Cain.

— Assim, o Synestryn tem o sangue dela agora.

— Para quê? Por que algum demônio quer o meu sangue?

— Para se conectar a você. Para caçá-la. Para... Ele parou, e estendeu



a mão para ela.

Rory saiu do caminho mesmo com Cain tendo colocado seu corpo entre eles.

Ronan lançou um olhar de irritação para Cain, e inclinou-se em torno de seu ombro. — Você já teve algum pesadelo desde que você foi picada?

— Não.

— Ela não dormiu, com exceção de alguns minutos de descanso que eu forcei sobre ela, — disse Cain.

Ronan voltou a ignorá-la e disse a Cain — Guarde o seu sono. Esse demônio me encontrou enquanto eu dormia. Poderia ser porque eu estava ligado à mente de um dos seus asseclas, mas também pode ser algo que o Synestryn pode fazer com o sangue que tomou.

— Um deles conseguiu o seu sangue, também? — Perguntou Rory.

— Sim. E o pesadelo... Vamos apenas dizer que você não quer encarar o que este Synestryn em particular tem no depósito.

— Sem dormir. Entendi.

Cain virou-se, preocupação apertando suas sobrancelhas. — Você tem que dormir em algum momento.

— Assim como você, Cain. Agora que eu tomei muito do seu sangue. A mão de Ronan agarrou a parte de trás do pescoço de Cain, e ele balançou sobre seus pés.

Ronan caiu um pouco, olhando mais fino do que ele esteve um momento atrás. Seus olhos queimando brilhantes, e, em seguida, a luz desapareceu como uma chama privada de oxigênio.

Cain agarrou os braços de Ronan e colocou-o no sofá. — Não havia necessidade disso.

— Sim, havia. Você sabe como as mulheres como Rory são raras. Não podemos perdê-la. Você tem que ser capaz de mantê-la segura.

— Eu tenho uma arma, Rory quase gritou. — Nenhum de vocês parece me ouvir quando eu digo isso.



Cain poupou-lhe apenas um breve olhar. — Armas não vão funcionar, não a menos que você exploda suas cabeças.

— Eu posso fazer isso, — disse ela com mais confiança do que sentia. Lá fora, um uivo penetrante dividiu o crepúsculo.

Os ombros de Rory encolheram-se a seus ouvidos com um nó de medo enrolado apertado ao longo de sua coluna vertebral. — Isso é o que eu acho que é?

Cain olhou para ela, mas sua expressão não era nada reconfortante. Sua boca contraiu-se de raiva, e seus olhos se estreitaram com determinação. — Demônios, ele confirmou.

Ronan estava um pouco ofegante enquanto ele falava. — Você deve ir agora. Tirá-la daqui. Eu vou ficar aqui e atraí-los para longe.

Pela expressão de dor no rosto de Cain, essa era claramente uma má ideia. Pelo menos era para Ronan.

— Ele não vai estar seguro aqui sozinho, não é? — Perguntou Rory.

— Não nesta condição.

— Eu vou ficar bem, — disse Ronan.

— Não podemos deixá-lo sozinho, não é? — Ela perguntou, ignorando os protestos de Ronan com um pouco de pontada de satisfação. Vendo se ele gostava de ser tratado como se fosse invisível.

— Ele é um curandeiro. Precisamos dele.

Ronan empurrou para seus pés. — Eu estou forte o suficiente para dirigir.

Rory não via como. Ele estava mais pálido do que antes, já que ele havia tocado Cain. Ele parecia todo frágil, como um homem velho, mesmo que seu rosto fosse uma coisa de beleza. — Você disse que este demônio teve acesso a seu cérebro. E se ele tentar algo e fizer você falhar?

— Vou resistir.

— Como? Perguntou Cain. — A menos que você tome mais sangue.

— Você não pode dispensar mais. Foi vergonhoso eu tomar tanto



quanto eu tomei.

Outro uivo subiu, desta vez muito, muito perto.

A partir do nada, Rory foi atingida pela necessidade de lutar. Queimando nela, tão brilhante e feroz, que ela sentiu como se fosse explodir se ela não a deixasse sair. Ela pegou a arma de sua bolsa e foi direto para a porta da frente.

Cain agarrou-a pelo braço para detê-la. — Aonde você vai?

— Matar alguns demônios. Obviamente. Vocês dois estão muito ocupados se queixando para fazer o trabalho sozinho. Alguém tem que fazer.

Ronan inclinou a cabeça para o lado enquanto ele a estudava. — Aquela criatura que assombrava meus sonhos. Eu sinto a sua presença nela — sua mancha malévola. Isso tem que ser algum tipo de compulsão, — disse ele. — Talvez para levá-la para a noite de modo que ela seja fácil de encontrar.

Ela rasgou livre do alcance de Cain. — Oh, eu sou fácil de encontrar, tudo bem. Deixe os filhos da puta virem me pegar.

Ela foi para a porta, só para ter Cain agarrando-a pela cintura e parando seu progresso. — Não hoje à noite. Haverá outras noites para lutar. Hoje à noite, nós corremos.

— Não sou covarde, — ela rosnou para ele, trabalhando para erguer o braço grosso longe de seu corpo.

Não adiantava. Suas pernas estavam fora do chão, não lhe dando nenhum apoio.

Cain a deixou cair no sofá, seguindo-a e fazendo uma gaiola em seu corpo com o dele. Seu rosto estava rígido com a tensão, a voz baixa e séria. — Os demônios têm seu sangue. Eles podem fazer você fazer as coisas. O poder com que eu lhe alimentei no início é apenas temporário, e uma vez que desapareça você estará fraca. Você precisa se acalmar.

Rory não era tão fácil de controlar. Ela não era uma marionete — do



demônio, ou de qualquer outro. Ela queria matar. Precisava. Ninguém ficaria em seu caminho. Nem mesmo Cain.

— Não há tempo para isso, — disse Ronan. — Temos que sair.

O Synestryn uivou novamente, e desta vez estava muito mais perto. Ela não podia mais se conter. Ela tinha que chegar lá.

Poder circulou em sua garganta. Tudo o que tinha a fazer era descobrir como moldá-lo para que ela pudesse fazer Cain recuar e deixá-la passar.

— Rory, — disse ele, em tom de aviso. — Posso sentir isso. O que está fazendo?

Energia saltou para ela, ansiosa para fazer o seu lance. E não era tão desgastante como fora antes. Na verdade, estava certa de que o fluxo de potência nela foi mais rápido agora. Mais grosso.

Ela reuniu-a e usou-a para fortalecer suas pernas. Com um forte empurrão, Cain foi jogado para trás e para fora de seu caminho. Ela saltou para cima e correu para a porta, com as pernas alimentadas pela magia que fluía por ela.

Rory foi lá fora. A porta atrás dela saltou dura em suas dobradiças. O ar frio atingiu seu rosto, perfumado com algo escuro e almiscarado.

Demônios.

Ela mostrou os dentes e começou a corrida em sua direção, mas um segundo depois, ela foi jogada de lado por um aríete quente, pesado.

O peso de Cain a prendeu no chão. Sua boca estava apertada com raiva, seus olhos brilhando com medo.

Ela lutou contra seu agarre, impulsionada por encontrar os demônios. Ela precisava fazer o seu sangue escoar — ateando fogo e vendo-os queimar. Por que Cain não poderia entender isso? Ele deveria querer a mesma coisa.

Não importa o que ela fizesse, não conseguia encontrar forças para escapar de seu alcance. Mesmo o poder que antes teve na ponta dos dedos parecia crepitar e falhar quando chegou perto dele.



Cain segurou seu queixo em uma das mãos. Sentiu-o empurrar o seu caminho em sua mente, sua determinação queimando tão brilhante que ela já não podia ver seus próprios pensamentos através do brilho.

Sua voz profunda caiu sobre ela. — Acalme-se.

Ela não podia. Ela tinha que se levantar e lutar.

Outra mão apareceu sobre sua cabeça. Os dedos eram longos e magros, quase femininos, e não de todo como Cain. A mão liquidada em sua testa, fria e indesejada. A dor atravessou seu crânio, fazendo-a gritar. O rosto de Ronan pairava sobre ela, plano e sem piedade.

Sua visão começou a ficar cinza. Seus membros começaram a zumbir com o início da dormência. A letargia fraca caiu sobre ela como um cobertor quente. Tentou lutar contra ele, mas foi puxada para baixo, sugada para o negro silêncio do sono. A última coisa que viu foi a expressão de pesar de Cain angustiado quando ele disse, — Eu sinto muito.

Capítulo 13

Cain não podia ficar e lutar. Agora não. O Synestryn teria que esperar por um tempo em que ele não tivesse uma mulher inconsciente e um Sanguinar fraco para proteger. Quando ele mesmo não estivesse fraco.

Ronan ficou atrás do volante de sua caminhonete. Cain não esperou por um convite para ir junto. Simplesmente pegou Rory e subiu na parte de trás, furioso com o que Ronan fizera.

— Vá, ordenou Cain. Sua voz saiu com um grunhido de raiva.

Ronan desceu o caminho de cascalho. — Eu não a machuquei.

— Você não foi exatamente gentil, também.

— Tive que nocauteá-la. Você viu como ela se tornou raivosa. Estava disposta a fazer o que fosse preciso para ir atrás daqueles demônios, não



importa o que ela tivesse que percorrer para fazer isso acontecer. Foi a escolha certa.

— Yeah. Tenho certeza que ela verá dessa maneira quando acordar. E o fato de que Cain a mantivera em seu lugar para Ronan a subjugar não ia sentar-se bem com ela.

Cain tentou não se importar se ela ficaria zangada com ele. Enquanto ela ficasse fora de perigo, ela poderia ser tão louca como ela gostava. Mas isso era uma mentira. Estava tentando se conectar a ela, para amarrá-la a ele. Deixar Ronan machucá-la não era exatamente a maneira de conquistá-la.

— Devo ir para Dabyr?

Isso teria sido a primeira escolha de Cain, mas nunca encontrariam a pessoa que bloqueasse suas visões por trás daquelas paredes. E ter tantas pessoas ao redor a machucaria. Se tentasse trancá-la lá, ele sabia que ela encontraria uma maneira de escapar, e havia muitos seres humanos em torno para se machucar.

Ela já provara que estava disposta a usar seu poder contra ele. Ele sentiu sua intenção tão claramente como se fosse a sua própria. E se ela usasse seu poder contra os humanos também? Poderia facilmente matar alguém. Não podia deixar isso acontecer. Não podia obrigá-la a viver com a culpa que esse tipo de erro criaria.

— Ela definitivamente foi compelida a agir. Podia sentir o poder de propagação através dela enquanto eu tocava sua mente. Cain pegou o olhar de Ronan no espelho retrovisor. — Você pode libertá-la?

— É possível, mas a criatura que eu toquei era forte.

— Então, ela é. Se alguém pode abalar isso fora, ela pode.

— Vou precisar de mais sangue — mais do que você pode dar. Atualmente estou fraco demais para fazer muita coisa. E algum do sangue que preciso terá que ser dela. Não há nenhuma outra maneira em torno disso.



Cada instinto protetor em Cain levantou-se e gritou em desafio, mas ele sabia as apostas. Ele sabia que Ronan não iria machucá-la. Pelo menos não mais do que ele tinha que fazer.

Tão irritado como ele estava sobre o que Ronan tinha feito, Cain sabia que fora a escolha certa. Sua hesitação poderia ter custado a vida de Rory se Ronan não tivesse agido quando ele fez.

E essa não foi a única coisa que os homens como Ronan fizeram por ele. Os Sanguinar restaurara a fertilidade de Cain. Deram-lhe algo que nunca pensou que teria de novo. E com esse dom da esperança, ganharam a confiança dele. Pelo menos mais do que ele dera a eles no passado.

— Vou fazer a chamada, — disse Cain. — E garantirei que obtenha o que você precisa.

— Se eu dirigir para o leste em direção à casa Geraí mais próxima?

— Não. Sul. Em direção à casa dela. Acho que ela se sentirá melhor se estiver em casa quando acordar. Não é longe.

Ronan dirigia enquanto Cain dividia sua atenção entre Rory e a paisagem circundante. Não via sinais de demônios, mas sabia que estavam lá fora. Os demônios estavam sempre lá fora.

No momento que Ronan estacionou na garagem de Rory, Paul e Andra já estavam lá, esperando. A espada de Paul estava fora, com o olhar na linha de árvores contornando a propriedade de Rory. O longo corpo de Andra estava encostado na varanda branca, observando Paul. Quando a van estacionou, Andra galopou descendo os degraus, suas botas de combate levantando pequenas nuvens de poeira quando as escadas saltaram sob seus pés. Paul ficou onde estava, olhando-a de volta.

Ela puxou a porta da van aberta. O luar brilhava fora de seu casaco de couro e seus olhos azuis foram direto para Rory. — Ela está bem?

— Vai ficar, — disse Cain. — Obrigado por terem vindo.

Andra deu de ombros, indiferente. — Estávamos perto, e a diversão de hoje a noite realmente não começou ainda.



Apesar de seu comentário, Cain pensou que ela parecia cansada, desgastada e desolada. Havia círculos sob seus olhos, e tristeza à espreita ao longo de sua boca.

Então, novamente, a irmã mais nova de Andra, Tori, estava em má forma, após uma década nas mãos dos Synestryn. Eles se alimentaram seu sangue, a torturaram e estupraram. Isso era mais do que suficiente para ferrar alguém. Ela recentemente deixou a Terra na esperança de que uma mulher poderosa em outro mundo iria encontrar uma maneira de limpar o veneno Synestryn do sangue de Tori, e com ela a fúria homicida que ela sofreu.

Isso foi há meses, e ninguém ouvira falar de Tori desde então. Não era de admirar que Andra parecesse que teve mais do que seu quinhão de noites sem dormir.

Ronan deslizou para o lado de Andra, uma estranha excitação enrugando os cantos dos olhos. — Como você está?

Ela deu-lhe um breve olhar e soltou um distraído, — Tudo bem.

— Vamos entrar, — disse Paul.

Andra acenou com a cabeça para o marido. — Eu vou colocar algumas defesas.

Paul lançou-lhe um olhar preocupado. — Não se esforce, ok?

— Eu estou bem.

Ela não estava, mas Paul obviamente estava ciente disso.

Cain carregou Rory para dentro. Ronan segurou a porta. Paul segurou o pescoço de Andra na mão e uma luz azul fraca escoou por toda a casa. Cain poderia vê-lo brilhando nas janelas, entortando a visão de fora.

— Isso deve esconder-nos por um tempo, ela disse enquanto fechava a porta.

Cain colocou Rory em sua cama, arranjando para que ela ficasse confortável.

Paul ficou na porta do quarto, observando. — O que aconteceu?



O Synestryn tomou seu sangue e induziu-a a correr para o combate. Ronan acha que pode ajudar, mas ele está baixo de sangue. Eu dei tudo o que eu pude.

Paul acenou com a cabeça, com o rosto impassível. — Eu vou cuidar disso.

— Obrigado.

O olhar de Paul acertou a Luceria em volta do pescoço de Rory. — Parabéns.

Um pequeno surto de excitação percorreu Cain, enquanto olhava para ela. As cores da Luceria tinham escurecido, fluindo com um roxo ametista profundo. — Não seja demasiado apressado com os parabéns. Vamos ver quanto tempo ela fica ao meu lado.

— Você é um bom homem. Tenho certeza que ela vai ver isso.

Cain não podia olhar para o seu amigo quando ele admitiu: — Eu não sou o homem que costumava ser. E ela sabe o que aconteceu a Sibyl na noite em que foi tirada. Inferno, esta noite eu não conseguia nem fazer a coisa certa e torná-la inconsciente, para que ela não fosse se machucar. Que mulher quer amarrar-se para a eternidade com um homem que se mantém estragado?

— Você é muito duro consigo mesmo. E se ela não é inteligente o suficiente para ver através do homem que você realmente é, ela não te merece.

Cain bufou. — Não é grande coisa, eu vou sair e encontrar a próxima Theronai fêmea compatível nas ruas.

— Quão perto você está? — perguntou Paul.

Cain não tinha necessidade de pedir esclarecimentos. Ele sabia exatamente o que o outro queria dizer. — Eu tinha a duas folhas, quando eu a encontrei.

Paul fez uma careta de simpatia. — O que ela prometeu?

— Ficar comigo até encontrar a pessoa que bloqueia estas visões que



ela tem. Eles são debilitantes, mas parecem sumir quando eu a toco. Então elas vêm de volta como uma vingança.

— Então você não é uma pessoa, então?

— Não. Quem quer que sejam serão capazes de ajudá-la a certa distância. Rory nunca sequer os vê, tanto quanto eu sei. Ela acha que pode ser algum tipo de dispositivo mágico.

— Gilda tinha uma lista bastante abrangente de itens. Vou ligar para Joseph e pedir-lhe para ter alguém olhando por isso. Talvez tenhamos sorte.

— Eu sei que eu deveria estar ralando para ajudar Rory curar suas visões, mas eu não posso dizer que estou entusiasmado com o seu voto a ser cumprido.

— Certo. Claro. Eu entendo. Nenhum chamado a Joseph.

Paul virou-se e saiu. Cain ficou lá por um longo momento, olhando para o doce rosto de Rory. Sua maquiagem escura era uma bagunça borrada em volta dos olhos, e havia uma marca vermelha na testa que parecia suspeitosamente com o contorno dos dedos de Ronan.

Cain alisou a mão sobre a marca, desejando que ele pudesse apagá-la.

Se ele tivesse sido um pouco mais rápido na noite em que se conheceram, ela nunca teria sido espetada pelo demônio. Seu sangue estaria seguro, e ela estaria acordada e mal-humorada como sempre. Em vez disso, ela estava trancada em um sono artificial, possivelmente com esses pesadelos que Ronan lhes tinha avisado.

Tanto quanto Cain queria que tivesse tido algo que ele pudesse fazer, ele não era tão poderoso. Tudo o que podia fazer era se certificar de que Ronan teria o que ele precisava para ajudá-la.

Não, isso estava errado. Havia algo mais que podia fazer — algo que ele sabia que deveria fazer.

Cain chamou Joseph, mas o líder do Theronai não atendeu ao telefone.



Cain deixou uma mensagem, dizendo a Joseph para encontrar uma lista de artefatos mágicos de Gilda e procurar um que pudesse ajudar Rory. Com essa tarefa feita, ele a colocou fora de seu casaco de couro com cravos e tirou os sapatos para deixá-la mais confortável. Puxou as cobertas até o queixo e foi descobrir exatamente o quanto de sangue precisaria para consertar sua preciosa Rory.

Na sala de estar, Paul já estava enrolando a manga após a alimentação de Ronan. Um rubor de cor manchava as bochechas do Sanguinar, e um brilho fraco iluminou seus olhos.

— Isso é o suficiente? Perguntou Cain.

Ronan balançou a cabeça. — Foi tudo o que eu ousei tirar de Paul. Ele precisa ser capaz de lutar.

— Tome meu sangue, afirmou Andra.

— Não, cortou Paul.

Cain deveria ter estado lá com seu irmão, defendendo o sangue de Andra, mas ele não poderia fazê-lo. Se a escolha era um pequeno sacrifício de Andra para salvar Rory do sofrimento, seria fácil decidir.

Paul pegou a mão de Andra na sua. — Você está muito cansada. Você não dormiu ou comeu. Não é seguro.

Ronan ficou onde estava, seu corpo imóvel. Emoção e fome brilharam em seus olhos, mas ele não fez nenhum movimento para levar o que ele tão claramente queria. — Se não o de Andra, então você vai precisar ligar para alguém. Não um Geraí, também. Vou precisar de mais energia do que isso se tenho para lutar contra este demônio.

Andra deu a seu marido um olhar duro. — Farei isso. Não posso ajudar Tori agora. Pelo menos assim, eu estarei ajudando alguém.

Paul balançou a cabeça. — Eu não acho que é uma boa —

— Eu preciso disso, Paul. Por favor, não lute comigo.

Ele soltou um longo suspiro, mas deu um aceno relutante. Ele olhou para Ronan, o aviso claro em seu rosto. — Não force a barra.



Ronan mentira, mas por todas as razões certas. Ele podia ouvir os batimentos cardíacos do filho de Andra e precisava assegurar-se de que estava seguro. A tensão da dor de Andra estava pesando-a, esgotando-a. Era óbvio em sua apatia e o cansaço pesado montando suas feições. Essa tensão não era boa para a criança que ela carregava, o que significava que era seu dever fazer o que pudesse para livrá-la disso.

E a única maneira de fazer isso é ter acesso a ela. E ao sangue dela.

Paul era superprotetor com sua esposa, e a única pessoa que poderia ter influenciado sua decisão era Andra.

A armadilha fora demasiado perfeita para Ronan resistir, então ele teceu a mentira, recusando-se a se sentir culpado ainda que por um momento. Cada criança Theronai era um presente, e Andra precisava ser forte agora para garantir que a criança fosse saudável.

Ronan não se atreveu a ir para a garganta da mulher. Em vez disso, ele estendeu a mão para a dela, e inclinou-se sobre seu pulso. Quente, poder potente fluía para ele, nublando seus pensamentos por um momento. O bebê era um menino, e a força dessa pequena vida era chocante. Ele infiltrou Ronan, enchendo-o com uma sensação vertiginosa de esperança. Ele sabia que não teria muito antes que Paul interviesse, então Ronan reuniu sua inteligência e moveu-se da sensação passada para o intelecto puro.

O cansaço batia por ela a cada pulsar de seu coração. Luto. Culpa. Solidão por sua irmãzinha. Tudo isso rodaram juntos em um nó apertado, ele não tinha certeza se poderia afrouxar. Ele foi inundado com entrada, com emoções tão cruas e ásperas que eram quase esmagadoras.

Usando uma explosão de energia alimentada pelo sangue rico de Andra, Ronan foi direto para a fonte de sua angústia, sua irmã caçula e colocou um véu de silêncio sobre ele. A correção duraria somente ao longo de alguns dias, mas lhe daria tempo para descansar e recuperar sua força



antes que os sentimentos profundos e marcantes de culpa e perda voltassem para assombrá-la.

Ronan procurou a nova vida, a necessidade de assegurar-se de que estava seguro. Enquanto o fazia, ele sentiu uma posição curiosa de magia se envolvendo através dela.

Alguém a alterara, e com base na sensação familiar, Ronan tinha certeza de que ou Logan ou Tynan eram quem deveriam culpados. Ou agradecidos, dependendo do caso.

O que quer que tenha sido feito para ela, ela estava bem. O bebê estava bem. E levar mais sangue não seria bom para nenhum dos dois. Se suas emoções interferissem com a segurança da criança, então ele tinha certeza de que Paul não iria ficar no caminho de Ronan fazendo o que precisava ser feito.

Com um pensamento, Ronan fechou as feridas. Ele sentou-se no sofá, sentindo-se um largo sorriso esticar seu rosto.

— O quê? — Perguntou Paul, com a mão sobre a sua espada.

Ele não sabia. Não havia nenhuma maneira que ele pudesse saber. Nem Andra sabia.

Ronan considerou não lhes dizer, mas parecia não haver ponto de espera. Boas notícias podem ser apenas a coisa para eles agora, algo para ajudá-los através estes tempos difíceis.

Ele olhou para Andra, que estava calma e quieta. Um olhar macio, sonolento puxou-lhe as pálpebras. — Você está grávida.

Ela piscou lentamente, como se não entendesse suas palavras.

O corpo de Paul estava ainda em estado de choque. — O quê? Você tem certeza?

— Tenho.

Andra olhou para o marido. Não havia acusação em seus olhos, apenas curiosidade desmaiada. — Como? Eu pensei que você não podia me engravidar.



— Estava com você quando descobriu que Nika estava grávida. Estive com você, quando a observou ao longo dos últimos meses. Eu senti o que você fez. Ele sentou-se ao lado de Andra e tomou-lhe as mãos. — Você sabe que eu faria qualquer coisa por você. Dar-lhe-ia tudo o que quisesse. E você queria isso. Negocieei com Tynan pelo o soro.

As palavras de Andra eram lentas e hesitantes, tingidas com a culpa. — Não queria que você soubesse como eu me sentia. O timing foi ruim. A guerra...

Paul deu um sorriso torto. — Para o inferno com a guerra e o timing. Nosso filho vai crescer com o de Nika. Eu diria que isso é tudo que importa.

— Seu filho, — disse Ronan.

Um sorriso tremeu nos lábios de Andra. Lágrimas correram de seus olhos. — Nosso filho.

Ronan viu Cain deixar o quarto em uma corrida que ele tentou esconder. O Theronai desapareceu na cozinha. Ronan decidiu que era o momento de deixar o casal sozinho para absorver a notícia também. Ele tinha um chamado para fazer. Tynan ficaria muito feliz.

Cain estava feliz por seus amigos, mas sabia que não seria capaz de esconder seu ciúme sobre a notícia. Ficar teria dado vazão a seus sentimentos egoístas, estragando de outra forma o que era um momento bonito.

Ele não estava com fome, mas não comeria em horas. Nem Rory o fizera. E Paul e Andra ambos deram sangue. Todos eles precisavam de comida, querendo ou não, então Cain fez-se ocupado na cozinha, fazendo às pressas algumas panquecas e ovos.

A fraca luz azul do escudo de Andra ainda estava brilhando sobre a janela, tranquilizando a Cain de que Rory estava segura para descansar. Mas, uma vez que o escudo caísse, eles precisavam estar prontos para se mover.



Cain precisava de um plano.

Ronan deslizou silenciosamente até a cozinha, quando Cain estava lançando o último lote de panquecas. Ele olhou para o Sanguinar. — Com fome?

— Eu estou. Você vai acordar Rory?

— Você disse que ela não deveria dormir. Que os sonhos ferravam com sua cabeça.

— Acredito que o escudo de Andra vai manter os Synestryn fora. Não posso senti-los agora.

— Então, talvez ela devesse ficar dormindo enquanto ela puder.

— Essa é a sua chamada. Ronan começou a fazer um bule de café.

— Alguma ideia de como vamos encontrar esse demônio?

— É um lorde Synestryn — como Murak.

— Quem quase nos matou.

— De fato. Na verdade, eu tenho a nítida impressão de que os dois eram parentes.

Cain deslizou as panquecas para o monte crescente. — Ótimo. Força corre na família.

— Esse demônio está com raiva. Preenchido com a necessidade de vingança.

— Você pode encontrá-lo?

— Eu acho que sim. E se não, eu tenho certeza de que ele pode me encontrar.

Cain suspirou. — Eu não gosto disso. Não podemos arriscar Andra, e mesmo se Rory não estivesse com sua mente fodida, ela ainda não é forte o suficiente.

— Então, nós chamamos os outros. Helen e Drake. Talvez Liam e Dakota.

— Dakota não é exatamente uma veterana, também.

Ronan derramou um pouco de café e ofereceu a Cain. — Não, mas ela



é poderosa.

Cain ouvira rumores de que a Defensora tinha talento com a eletricidade, mas ele ainda tinha que vê-la em ação. — Eu acho que a nossa aposta mais segura é ir de volta para Dabyr.

— Você acha que Rory vai calmamente?

— Não. Eu não tenho tanta certeza quanto eu me importo neste momento. Meu trabalho é mantê-la segura.

— Para sempre, — disse Ronan.

— O quê?

— Seu trabalho é mantê-la segura para sempre. Se ela se afastar de você, porque você foi um idiota arrogante, como você vai garantir a segurança dela, então? Você tem que pensar a longo prazo. Amarrá-la a você agora com um pouco de indulgência e você será recompensado com uma vida juntos. O olhar de Ronan encontrou Cain. — Talvez também com seus próprios filhos.

Cain se afastou do fogão, raiva dirigindo o ar de seu peito. — Você não tinha o direito de ir bisbilhotando na minha cabeça.

— Eu faço o que for preciso para proteger a sobrevivência da minha raça. Assim como você.

— Não posso me arriscar a lhe machucar só para enganá-la a cuidar de mim.

— Quem falou em enganá-la? Você é um bom homem. Você quer dar a ela o que ela quer. E ela quer parar suas visões.

— Se isso acontecer, então ela está livre para ir.

— Só se o seu voto for cumprido.

— Eu não entendo. Você não está fazendo nenhum sentido.

— Você não está olhando para isso objetivamente. Seu voto será cumprido apenas se encontrar a pessoa que deixa suas visões, certo?

— Certo.

— E daí se ela nunca encontrá-los?



— Eu já pensei nisso, para minha vergonha. Eu não vou amarrá-la em mim dessa maneira. Eu não vou deixá-la sofrer apenas para que eu possa conseguir o que quero.

— Há outras maneiras que ela poderia perder a visão. Se ela crescer forte o suficiente, ela poderia bloqueá-los sozinha. Você considerou isso?

Cain não o tinha, o que provou que Ronan estava certo. Cain não estava sendo objetivo.

— Veja, — disse Ronan, soando presunçosamente satisfeito consigo mesmo. — Todo mundo tem o que quer. As visões de Rory vão embora e você terá uma família.

Deixe isso para um Sanguinar amarrar tudo para cima e segure direto onde Cain não tinha escolha, a não ser muito tempo para isso. — Isso não parece certo. Parece... sorrateiro.

— Talvez um pouco, mas pergunte a si mesmo o que você estaria disposto a fazer para uma criança sua própria.

— Você esteve na minha cabeça. Você sabe a resposta para isso.

— Tynan já lhe deu o soro, ele não deu?

— Ele deu, mas isso não significa que eu vou fazer algo sobre isso. Apesar de quanto tempo ele passou fantasiando sobre isso.

— Rory quer você. Eu vi a verdade deliciosa escondida em suas memórias.

— Eu. Não a um bebê. Há uma grande diferença.

— Então o que você vai fazer? Resistir ao seu desejo por ela? Recorrer a métodos humanos de controle de natalidade?

— Se eu tiver que, sim.

Algo na expressão de Ronan passou de genial para conspiração. O olhar desapareceu tão rápido, Cain não tinha certeza de que ele vira.

Paul enfiou a cabeça na cozinha. — Andra e eu estamos saindo. Vou levá-la de volta para Dabyr onde é seguro.

A negação instantânea de Cain sobre sua decisão teve uma morte



rápida. Claro que tinham que sair. Eles tinham um filho para proteger agora. Cain não teria feito nada diferente.

No entanto, isso não o impediu de se preocupar com o que aconteceria com Rory agora. Ele questionou a sua capacidade de mantê-la segura, sem a sua ajuda. Tudo o que ele tinha era a sua espada, e que quase não era bom o suficiente para ela.

— Você tem certeza que é seguro sair agora? Você poderia esperar até o amanhecer.

Paul balançou a cabeça. — Se eu esperar, ela pode mudar de ideia sobre deixar-me levá-la para casa. Eu a esgotei, e eu estou começando a afastá-la de você enquanto está tudo bem. Sem ofensa, mas sabendo que algum senhor Synestryn tem seu sangue e pode achar você é muito risco.

— Eu entendo, — disse Cain.

Paul deu-lhe um aceno de alívio. — Andra diz que seu escudo vai segurar por mais uma hora ou duas. Que você vai comprar algum tempo.

Ronan colocou o serviço o seu café. — Vou ver se consigo encontrar alguma maneira para ocultar a ligação de sangue de Rory.

— E você? Perguntou Cain.

— Eu sou muito mais capaz de proteger minha mente da invasão do que Rory. Eu vou ficar bem.

Cain não tinha tanta certeza. — Se você está muito fraco —

— Eu não vou estar. Agora vá e acorde-a. Eu quero que isso feito antes das defesas de Andra falharem.

Paul deu a Cain um olhar de desculpas sombrio. — Sinto muito me livrar desse jeito.

— Você está fazendo a coisa certa.

Ronan empurrou Paul para fora da porta, espantando-o. — Cain pode lidar com sua mulher. Você precisa fazer o mesmo. Vamos.

Cain tinha quase certeza de que Rory não era o tipo de mulher que alguém simplesmente manipulasse, mas ele não disse nada e faria o que



pudesse para mantê-la viva por mais uma noite.

Capítulo 14

Joseph estava na porta da suíte de seus amigos, deixando sua dor o atingir de frente. Não havia outra maneira de encarar algo como isso. Tanto quanto ele sabia, ninguém viera aqui desde que Angus e Gilda morreram. Seus quartos estavam exatamente como haviam deixado.

Um livro velho estava aberto na mesa de café. Havia um copo na pia. Uma das capas cinza de Gilda estava sobre as costas de uma cadeira. As botas de Angus estavam perto da porta da frente.

Apesar de todos esses pequenos sinais de vida, a suíte estava vazia. Oca. Ela ecoava perda e desolação, zombando do que poderia ter sido.

Como o líder dos Theronai, Joseph deveria ter vindo aqui há muito tempo para limpar a casa de seus amigos. Mas cada vez que o pensamento cruzava sua mente, algo pressionando vinha para cima, permitindo-lhe adiar a triste tarefa por um tempo mais longo.

Agora "algo pressionando" forçou sua mão. Uma nova fêmea de sua espécie havia sido encontrada, e ela estava precisando. Joseph não podia permitir que nada viesse antes disso, não importa o quanto quisesse evitar mais sofrimento.

Com um suspiro pesado, foi até o quarto de hóspedes que fora usado como uma biblioteca. Prateleiras cobriam as paredes. No centro da sala havia uma pequena mesa antiga que, com base em seu tamanho, tinha que ter sido utilizado unicamente por Gilda.

Joseph se inclinou sobre a mesa e viu um caderno de capa de couro escrito com sua elegante letra. Quando começou a ler, ouviu a voz em sua



cabeça, cadenciada com sua herança celta.

Era uma espécie de diário, contando os eventos que a levaram até os últimos dias. Estava preocupada, triste. Angus estava zangado com ela por algum motivo ela não descreveu.

Quanto mais lia, mais se sentia como um intruso. Não tinha nenhuma razão para entrar em seus pensamentos privados. Tudo o que precisava era de seu livro listando os artefatos mágicos que ela catalogara ao longo dos séculos.

Joseph passou pelas gavetas, não encontrando nada de importância. Ele examinou as prateleiras, procurando passar pelos títulos produzidos em massa para aqueles que eram mais velhos, e feitos à mão. Ele abriu cada um, fazendo uma pausa para essas passagens manuscritas. Quando a pilha de livros que tinha rejeitado cresceu, ele ouviu uma batida hesitante no batente da porta.

Lyka estava ali, parecendo a luz do sol encarnada. Sua dor de cabeça diminuiu, e um pouco do peso da dor que sentiu desde que chegou aqui pareceu clarear. Algo profundo no peito de Joseph deu uma guinada em direção a ela, desesperado para estar mais perto.

Ele não se moveu um centímetro. Toda vez que ele se aproximou, ela fugira. Desta vez, ele iria segurar sua posição e esperar que ela ficasse por mais de alguns segundos. Ele realmente precisava dela para ficar, para facilitar-lhe, só por um minuto ou dois.

— Lyka. O que há de errado? Você está bem?

Como de costume, seu corpo magro era coberto por roupas suaves, agarrando-se revelavam tanto quanto escondiam. Ele nunca vira os braços ou as pernas nuas, mesmo que tivesse sido atingido por uma onda de calor sufocante. Ela cruzou os braços sobre o peito, colocando as mãos fora da vista. — Yeah. Tudo bem.

— Por que você está aqui? Não que você não seja bem-vinda, é claro, apressou-se a acrescentar. — Eu só quero dizer que é inesperado.



Ela olhou para as paredes, o tapete — em qualquer lugar, menos para ele. — Me disseram que eu poderia encontrá-lo aqui. A senhorita Mabel disse que eu preciso obter a sua permissão.

— Para quê?

— É provavelmente um mau momento. Você tem muito em sua mente, eu tenho certeza. Eu só vou.

— Não, por favor. Eu poderia aproveitar um pouco de distração. Vá em frente.

Ela puxou uma respiração profunda como se ela estivesse prestes a saltar em um mergulho do alto. — Eu quero trabalhar com as crianças — ensinar uma classe.

Lyka era uma Slayer, que se fixou aqui para garantir que seu irmão Andreas mantivesse a trégua entre seu povo e Joseph. Em troca, Joseph enviara um de seu próprio povo, e não havia um dia que passasse que ele não quisesse saber como Carmen estava indo. Os poucos relatos que ele recebeu via e-mail foram enviados a partir de um dos homens de Andreas. Joseph nunca chegou a falar diretamente com Carmen, assim como Lyka nunca foi autorizada a falar com a sua família. Era a única maneira de prevenir a suspeita de ela ter sido enviada para cá como uma espiã.

A ideia de que Lyka estava começando a se encaixar aqui desembaraçou uma tensão bem entre as omoplatas. Ele odiava pensar que ela sofria, que ela estava sozinha. Ela querer dar uma mão era um bom sinal.

— Claro, ele disse, esperando que ele parecesse feliz com a ideia sem revelar muito. Lyka era espinhosa, e ele temia que, se ela achasse que o estava fazendo feliz, ela parasse. Mesmo que ela sofresse por causa da decisão. — Você vai ter que ser supervisionada. Você entende.

— Eu compreendo que sou sua inimiga. Você não me quer fazendo lavagem cerebral em seus filhos ou atraindo-os para minha suíte para que eu possa jogá-los no meu forno para o jantar.



Essa imagem ridícula tirou um sorriso de algum lugar lá no fundo. — Nós não somos mais inimigos, lembra?

Ela ergueu os ombros em um encolhimento, mas só enfatizou o quão vulnerável ela estava aqui. Ela não tinha deixado nenhum dos Sentinelas chegar perto dela. Ela brincava com as crianças quando ela achava que ele não estava olhando, mas verdade seja dita, sempre que Lyka estava por perto, Joseph estava sempre à procura. Ele não podia evitar.

— Então, eu tenho a sua permissão?

Ele assentiu com a cabeça. — Escolha um dos professores para supervisionar. Venha ao meu escritório depois e deixe-me saber quem você escolheu.

Ela franziu a testa como se estivesse confusa. — Tão fácil?

— O que você esperava? Algum tipo de sessão de tortura?

Ela olhou para ele por um longo tempo, com os olhos amarelos pálidos fixos em seu rosto. — Eu nunca sei o que esperar neste lugar.

— Você está se encaixando muito bem.

— Eu não quero me encaixar. Eu quero ir para casa.

Joseph sentiu uma onda de simpatia pela saudade dela. — Eu sei. Logo, espero que o nosso povo vá confiar uns nos outros o suficiente para mover-se após isso. Mas até então, eu estou feliz por você estar aqui. Assim como as crianças.

Um fantasma de um sorriso iluminou seus olhos. — Eu gosto deles. Eles são... sem complicações.

— E eles gostam de você, também. Tenho certeza que eles vão adorar a sua aula.

Ela ficou em silêncio por um momento, mas não deixou que ele esperasse. Finalmente, depois que ela lhe deu a oportunidade maravilhosa para olhar por um tempo, ela disse, — Obrigada, Joseph.

— Por quê?

— Não sendo o auto importante babaca que meu avô disse que era.



— Uh, obrigado.

— O que você está fazendo aqui, de qualquer maneira, ela perguntou.

— Eu estou procurando um livro que Gilda mantinha de artefatos mágicos.

Lyka assobiou. — Tesouro grave.

— Não é tão grave como os próprios artefatos, mas eu estou esperando que ele vá me dar a informação que eu preciso.

— Você não vai encontrá-lo aqui.

— Por que não?

— Este é o primeiro lugar que você olha, certo?

— Sim, — disse ele.

— É por isso. Se eu tivesse algo tão valioso, eu não iria colocá-lo em meu escritório. Eu iria escondê-lo, armazená-lo em algum lugar que ninguém visse.

Ela tinha um ponto.

— Como? — Ele perguntou.

— Compartimento secreto. Esconderijo seguro. Uma caixa com tampão.

Joseph sorriu com o pensamento de Gilda fazendo uma coisa dessas. — Importa-se de me ajudar a procurar?

Um lampejo de emoção vibrou em seu rosto antes de morrer. — Você não quer confiar em mim em algo parecido com isso.

— É menos precioso para mim do que as crianças humanas e eu estou confiando em você com eles.

— Com uma testemunha.

— E agora estou aqui para servir como sua testemunha em nossa pesquisa.

Sua respiração acelerou, e ele jurou que viu seus olhos escurecerem antes que ela desviasse o olhar. — Não, obrigada. Eu não quero começar qualquer rumor.



— Não se preocupe. Todo mundo sabe que você não pode ficar perto de mim.

— Não esse tipo de rumor. Eu estava pensando mais ao longo das linhas de roubar informações secretas para o meu povo.

— Você não faria isso.

— Você não me conhece bem o suficiente para dizer o que eu faria ou não faria.

Joseph aproximou-se antes que ele pudesse parar a si mesmo. Todo o seu corpo ficou tenso e ela recuou até que ela bateu na parede do corredor.

Ele parou no meio do caminho e empurrou um suspiro áspero de frustração. — Eu não vou te machucar, Lyka. Você não precisa ter medo de mim.

Sua mandíbula estendeu em desafio. — Eu vou deixar um bilhete em sua mesa assim que eu encontrar alguém corajoso o suficiente para ficar de olho em mim.

Com isso, ela virou-se e fugiu, deixando-o sozinho mais uma vez. Sua dor de cabeça voltou como uma vingança, e um nó familiarizado torcido ao longo de sua coluna vertebral. Lyka lhe tinha dado uma distração divertida, mas ela foi embora agora, e ele precisava voltar ao trabalho.

Talvez se ele se apressasse, ele estaria lá quando ela viesse ao seu gabinete.

O pensamento deu-lhe uma corrida inebriante, e apressou o passo. Depois de mais alguns minutos de varredura na suíte, ele encontrou uma caixa escondida debaixo de uma pilha de roupa com babados e lingerie que ele teria preferido nunca ter visto.

Dentro dessa caixa estava o livro que ele estava procurando, juntamente com um envelope grosso. A parte externa do envelope estava marcada com a letra de Gilda, sua intenção inconfundível.

Meu Desejo de Morte.



A honra de Joseph exigiu tudo o que podia para defender o último desejo de Gilda, portanto, com tristeza alojada em sua garganta, ele abriu o envelope. Dentro havia uma lista de itens valiosos localizados em seu quarto. Todos eles eram para ser colocado nas mãos de quem liderava o Theronai, ou seja, Joseph.

Havia também várias cartas dentro do envelope, cada uma marcada com um nome diferente. As instruções indicavam que essas cartas foram seladas para ser entregues, e se os destinatários estivessem mortos, era para Joseph queimá-las.

Havia uma para cada das filhas de Gilda, além de Angus, Helen e Tynan.

O desejo de abrir e lê-las queimavam em seu intestino, mas Joseph manteve a curiosidade à distância. Gilda não fora sempre a pessoa mais fácil de viver, mas ela sempre tinha colocado as necessidades dos Sentinelas acima de seus próprios desejos.

Joseph poderia aprender muito com ela.

Ele colocou tudo de volta na caixa. Mais tarde, ele voltaria e limparia seu próprio quarto. Até então, ele iria trancá-lo firme e certificar-se que uma das câmeras estava apontada para a porta e monitorada 24/7⁸. Havia demasiadas surpresas potenciais aqui, e ele não queria que ninguém tropeçasse em algo que não deveria.

No caminho de volta para seu escritório, ele fez um desvio para a ala Sanguinar, a suíte de Tynan. Quanto mais cedo essas cartas fossem entregues, melhor.

Embora como entregaria a carta de Maura para ela, ele não tinha ideia. Ela tinha há muito tempo desviado de seu próprio povo e passou a viver com os Synestryn. Eles tiveram apenas raros lampejos dela ao longo dos anos, incluindo na noite em que Angus e Gilda morreram.

Maura estivera lá. Ajudou a matar seus pais. As lembranças que viviam dentro da espada de Angus mostraram muito a Joseph. Também mostrou

⁸ Vinte e quatro horas, sete dias da semana.



a ele a amplitude do amor de um pai, que o humilhara e irritara ao mesmo tempo.

Os pais de Maura a perdoaram por voltar-se contra eles, mas Joseph não conseguia fazer o mesmo. Ela era seu inimigo. Ela merecia morrer.

Tynan abriu a porta de sua suíte, parecendo mais cansado e atormentado do que o habitual. Seu cabelo estava um pouco longo, e o crescimento de barba sombreava o queixo magro. Fadiga fazia aros em seus olhos azuis gelados, que se iluminaram com fome, logo que ele viu Joseph na porta.

Ele entregou a carta ao Sanguinar. — Achei isso no quarto de Gilda. Seu desejo de morte era que você pudesse tê-la.

Os olhos de Tynan se estreitaram com desconfiança, quando ele pegou a carta e abriu-a. Joseph ficou onde estava nem mesmo tentando esconder sua curiosidade sobre o que ela continha.

Enquanto o olhar de Tynan esquadrihava a página, um olhar de choque começou a assumir o seu rosto bonito. Ele agarrou a moldura da porta, como se para se firmar, e a carta começou a vibrar em sua mão.

Joseph esperou enquanto o homem lia-a novamente a partir do topo, como se incapaz de acreditar no que viu. Quando Tynan o fez, ele olhou para Joseph, em estado de choque.

— O quê? — Perguntou Joseph.

— Eu preciso que você faça algo para mim.

Se ele tinha algo a ver com o desejo de morte de Gilda, a honra de Joseph obrigava-o a concordar. — Claro. Diga-o.

— O desejo de Gilda foi para eu distribuir uma cura para a esterilidade dos Theronai em todo o planeta. Sem pedir pagamento em sangue. Se eu fabricá-lo, você pode distribuí-lo e conseguir os homens para levá-lo?

A mente de Joseph estava cambaleando. — Você vai dá-lo? Nenhum preço de sangue?

— Esse foi o seu desejo. Sinto-me obrigado a cumpri-lo.



— Sim, está bem. Se for isso o que ela queria, eu tenho certeza que os homens vão cumprir.

— Ela queria que todos eles aceitassem a cura, Joseph. Isso significa que todos. Sem exceções.

Alguma coisa estava fora aqui, mas Joseph não poderia colocar o dedo sobre o que era. Talvez fosse simplesmente que Tynan estava chateado com todo o sangue que ia perder por causa do que Gilda tinha feito. O Sanguinar tinha derramado meses de tempo e energia para a cura, e ele quase matou a si mesmo para encontrá-la. E enquanto Joseph iria defender o desejo de Gilda, isso não significa que ele não poderia oferecer pagamento a Tynan.

— Você pode ter o meu sangue.

— Mesmo que Gilda me pediu para dar a cura?

Joseph deu de ombros. — Ela estava olhando para nós, mas é o meu trabalho cuidar de você, também. Tenho certeza de que alguns dos homens vão ver as coisas do meu jeito.

Tynan balançou a cabeça, em sinal de gratidão. — Eu agradeço a você. Eu tenho um monte de trabalho a fazer, se eu for o suficiente para a fabricação de soro para todo o Theronai toda a Terra.

— Posso oferecer alguma ajuda?

— Eu poderia usar uma pequena equipe de Geraí, bem como suprimentos: seringas, frascos, material de embalagem.

— Tudo o que você precisar. Basta enviar-me uma lista. E por mais que Joseph não gostasse da ideia de dar acesso a Tynan a seu sangue — de arriscar a fraqueza e permitindo a Tynan a chance de ferrar com sua cabeça, ele levantou o braço em oferta.

Os olhos de Tynan brilharam com luz interna por um segundo. — Eu vou dar-lhe primeiro o soro. Portanto, não se pode dizer que o obrigaram a oferecer o seu sangue.

— Justo.



O Sanguinar se afastou para deixar Joseph entrar. — Sente-se. Isso não vai demorar muito.

Tynan fugiu para seu laboratório com a desculpa de ir buscar uma dose do soro da fertilidade.

Não que ele precisasse.

Como ele suspeitava, não era a sua cura que dera de volta aos Theronai a sua capacidade de se reproduzir. Gilda fizera isso. De algum modo.

Não poderia ser uma coincidência que sua morte tivesse precedido imediatamente as gravidezes recentes. Não, se o que ela declarou em sua carta fosse verdade, e Tynan não tinha nenhuma razão para acreditar no contrário.

Gilda esterilizara os homens. Séculos atrás, na noite em que seu último filho morrera. A tristeza a deixara louca de raiva, e em um momento de fúria em seu desejo de nunca mais passar pelo trauma de ver outro de seus filhos morrerem em batalha, sua magia havia se espalhado sobre o planeta, deixando cada Theronai macho estéril. Só então ela podia ter certeza de que não haveria mais filhos que nasceriam dela.

Ela não tinha a intenção de fazê-lo. Ela destinava-se apenas a esterilizar Angus, mas o poder de suas emoções fora muito grande, jogando sua magia fora de controle.

Não eram os Synestryn que lhes tinham roubado sua capacidade de ter filhos. Fora Gilda.

Todos esses meses de esforço e magia que Tynan gastara foram desperdiçados. Ele não era poderoso o suficiente para reverter o que Gilda fizera.

A carta explicara como ela tentou e não conseguiu desvendar o que fizera. Aparentemente, ela queria encontrar uma solução, ou sua morte fora ela.

De qualquer maneira, o estrago estava feito. Todos os Theronai do sexo masculino eram provavelmente férteis agora, e era apenas uma questão de tempo antes de descobrir que não era Tynan que o estava fazendo. Não só ele seria acusado de tentar enganá-los, não levaria muito tempo antes que os outros comessem a olhar para o que tinha acontecido. Talvez alguns deles acreditassem que a magia Synestryn que eles pensaram que era iria se desgastar, mas nem todo mundo faria. Alguém iria começar a caça à verdade, e, eventualmente, eles a encontrariam.

Se os Theronai soubessem o que Gilda fizera, o trabalho dela de toda uma vida se tornaria suspeito. Sua honra seria abalada.

Os Theronai necessitavam de sua honra. Mantinha-os fortes e os mantinha juntos, apesar da dor que enfrentavam. Sem sua honra, muitos deles perderiam a fé, perderiam a esperança. Suas almas se decomporiam mais rapidamente, e bons homens morreriam — homens de quem o povo de Tynan dependia para sobreviver.

Ele não deixaria isso acontecer. O que fosse necessário, não importa quantas mentiras ele tivesse que dizer ou as pessoas que ele tinha que enganar, ele iria proteger o segredo de Gilda.

Ele ateou fogo em um bico de Bunsen⁹ e incendiou a sua carta até que apenas cinzas permaneceram.

Capítulo 15

Rory acordou em uma bolha de raiva. Ela cresceu dentro dela, batendo contra as costelas como se procurasse arrebentar para fora. Um grito feroz

⁹ Dispositivo utilizado para efetuar aquecimento em laboratório.





irrompeu de seus lábios, apenas para ser silenciada por grossos dedos quentes.

— Shh. Você está bem agora. Uma voz baixa e retumbante que a acariciou como seda aquecida pelo sol.

Cain.

Ela não estava bem. Queria matar, sentir sangue correr entre os dedos e cravar seus dentes em carne e osso.

Tão nojento.

Rory forçou suas pálpebras pesadas abertas e viu que ela estava em sua própria cama. A visão familiar aliviou um pouco do persistente medo, mas não tanto quanto ver Cain sentado em sua cama, perto o suficiente para tocar.

A imagem de seu rosto pálido manchado com a maquiagem de super-prostituta dos olhos e cabelo rosa emaranhado surgiu em sua cabeça. Sobrepondo-se ao que era a visão de belos dedos longos, masculinos, digitando mensagens de texto a partir de um telefone. A visão era tão forte, que ela sabia que alguém tinha que estar por perto.

Ela nem sequer tentou se impedir de tocar Cain. Ela simplesmente estendeu a mão e pegou a mão dele, deixando o frisson quente de prazer que ele lhe deu se contorcer através de seu braço e peito. Sua respiração acelerou e desacelerou, e seu batimento cardíaco rápido começou a procurar o ritmo do seu, refletindo o ritmo lento e constante.

As visões desapareceram, deixando-a em paz relativa.

— Como você se sente?

Ela engoliu em seco para aliviar a garganta seca. — Melhor. Menos maníaca-homicida.

Ele ofereceu-lhe uma xícara de café. — Bom. Eu trouxe comida.

Ela tomou o café, mas recusou-se a deixar ir sua mão. Ele não pareceu se importar muito. Ou talvez ele estivesse apenas sendo gentil.

Sua carência irritava seus nervos crus, mas ela ainda se sentia fraca e



quebradiça do que quer que fosse que tivesse acontecido com ela antes.

Ela tomou um gole, deixando o líquido quente aliviar a garganta seca.

— Importa-se de me dizer como eu cheguei aqui?

— O que você lembra? — Ele perguntou.

— De querer te matar.

Ele encolheu-se abertamente.

Nada como uma dose de verdade nua e crua para levar um homem embora. — Se serve de consolo, queria matar quase todos. Eu sou uma lunática com oportunidades iguais.

— Você não é uma lunática. O demônio que teve seu sangue estava usando isso contra você, controlando você. Esses sentimentos eram dele. Não seus.

— Então, eu não sou uma louca homicida, mas deixei um no meu cérebro? Isso não é realmente muito melhor.

— Ronan acha que pode ajudar.

Acha? Grande.

Ela ignorou o surto de medo e olhou para fora da janela. Uma fraca luz azulada pairava sobre o vidro, como uma camada de água ao luar. — O que é isso?

— Andra colocou um escudo para manter os Synestryn à distância.

Deve ter funcionado, porque não havia nenhum vestígio mais da raiva fétida em sua cabeça. — Andra? Não é a mulher que pode encontrar crianças perdidas?

— É.

Rory estava baixando a xícara de café, jogando as cobertas. — Preciso falar com ela.

Os dedos de Caim apertaram os dela, impedindo-a. — Ela já se foi.

A decepção se abateu sobre ela, empurrando um suspiro de frustração de seus pulmões. — Mas eu ia perguntar como ela faz isso.

— Falei com ela antes de sair. Pedi por você. Ela me disse tudo o que



ela poderia saber e ela disse para dar-lhe seu número de celular se você tiver quaisquer perguntas.

— Então? Como ela faz isso?

Cain pegou um prato de comida a partir de sua cômoda e segurou-o para fora. — Eu vou dizer a você, enquanto você come.

Ela sentiu o cheiro de melado e foi vencida. — Você fez isso?

— Fiz.

— Você cozinha, também? Você sabe que não está jogando limpo, certo?

— O quê?

— Os homens lindos são supostos a ser profundamente falhos e relativamente impotentes. Você não é nenhum dos dois, o que lhe dá uma vantagem injusta sobre toda a população inteira de homens amorosos.

Uma lenta onda quente de prazer ondulava dele com sua declaração. Foi tão bom, que se perguntou se deveria cumprimentá-lo novamente para ver se ela poderia obter outra dose inebriante.

Seu gemido foi sugerido com um toque de diversão. — Eu posso não ser impotente, mas garanto-lhe que minhas falhas são profundas o suficiente.

Ela pegou um pedaço de comida, o que fez seu estômago acordar com uma vingança. — Panquecas compensam um monte de coisas ruins, mas, novamente, o meu gosto por homens é menos do que estelar. Então o que diabos eu sei? O último cara em que confiei me vendeu aos demônios por drogas.

Seu rosto ficou vermelho de raiva. — Ele... o quê?

Ela continuou comendo, desejando que ela tivesse a boca muito cheia de alimentos para conversar. — Não é grande coisa. Ele foi comido, então a piada é com ele.

Ela ainda tinha pesadelos com esses dois dias que passou no porão inundado nadando com monstros, mas desde que ela pudesse brincar com



isso, não poderia assustá-la quase tanto quanto.

Essa era a sua teoria, e ela estava aderindo a ela.

— Então derrame. O que Andra disse?

Cain demorou um momento para recuperar a compostura o suficiente para falar. Ela tinha certeza que ele ia explodir uma junta ou algo assim. A cada poucos segundos, ela sentia um caco de fúria escapar dele. Ela não tinha certeza de como todo o material de magia funcionava, mas se ela simplesmente parasse de pensar e deixasse ir por instinto, os sinais provenientes dele eram muito mais fáceis de decifrar.

Ele estava preocupado com ela. Ele estava chateado como o inferno que alguém a tivesse machucado. Ele se sentia culpado que ele estava sentado aqui. Mas acima de tudo, ele estava determinado a corrigir alguma coisa. Ela não sabia o que era aquilo, mas aí de alguém que estivesse no caminho do homem.

— Andra diz que ela segue um rastro de emoção. Ela vai para onde a criança foi levada e tenta colocar-se no lugar deles. Normalmente, as crianças que são tomadas estão apavoradas, e ela disse que pode ver isso como uma espécie de desmaio, trilha enevoadada de luz.

A garganta de Rory fechou-se em torno desse último pedaço, quase a sufocando com medo. Ela empurrou o prato meio vazio para Cain e mexeu-se da cama.

— O quê? — Ele perguntou, a preocupação apertando a testa.

— Não há nenhuma maneira de eu vou voltar para o último lugar onde minhas visões desapareceram. E mesmo se eu pudesse tolerar a ideia de voltar a esse edifício inundado, eu não sei por onde começar a encontrar um rastro de emoção. Eu não tenho nenhuma ideia de quem essa pessoa é, ou qual poderia ter sido o sentimento.

— O medo é um bom palpite.

— E se fosse um daqueles seres humanos drogados? Eles certamente não estavam com medo. A maioria deles estava muito chapada em suas



cabeças estar sentindo muita coisa.

— Euforia, então? Tem que ser alguma coisa. Eu acho que você deve a si mesma voltar e tentar.

Instantaneamente a negação feroz inchou dentro dela. — Você não sabe o que está pedindo. Você não estava lá. Você não tem ideia de como era.

Ele acariciou sua têmpora com um dedo, mas isso era tudo o que tinha para dar-lhe, um fio fino de calma onde se agarrar.

— Não vou te obrigar a fazer nada que não queira fazer. Se você quiser, vamos esquecer tudo isso. O que você quiser.

Se ela fosse embora agora, ele estaria preso a ela, e enquanto ela tinha certeza de que a ideia não o incomodava muito agora, eventualmente, ele o faria. Ela nunca manteve as pessoas por muito tempo. E por mais que quisesse mentir para si mesma e fingir que eram as visões que os levou embora, ela sabia melhor. Ela se irritava com as pessoas. Ela esfregava-os da maneira errada. Cedo ou tarde, Cain sentiria o mesmo, e antes que isso acontecesse, ela precisava trabalhar com ele para cumprir a sua parte do acordo, porque trabalhar com ele depois que ele estivesse cansado dela ia doer.

— Não. Você está certo. Isso é algo que eu preciso fazer.

Ele franziu o cenho para ela, e ela sentiu uma ligeira pressão atrás dos olhos e uma presença reconfortante. — Você não tem que ter medo. Eu estarei lá com você.

Sua coluna ficou ereta mais por hábito do que qualquer coisa. — Eu não estou com medo. Mas eu também não sou estúpida. Aquele prédio onde Krag morreu tem que estar cheio de monstros.

— Você quer dizer o local onde Logan e Hope foram mantidos prisioneiros?

— Yeah. Eles não eram os únicos.

— Nós limpamos. Demolimos. Não sobrou nada, apenas a sujeira e as



cinzas.

— Portanto, é seguro?

— Tanto quanto poderíamos fazer isso.

— Então, devemos ir até lá. — Antes que perdesse a coragem e decidisse esconder-se debaixo da cama para o resto de sua vida.

— Nós vamos, mas Ronan precisa verificar você em primeiro lugar.

— Eu me sinto bem.

Cain acenou em direção à janela. — Por causa da proteção de Andra. Uma vez que você passar suas defesas, todas as apostas estão acabadas.

Ela gemeu em desespero e saiu da cama. Ela não conseguia decidir-se a se deixar ir do lado de Cain, porque ela sabia que as visões se escondiam além de seu toque. — Se eu vou ter algum vampiro brincando de neurocirurgião, eu vou fazê-lo depois de um bom banho quente.

— Realmente não há tempo para —

Ela ficou bem na cara dele, que era muito mais fácil fazer com ele sentado na cama. — Ouça, Cain. Meu mundo inteiro é um monte de merda e desolação agora. Eu pelo menos mereço o cabelo limpo.

Ele deu-lhe um aceno solene. — Tudo o que você precisar. Não vou ficar no seu caminho.

Ele era tão foddidamente paciente com ela, tão amável. Tudo o que fizera até agora foi usá-lo, e ele estava com ela a cada passo do caminho, ali, firme e sólido, como se pudesse jogar tudo para ele, e ele poderia levá-lo.

Ela não estava acostumada a homens como esse. Normalmente, eles a usavam. E ela odiava. Agora ela estava fazendo a mesma coisa a Cain, e era apenas uma questão de tempo antes que ele pegasse.

Assumindo que ele já não o tivesse feito.

Talvez ele estivesse ligado de forma diferente. Talvez fosse parte de seu charme da velha escola de ser assim... indulgente com ela.

Rory não tinha certeza, mas o que quer que fosse ele estava



enrolando-a, pouco a pouco, amarrando-a a ele de uma maneira que ela nem sabia que era possível.

Mesmo agora, quando ela saiu e entrou no chuveiro, ela podia sentir a sua preocupação com ela viajar através do link entre eles. Ela podia ver através dos olhos dele que ele estava do lado de fora da porta do banheiro, olhando.

Um pulso forte de desejo bateu com força, fazendo-a aderir à parede para ficar de pé. Suas coxas se apertaram, e de repente seus sentidos eram biônicos. Ela podia sentir cada gota de água em cascata sobre seu corpo, encharcando-a com calor úmido. O cheiro de seu sabonete rodou no ar em mechas grossas de vapor. Mesmo o ruído chuvoso branco da água batendo na banheira era mais alto.

Ela olhou fixamente para a parede branca, mas tudo o que ela via era o que Cain via. Sua enorme mão espalmada sobre a porta de madeira, seus dedos apertados como se pudesse alcançar através se ele se esforçasse o suficiente.

E assim, ela o queria aqui com ela, todo liso e nu.

Um homem tão forte como ele não teria nenhum problema apoiando-a contra a parede e segurando-a lá enquanto ele empurrava profundo. A questão era saber se uma mulher como ela seria capaz de manter-se. Ela teve apenas dois amantes, e nenhum fora suficiente para que ela desejasse para um terceiro. Até agora.

Sua experiência sexual era uma queda lamentável em um balde enferrujado.

A presença familiar teceu através de seus pensamentos, acariciando as partes mais íntimas dela. Desejos, sonhos, fantasias. Cain escorregou entre todos eles, demorando-se como se tivesse todo o tempo do mundo.

O que ela não daria para descobrir exatamente o que com paciência ele poderia fazer com ela na cama. Não sabia se iria sobreviver, mas sabia que estava mais do que disposta a dar-lhe uma tentativa.



O que você quiser.

As palavras não foram entendidas como qualquer tipo de sedução, mas pareciam assim agora. Ela poderia pensar em toda uma montanha de coisas que ela queria, e cada uma delas começava com ele andando pela porta do banheiro.

Ela encontrou sua conexão com ele, o calor zumbido cercando seu pescoço. Sua essência zumbia nesse link, tentando-a.

Todo este material mágico era novo para ela, mas partes dela pareciam saber instintivamente o que fazer. Ela só tinha que pensar em deixá-lo sentir o que ela fazia, e ela podia sentir a reverberação de suas emoções ondulando entre eles. Ela deixou-o sentir seu desejo, o deixou sentir o que fazia a ela quando o imaginava tocando-a.

As mãos de Rory deslizaram sobre seu corpo, mostrando-lhe o que ela mais gostava, o que fazia sua respiração parar no peito, e que a fazia gemer de prazer.

Sua mão apertou em um punho contra a porta. Ela jurou que sentiu seu pênis endurecer e latejar, mas não tinha ideia de como isso poderia acontecer. Seu desejo era mais áspero do que o dela, mas não menos exigente. As bordas irregulares dele a cortaram, fazendo uso da dor para trazer alívio.

O que você quiser.

Ela tentou mostrar-lhe o que queria, mas sua inexperiência deixou a fantasia plana e incolor. Cain agarrou-a, mergulhando na cor e textura, sons e aromas, até que o quadro que ele pintou era vivo e brilhante com a promessa.

Suas mãos percorriam suas curvas lisas. Ele colocou seu corpo em volta dela, prendendo-a sob o jato quente. A gaiola dos seus braços nus e peito era um com que ela se deliciava, deixando os dedos acariciarem como um animal de estimação até que ele estava tremendo com a tensão.

Sua boca encontrou a dela, tão quente e faminta, a cabeça girou por



falta de oxigênio. Não que ela se importasse. Enquanto ele não parasse, ela estava feliz em deixá-lo fazer o que quisesse.

Ele beijou seu caminho até o pescoço, ao longo de sua clavícula. Sua ereção estava dura e pesada contra sua barriga. Seu pulso batia lá, e ela queria sentir a batida dentro dela mais do que ela queria seu próximo fôlego.

Cain não a deixou ter pressa. Qualquer outro homem teria estado dentro dela agora.

Ela estava pronta para ele, lisa e vazia e necessitada. Ela estava pairando no limite, tão perto de vir, ela sabia que levaria apenas um golpe para mandá-la voando. Mas esse golpe não veio. Não com um homem tão paciente quanto Cain.

A fantasia tocou, sugando-a para o passeio. Em sua mente, ela o viu chegar à maçaneta da porta do banheiro. Seu punho apertado em torno dela. Os tendões de seu braço se deslocando para girar a maçaneta.

Ele estava indo através da porta. O homem real, de carne e osso. Ela estava indo para ter tudo o que ela queria, ou não podia lidar com isso.

Um segundo depois, rosto bonito de Ronan apareceu, surgindo grande em sua visão. Ele interrompeu Cain — o impediu de abrir a porta.

A fantasia desmoronou. Rory ficou tremendo e desesperadamente necessitada, estremecendo sob uma corrente de água fria.

Do lado de fora, ela podia ouvir os dois homens conversando. Ela podia ver ambos os rostos, suas bocas se movendo. As palavras reais estavam perdidas para ela, mas o tom da conversa foi bastante claro.

Tempo de Rory sair do chuveiro e enfrentar seus demônios. Literalmente.

Capítulo 16



Passara-se um longo tempo desde que Cain quis matar um de seus aliados, mas Ronan estava pedindo por isso. Ele tinha que ter sabido o que estava acontecendo. Os galopantes batimentos cardíacos de Cain deveriam ter mandado ele para longe, se nada mais.

À medida que o aperto de luxúria soltou-se e Cain começou a pensar como uma criatura racional novamente, ele percebeu que ele tinha com Ronan uma dívida de gratidão.

Um homem que jurou proteger sua senhora não teria relações sexuais no chuveiro enquanto a última proteção mágica havia desaparecido.

Atrás da porta, que o insultara por sua mera existência, ele ouviu a água ser desligada. Rory saíra do banho agora, toda rosa e molhada.

Ela mostrou-lhe como era, compartilhando sua percepção de si mesma através do seu link. Ele sabia exatamente o tom de rosa escuro que eram os mamilos, e que a sua cor natural do cabelo era um loiro cinza pálido. O que ele não sabia era qual era o gosto dos mamilos, ou como os cachos loiros molhados, pareceriam sob as pontas dos seus dedos.

Cain nunca precisava saber nada mais em sua vida além da necessidade de aprender a resposta a esses mistérios interessantes.

— Eu consultei Tynan e Logan, — disse Ronan. — Ambos concordam que há duas opções para lidar com a ligação de sangue que o demônio tem sobre nós.

Cain teve um tempo difícil para acompanhar a conversa. Sua mente ainda estava firmemente nesse chuveiro com Rory, perguntando-se quanto tempo ele poderia aguentar antes de imobilizá-la contra a parede como sua fantasia exigia.

A porta do banheiro se abriu às suas costas. Ele sentiu a carícia molhada de vapor enrolar em volta dele. Era perfumado com sabão e pele quente e úmida. A pele de Rory.

Cain virou-se, incapaz de parar a si mesmo.



Ela vestia apenas uma toalha enrolada ao redor de seus seios. Seu rosto estava limpo, livre de maquiagem, mostrando o rico marrom escuro de seus olhos. Ela tirou vários brincos, deixando sua Luceria como a única joia em seu corpo. Uma profunda onda de excitação pintando suas bochechas. As gotas de água se agarravam à sua pele.

A imagem mental dele lambendo cada gota, quando ele tirasse a toalha dela, se chocou contra ele.

Seus lábios se separaram em um fôlego silencioso, e os mamilos se apertaram contra a toalha fina.

Um pequeno puxão e ele seria capaz de ver por si mesmo se o seu corpo era tão bonito como ele vira através de seus olhos.

Atrás dele, Ronan pigarreou. — Você vai decidir?

— Decidir o quê? Perguntou Cain, sem querer tirar os olhos dela nem por um segundo. Oportunidades de se embeber em uma visão tão rara não vinham muitas vezes, até mesmo para os homens que viviam tanto quanto Cain tinha vivido.

— Que abordagem tomamos a lidar com o demônio que tem o sangue de Rory.

— Talvez Rory gostasse de decidir, — disse ela. — Depois que ela colocasse algumas calças.

Ela passou por eles e fechou a porta de seu quarto.

— Ela não gosta muito de mim, não é? — Perguntou Ronan.

— Você não a respeita. Você a trata como se ela fosse uma idiota.

— Ela é nova em o nosso mundo, em o seu poder. Parece razoável que deixasse para você as questões importantes.

Isso fez com que Cain risse, soltando uma bolha de frustração sexual e tensão. — Deixar para mim? Sério? Você conhece Rory?

Ronan fez uma careta, mas o fez olhar pensativo e artístico. — Eu não a conheço, assim como você faz, claramente, mas —

— Mas nada. Mulheres como Rory não deixam nada para ninguém. Ela



é como Gilda. Se tiver sorte, você começa a expressar a sua opinião antes dela decidir ignorá-la.

— Estúpido. Perigoso e estúpido.

— Você nunca teria dito isso no rosto de Gilda. Pelo menos não duas vezes.

Ronan balançou a cabeça, fazendo uma careta de autodepreciação contraindo seus lábios. — Isso é verdade. Embora eu duvide que alguém pudesse substituir Gilda.

Pesar pegou na garganta de Cain, surpreendendo-o com a sua ferocidade.

Rory saiu de seu quarto enquanto terminava de puxar a camisa para baixo sobre a barriga nua. Seus movimentos foram levados às pressas, os olhos atormentados com preocupação. Aqueles olhos castanhos escuros encontraram os dele. — Você está bem?

Ela sentiu a dor. Sua ligação já era mais profunda do que ele teria pensado possível em tão pouco tempo.

Ele estava impressionado com isso por um momento, incapaz de falar. Desde que Jackie tinha escolhido Iain, desistira da ideia de encontrar uma mulher como Rory. Ele ainda não tinha certeza se acreditava que ela era real. Ou que ele começava a ficar com ela.

— Nós estávamos discutindo uma velha amiga, perdida para nós agora, — disse Ronan. — Não precisa se preocupar.

Suas bochechas ficaram tão rosa quanto o cabelo dela, e ela gaguejou. — Sinto muito. Não quis me meter.

— Você não estava, Cain apressou-se a dizer.

Uma mecha rosa de cabelo molhado se agarrou a sua bochecha. Sem pensar, ele alisou-a de volta no lugar.

Sua pele era quente e úmida, lembrando-lhe tudo muito intensamente da fantasia do chuveiro que tinham compartilhado. Não que isso fosse uma visão que ele esqueceria tão cedo. Ela mostrou-lhe como ela gostava de ser



tocada, que pontos eram os mais sensíveis. Aquele não era o tipo de conhecimento que ele descuidadamente deixaria de lado.

Amarrá-la a você com prazer.

O pensamento perdido o pegou desprevenido. Sua boca ficou seca, e ele teve que forçar a mão para cair ao seu lado para que ele não fosse envolvê-la em torno da nuca dela e puxá-la para um beijo. Então, finalmente, ele saberia exatamente qual o gosto dela.

Ronan pigarreou. — Então. Sobre essas opções?

— Opções? — perguntou Rory, um pouco sem fôlego.

— Para conseguir esse senhor Synestryn fora de sua cabeça.

Certo. Isso.

Cain cruzou os braços sobre o peito e se afastou. Ele não conseguia sequer olhar para ela sem perder cada fio de concentração que ele tinha. Ela tocou muito profundamente, balançando-o até seu núcleo.

— Quais são elas? — Ele perguntou.

Ronan teve o bom senso para lidar com Rory diretamente. — Eu posso cortar a ligação, enquanto que seja opção mais permanente, é também a uma mais perigosa. Ou eu posso escondê-la, dando-nos tempo suficiente para rastrear esse demônio e o matar.

— Corte-a, — disse ela, sem hesitação.

Cain sofreu com um pico de pavor antes de ele conseguir de volta seu controle. — Espere um minuto. Eu acho que você precisa de mais detalhes do que isso. Ele olhou para Ronan. — Quanto é perigoso? Quais são os riscos?

— A morte, por exemplo.

— Eu estou bem com isso, — disse ela. — Eu não estou bem carregando um demônio ao redor como uma espécie de amigo do cérebro para o resto da minha vida.

— Eu *não* estou bem com isso, — disse Cain. — Sua vida é muito valiosa para jogar fora.



— Minha vida. A minha escolha.

Ronan ergueu a mão para sua atenção. — Eu não acabei. A morte não é o único risco. Há também danos cerebrais.

Rory ficou rígida e um pouco de fio de medo deslizou entre eles. — Sim, eu não sou fã disso.

— É ainda melhor do que o efeito colateral pior possível.

Ela gemeu. — Eu não tenho certeza se quero saber.

— Tenho certeza que não. Mas eu não vou continuar, a menos que você esteja ciente dos riscos.

Cain não aguentava mais. Não podia simplesmente ficar aqui, fingindo que ela não estava sofrendo. *Sentia-a*. Não podia ignorar sua angústia.

Ele enfiou os dedos nos dela. Eles estavam frios e tremendo, trazendo cada instinto protetor, que ele já tinha, de volta à vida. Se pudesse, ele a teria enfiado em algum lugar seguro, mas isso não era uma opção. Não com Rory.

— Qual é o pior cenário? Cain perguntou.

— Eu falhar completamente, e você vai estar presa indefinidamente dentro da mente do Synestryn, incapaz de escapar. Você iria, essencialmente, tornar-se parte do demônio.

Ela parou de respirar quando uma onda palpável de medo correu através dela, em linha reta através da Luceria em Cain. Ele cerrou os dentes, sofrendo com a emoção ao lado dela.

Sua voz tremia mais do que os dedos. — Eu não vou deixar isso acontecer.

— Quanto a isso, estamos de acordo, — disse Cain quando ele a puxou contra seu lado. Ela se encaixava perfeitamente debaixo do braço, como um pedaço de si mesmo que lhe tinha faltado toda a sua vida.

Ronan acenou com a cabeça uma vez. — Bom. Então vou mascarar a besta e mostrar-lhe como se defender contra ele, dando-nos tempo suficiente para encontrá-la e destruí-la.



— Você sabe onde ele está? — ela perguntou.

O pálido olhar azul de Ronan bateu o tapete, como se estivesse escondendo algo. — Eu acredito que eu posso encontrá-lo.

Alguma coisa estava errada aqui. Cain tinha certeza disso. — O que não está nos dizendo?

A boca do Sanguinar achatada em uma linha fina de aceitação. — Esta criatura é forte. Assustadoramente. Quanto mais perto que chegarmos, mais poder terá sobre nós. E não é só. Senti conexões com centenas de demônios. Eles se curvam à sua vontade.

— Então, nós não estamos lutando simplesmente com um demônio, nós estamos indo atrás de um exército.

— Eu acredito que sim, embora pudesse ser que a criatura simplesmente quisesse que eu acreditasse nisso.

— Não, — disse Rory. Ela se encostou com mais força contra o lado de Cain e segurou sua mão como se procurasse conforto. — Ronan está certo. Qualquer demônio que é forte o suficiente para nos fazer acreditar que ele tem um exército é provavelmente forte o suficiente para realmente ter um.

Cain reuniu um fio quente de conforto e enviou-o através de seu link. Ele ficou impressionado com a facilidade com que aprendeu a usar sua conexão — como se tivesse nascido sabendo.

Lágrimas se reuniram ao longo de suas pálpebras inferiores, por um momento, antes de ela piscá-las.

Nesse momento, com o medo empalidecendo sua pele e seu corpo esbelto tremendo contra o seu, sentiu-se preenchido com um senso de propósito. Ele inchou em seu peito, fazendo-o se sentir mais forte, mais rápido. Invencível.

Por Rory ele faria qualquer coisa para encontrar uma maneira de dar-lhe tudo o que ela precisava. Ela podia não ficar com ele para sempre, mas por agora, ela era dele, e era seu dever, a sua alegria, sustentá-la.

Ele endireitou os ombros, com determinação o impulsionado. — Se



esta besta tem um exército, então eu vou construir um também.

Um sentimento borbulhando quente espalhou-se sobre o peito, formigando, uma vez que passou. Sua Marca da Vida balançava como louca, como se lançadas ao redor por um vento feroz.

Rory olhou para ele em choque, quando ela sentiu isso também. Talvez ela tivesse. Ou talvez ela estivesse reagindo à sua declaração.

Ela colocou a mão no peito dele, e seu coração saltou com o contato. — Exércitos são fáceis de encontrar no seu canto louco do mundo?

— Não, eles não são, — disse Ronan. — Há apenas alguns casais vinculados disponíveis para ajudar.

— Eles virão. Cain estava certo disso. Vou ligar para Joseph e pedir-lhe para coordenar a reunião.

Uma corrida feroz de ânsia inundou a Luceria. Ao lado dele, Rory parecia vibrar com antecipação. — E enquanto isso, Ronan pode esfregar meu cérebro. Depois disso, direcionar a prática.

— Prática de alvo? Cain perguntou.

— Se eu estou marchando para a guerra, é melhor eu pelo menos saber que tipo de arma que eu estou carregando, você não acha? Eu não estava tão quente, com o fogo. Mas devo ser boa em algo útil.

Ele não conseguia dizer a ela que poderia levar anos para que ela crescesse confortável com suas habilidades. Ela precisava acreditar que ela poderia fazer isso, e porque ela precisava, assim fez.

— Estamos de acordo? Perguntou Ronan.

Rory e Cain disseram, — Sim, em uníssono.

— Bom, então é hora de ver o que essa criatura fez a sua mente. Antes dos escudos de Andra falharem.

— Vá lá embaixo, Cain disse a Ronan. — Eu quero um minuto a sós com Rory.

Ronan saiu. Cain puxou Rory em seu quarto e fechou a porta.

— O quê? — ela perguntou, suspeita estreitando os olhos.



— Eu queria prepará-la para o que vai acontecer. Eu não gosto da ideia de você estar com medo ou ser desagradavelmente surpreendida.

—Ok. Basta fazê-lo rápido, porque agora eu estou ainda mais assustada.

— Ele beberá seu sangue.

— Uh. Não, ele não vai.

Cain segurou seus ombros em suas mãos. — Não há outra maneira. Mas você deve saber que eu estarei lá. Eu não vou deixá-lo tomar muito ou fazer qualquer outra coisa para prejudicá-la.

— Ele estará fodendo com minha cabeça. Como é que você saberá o que ele está fazendo?

Sem a máscara pesada de maquiagem nos olhos, ela parecia mais vulnerável. Ela era vulnerável. Ela só não reconhecia sempre. Ele tomou suas sugestões dela, assumindo que ela estava bem com tudo o que fora empilhado em cima dela nas últimas horas. Mas não havia nenhuma maneira que pudesse ficar bem com esse grande fardo.

— Se você permitir, eu vou deslizar dentro da sua cabeça como eu fiz antes. Estarei tão perto de você quanto eu puder, monitorando tudo o que Ronan fizer.

— Se eu permitir isso? Eu exijo. Eu não confio nele. Tenho certeza que ele é um cara bom e tudo, mas eu não confio em ninguém quando se trata de uma cirurgia psíquica no cérebro.

Mas ela confiava em Cain, pelo menos o suficiente para exigir que ele monitorasse as ações de Ronan.

Isso foi um presente que Cain não esperava, e levantou-o em outra onda inebriante de propósito renovado.

Mais uma vez aquele estranho, borbulhante sentimento espalhado por todo o peito. Só que desta vez, ele tinha certeza de que Rory sentia-o, porque ela empurrou sua camisa para cima, mostrando a sua Marca da Vida.



Novos brotos minúsculos agora alinhados nos ramos da árvore. Alguns deles tinham desfraldado a revelar, brilhantes folhas verdes pálidas.

Ele sabia que era para acontecer, mas ainda era difícil de acreditar. A visão o deixou tão abalado e agradecido que era incapaz de falar após o nó na garganta.

Rory o salvara. Sua conexão com ele tinha renovado sua Marca de Vida, afastando todos os traços de dor e decadência.

Cain estava renascendo, e foi Rory que lhe dera uma nova vida. Pelo menos por enquanto.

— Whoa. Como o inferno... ? Rory correu o dedo ao longo de sua pele, fazendo com que seu abdômen se apertasse com prazer.

Sua voz estava cheia de emoção e tranquila, com reverência. — Você fez isso. Você levou a minha Luceria e me deu uma segunda chance.

Seus dedos tremiam em seu peito, deslizando-se até que ela chegou ao seu coração. Ela olhou para ele com gratidão brilhando em seus olhos escuros. — Eu nunca fiz nada tão legal na minha vida. Isso me faz pensar que outras coisas legais que eu poderia ser capaz de fazer.

— O que você quiser, Rory. Tenho certeza que você vai ser uma força da natureza.

— Como aquela mulher que você me mostrou a partir de suas memórias?

— Sim. Algo como isso.

Ela ficou em silêncio por um momento. — Obrigada, Cain.

— Por quê? — Não fizera nada, quando ela lhe dera tudo.

— Por me fazer acreditar que não me sugam completamente. Por me mostrar que a magia é real.

Ele não mostrara quase nada, apenas uma gota em um oceano. — Você não viu nada ainda.

Se ela lhe desse alguns séculos, ele iria mostrar-lhe o mundo.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o de leve na boca. Foi tão rápido,



ele ainda não tinha superado o choque antes de tudo estar acabado.

Sua boca formigava, e tinha que beber mais, mas ele estava ali, congelado, com certeza que, se ele contraísse tanto quanto, ele simplesmente ia levá-la de volta para a cama e passar o resto da noite, reclamando o seu corpo como seu próprio parque privado.

Quanto mais tempo ele ficou ali, mais escuro tornou-se o rosto dela, corada de vergonha. — Sinto muito. Eu só queria saber como era beijar você. No caso de as coisas com Ronan irem mal.

Finalmente, seu cérebro estalou apanhado com o que acabara de acontecer. Ela o beijou porque ela pensou que poderia morrer. Porque ela o queria antes que sua vida acabasse.

Cain não deixaria nada de ruim acontecer com ela, mas ele não podia culpá-la por estar com medo. Ele estava também. Apenas o seu conhecimento certo de que ele iria encontrar uma maneira de mantê-la segura — qualquer que fosse o custo — o manteve estável.

— Você ainda não sabe o que é me beijar, ele finalmente conseguiu dizer.

— O quê?

— Isso não foi um beijo de verdade. Ele agarrou seus quadris para mantê-la imóvel enquanto ele diminuiu a distância entre seus corpos. — Este é um beijo de verdade.

Ele baixou a boca para a dela. Lentamente, desta vez saboreando o momento em que seus lábios se tocaram. Um choque de formigamento tão suave, que era quase uma carícia, permaneceu entre eles. Ele inclinou a cabeça um pouco, incitando-a a abrir os lábios e deixá-lo entrar. Ele precisava prová-la, comprometer toda a sua memória para que ele pudesse sempre encontrar este momento em seus pensamentos.

O perfume inebriante da sua pele girou em torno dele, o ar aquecido pelo inferno crescendo em seu corpo. Desejo derramava-se, atijando-o com a necessidade de mais.



Seus lábios se abriram em um suspiro de rendição. O lado mais áspero dele — o que lutara e conquistara ao longo dos séculos — levantou-se em excitação feroz. Ele queria marcar uma posição — a tomar o que ele queria e nunca deixar ir.

Cain se desligou antes que as coisas pudessem sair do controle, mas essa necessidade estava queimando lá, pronta para libertar-se, ele apresentou a menor rachadura na sua força de vontade.

A boca de Rory se tornou exigente, sua língua deslizando ao longo do interior dos lábios, mergulhando para provocá-lo. Ela o empurrou de volta. Ele a deixou, disposto a ir onde quisesse desde que ele não tivesse que levantar sua boca da dela.

Ele bateu na parede com força suficiente para enviar alguma coisa à sua esquerda a cair no chão. Ele não se importava o quê.

Os dedos de Rory agarraram sua cabeça, suas unhas deixando as mais deliciosas mordidas, pequenas picadas em seu couro cabeludo. Ele ergueu-a, apoiando sua bunda em uma das mãos para que ela pudesse mais facilmente alcançá-lo. Mas agora que a mão dele estava cheia, cheia de curvas na carne quente, o mundo ficou um pouco de lado.

Seu corpo vibrava com a luxúria, a cada batida de seu coração trabalhando em um esforço inútil para refrescar sua pele. Não adiantava. A pressão de seus seios contra o peito, o calor doce de sua boca na dele, o pouco agressivo rosnar que ela soltou — tudo deixou de funcionar em conjunto, tornando-o sem sentido.

Ele tinha que ter mais. Tudo dela. Despi-la, colocá-la para fora, enchê-la até que não houvesse mais espaço entre eles para outra coisa senão prazer. Isso é o que ela merecia.

Um duro golpe soou na porta. — Tudo bem? — Perguntou Ronan. — Ouvi vidro quebrando.

Vá embora, era o que Cain queria dizer, mas ele não poderia puxar a boca longe dela por um segundo sequer.



Ronan bateu novamente. — Nós realmente precisamos continuar com isso. O escudo de Andra não vai durar para sempre.

Merda. Ronan estava certo.

Cain odiava admiti-lo, mas ele não podia arriscar a segurança de Rory, nem mesmo pelo prazer de beijá-la.

Ele abaixou-a no chão, desligando seus corpos. Ela olhou para ele em desafio, os lábios escuros, brilhantes se separaram em um rápido ofego. — Eu não terminei com você ainda, — disse ela.

Seu pênis empurrou em direção a ela na demanda. — Bom saber.

— Quando Ronan tiver feito, você e eu voltaremos direto para cá. E você vai me dar o que eu quero.

— E o que é isso, Rory? — Perguntou ele, amaldiçoando-se por tentar a sorte assim.

Ela acariciou sua ereção através de seu jeans, quase fazendo com que ele partisse. — Eu quero você nu, na minha cama. Em meu corpo.

Cain estremeceu com a imagem que ela pintou, incapaz de negar-lhe. — Qualquer coisa que você quiser. Assim que isso for seguro.

Ele não pretendia que fosse um voto, mas o peso de suas palavras caiu sobre ele, selando-o ao seu compromisso.

— Agora eu não tenho tanto medo.

— Por que isso?

Um sorriso sexy enrolou em sua boca, quase trazendo Cain de joelhos. — Porque não há nenhuma maneira que eu morra agora, não com você, como o prêmio para sobreviver.

Capítulo 17

Connal acordou faminto. Enviou repetidas chamadas por ajuda a seus



contatos entre os Synestryn, deixando mensagens em todos os locais que usara anteriormente, mas nenhuma resposta fora recebida. À medida que os dias passavam, ele ficava mais fraco.

Nenhum sangue Geraí que ele tomara nas últimas semanas parecia aliviar a fome. O único momento em que ele se sentiu saciado no ano passado, fora quando ele tinha se alimentado a partir da mulher que Zillah tinha impregnado — Beth, a mulher que havia sido roubada de Zillah e agora morava aqui em Dabyr com sua irmã.

Ela fora levada quando era uma criança e foi criada nas cavernas. Ela fora alimentada pelo sangue do demônio — e seu corpo alterado para que ela pudesse ter filhos meio Synestryn. O filho de Beth tinha morrido antes de nascer. Mas Ela sobrevivera. Ela mentiu e disse que seu filho era humano — que ela estivera grávida antes que ela tivesse sido tomada pelo Synestryn — mas Connal podia sentir a mentira correndo pelas veias do menino. Ele não tinha certeza por que ninguém mais poderia.

Talvez porque Connal fora alterado de alguma maneira, também.

Ele se alimentou de Beth, e a criança que cresceu dentro dela tinha o suficiente do poder de seu pai para enfraquecer o controle de Connal. Ele fora criado para fazer coisas, para ligar seus aliados em troca do único alimento que fazia as dores da fome facilitarem.

E agora a comida estava aqui, vivendo sob o mesmo teto que ele, tentando-o com sua proximidade.

Connal tentou evitá-la durante meses por medo de que ela o reconhecesse e revelasse o que fizera. Ele tentou amenizar sua culpa, dizendo-lhe que seu sangue era a chave para resgatá-la, mas nunca sonhara que sua decisão o colocaria nesta situação.

Saber que ela poderia aliviar sua fome, mas manter distância, o estava matando. Não importa o quanto de sangue que tomasse, ainda se lembrava do laço de energia escura de suas células, enchendo-o e fazendo-o forte, do jeito que ele estava destinado a ser.



Não conseguia mais segurar. Tinha que se alimentar. A partir dela. Agora.

Ele a pegaria sozinha e limparia sua mente do evento. Ela nunca iria sequer saber que ele a encontrou. Ele estaria saciado e capaz de ficar longe. Pelo menos por um tempo.

Connal puxou o capuz do moletom na cabeça. As câmeras estavam por toda parte no complexo, e não havia nenhum sentido em correr nenhum risco. Ele já fora pego na câmera uma vez, desativando os dispositivos de segurança ao longo das paredes exteriores para que outros pudessem quebrar. Seu rosto não fora visível, e ninguém sabia que fora ele, mas ele era um homem cauteloso. Só a fome o obrigava a arriscar agora.

Ele sabia onde Beth morava. Ele a olhou de longe enquanto ela compartilhava refeições com sua irmã ou as outras mulheres humanas aqui. Ela estava tentando seguir em frente com sua vida. Ela ainda era muito jovem. Com sorte, viveria um longo, longo tempo, proporcionando a Connal o sangue que ele precisava para sobreviver durante os próximos anos.

Já era tarde. Muitos dos seres humanos estavam em seus quartos, preparando-se para dormir. Quando ele atravessou a sala de jantar, viu a irmã de Beth varrer o chão.

Todos contribuía para manter Dabyr funcionando. E se Ella estava aqui, as chances eram boas que Beth estava sozinha.

Perfeito.

Connal manteve a cabeça baixa enquanto se apressava para seu quarto. Ele bateu na porta e ela abriu uma fresta.

Ele não esperou para dar-lhe tempo de reconhecê-lo. Ele simplesmente se empurrou para dentro do quarto e fechou a porta atrás de si, tomando o controle de seu corpo quando ele foi.

Em um canto da sala de estar estava um cercadinho. Sentado dentro estava o filho de Ella, demasiado grande para sua idade. Ele percebeu,



então, que ele não vira o menino desde o seu nascimento, mesmo quando as mulheres estavam presentes.

Eles estavam o escondendo dele, encobrindo sua filiação.

Bom. Isso deu a Connal um potencial aproveitamento para usar contra Beth, em caso de necessidade.

Seus olhos queimaram com grande reconhecimento. — Você, ela respirava quando ela começou a tremer.

Connal podia ouvir seu coração acelerado, ouviu a velocidade do sangue em suas veias. Sua boca encheu de água em resposta, seu estômago se retorcendo com fome voraz.

Ele deveria ter abrandado e aliviado seus medos ou pelo menos suavizado sua mente para que ela pudesse relaxar, mas ele achou a ideia de perder ainda mais um segundo muito para sua força de vontade.

Ele agarrou-a e esticou o pescoço para trás, afundando suas presas profundamente. Sangue derramando sobre sua língua, afogando-o no poder. Ela era mais forte agora. Bem alimentada, bem descansada. Ela já não era cobrada pelo fardo de uma vida crescendo dentro dela.

Connal nunca tinha experimentado nada parecido antes. A mancha escura que fluiu através dela, o que a fez capaz de suportar o Synestryn jovem — teceu em torno de suas células, alimentando-o como nada mais já teve.

O pensamento lhe deu uma pausa. Houve um tempo quando o sangue contaminado teria queimado sua boca e torcido o estômago. Mas esse tempo já passara. O que quer que Zillah lhe fizera por alimentá-lo lentamente com seu sangue ao longo dos anos, à medida que a alterou, o havia mudado também.

— Por favor, ela suspirou quando seu coração disparou mais rápido.

Ele estava tomando muito, mas não podia parar. Ele precisava de mais. Tudo dela.

Seu coração acelerou. Seus membros ficaram fracos. Os golpes inúteis



que ela tinha pousado nas costas e braços tinham abrandado. Então eles pararam.

Assim fez o coração dela. As últimas batidas estalando, enviando um leve fio de sangue em sua boca. Ele a chupava, precisando de mais, mas não havia mais nada para tirar.

Ele a matou. Drenando-a seca.

Connal a baixou e cambaleou para trás em choque. Seu corpo deitado, pálido e sem vida no chão. Não havia sangue mesmo o suficiente nela para as feridas irregulares em seu pescoço sangrarem.

Foi então que ele foi atingido com as implicações do que fizera.

Uma vez que o seu corpo fosse encontrado qualquer Sanguinar seria capaz de detectar a sua mão no presente. Ele não poderia substituir seu sangue.

Mas havia uma coisa que ele poderia fazer.

Connal pegou uma faca da cozinha, levou-a para o banheiro e colocou seu corpo na banheira. Ele fechou as feridas em seu pescoço e colocou-lhe a mão fria, mole, ao redor da faca. Cortou algumas marcas de hesitação em sua pele, seguido por um longo talho correndo para a direita junto à veia. Ele ligou o chuveiro e apontou-o para o corte aberto em seu braço. Algumas gotas de sangue lamentáveis juntaram-se a água, girando pelo ralo.

Até o momento que alguém a encontrasse tudo iria ser lavado, mas pelo menos parecia como se ela tivesse feito a sangria a si mesma. Ele esperava.

Ele se virou para sair e viu o filho pelo corredor, ainda de forma segura em seu cercadinho. Quando Connal limpou todos os sinais de sua presença e deixou o quarto, a criança olhou para ele com olhos negros cheios de acusação.

Talvez tenha sido um truque da mente, mas Connal estava quase certo de que a criança entendeu o que acontecera. Se fosse velho o suficiente



para falar, Connal teria que matá-lo também. Como era ele manteria o segredo de Connal, mesmo porque ele era incapaz de fazer o contrário.

Assim que o calor daquele beijo escaldante com Cain havia desaparecido, o pavor começou a se definir.

Rory não queria fazer isso, ela não queria um vampiro bebendo o sangue dela. Pior ainda, ela não o queria em sua cabeça. Deixar Ronan ver por trás da cortina sentia-se muito parecido com algum tipo de traição. Isso era algo que ela dividia com Cain, e não com algum Sanguinar sanguessuga.

Ainda assim, ela estava em apuros e Ronan era o único que podia consertá-la. Se isso significava despir-se nua e sacrificar galinhas vivas sob a lua cheia, então isso é o que ela faria para se livrar do controle do demônio.

Cain pairou perto, seus braços grossos cruzados sobre o peito. Ao vê-lo ali, olhando como se nada no mundo pudesse machucá-la, deu-lhe um momento precioso da paz. Sua presença era reconfortante, um lembrete de que ele estava se aproximando do seu lado.

— Então o que acontece agora? — ela perguntou a Ronan.

— Eu tomo um pouco do seu sangue para me fortalecer e criar uma ligação entre nós. Depois disso, eu vou encontrar a presença do demônio e tentar mascará-la.

— E isso fará com que a coisa não possa me controlar mais?

— Essa é a minha esperança.

— Quais são as minhas chances?

Cain avançou, só para moer a um impasse, um segundo depois. Ela viu um flash de si mesma através de seus olhos, odiando quão pequena e vulnerável ela parecia encolhida no sofá. Seu cabelo estava úmido, deitado mole ao redor do rosto. Ela não usava maquiagem para esconder quão pálida ela estava. Mesmo sua postura dobrada gritava que ela estava se cagando de medo.



Foda-se isso. Ela estava cansada de ter medo. Quanto mais cedo ela acabasse com isso, melhor.

— Não importa, ela rapidamente acrescentou. — Eu não quero saber.

Ronan afagou-lhe a mão, com a pele fria ao toque e nada reconfortante. — Tudo vai ficar bem.

Cain soltou um grunhido. — Somente faça. Ela não quer que você a relaxe.

Antes que Rory pudesse responder ou até mesmo registrar o que estava acontecendo, viu um clarão de luz nos olhos — não natural, a luz interna de Ronan derramando de dentro. Seu pulso estava em sua boca, e uma dor passageira veio e se foi tão rápido que ela questionou se alguma vez aconteceu.

Letargia desmoronou em cima dela, dando-lhe pouco tempo para temer a sua abordagem. Num minuto ela estava acordada, e no próximo, ela havia caído em um estado grogue cinza onde nada poderia tocá-la. Ela flutuou lá, sem peso e sem sentimento, como se seu corpo se dissipasse em fumaça.

Uma presença alienígena presa no caminho de sua mente, forçando sua aceitação. Uma dor de cabeça disparou atrás dos olhos, empurrando-a em direção à superfície de vigília.

Esta presença não era como Cain, que havia escorregado nela, enrolando através de seus pensamentos como se ele pertencesse ali. Este foi mais duro, mais frio, não é o mesmo frio, gritando em demanda como o demônio fora, mas apenas algo indesejável.

— Não lute comigo, ela ouviu Ronan dizer. Ele estava muito perto. Suas palavras ecoaram em seus ouvidos e dentro de seu crânio, saltando fora a tensão irregular entre os olhos.

Saia.

Ela não o queria aqui. Ele não pertencia.

— Eu tenho que estar aqui.



Saia.

Ele não deixou e ela não podia empurrá-lo para longe. Pânico deslizou por sua espinha, alojando-se em sua garganta. Ela não conseguia respirar.

A segunda presença em sua mente acordou como se sentindo sua fraqueza. Ele afundou no meio de um crack, expandindo-se como fumaça para enroscar em torno de seus pensamentos. Era gelado e furioso, fervendo de ódio cáustico, gotejando com malícia.

— Isso é o demônio, — disse Ronan. — Você tem que me deixar entrar para lutar com ele.

Sai fora!

O demônio não quis ouvir. Ele cresceu, desenrolando até que era enorme e ameaçador.

Cain! Ela tentou gritar a palavra, mas não saiu nenhum som, apenas o silêncio vazio escancarado.

— Eu estou aqui. Sua voz caiu sobre ela como um cobertor quente. Um segundo depois, ele estava com ela. Dentro dela. Ela reconheceu o poder cantarolando que fluía através dele.

Rory se agarrou a ele, não se importando se isso a fazia parecer fraca. Ela não entendeu essa paisagem mental ou como tantas criaturas poderiam caber aqui com ela. Tudo que ela sabia era que todos queriam algo dela — todos, menos Cain.

— Deixe Ronan ajudá-la, — disse ele.

Eu não sei como.

— Eu vou te mostrar.

Ele fizera isso antes. Ele sabia exatamente o que estava fazendo, flechando em sua intenção de protegê-la. Quando ele se envolveu em torno dela, ela sentiu a barreira desmoronar.

O pânico bateu com ela para impedi-lo. Ele iria destruí-la.

— Confie em mim. Sua presença inchou, o seu poder tão grande e brilhante era como olhar para o sol, cegando-a.



Tudo o que ele estava fazendo ia matá-la. Ela não sabia que ele não podia ver isso.

— Eu nunca vou te machucar.

Se ela não tivesse estado entrelaçada com ele, ela poderia ter zombado, mas ela sentiu sua determinação reverberar até sua própria alma. Ela não tinha certeza de como ela sabia que era assim, mas o sentimento era tão inconfundível como era potente.

Rory soltou, confiando em Cain para tê-la de volta. Ela estava se debatendo e ignorante de toda essa porcaria mágica. Cain não estava. E se o que ele estava fazendo a matasse, pelo menos ela não estaria sozinha quando ela fosse. Era mais do que ela esperava de sua vida.

Ela foi superada, completamente derrotada, mas Cain estava aqui com ela, embalando-a para perto e fazendo-a acreditar que ele realmente se importava. Que tudo ia ficar bem.

Com um estrondo que a sacudiu até os ossos, a barreira que ela criara desintegrou-se em cinzas. O demônio estava por trás disso, os dentes arreganhados, garras estendidas, pairando enormes sobre Ronan, que também estava lá.

— Perfeito. Ela ouviu a voz de Ronan em louvor dela, cadenciada, baixa e suave. — Basta relaxar e deixar ir.

Ela já soltou tudo o que tinha. Não havia mais nada para lhe dar.

Ronan inchou e cresceu, sua forma em expansão para diminuir o demônio. Rory se encolheu de volta a partir do par só para sentir a presença calmante de Cain lá, para amortecê-la.

Um silvo, luz ultravioleta vomitada da boca de Ronan, atingindo o demônio. Ele empurrou de volta em dor, só estocando para frente em desafio. Ronan pegou o animal entre duas mãos enormes e esmagou-o. Atrás do demônio uma caixa de metal apareceu.

Ele empurrou a criatura de volta para a porta aberta, a sua intenção de engaiolar era clara. O demônio atacou, cortando a pele de Ronan. Mais



luz ultravioleta sangrou das feridas, dando ao demônio nada além de se esconder da luz ardente.

Ele se encolheu e gritou quando Ronan amontoava-o na caixa que era muito pequena para contê-lo. Ossos rachados e escamas raspando sobre o metal como unhas em um quadro negro, mas Ronan continuou empurrando até que o demônio estava totalmente dentro. Ele fechou a porta e a fundiu fechada, como se o metal tivesse sido soldado imediatamente no lugar.

Um segundo depois, Rory foi sacudida acordada como se tivesse sido mergulhada em café gelado. Ela imediatamente ficou de pé, quase batendo no queixo de Cain com sua testa.

— Fácil, — disse ele quando ele tomou o controle de seus ombros para evitar que ela se debatesse tirando sua atenção.

Ronan estava caído no chão ao lado do sofá onde ela estava. Sua cabeça estava inclinada, ombros elevando-se com respirações rápidas e pesadas.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Dê a ele um minuto, — disse Cain. — O que ele fez foi incrivelmente difícil.

Não fora um piquenique para ela, para qualquer um, mas pelo menos ela não se sentia tão ruim quanto Ronan parecia.

A mão de Cain deslizou por cima do ombro até que ele segurou seu pescoço. O calor formigante a acalmou, sentindo-se estranhamente familiar e aterrada. Ela não tinha tido o seu toque em sua vida por muito tempo, mas ela sabia agora a tal ponto que ela estava certa de que, de olhos vendados, ela conheceria sua mão em sua pele entre um milhar de homens diferentes.

— Como você se sente? — ele perguntou.

— Tudo bem. Assustada, mas tudo bem. Será que isso funciona?

Ronan deu um aceno fraco. — Por enquanto.



Os dedos de Cain se enroscaram na nuca em seu pescoço. A Luceria saltou em direção a ele em excitação, como se, também, reconhecesse seu toque.

— O escudo de Andra caiu assim que Ronan começou. Se ele não tivesse agido rápido, você teria ido de volta onde estava antes, lutando para sair.

— Eu estou contente que não saiu dessa forma. Obrigada, Ronan.

Ele levantou a cabeça, e seu rosto estava pálido e duramente magro, como um prisioneiro de guerra, com fome. Profundos sulcos feridos estavam gravados sob seus olhos, e todo o seu corpo parecia quase esquelético.

Ela não conseguiu conter seu suspiro chocado. — Que diabos?

— Eu vou ficar bem. Eu devo ir e me alimentar. O demônio ainda se esconde dentro de mim, e não devo estar muito fraco para lutar contra isso.

Cain assentiu. — Vamos voltar para Dabyr.

Ronan deu uma sacudida fraca de cabeça. — Você não pode ir lá.

— Por que não?

— O Synestryn escondido dentro de Rory não vai ficar contido por muito tempo. A única maneira de libertá-la é encontrá-lo e matá-lo. Se você levá-la de volta para Dabyr, ela poderia tirar isso lá.

— Não é o lugar onde você disse que centenas de pessoas viviam?

Cain não tinha que dizer nada. Ela podia ver a verdade em sua frustração. — Nós não podemos ficar aqui.

— Parece que não podemos ficar em qualquer lugar. Ronan disse que precisamos ir à caça.

— Eu não vou levá-la para caçar um poderoso demônio que pode ou não ter algum controle sobre suas ações.

Ronan ficou de pé, balançando ligeiramente. Ela não sabia como ele ia dirigir nessas condições.



Rory se lembrou do que Cain tinha feito por Ronan naquele porão, como ele lhe deu sangue. Isso é o que o vampiro necessitava agora. E depois do que ele tinha acabado de fazer por ela, parecia que uma pequena doação era o mínimo que podia fazer.

— Você pode ter um pouco do meu sangue, ela ofereceu.

O corpo de Cain vibrou com a tensão instantânea. — Não.

Os olhos de Ronan iluminaram com uma estranha luz prateada. Ele estava completamente parado, olhando para ela como se ela tivesse acabado de lhe entregar algo bom demais para ser verdade.

— Por que não? — ela perguntou.

— Ele está com muita fome. Ele vai perder o controle e tomar muito, deixando-a fraca e vulnerável.

— Gostaria de ter cuidado, manter o controle.

Rory olhou para Cain por pensar que ele tinha alguma palavra a dizer no que ela fazia com seu próprio sangue. — Se ele for longe demais, você pode dar uma paulada na cabeça dele. Até então, deixe-o ter um lanche. O pobre homem está prestes a cair.

A boca de Cain ficou plana e dura, não como tinha estado quando ele a beijou. — Eu vou chamar alguns Geraí para vir e doar.

Ronan engoliu em seco. Ele estava respirando muito rápido, e seu pulso tremeu na sua têmpora. — Seria preciso dez deles para me dar o que ela podia.

Rory foi até onde Ronan se levantou e ergueu o braço na oferta. Seu olhar ficou fixo em Cain, desafiando-o a tentar impedi-la.

Ronan agarrou seu pulso. Ela sentiu a dor passageira, novamente, passou antes que pudesse sequer registrar. A calma sonolenta a encheu, lavando todos os vestígios de raiva que sentiu um momento atrás.

— Isso é o suficiente, gritou Cain. Uma mão estava em sua cintura, segurando sua espada invisível, quando ele pensou que ele poderia precisar usá-la.



A boca fria de Ronan a contragosto deixou sua pele. Ela olhou para o pulso por sinais de danos e não viu nada, mas um leve rubor rosa. — Eu estou bem. Pare de ser carrancudo.

— Eu não sou carrancudo, — disse Cain.

Um leve sorriso levantou a boca bonita de Ronan. — Ela está bem, você sabe. Ele parecia melhor agora do que há um momento. Ainda frágil, mas não mais como ele estava às portas da morte.

Cain rosnou.

Rory abriu a boca para dizer algo, mas ela estagnou-se quando uma visão bateu duro. Ela viu o lado de fora da casa de Nana na distância. Em primeiro plano, havia vários monstros peludos cor de ferrugem chegando mais perto. Um comprimento de delicada corrente de prata folheava o ar, mais e mais, tirando a parte de trás dos demônios para estimulá-los. Pequenos tufo de pelo pegaram fogo onde a cadeia tocava.

E, em seguida, outro ângulo apareceu, junto com outra cadeia de fogo. E outra.

O medo surgiu através de seus ossos, soltando um grito de seus lábios. Um instante depois, sentiu Cain tocar seus pensamentos, buscando a fonte de seu terror.

Ela mostrou-lhe o que viu e viu como essas imagens foram sobrepostas ao vê-lo puxando sua espada.

— *Handlers*, — disse ele. — Movam-se rápido.

Capítulo 18

Cain empurrou Rory em direção à porta dos fundos. Os *handlers* estavam se aproximando pela frente, cortando a sua fuga.

Ronan já começara a se mover, tendo Rory pelo braço. — Temos que



chegar à minha van. Nunca vamos ultrapassá-los a pé.

— O que são eles? — perguntou Rory.

Não havia tempo para explicações detalhadas, para os seus pontos fortes e fracos. Todo o seu foco agora tinha que ser em fazê-los sair da casa vivos. Assim, decidiu-se por, — Mortais.

Antes de chegarem à cozinha, a parede da frente da casa dela começou a fumar. Uma fina cadeia de prata — o chicote que os handlers usavam — cortou para a direita através da parede. Vidro quebrado, e um segundo depois, três dos animais de estimação dos handlers caíram em sua sala de estar. Os buracos queimados haviam feito seus olhos voltarem-se na direção Rory e Ronan.

— A saída está bloqueada, — disse Ronan.

Cain olhou por cima do ombro de Ronan e viu chamas lambendo ao longo da porta de madeira.

A voz de Rory era estridente de medo. — Nós estamos presos.

— Não, não estamos. Cain chutou a mesa, enviando seu computador e papéis voando. Ele empurrou-a com a botina, deslizando-a poucos metros à frente quando diminuiu a distância.

O *handler* apareceu por trás de seus animais de estimação, um ferro em brasa na mão espigada. A cadeia que se estendia desde o seu chicote chiou e provocou quando ele voou pelo ar, queimando através de outra parte da parede.

As pernas estranhamente articuladas da coisa dobradas para trás, uma vez que se aproximava. Tinha a cor pálida de criaturas do fundo do mar, e delicadas para um Synestryn. Cortá-la seria fácil. Chegar perto o suficiente para fazê-lo era a parte mais difícil. Um toque único do chicote iria cozinhar a carne até o osso.

Mas antes de Cain poder até chegar ao *Handler*, tinha que passar pelos demônios menores, controlados.

Ele atacou, mantendo o controle do alcance do chicote do *Handler*.



Séculos de luta guiaram sua espada quando ele cortou patas e focinhos. Os demônios gritaram e bateram, mas cada centímetro que ele ganhou, ele empurrou a mesa para eles, mantendo a barreira no lugar.

Ele estava fazendo um bom chão, mas não foi rápido o suficiente. A parede frontal de toda a casa de Rory foi consumida pelo fogo. Densa fumaça negra derramava ao longo do teto, ondulando para fora em uma nuvem sufocante.

Mesmo com a sua atenção da tarefa em mãos, Cain ainda sentiu o senso de perda de Rory, enquanto observava sua casa de infância em chamas. O medo e a tristeza que aravam através dela eram quase esmagadores. Ele tentou oferecer alguma sensação de conforto, mas sua atenção já estava dividida de muitas maneiras. Ele não estava acostumado a estar conectado a ela. Ele não estava acostumado com a entrada emocional adicional. Quando ele continuou a lutar, estava se tornando difícil dizer onde ela parava e ele começava. Seus ataques se tornaram desleixados quando o massacre continuou. Ele tentou começar um aperto, mas Rory era uma força tão potente. Ela não podia ser ignorada.

A espada de Cain caiu muito baixo, perdendo a sua marca. Um dos demônios peludos se lançou sobre a mesa e prendeu-se em seu braço esquerdo.

Dor atravessou-lhe quando os dentes cavaram fundo. Seu osso estalou. Um frio lancinante percorreu-o quando o veneno entrou em sua corrente sanguínea.

— Não!, gritou Rory, o medo e fúria ressoando em sua voz.

Um segundo depois, os dentes do demônio arrancaram livres. Ele voou pela sala, na parede em chamas. Cain não tinha ideia se fora Rory ou Ronan que o havia libertado.

Outro demônio rosnou e saltou na direção dele. Cain continuou lutando. Rory estava atrás dele, e ele não podia deixar que nenhuma dessas coisas passasse.



Seu ombro foi consumido pela agonia frígida quando o veneno se apoderou de sua pele. Suas pálpebras se tornaram pesadas, e sua visão girou por um segundo. Apenas instinto lhe permitiu levantar a espada na hora para parar o próximo conjunto de mandíbulas de alcançá-lo.

— Precisamos de uma saída, gritou Ronan.

Cain tentou dizer a ele que ele estava trabalhando nisso, mas não havia ar para poupar palavras. Cada grama de esforço estava indo para se manter em pé.

Ele estava completamente na defensiva agora, não fazendo nenhum avanço em direção ao buraco na parede da frente.

Rory estava certa. Eles não iriam fazer isso. Ele não era forte o suficiente para manter todos os demônios de volta, e não agora que ele estava envenenado e sangrando. Mais demônios sentiriam o cheiro do sangue e viriam. Era só uma questão de tempo.

— Como a puta que pariu, rosnou Rory.

Uma enorme onda de energia jorrou dele quando ela puxou para si mesma. A parede lateral de sua casa se abriu. Lascas de madeira e vidro vomitaram no gramado. A explosão foi ensurdecedora. A corrente de ar frio solidificada em seus pulmões.

Uma mão forte agarrou-o pelo braço e arrastou-o para fora do corpo da casa. Ele caiu um metro, e no momento em que bateu no chão, havia demônios mastigando seus calcanhares.

O chicote de um *Handler* passou zunindo pelo ouvido de Caim. O cheiro de cabelo queimado o engasgou, mas ele continuou se movendo.

Ronan tinha uma mão no braço de Cain e outra no de Rory. Seu rosto estava sulcado na determinação, com os olhos ardendo.

A visão de Cain vacilou, fazendo túneis de modo que tudo parecia muito distante. Tudo a sua volta estava entorpecido com o frio, e foi afundando em suas pernas rápido. Mais alguns segundos era tudo que ele tinha, até que ele não fosse mais capaz de correr.



Rory roçou sua mente, sua ferocidade tão brilhante, ele não podia deixar de ser atraído por ela. Ele sentiu o puxar em seu poder, e luz azul espirrou para fora, protegendo seu flanco.

Cain tropeçou, mas Ronan o manteve em seus pés. O furgão preto apareceu como um pontinho na distância. O braço de Ronan estendeu a mão, olhando assustadoramente longe. A porta se abriu. Cain foi empurrado para dentro, de cabeça. Ele não tinha escolha a não ser cair onde foi enviado.

Dormência subiu pelo pescoço. O motor da van começou.

— Vá, — disse Rory, sua voz tremendo de tensão. — Não sei quanto tempo eu posso segurá-los.

O corpo de Cain balançou para o lado como a van sacudindo sobre a estrada de cascalho. Um corpo colidiu com o dele, e ele soube imediatamente que era Rory. Ele tentou abrir a boca para perguntar se ela estava bem, mas não estava funcionando. Ele não conseguia se mover.

— Ele está sangrando muito, — disse ela.

A voz de Ronan estava calma. — Há fita adesiva na caixa azul.

Cain ouviu o som da fita rasgando, mas não conseguia sentir o que ela estava fazendo. Tudo o que ele podia ver era uma mancha tênue, distante, nas sombras borradas que ele pensou que tinha que ser ela.

— Não se atreva a morrer sobre mim, Cain, ela rosnou para ele. — Não você também.

Queria perguntar o que ela quis dizer com isso, mas não adiantou. Seu corpo fechou-se e ele apagou.

— *Não foi suicídio*, — disse Ella, com o rosto manchado de lágrimas. — Minha irmã nunca teria se matado — e não agora que estávamos finalmente livres.

Joseph olhou para a mulher chorando, seu coração quebrando por ela.



Ela já passara por tanta coisa, e agora isso.

Nicholas e Tynan estavam no banheiro onde o corpo de Beth fora encontrado, tentando determinar a causa da morte. Tudo parecia bem cortado e seco para Joseph — morta, mulher sem sangue na banheira com o pulso cortado — mas se Ella precisava deles para estar completa, então isso é o que teria. Tudo o que ele podia fazer para aliviá-la em seu momento de necessidade.

— Quando foi a última vez que a viu? — ele perguntou.

— Logo antes de ir trabalhar. Ela estava olhando o meu filho. Ela estava feliz. Brincando com ele.

— Onde está o menino agora?

— Lyka veio e levou-o para seu quarto para passar a noite lá. Não quero que ele me veja assim.

A menção ao nome de Lyka chamou a atenção de Joseph, fazendo-o desejar que ele pudesse passar a noite em seu quarto também, mas ele empurrou seus próprios interesses de lado para lidar com o assunto em questão. — E você não teve nenhum sinal de que ela estivesse deprimida ou chateada?

Ella enxugou os olhos com um lenço encharcado. — Eu disse a você. Ela estava feliz. Nós estávamos seguras aqui, ou assim eu pensava.

— O que você quer dizer com isso? — ele perguntou.

— Eu quero dizer que alguém fez isso a ela. Ela não se mataria.

Joseph assentiu e segurou-lhe o ombro no que ele esperava fosse um gesto de conforto. Ele estava com todos os nervos esfarrapados e exausto nos dias de hoje, e ele não tinha certeza de que ele ainda se lembrasse do que o conforto parecia. — Ok. Vamos olhar para isso. Nós não vamos assumir nada. Nesse meio tempo, eu preciso que você fique em outro lugar. Você pode passar a noite no quarto de uma amiga?

Ella acenou com a cabeça. — Sim. Tenho certeza que Lyka vai me deixar ficar, e ela já têm todas as coisas do bebê.



— Você quer que eu a leve lá? Ele queria que ela dissesse sim para que ele pudesse ter um vislumbre de Lyka, mas ele poderia dizer antes de ele terminar a pergunta que Ella iria recusá-lo.

— Não, são apenas algumas portas para baixo. O que eu quero de você é que descubra quem fez isso.

Joseph assentiu, reprimindo a promessa que se formou atrás de seus lábios. Não havia garantias de que encontraria alguém, e ainda menos que houvesse alguém para encontrar. Beth vivera naquelas cavernas um longo tempo, muito mais longo do que Ella. Ela não sabia o que Beth passara. De todas as maneiras, Ella já estava grávida quando ela fora tomada nas cavernas dos demônios. Ela não poderia saber como era sofrer da maneira que Beth sofrera.

As chances eram de que Beth vinha simplesmente escondendo sua depressão de sua irmã para poupá-la da dor. Se assim fosse, ela era uma mulher perturbada, mas uma boa. Por essa razão, trataria da morte com o cuidado e a atenção que merecia.

Ella saiu, e Joseph foi juntar-se aos dois homens no banheiro. O espaço era grande o suficiente para todos eles, mas o corpo de Beth pegou um monte de espaço do mesmo jeito. A presença dela desapareceu pendurada ali como um lugar vazio no ar, sugando todas as chances de felicidade.

— O que você acha? — ele perguntou.

Tynan colocou a mão da mulher em seu estômago e se levantou. — Ela teve seu sangue drenado.

— Eu vejo isso. Ela se cortou abrindo desde o cotovelo até o pulso.

— Não, — disse Tynan. — Se ela tivesse feito isso, teria havido mais acúmulo de sangue nas suas pernas quando seu coração se tornou muito fraco para bombear para fora. A gravidade teria segurado algum dentro de seu corpo.

— E teria tido mais manchas em suas roupas, acrescentou Nicholas. — A água estava quente. Teria fixado o sangue. Além disso, a cabeça não está



molhada. Eu acho que teria sido difícil para ela ligar o chuveiro, sem ao menos ser atingida por um pouco de água antes de ela apoiar as costas.

— Por isso, não foi suicídio, — disse Joseph em um suspiro. — Ela foi morta.

— Drenada, — disse Tynan novamente.

E então o significado de sua palavra o chutou, batendo Joseph no intestino. — Isso foi um dos Sanguinar?

Tynan assentiu gravemente. — Eu acredito que sim. Alguém ficou muito desesperado, com muita fome.

— Precisamos encontrá-lo. Agora.

— Isso não será um problema, — disse Tynan.

— Por que não?

— O sangue dela ainda tinha a mancha do Synestryn. Eu estava trabalhando para filtrá-la para fora, mas havia pouco que eu pudesse fazer por ela. Ela não estava tão ruim quanto Tori estava, mas qualquer da minha espécie que bebeu tanto dela estará muito doente. Provavelmente haverá sinais de bolhas em sua boca uma vez que não teria sido capaz de curar-se com seu sangue.

Joseph olhou para o rosto cheio de cicatrizes de Nicholas. — Feche a porta. Estamos bloqueados. Ninguém sai até que eu diga.

— Eu estou nisso, — disse Nicholas, e saiu.

— Você, — disse Joseph a Tynan, — reúna todos os Sanguinar e cheque-os. Descubra quem fez isso e traga-o para mim. Entendido?

Tynan assentiu. — Claro. Mas, por favor, eu imploro para manter isso entre nós. Se os seres humanos pensarem que iremos machucá-los...

— Eu não vou dizer nada até que tenhamos encontrado o assassino. Mas você deve encontrá-lo hoje à noite, Tynan. Eu não vou deixar outro ser humano sob os meus cuidados morrer assim.

Tynan começou a sair, mas Joseph o parou. — Você pode consertar o braço — só a pele. Eu não quero sua irmã lembrando-a assim.



Tynan passou o dedo ao longo da pele da mulher, fechando-a. Ele deixou uma linha azulada que não estava certa, mas era melhor do que a carne aberta que tinha estado lá antes.

Depois que Tynan saiu, Joseph tirou as roupas molhadas de Beth e deixou-as na banheira. Ele a pegou e a levou para o quarto mais próximo, onde ele a vestiu em algo brilhante e alegre. Depois que ele o fez, ele organizou seu corpo de modo que ela parecia confortável, e a cobriu com um cobertor.

Amanhã eles iriam enterrá-la e queimar suas roupas e as roupas de cama para se certificar de que nenhum vestígio de sangue ficasse para trás. Hoje à noite, Beth estaria em uma cama de verdade, uma última vez antes de a retornarem para a terra, onde ela passou muitos anos de sua jovem vida.

Dor enterrou atrás de seus olhos, pulsando quando ele trabalhou seu caminho para baixo de sua coluna vertebral. Ele tentou ignorá-la, mas quando coisas como essas aconteciam, quando ele falhou em seus deveres para proteger os seres humanos sob seu cuidado, a dor era sempre pior. Era como se soubesse quando ele estava mais fraco.

Joseph deixou a suíte para rastejar em seu banho e lavar a dor e perda que as últimas horas tinham deixado em cima dele. Os ombros curvados. Sentia-se mais velho, mais fraco. Quando ele passava pelo quarto de Lyka, seus pés desaceleraram enquanto ele permanecia do lado de fora de sua porta.

Vê-la sempre o fez se sentir melhor, o distraia da dor e agora ele teria dado quase qualquer coisa para se sentir ainda um pouco melhor. Mas Ella precisava de mais conforto do que Joseph, então ele continuou andando.

Capítulo 19



As mãos de Rory continuavam escorregando no sangue de Cain. Havia tanto disso. A fita adesiva estava revestida e lisa, o que tornava impossível para ela arrancar as tiras.

Ela usou seus dentes, e provou algo vil. Sua língua ficou instantaneamente dormente. Ela nem sequer hesitou em virar a cabeça e cuspir a substância horrível de sua boca.

Ronan lançou um rápido olhar por cima do ombro para ela. — Não se atreva a engolir isso. Ele está envenenado.

Eca. Ele não precisava dizer duas vezes. Ela limpou a língua em sua manga quando ela se acomodou para envolver o braço de Cain sem rasgar a fita.

Não sabia se ele ainda estava vivo depois de todo o sangue que perdera, mas ela podia sentir sua presença pendurada na outra extremidade da Luceria, impedindo-a de entrar em pânico.

Ronan falava em seu telefone. — Precisamos de ajuda... Três *Handlers* e pelo menos oito ou nove demônios... Cain foi envenenado. Eu vou precisar de sangue.

Rory acabara de começar a adicionar outra camada de fita sobre a primeira, uma foi insuficiente, quando Ronan disse: — Venha assumir o volante. Preciso cuidar dele.

— Para onde eu vou?

Ele passou por algumas telas em seu telefone, poupando apenas um olhar ocasional na estrada deserta. — O GPS irá levá-la para uma casa Geraí. Há um dispositivo de rastreamento na van, então eles serão capazes de ver para onde estamos indo.

Eles fizeram uma manobra estranha que a colocou atrás do volante. Ela agarrou-o firmemente, e procurou a presença fraca de Cain. Ela reuniu-o perto, tentando tranquilizá-lo de que ele faria isso.

Rory perdera muitas pessoas em sua vida. Ela tinha só começado a se



preocupar com Cain. Não era justo ela perdê-lo também. Agora não. Não tão cedo.

Então, novamente, talvez fosse melhor se ela não aumentasse sua ligação a ele. Um homem como Cain seria fácil demais para afundar e deixar-se levar nas asas bonitas da confiança — a confiança de que ele retornasse sua afeição. Confiança que ele sobreviveria.

Ninguém podia prometer a ela que faria, nem mesmo alguém tão poderoso como Cain.

E se ela não tivesse acreditado antes, ela o fez agora. Ele sangrava como qualquer outra pessoa. Isso significava que ele poderia morrer como qualquer outra pessoa.

Ela não percebeu que estava se afastando dessa fraca, familiar essência até que ela sentiu que ele balançava para ela. Ela foi deslizando de volta para si mesma, cortando-o como se ele já estivesse morto.

Aqui estava ele morrendo e ela o estava abandonando, apenas para salvar a si mesma de um pouco de dor.

Tão fodidamente egoísta.

Rory escorregou de volta para onde estivera oferecendo um pedido de desculpas em silêncio. Ela não tinha certeza se ele podia entendê-la ou não, mas agora era tudo o que ela poderia fazer. Quanto mais próximo da civilização ela chegava, mais ela tinha que se concentrar em ver a estrada e não o que os outros viam.

— Eu não vou ser capaz de dirigir muito mais tempo, alertou a Ronan.
— Minhas visões estão ficando muito fortes, e eu não vou ser capaz de ver através delas.

Ronan não respondeu. Ela olhou pelo retrovisor e o viu inclinado sobre o corpo de Cain. Ele estava despido da cintura para cima, e tão pálido que mal o reconheceu. Apenas a imagem realista da árvore parecia familiar.

Alguém próximo abriu sua geladeira, e a luz ofuscante queimou seus olhos. Ela assobiou e segurou o volante em linha reta, na esperança de que



os mantivesse na estrada. A van desacelerou sem o pé no acelerador. Ela sentiu o cume mais solto de cascalho na borda, e alinhou a van de volta para a esquerda.

Finalmente, a visão passou e seus olhos se adaptaram novamente à escuridão. Ocorreu-lhe que ela estava dirigindo sem as luzes, utilizando o poder de Cain para permitir que ela visse.

Ela estava ficando muito acostumada a ter acesso à magia. Isso veio facilmente para ela. Tudo o que tinha a fazer era ouvir seus instintos e as coisas aconteciam. Assim como a magia.

Cain gemeu de dor, e ela tomou isso como um bom sinal.

— Como é que vai voltar para lá?

Uma rajada de ar frio sugou o calor da van. Ronan jogou as sangrentas roupas de Cain, cobertas de fita, para fora da janela. — Ele vai viver. Assumindo que nós não corramos para os demônios antes que a ajuda chegue.

— Eu poderia segurá-los novamente. Como eu fiz antes.

— Sim, mas por quanto tempo? O amanhecer está a horas de distância.

Um trio de visões empurrou o seu caminho para o cérebro de uma só vez, cegando-a com sua intensidade.

— Não desacelere, — disse Ronan. — Ainda há vestígios de sangue em nós.

— Não posso evitar. Não consigo ver nada.

— Deixe-me.

Eles fizeram o tango estranho, trocando de lugar, só que desta vez era mais difícil com ela incapaz de ver muita coisa. Quando as visões clarearam, ela viu que Ronan estava em má forma novamente. Pálido, magro, tremendo. Ela queria oferecer-lhe seu sangue — ele salvara Cain, depois de tudo — mas ela se preocupou que isso a deixasse fraca demais para mantê-los seguros.



— Eu vou ficar bem, — disse ele, como se tivesse ouvido seus pensamentos. — Eu vivi muito pior do que isso. Volte lá e limpe o máximo de sangue possível.

Rory voltou para o lado de Cain e encontrou um pacote de lenços umedecidos na caixa azul. Ela tirou um maço deles e começou a esfregar o sangue que secava em sua pele. Era difícil manter o foco na tarefa em mãos com tanta carne nua masculina em exposição, mas suas visões piscando mantiveram o corte em seu prazer, lembrando-a para começar o trabalho maldito. Finalmente, ela abriu sua mão esquerda sobre sua tatuagem de árvore para manter as visões à distância.

Calor escorria para fora dela. Ela realmente sentiu a mão quente e vibrante contra sua pele. Os galhos da árvore balançaram, fazendo cócegas em sua palma.

Ela correu o dedo ao longo da marca, maravilhada com a magia que ela abrigava. Fitas de formigamento de calor teceram seu caminho até seu braço, envolvendo firmemente em torno dela. Amarrando-a a ele.

Rory puxou de volta. Ela não queria ser amarrada a ele. Seu trabalho era muito perigoso. Ele tomava muitos riscos.

Por ela.

Os olhos de Cain abriram-se. Um pedaço verde escuro de cor mostrou-se entre suas pálpebras. Anseio encheu seu olhar, mas ela não conseguia descobrir o que era que ele queria.

E ela realmente não tinha certeza se era algo que ela queria dar.

Sua mão se atrapalhou em sua direção, atingindo-a. Ela não podia negar-lhe o simples conforto de contato humano, então ela pegou a mão dele.

Ele pressionou os dedos sobre seu coração. Necessidade brilhava através da Luceria. Desejo também, mas sua necessidade era mais profunda do que isso. Ele clamou por belas e perigosas coisas — coisas que tinham o poder de rasgar a alma de seu corpo e batê-la em uma polpa de



lama. Sem sequer tentar, ela podia ver as coisas que ele queria. Segredos, coisas ocultas que ele não ousava sequer admitir para si mesmo.

Rory se sentiu sendo puxada pela sua necessidade, as coisas que ele negou a si mesmo por anos. Séculos. Elas eram brilhantes, cheias de esperança e propósito, tão brilhante que não podia olhar diretamente para elas por medo de cegar-se.

O que ela não podia ver era o medo dela, mas não tanto quanto o que ela sentia. Essas esperanças brilhantes giravam em torno dela, como se ela fosse seu centro, como se sem ela, essas preciosas coisas cintilantes voariam no esquecimento. Ele precisava que ela precisasse dele.

Ela não podia ser o centro de qualquer um. Era pedir demais.

Rory arrancou os dedos debaixo dele e agarrou outra grossa pilha de lenços umedecidos. Ela distraiu-se esfregando mais manchas de sangue, tomando cuidado para não tocar sua pele. As visões voltaram como uma vingança, mas ela estava acostumada a essas. Ela podia suportar aquelas.

Ela não podia suportar o desejo que tinha caído para fora de Cain, ou como ele a viu como o sol em torno do qual giravam suas esperanças. Ela não podia precisar dele assim, isso iria destruí-la, depender de alguém do jeito que ele claramente queria que ela fizesse. Ela não podia ser a única a fornecer-lhe o senso de propósito que ele precisava para continuar.

Seria mais gentil da parte dela mantê-lo à distância. Cain era um homem bom. Se ela não podia lhe dar o que ele precisava, o mínimo que ele merecia era ela deixá-lo suavemente.

Quando Cain acordou totalmente, ele estava em uma cama. Suas roupas foram tiradas, mas sua espada estava encostada à mão, equipada com um novo cinto de couro. Ele não viu sinais de perigo, mas algo estava definitivamente errado.

Ele se levantou e encontrou um roupão caído sobre uma cadeira. Era



apenas grande o suficiente para cobri-lo, mas um senso de urgência o levou a não se preocupar com a sua falta de modéstia. Seu corpo estava fraco e vacilante. A sede arranhava ao longo de sua garganta.

Ele reconheceu a sensação como o rescaldo da cura Sanguinar, de modo que não o perturbou, mas algo estava errado.

Rory.

Ele estendeu a mão através de seu link só para encontrar uma parede dura bloqueando seu caminho.

Com medo de que algo houvesse acontecido com ela, ele tropeçou no quarto e no corredor. A visão de seu cabelo ridiculamente rosa o fez cair de alívio.

—Rory, você está bem?

Ela estava na janela da frente, segurando as cortinas para trás enquanto ela olhava para fora, para o nascer do sol. Ao som de seu nome, ela se virou. Seu olhar escuro deslizou sobre seu corpo. Ela deu um passo em direção a ele como se compelida, mas parou. Seu olhar caiu no chão e ficou lá. — Eu estou bem. Como você está se sentindo?

— Sedento. O que aconteceu?

Ela caminhou até a cozinha e pegou um copo do armário. — Uma equipe de Gerais veio. Eles deram a Ronan sangue suficiente para curá-lo, o levaram para a cama e, em seguida, limparam a bagunça. A coisa toda levou apenas alguns minutos. Eles são muito eficientes.

— Onde está Ronan?

Ela encheu o copo e colocou-o sobre o balcão perto dele, ao invés de entregá-lo a ele, como se ela não quisesse arriscar qualquer contato acidental. — No porão, dormindo.

A água aliviou a queimação na garganta, mas nada fez para se livrar da sensação incômoda de que algo estava errado. Ela estava agindo de forma estranha. Fria.

E então ele lembrou. Ela tinha perdido sua casa. Ela tinha ficado em



chamas, juntamente com todas as coisas feitas à mão de sua avó, suas fotos de família — preciosas, coisas insubstituíveis.

— Eu sinto muito sobre sua casa, Rory. Ele chegou a colocar uma mão reconfortante no ombro dela, mas ela se afastou.

— Não faça isso. Eu estou bem. Era apenas uma casa.

— Não, era a sua casa. Casa da sua avó. Era um lugar de memórias felizes e de segurança.

Uma oca, amarga casca de riso explodiu de sua boca. — Sim, bem, não na noite passada, não foi.

Cain doía para aliviar a sua dor, mas ela claramente não queria contato físico. Mais uma vez, ele cutucou a conexão que a Luceria oferecia, na esperança de outra maneira para dar-lhe conforto. Em vez disso, ele foi recebido com uma fria parede em branco, mantendo-o fora.

— Podemos reconstruir sua casa se você quiser, — ele ofereceu. — Eu sei que nunca irá substituir as coisas que você perdeu, mas pelo menos você vai ter um lugar de sua preferência.

Ela virou-se de costas para ele, balançando a cabeça de modo que seu cabelo rosa balançava sobre os ombros. — Aquele nunca foi o meu lugar. Sempre foi de Nana, e era a última coisa que eu tinha dela que me fazia sentir como se ela ainda estivesse comigo. Eu estava cercada por seus pertences lá, as coisas que ela fizera, o jeito que ela cheirava. Ela fez uma pausa, e quando ela falou de novo, havia um arresto de dor na garganta. — Essa casa me fazia sentir como se ela ainda pudesse me abraçar. Agora ela se foi, e nada que você possa fazer nunca trará isso de volta, então não se preocupe.

Cain não podia mais dar-lhe espaço, não quando ela estava sofrendo uma perda tão profunda. Sua necessidade de protegê-la, mesmo a partir de sua dor, o levou para frente. Seus pés descalços estavam silenciosos no chão. Ele não lhe deu nenhum aviso de sua intenção, mas quando ele se aproximou, ela se tornou rígida, como se ela soubesse que ele estava lá.



Suas visões. Claro.

Ele colocou seus braços ao redor da cintura dela, pronto para enfrentar qualquer fúria que quisesse libertar.

Ela virou-se dentro de seus braços, empurrando contra seu peito. — Deixe-me ir.

— Não. Se sua avó já não pode abraçá-la, então eu vou.

Agora que ele estava perto, ele podia ver os sinais de seu sofrimento gravado sob os olhos e em volta da boca. Ela esteve chorando, e os remanescentes dessas lágrimas ameaçavam transbordar agora. Ele sabia que se ele testemunhasse sua fraqueza, ele só iria fazê-la mais resistente e espinhosa.

Ele enfiou a cabeça debaixo do queixo e deixou-a esconder o rosto contra seu peito. A barreira que ela colocou entre eles tremia, mas ele não podia dizer se era da força de suas emoções ou se de sua decisão de mantê-lo fora, enfraquecendo.

— Você não está sozinha, Rory.

Sua voz era pequena e incerta. — Todo mundo está sozinho. Todo mundo morre. Eu estou tão cansada de ser esmagada quando isso acontece.

— As coisas parecem sombrias agora, mas não vai ser sempre assim. Dias vão passar. Você vai se curar.

— Sim, bem a tempo de ser chutada no intestino novamente quando a próxima pessoa que me interessar morrer. Sinto muito, Cain, mas não vale a pena. Estou farta de me importar.

Ela não quis dizer isso. Era sua dor falando. Mas nada que pudesse dizer iria limpar a dor e dar-lhe espaço para ver a verdade. Só o tempo poderia fazer isso.

Cain acariciou seus cabelos, deleitando-se com a sensação de sua pele pressionada contra ele assim. Ela estava segura, e por alguns momentos horríveis, ele tinha certeza de que todos iriam morrer. Estava certo de que



falhara com ela do jeito que falhou com Sibyl, que ele havia quebrado sua promessa de mantê-la segura.

A ele fora dada uma segunda chance, e era uma que não iria desperdiçar.

Ela já não estava resistindo a seu toque. Seu corpo se inclinou para a dele, e suas mãos agarraram seu roupão, ao invés de empurrá-lo para longe.

Era um começo.

Cain passou os dedos pelos cabelos, massageando a tensão ao longo das costas de seu couro cabeludo e pescoço. — Talvez você devesse dormir um pouco.

Ele sentiu o ligeiro aceno da cabeça em seu peito. — Sinto como se nunca fosse dormir novamente. Esses demônios eram todos os tipos de fodidos. E vê-lo machucado assim, ver Ronan mal ser capaz de descer o degrau por si próprio... Há apenas um caminho de muita merda na minha cabeça para que eu feche meus olhos e veja-os reproduzir tudo de novo.

Cain pressionou contra a barreira entre eles, sentindo-a inchar e oscilar. — Eu poderia ajudá-la a dormir.

— Sim. Estou ciente. Não se atreva.

— Tudo bem. Ele encontrou o queixo e inclinou a cabeça para que ela olhasse para ele. — Mas eu preciso fazer alguma coisa para ajudá-la. Como vou saber o que você precisa, se você me mantém fora?

— Eu não quero você na minha cabeça mais.

— Isso não é verdade. Senti o quanto você gostava antes. Você não pode mentir para mim.

— Antes era antes. Isto é agora.

— Nada mudou, ele disse.

— Errado. Tudo é diferente agora. Eu tenho um Synestryn bloqueado



na minha cabeça, pronto para saltar para fora como um jack-in-the-box¹⁰ demoníaco. Eu sou uma sem-teto. Aparentemente, não tenho onde me esconder das visões, não importa o quão longe dos outros eu vá. Elas só vão embora quando você me toca, e nós não podemos exatamente sair por aí de mãos dadas o tempo todo. Ela soltou um longo suspiro. — Eu preciso de algum espaço para descobrir como lidar com tudo isso sozinha. Sempre que você escorrega dentro dos meus pensamentos, torna-se difícil lembrar que você não vai estar sempre por perto. É por isso que você tem que ficar de fora.

— Quem disse que eu não estarei sempre por perto?

— Oh, caramba, eu não sei. O universo? Como diabos eu vou saber? Eu não faço as regras, eu só sofro por causa delas.

— Eu vivi durante séculos. Se você quiser dar uma chance a alguém, eu diria que eu sou uma aposta bastante segura.

— Como você pode dizer isso quando você quase morreu apenas algumas horas atrás?

— Isso não era tão ruim quanto parecia. Eu já passei por coisas piores.

— Na noite em que Sibyl foi raptada. Não me lembre. Ela estremeceu antes de obter algum controle sobre si mesma. Ela deu um passo para trás, fora do seu abraço e olhou para ele com determinação queimando em seus olhos escuros. — O ponto é, eu estou acabando com o medo e a preocupação. Eu estou seguindo em frente.

Cain ficou imóvel, pavor partilhava em seu peito. — O que quer dizer, seguindo em frente?

— Eu conversei com Ronan. Ele disse que sem mim, ou alguém como eu, você vai morrer. Eu não vou ser a causa disso, mas eu também não vou ficar por aí, esperando que isso aconteça. Eu não quero estar lá quando



10

Palhaço que pula quando se abre a tampa da caixa.



isso acontecer. Então eu vou sair.

A raiva se uniu em um processo lento, queimando a bobina que se apertava ao redor dele com cada respiração. — Você está me deixando?

— Vou usar o seu colar. Ronan disse que vai mantê-lo vivo, mesmo que eu esteja do outro lado do planeta. Mas eu preciso do meu espaço.

Ele mal conseguia empurrar as palavras para fora através de sua fúria crescente. — Para fazer o quê?

— Não fique com raiva de mim, ela retrucou. — Eu estou fazendo a coisa certa. Estou ficando longe do demônio onde ele não pode me controlar tão facilmente. E eu não vou deixar você morrer.

— Mas você não está disposta a ficar ao meu lado, também. Você não está disposta a se tornar o que você está destinada a ser.

Ela piscou rapidamente, e seu olhar deslizou ao redor, como se ela já não pudesse ver. — Não há regras dizendo que eu tenho que agarrar-me a seu lado como uma espécie de colegial apaixonada. Ronan disse que isso vai funcionar. Sinto muito se você não gosta.

— Quem vai mantê-la segura?

— Eu vou. Eu tenho algum poder agora. Eu vou usá-lo se for preciso.

— Aonde você vai? Como é que você mesma se locomoverá se suas visões estão piores? Só para provar seu ponto, ele agarrou a mão dela, sabendo que faria suas visões desaparecerem novamente.

Sua boca achatou-se em frustração e suas palavras saíram com uma aresta de rosnado. — Vou dar um jeito. As pessoas cegas o fazem o tempo todo.

— Eu sei. Então você prefere estar cega e lutando por si própria do que me permitir cumprir minha promessa.

Seus ombros avançaram em direção as orelhas. — Sinto muito, Cain, mas eu realmente não dou a mínima para seus votos.

— Nenhum deles? Nem mesmo a promessa de te beijar de novo? Você se lembra disso, Rory?



Ele poderia dizer que ela lembrava pela forma como o seu olhar agarrou-se à sua boca. Ela empurrou a mão de seu toque, e ele tinha certeza que ela tinha feito isso intencionalmente cegando a si mesma. — Isso foi antes dos eventos que abriram meus olhos na noite passada. Eu mudei meu pensamento.

— Isso não é assim que funciona. Quando fazemos uma promessa, somos obrigados a isso, obrigados a cumpri-la. Quer se trate de mantê-la seguro ou beijar você, como você disse, a minha escolha é ditada para agir naquele momento.

— Então, o que isso significa? Você tem que me beijar para cumprir a promessa?

— Isso foi o que exigiu de mim.

Ela empurrou o queixo para cima. — Tudo bem, então me beije e acabe com isso.

— E o outro voto? Minha vida pela sua, Rory. Mesmo se eu lhe beijar, esse voto ainda vai nos amarrar juntos. Eu não posso protegê-la se eu não estiver por perto.

— Parece-me que você fez naquela noite, a última vez que quase morreu para nos tirar de lá.

— Sim, mas é a questão da intenção, tanto quanto das palavras. Minha intenção era proteger a sua vida, não importa o quê, mesmo que isso signifique eu perder a minha. Não só uma vez, mas enquanto eu viver.

Ela engoliu em seco, com a voz cada vez mais fraca. — Seu voto. Seu problema.

— E o seu? Qual foi sua intenção quando você e eu estávamos nos braços um do outro em seu quarto? Estava apenas me pedindo um beijinho na bochecha?

Ele sabia que ela não tinha pedido isso. Ela estava pedindo muito, muito mais. E ele estava mais do que disposto a dar-lhe tudo o que ela queria. Mesmo agora, ele podia sentir a necessidade de puxá-la para perto



e terminar o que tinha começado. Apenas sua preocupação com seu estado de espírito o deteve. Mas à medida que o tempo passava a compulsão para cumprir seu voto iria aumentar até que ele não pudesse pensar em mais nada.

Ela olhou para ele por um longo tempo, a indecisão franzindo a testa. — Se fizermos o que eu pedi a você, vai se tornar muito mais difícil eu ir embora.

— Eu estou bem com isso. Eu não quero que você vá. Não é seguro. Havia mais do que isso, mas ele não se atrevia sequer a admitir a si mesmo, muito menos a ela. Com sua conversa de sair, ele tinha que fazer o que podia para se proteger. Ninguém mais o faria, aparentemente.

— Eu não posso ficar com você, Cain. Não houve nenhum calor em sua voz neste momento, apenas uma tristeza que era tão profunda, ele se perguntava como isso não a dividiu em duas.

Mais uma vez ele tentou romper a barreira que ela erguera. Era mais fraca do que fora, tão fina, ele podia sentir a presença dela deslizando apenas do outro lado. Ele precisava sentir isso de novo, para envolver-se em sua própria essência e deleitar-se com a bondade que brilhava fora de sua alma.

Ela estava sofrendo muito agora. Se pudesse romper, ele sabia que poderia aliviar a sua dor.

Cain precisava disso. Instintos e seu desejo de fazê-la feliz o levaram, forçando-o para estimular mais fortemente a barreira.

— O que você está fazendo? —ela perguntou.

— Meu trabalho. Você viu através de mim do jeito que as coisas devem estar entre nós. Você pode não acreditar que você poderia querer isso, mas eu faço. Eu vi o poder e a alegria que vem de você e que eu poderia ter. E eu estou disposto a lutar por ela. Por você.

A barreira foi quebrada. Rory suspirou e balançou. Cain agarrou seus braços enquanto ele mergulhou através do seu link, deixando tudo o que



ela era cercá-lo.

O medo gritava por ela, tão alto que quase o levou de joelhos. Ela estava com medo de sair, de estar cega e por conta própria, mas o medo não era nada em comparação a sua preocupação de que ele morresse. Logo depois que aprendera a amá-lo.

A ideia de que ela sequer pensou que pudesse amá-lo era inebriante, uma emoção inebriante. Era mais do que ele esperava, não importa o quanto esperasse secretamente que fosse possível. Ela viu suas falhas, seus erros. Ela vira como ele deixou Sibyl ser raptada, e ainda assim ela não tinha nada contra ele. Todos os seus pensamentos eram para se proteger de sua morte inevitável.

Ela imaginou os possíveis cenários um após o outro, em uma série de sangrentos finais violentos. Foi surpreendente testemunhar a sua própria morte, mas as emoções que cercavam os eventos eram o que o chocou o mais. Ela já sofreu muito por ele em algum nível. O que significava que ela já tinha vindo para cuidar dele em algum nível.

Cain deixou que a esperança boiasse e enchesse-o com uma força renovada de propósito. Ela não podia andar por aí com esse tipo de medo arranhando suas vísceras. A enfraqueceria, fá-la-ia hesitar. Isso poderia até mesmo matá-la.

Ele não permitiria que isso acontecesse. Sua promessa de protegê-la deu-lhe a permissão que ele precisava para ajudá-la. Se ela ficasse zangada com o que ele estava prestes a fazer, que assim seja.

Odiava sentir medo, então ele assumiu o controle de seus medos, de cada evento sangrento e mudou-os, mostrando-lhe outra possibilidade. Quando as garras de inúmeros demônios rasgaram-no em pedaços, ele mostrou-lhe uma imagem de seu poder protegendo-o dos golpes. Quando o veneno permeava em seu corpo, ele a deixou ver-se conduzi-lo a partir de suas veias. Quando o fogo carbonizou sua carne, ele a fez ver como ela chamou uma torrente de chuva e a fez cair sobre as chamas, apagando-as



antes que pudessem sequer atingir seu cabelo. A cada derrota, deu-lhe a vitória e, a cada vitória, ele a sentiu inchar e se fortalecer.

Finalmente, quando o último de seus pesadelos sangrentos foi destruído, ele soltou seus pensamentos. Ele não conseguia deixá-la completamente por medo de que ela o bloqueasse novamente. E porque ele gostava de demorar-se dentro dela.

Ela olhou para ele, seus olhos escuros enormes com descrença. — Você realmente me vê desse jeito?

— Eu vejo.

Sua boca tremia como se estivesse procurando as palavras certas. — Ninguém nunca me viu assim antes, forte, capaz. Ninguém nunca realmente me viu em tudo. Não, desde Nana.

— Eu vejo você. Por dentro e por fora.

— E você ainda me quer pendurada ao redor?

As palavras que faziam cócegas no final de sua língua eram desesperadas, carentes. Ele queria tanto dela — coisas que ele não se atrevia a pedir. Ele estava tão perdido antes de conhecê-la, vazio de esperança. E agora ele estava cheio com isso, com um propósito. Ele sabia que ela não entenderia como ele se sentia. Não foi criada como um deles. Ela não foi ensinada o que esperar de seu vínculo, ou como ele foi projetado para funcionar. Como os dois precisavam desta conexão, como eles foram feitos para isso.

Todas essas coisas o faziam soar como uma espécie de desespero, rastejando fraco, e ele não queria que ela visse dentro dele. Ela odiava a fraqueza em si mesma, e ele assumiu que o desgosto iria até ele também.

Então, ao invés de derramar seus mais profundos desejos, os mais obscuros, ele simplesmente disse: — Eu quero.

A mão de Rory roçou no lado de seu rosto quando ela olhou em seus olhos. Ele podia sentir faíscas inflamarem sob a almofada de cada dedo. O tremor leve de sua mão fez seus instintos protetores turvarem-se abaixo



da superfície. Ele lutou com eles, segurando-se perfeitamente imóvel, para não assustá-la. Ela estava à beira de uma decisão, e, tanto quanto ele queria fazer pender a balança, ele não se atreveu. Não havia nenhuma garantia de que maneira ela cairia.

Seus pés deslizaram mais perto dele, empurrando os dedos dos pés descalços. O cheiro de sua pele enrolada em torno dele, forçando-o a combater a sua reação visceral à sua proximidade. As pontas de seus seios roçaram em seu peito, e era tudo o que ele podia fazer para não retirar do roupão de senti-la mais plenamente. Mesmo através do tecido grosso de sua roupa, ele ainda podia sentir seus mamilos endurecidos roçando sobre ele.

Uma onda rosa invadiu seu rosto, mas ele não podia dizer se era vergonha ou excitação. A necessidade de saber cravada nele, levando-o a buscar o que ela estava sentindo.

Uma pitada de ansiedade. Curiosidade. Excitação.

Desejo.

Foi uma vibração, o fio frágil de um sentimento, mas cresceu mais brilhante enquanto ela continuava a olhar fixamente.

Seu olhar caiu para a boca. Ela molhou os lábios com a língua. A lembrança de seu beijo queimando viva em sua mente, lançando uma luz ofuscante sobre todo o resto.

Seus dedos apertados em sua pele. Ela levantou-se na ponta dos pés, trazendo-o mais perto de sua boca.

Luxúria zumbia através dele, mas isso não era novidade quando Rory estava próxima. Ele era incapaz de parar o seu pau de inchar, mas isso não quer dizer que ele faria qualquer coisa sobre isso. Ele era um homem paciente. Ele poderia esperar o tempo que fosse para que sua arisca Rory mudasse sua mente.

Um momento depois, sentiu-a mudar sua decisão e solidificar, assumindo a forma rígida de determinação.



Cain não precisava de mais incentivo. Sua decisão foi tomada. Ela queria isso. Ela o queria.

Ele abaixou a cabeça, encontrando sua boca na metade. O primeiro contato levou o fôlego de seu peito com sensações marcantes lançadas através dele, prendendo-o no lugar. Seus lábios se separaram com um suspiro, e ele não perdeu tempo, aproveitando a oportunidade de prová-la novamente.

Fogo e açúcar. Doce e quente. Ela foi para sua cabeça, livrando-o da necessidade de pensar. Não havia espaço entre eles para preocupação ou medo ou culpa, apenas o redemoinho inebriante de acerto total e completo.

Era assim que as coisas deveriam ser, e todo Theronai dentro dele levantou-se e gritou em vitória.

Sua boca estava feroz e exigente contra a dele. Seus dedos deslizaram sob o roupão, separando-o. Suas mãos foram em busca sob o tecido, empurrando-o aberta quando ela o achou.

Ele não usava nada por baixo, mas sua necessidade dela era galopante e óbvia. Sua ereção sobressaía-se entre eles, latejante, em um esforço para se aproximar. Suas mãos em volta dele, empurrando para fora um silvo de prazer entre os dentes.

Nenhuma mulher o havia tocado assim durante séculos, e mesmo assim ele não tinha certeza que qualquer mulher já o havia tocado da maneira que Rory fez — como se ela soubesse exatamente o que ele gostava e como dar a ele.

Não houve hesitação em seu aperto, sem timidez. Ela acariciou seu comprimento, espalhando o calor liso que brotava dele.

Cain cobriu as mãos dela para impedi-la antes que ele gozasse. Ela ficou imóvel e olhou para ele com um pequeno sorriso de bruxa.

O olhar em seus olhos era ousado. Um desafio. E Cain estava mais do que preparado para ele.



Ele puxou as mãos dela e empurrou-as atrás das costas, onde ela não poderia mais alcançá-lo. Com uma mão, ele segurou-lhe os pulsos lá, o que empurrou os seios para ele. Seus mamilos duros zombavam dele, e ele não tinha mais força de vontade para manter-se de volta.

Cain desenhava círculos sobre seu peito com um dedo enquanto observava seu rosto. A ligação entre eles pulsava com impaciência quando ele chegou mais perto e mais perto de seu mamilo. O tecido suave de sua camisa moldado em sua pele, negando-lhe o contato que ele desejava. Era tudo o que podia fazer para não rasgar a camisa até sentir sua pele nua encher a palma da mão. Suas pupilas dilataram-se, e ela mostrou os dentes para ele, puxando o aperto, como se ela realmente pudesse se libertar.

É claro que se ela realmente quisesse ir embora, tudo o que tinha a fazer era usar seu poder para empurrá-lo em uma parede. O fato de que não fizera isso ainda estimulou-o e deu-lhe grande satisfação. Embora não tanto quanto ele planejava dar a ela.

Seu dedo deslizou sobre seu mamilo e ela chupou em uma respiração afiada. Sua cabeça caiu para trás, colocando a Luceria em exibição. Escura, rica ametista roxo nadou abaixo da superfície, girando como se tivesse sido mexida. Seu pulso batia na garganta, e um rubor intenso sobre sua pele.

O calor adicionado aumentou seu cheiro, tornando difícil para Cain pensar direito. Ele precisava deslizar dentro dela e fundi-los ainda mais apertado. A Luceria não era suficiente. Mesmo com isso, ela poderia ir embora. Ele precisava de mais a uni-los, de uma maneira que nunca seria capaz de quebrar.

Uma criança. Isso era uma obrigação que ela não seria capaz de negar. Ainda mais, era o que Cain queria. O que ele sempre quis.

Ele olhou para ela, sabendo que se fosse mais longe, ele não ia se importar com o que ela queria. O presente que lhe tinha dado, a esperança para a sobrevivência e algum tipo de futuro era muito precioso para ele jogar fora com trapaça e traição.



Sua mão cobriu seu peito. O algodão de sua camisa estava tão quente, que ele se perguntou como ele simplesmente não inflamou. O mamilo espetando ansiosamente contra a palma da mão. Seus olhos estavam fechados, e uma expressão de abandono cobria o rosto.

Abrir a boca e empurrar as palavras foi uma das coisas mais difíceis que já teve que fazer. — Precisamos parar.

Seus olhos se abriram, revelando a confusão e uma camada de neblina de luxúria. — O quê? Por quê?

As palavras estavam além dele. O desejo era muito pesado em suas veias, privando-o do oxigênio que ele precisava para falar. Então, em vez disso, ele formou um pensamento único, coerente e enviou-o voando através do seu link.

Mostrou-lhe os dois juntos, nus e em vias de clímax. A imagem se transformou para ela, com o ventre arredondado com seu filho, depois para ela segurando o bebê em seus braços, balançando-o para dormir, uma vez que o amamentou no peito.

O corpo de Rory sacudiu para que a imagem se dissipasse. Ela olhou para ele em silêncio por tanto tempo, que ele tinha certeza que ela tinha de estar desgostosa pela sua perda de controle próxima. Ele era fértil, mais uma vez, e com essa esperança vinham responsabilidades. Responsabilidades que ele não atendeu ao encontrar algum meio humano de controle de natalidade.

— Isso é tudo o que está impedindo você? —disse ela, com a voz fraca e áspera em torno das bordas.

— É o suficiente, não é? A menos que você queira —

— Não. Eu não. Mas está tudo bem. Eu estou protegida. Com suas palavras, ela lhe enviou seu próprio conjunto de pensamentos — seus temores de que sua menstruação traria os demônios, sua preocupação por sua avó, sua ida ao médico para obter pílulas que iria parar seu ciclo.

Ela estava no controle da natalidade.



— Suficiente? — ela perguntou. — Porque eu realmente não quero parar.

Sua ereção não havia se dissipado uma vírgula. Ele não a controlava, mas certamente estava tentando.

Ele acenou com a cabeça, incapaz de encontrar o fôlego para falar.

Rory deu um sorriso que prometia o céu. — Bom.

Capítulo 20

Rory estava abalada. As coisas que Cain lhe mostrara a jogaram em um laço. Não era só a ideia de ter um bebê que a assustou, era como ela se sentiu quando viu essas imagens jogadas dentro de sua mente. Antes, a ideia disso era distante, algo alienígena que nunca aconteceria com ela, algo que pensara apenas no sentido mais vago, da mesma forma como ela pensou em viajar o mundo ou ir para a lua.

Agora, a ideia parecia... possível.

Talvez fossem apenas as emoções de Cain passando por ela. Ela realmente não sabia. O que ela sabia era que se parasse e pensasse sobre isso por muito tempo, poderia esquecer a forma como as coisas eram. Isso era perigoso. Pessoas ao seu redor morreram. Por mais tentadora que possa ser a ideia de ter um filho um dia, ele não estava nas cartas.

Agora, tudo o que ela precisava saber era que Cain estava pronto e disposto a afastar todos os pensamentos inquietantes que vieram para assombrá-la.

O homem tinha um jeito de fazê-la esquecer de pensar.

Antes que seu cérebro começasse a trabalhar novamente, encontrar alguma razão impossível para eles pararem, ela decidiu levar as coisas em suas próprias mãos.



Rory saiu do seu controle e tirou sua camisa. Ela deixou-a cair no chão da cozinha e começou a andar enquanto desabotoava o sutiã. Sentiu-o atrás dela enquanto ela deu o primeiro passo. Sua massa imponente tinha sua própria atração gravitacional sobre ela. A única razão pela qual ela era capaz de se afastar agora era porque ela sabia que ele viria a seguir.

O sutiã caiu no corrimão. Ela pegou uma visão fugaz de si mesma através de seus olhos, de suas costas nuas e os quadris balançando enquanto ela se afastava.

Um de seus sapatos caiu escada abaixo. O outro bateu na porta do quarto quando ela chutou fora. Até o momento que ela chegou à cama, seus jeans estavam abertos e em seu caminho até as coxas.

Cain agarrou a cintura por trás. Suas mãos estavam quentes em sua pele, seus dedos apertando quando ele a puxou de volta contra seu corpo. O cume duro de sua ereção pulsou contra sua pele nua, fazendo-a gemer com a necessidade. Prendeu-a no lugar com um braço sobre seus quadris enquanto sua mão deslizou sobre sua barriga, suas costelas, e, finalmente, ele segurou-lhe o seio. Ela olhou para baixo, encantada com a visão de sua enorme mão a cobrindo. Enquanto ela o observava, ele deslizou seus dedos sobre sua pele até que apenas as pontas nuas estavam acariciando e beliscando o mamilo.

Um choque de prazer se arqueou de seus dedos para seu centro. Ela sentiu uma onda de calor entre as coxas, sentiu que ficava mais molhada.

O peito de Cain vibrou com um rosnado baixo de aprovação. Seu pênis empurrou em direção a ela, pulsando no tempo com seu coração.

Suas coxas estavam presas juntas por seus jeans. Cain passou um dedo ao longo de suas dobras lisas, apenas roçando seu clitóris enquanto ele suavemente beliscava seu mamilo.

Uma onda de formigamento elétrico trespassou através dela, pulando ao longo de suas entranhas até que tinha certeza que estava brilhando por dentro. Sua cabeça estava pesada demais para suportar. Ela deixou-a cair



para trás contra o ombro dele, simplesmente apreciando a forma como ele aprendia seu corpo.

Seus lábios encontraram sua garganta. Ele a beijou, sua boca quente e aberta, sua língua rodando sobre sua pele de uma forma que a fez tremer em reação.

Rory queria tocá-lo, também, para que ela chegasse de volta e agarrasse sua cabeça em suas mãos. Não foi o suficiente. Ela precisava beijá-lo também, e ver o seu rosto para que ela pudesse aprender a agradá-lo do jeito que ele a agradava.

Ela encontrou forças para virar em suas mãos, quase caindo sobre ele quando os jeans a fizeram tropeçar. A cama estava bem atrás dela agora, então ela sentou-se para se livrar da roupa que atrapalhava, apenas para ser completamente assaltada pela visão de seu glorioso pau empurrando para fora, para ela.

Sua boca se encheu de água. Ela estendeu a mão para ele, agarrando-o com as duas mãos. Quente, a pele de veludo sugou-a, tentando-a além da razão. Seu aroma enrolando-se em volta dela, deixando-a tonta. Ela fechou os olhos e tomou a ponta de sua ereção em sua boca.

Seu corpo se apertou e ele soltou um silvo de prazer. Seu gosto lhe subiu a cabeça. Ela precisava de mais, tudo o que ele tinha para dar.

Os dedos de Cain embalaram a cabeça dela. Rory sentiu o tremor de autocontrole através dele, viu seu abdômen contrair, os dedos apertados contra seu couro cabeludo. Ele estava perto de perder o controle. Ela não tinha certeza de como ela sabia, mas a ideia deu-lhe uma corrida inebriante de poder, e um choque impertinente de satisfação.

Ela queria fazê-lo enlouquecer — levá-lo para fora de sua mente com prazer. Antes que ela pudesse, sua mente brilhou com uma imagem vívida na cama, com o corpo completamente aberto enquanto ele trabalhava a ponta do seu pau grosso dentro dela. A visão era tão erótica, tão convincente, que ela tremia com a necessidade.



Cain fizera isso com ela. Ela sentiu sua presença pairando em sua mente, avaliando o seu prazer, alimentando o dele. Ela não tinha certeza de como ele fizera isso, mas não havia espaço em sua cabeça para estudar a técnica agora. O pensamento foi além dela. Apenas os sentimentos eram fortes o suficiente para fazê-lo através do labirinto de luxúria preenchendo sua mente.

Ele levantou-a para longe de seu corpo e deitou-a na cama. Seu olhar verde escuro atreveu-se a lutar com ele — para impedi-lo de tomar o que ele queria.

Ele tirou suas calças jeans das pernas, e agarrou seus tornozelos em suas mãos quando ele se aproximou dela. Seu corpo grande bloqueou a visão de todo o resto. Ele derrubou o seu roupão, ficando gloriosamente nu. Ela bebeu na visão da pele lisa em camadas sobre os músculos densos. A árvore ao longo de seu peito balançava seus ramos, agora difusos e verdes com folhas novas. As raízes da árvore se espalhavam para baixo em direção à sua virilha e sobre o seu quadril esquerdo.

Antes que seu tempo acabasse, ela estaria rastejando sobre cada uma dessas raízes e galhos com a língua.

Cain beijou sua panturrilha, o interior do joelho, espalhando suas pernas quando ele aliviou seu corpo entre elas. A trilha quente deixada pela sua língua resfriava enquanto ele trabalhava seu caminho em direção a sua vagina. Cada centímetro de sua pele formigava em antecipação enquanto sua boca caía sobre ela, beijando-a.

Ela arqueou para fora da cama, fazendo um desesperado som miado que ela nunca teria pensado que fosse capaz de fazer. Ele vibrou com prazer e necessidade, amarrando-a mais apertada enquanto Cain simplesmente fazia o que queria. Ele a fez sentir o que ele queria que ela sentisse, chupando e lambendo até que ela não estava mais no controle de suas próprias reações.

Uma pequena faísca de fogo saltou de sua língua, e todo o mundo de



Rory subiu em um clarão de luz e sensação. O clímax explodiu a partir de seu núcleo, empurrando o ar de seus pulmões e todo o pensamento racional de sua mente. Ela foi suspensa em uma onda de prazer, mantida no lugar pelas mãos fortes de Cain.

Quando o cataclismo diminuiu, enquanto lutava para recuperar o fôlego, Cain começou a trabalhar um único dedo em seu corpo. Tão sensível como estava, tão lisa quanto ela estava, a penetração era quase demais para suportar. Ela inclinou a cabeça para chamar a atenção dele para que pudesse dizer-lhe para abrandar, mas o olhar em seu rosto fez as palavras secarem e soprarem.

Sua pele estava escura com luxúria. Suor forrava a testa. Sua boca estava molhada. Determinação governava suas feições.

— É demais, ela conseguiu dizer entre suspiros de ar.

— Se você não pode ter meus dedos, você nunca vai ser capaz de ter meu pau. Você não quer isso, não é?

Oh, sim. Ela nunca quis nada mais em sua vida. Felizmente, ela não tinha que dizer as palavras. Ele parecia entender o seu silêncio.

Cain deu um sorriso escuro. — Bom. Agora descanse e relaxe.

Relaxar estava fora de questão, mas seu dedo se moveu dentro dela, deslizando mais profundo, e ela já não precisava de um descanso. Um filete de desejo fluíu por ela, afiando o seu próprio até que ele agarrou-a por mais.

Ele fizera isso com ela — alimentou-lhe com algum do seu desejo — e ela estava de volta ao local onde ela estava há alguns minutos atrás, clamando com a necessidade de vir.

Rory viu quando a cabeça escura baixou mais uma vez e sua boca trabalhou a magia entre suas coxas. Quando ele aliviou um segundo dedo dentro dela, o trecho pungente puxou mais apertado. Bastou um beijo de sucção suave contra seu clitóris e ela voou em pedaços.

A força de seu orgasmo a deixou cega, mas ela não conseguia



encontrar o espaço para se importar. Lágrimas deslizaram ao longo de suas têmporas, e sua voz brilhava em um grito ofegante, que não poderia manter contido. Quando cada onda escaldante bateu nela, Cain empurrou mais, usando os lábios e a língua e os dedos para tirar o prazer dela até que ela estava desossada e murcha.

Sua satisfação pulsava através de seu link. Mesmo estando torcida como ela estava sua própria necessidade ainda afiada, tinha o poder de fazê-la precisar de mais, exigir mais.

Sua vagina ainda estava flutuando de seu orgasmo quando sentiu a ponta cega de seu pênis imprensada contra sua abertura.

Ela abriu os olhos e viu seu corpo bloqueando todo o resto. Houve uma leve sugestão de desculpas em seus olhos, algo que ela não entendia. Instintivamente, ela foi procurar a explicação.

Quando ela deslizou através de seu link, ela bateu em uma parede de desejo tão quente e irregular, que ela tinha certeza que iria despedaçá-la. Instantaneamente, as bordas embotadas, quando ele a protegia de sua necessidade furiosa, mas já era tarde demais para isso. Sua necessidade era a dela agora, e seu corpo respondeu com uma corrida de excitação.

Novas sensações, picadas espalhadas sobre sua pele e seu corpo esticado para aceitá-lo. Era demais, e ainda assim não era o suficiente. Ela tinha certeza de que ela jamais se cansaria de um homem como ele.

Antes que o pensamento pudesse apagar seu prazer, ela empurrou-o e puxou-o para mais perto.

O calor úmido de sua pele contra a dela cantava através dela. A sensação de seus músculos se movendo, vibrando quando se conteve, bateu numa espécie de corda profunda dentro. Tanto quanto ele a queria — tanto quanto ele estava morrendo de vontade de enterrar-se dentro de seu corpo — ele ainda se mantinha para trás, movendo-se lenta e cuidadosa para que não a machucasse.

Tão molhada como estava, ela não achava que isso aconteceria. Seu



corpo estava clamando para ser preenchido, ansioso por sentir cada centímetro dele enterrado dentro dela. Nada do que ele fizera causara dor. Seu único desconforto veio de sentir o quão desesperadamente ele lutou sozinho.

Rory queria que ele gostasse disso tanto quanto ela.

Com esse pensamento em mente, ela puxou uma onda de força em si mesma e puxou seus quadris em sua direção. Sua ereção enfiada. O trecho intenso, junto com seu rugido de choque de prazer, foi o suficiente para jogá-la em um clímax agitado. Ela retornou ao redor, presa dentro de pura sensação quando seu corpo fragmentou-se.

Quando ela finalmente se estabeleceu o suficiente para dar sentido ao mundo, descobriu que Cain reunira os pulsos em sua mão e prendeu-os acima de sua cabeça. Ele equilibrou sobre ela, seus músculos salientes enquanto segurava-se.

Sua mandíbula estava apertada. As cordas em seu pescoço se destacavam. Ele não se mexeu.

Ela sentiu seu batimento cardíaco dentro dela, o pulsar, o calor da espessura de seu pênis preso dentro. O corpo dela era uma bagunça confusa de sentimentos e emoções muito intensas e pesadas para ela examinar. Havia um leve fio de raiva piscando fora dele, mas não podia dizer se isso estava destinado a ela por tomar o que ela queria, ou para si mesmo por deixá-la.

— Você está ferida? — perguntou ele, o som grave de sua voz vibrando em seus mamilos deliciosamente.

— Eu não sinto dor.

— Bom. Porque eu nunca poderia machucá-la, nem mesmo se você pedisse por isso.

— Você vai me fazer implorar agora?

— Não. Tudo o que você quer, é seu.

— Quero que pare de se segurar. Não sou frágil. Não vou quebrar.



Quero você de verdade, todo você.

Algo em sua expressão mudou, ficando mais escura. A tensão que ela tinha visto nele antes parecia escorrer. Um pequeno sorriso mal puxou sua boca. — Então, abra-se, Rory. Eu vou te dar tudo.

Ela não tinha certeza do que ele quis dizer até que ela sentiu a Luceria vibrar em torno de sua garganta. Um instante depois, uma enxurrada de imagens e sensações fluíu para ela, balançando-a até sua alma. Ela viu os dois juntos, nus e presos juntos em posições que não tinha sequer imaginado. Ela sentiu o chicote da luxúria aquecida através de suas plumas, como fogo, deixando cada centímetro de sua pele brilhante e corado. Suas fantasias e esperanças e sonhos todos canalizados para ela, enchendo-a com a necessidade de ver cada um deles em realidade.

Ela não estava só com ele, ela existia dentro dele, suas duas mentes entrelaçadas de uma forma que ela mal podia acreditar ser possível, mesmo que ela a sentisse.

E então ele começou a se mover. Seu pau deslizou para fora dela, deixando uma dor oca para trás. Ela abriu a boca para gritar para ele voltar, mas não havia necessidade. Ele já estava subindo para frente de novo, dando-lhe exatamente o que ela precisava, como se ele sentisse a necessidade dela tão profundamente como ela sentia a dele.

Talvez ele tivesse. Ela não tinha certeza. Ela não se importava. As sensações físicas, empilhadas sobre as coisas que ele fez em sua mente, eram quase demais para suportar. Ela já não tinha qualquer controle sobre suas ações. Suas mãos foram para onde elas queriam. Sua boca procurou a dele, desesperada pelo o seu gosto. Seus quadris arqueados a aceitá-lo em seu corpo, uma e outra vez.

Isso era mais do que sexo. Era a fusão de duas pessoas, duas almas. Mais significativo do que o prazer físico que trouxe, ela sentiu a mudança de experiência dela, alterando-a em um nível fundamental de uma maneira que ela nunca seria capaz de desfazer.



Mas com um êxtase assim, ela não conseguia se importar.

Cain a levou para cima com ambos, com o seu toque, bem como com seus pensamentos. Ele não escondeu nada dela, forçando-a a sentir tudo o que ele fez, até o acúmulo enrolando de seu orgasmo iminente. O corpo de Rory respondeu na mesma moeda, respondendo ao seu chamado, abaulando com sua própria pressão crescente.

Sua boca comeu a dela, bebendo seus gritos ofegantes. Ela teria ficado constrangida pela forma tão alta que ela estava indo que ela não sentiu o quanto isso se ligou em Cain. Ele gostava dela perdendo o controle, a prova de sua apreciação. Mas não foi o suficiente. Ele queria tudo dela. Para sempre.

E agora, amarrada com ele assim, brilhando com tanta sensação gloriosa que ela mal conseguia contê-la, queria isso também. A realidade não importava neste espaço. Não havia coisas ruins que poderiam alcançá-la aqui. Ela sabia que havia alguma razão que sempre deveria incomodá-la, mas ela não conseguia lembrar-se do que era. Se ele quisesse isso para sempre, ela estava mais do que feliz em dar a ele.

Sua presença em sua mente parecia inchar e iluminar. Ela sentiu uma mudança vindo sobre ele, uma espécie de intensidade selvagem que não estava lá antes. Seu ritmo de deslizamento começou a acelerar, atraindo sua atenção de volta para seu corpo.

Prazer derramou-se sobre ela, pulsava através dela. Cain a rodeou com seu calor e força, deixando mais a cada estocada lisa. Palavras derramaram de sua boca na dela. Ela não podia entendê-las. Ela não se importava que não pudesse. A pressão dentro dela era muita agora. Ela nunca iria sobreviver a seu lançamento.

Ele abraçou-a, enrolada em torno de seu corpo e enviou uma onda de sensação de formigamento caindo fora de sua pele. Onde quer que eles se tocassem, suas terminações nervosas vinham vivas, enviando sinais loucos de tumulto por sua espinha.



Era demais. Não conseguia segurar tudo. Um forte clímax feroz arrancado dela em um grito silencioso. O pau de Cain mergulhou fundo e ele veio, balançando em rasos impulsos urgentes quando seu sêmen a encheu. Cada pulso de calor derramando nela levou-a mais até que ela não conseguia mais respirar.

Rory largou tudo. Era a única maneira de sobreviver à intensidade da tempestade. Ela a deixou atingir-lhe aceitando o que veio muito fraca para lutar contra qualquer coisa que ele a fez sentir.

Lentamente, seu abdômen relaxou o suficiente para ela encontrar uma respiração superficial. As manchas avermelhadas nos olhos diminuíram, permitindo-lhe ver Cain.

Ele estava envolto em cima dela, flácido e gasto. Ele cobria-a completamente, como um cobertor vivo, mas muito mais quente. O suor brilhava em seu corpo, fazendo o seu brilho dourado na pele.

Ela beijou seu ombro, lambendo o sal de sua pele. Seu cheiro, seu gosto, eles eram parte sua agora, o conhecimento enterrado tão profundamente que ela tinha certeza de que ela nunca iria esquecer.

Eles ainda estavam unidos, seus corpos, suas mentes. Mesmo agora, exausto e gasto, Cain ainda estava com ela, dando-lhe o que ela lhe pedia. Suaves, mais suaves imagens deles juntos superaram as mais ardentes, as apaixonadas. Viu-os abraçados, rindo.

Ele já mostrara a ela o que um par ligado de Theronai poderia fazer — como eles poderiam lutar e segurar os demônios. Mas agora ele lhe mostrou um lado diferente. Anos passaram a crescer mais. Múltiplas vidas de brincar e jogar. Sim, suas vidas eram perigosas, mas isso não era tudo o que tinham. Havia uma proximidade lá que Rory nunca considerara — a familiaridade forjada a partir de séculos de parceria.

Enquanto ela o deixava alimentar essas imagens dentro dela, um profundo desejo começou a tomar forma. Ela queria isso. Queria essa proximidade, essa unidade. Que só fez a realidade muito mais difícil de



enfrentar.

Pessoas ao seu redor morreram. Cain iria também, a menos que ela o vencesse. Sabendo que outros pudessem ter o que ele tinha acabado de lhe mostrar na vida real só fez muito mais austero e sombrio, por comparação.

Quanto mais tempo ela ficasse com ele o mais fácil seria esquecer as coisas como realmente eram, a promessa que fizera após Nana ter morrido. A vida de Rory não estava destinada a ser como os contos de fadas bonitos que ele mostrou a ela. Não importa o quanto qualquer um deles podia querer o contrário.

Sua vida já foi moldada por suas ações, por quem e o que ela era. Ela não tinha nenhuma intenção de abandonar Cain à morte, mas ele tinha que encontrar alguém, alguém corajoso o suficiente para assumir riscos e ganhar 'o felizes para sempre' depois de ter mostrado a ela. Ela não era forte o suficiente para jogar um jogo tão alto de azar.

Cain rolou para o lado, a frustração fazendo seus movimentos bruscos.
— Você vai fugir agora, não é?

— Eu só vou ao banheiro.

— Para se esconder de mim.

Ele não ia saber essa parte. Isso a fez se sentir como uma covarde, que ela odiava.

Ela se levantou e pegou o roupão de onde ele tinha deixado cair no chão. — Eu preciso de um pouco de espaço, Cain. Isso foi demais... intenso.

— Você adorou. Você não pode mentir para mim. Eu estava lá, dentro de você.

— acredite em mim. Eu me lembro.

Sentou-se, enquanto ela colocou o roupão sobre o corpo dela. Tudo nele era tão atraente. Seu tamanho, sua aparência. Sua alma. Ela queria envolver-se dentro dele e abraçá-lo apertado — deixá-lo manter toda a vida de merda afastada.



Mas não era assim como as coisas funcionavam. Ela era uma menina grande que conhecia o placar. Ela não podia pagar para que o sexo seja algo mais do que apenas isso.

A zombaria sarcástica brotou de seu intestino, mas ela apertou os lábios fechados para prendê-lo dentro. Isso tinha sido um inferno de muito mais do que sexo.

Um fato que Rory agora ia ignorar.

Cain pensou que ele quase conseguira. Ele a deixou ter tudo dele, como ela pediu, não segurando nada. Ele mostrou-se a ela de corpo e alma.

E ela se afastou.

Não pensara que alguma coisa poderia ter machucado tanto quanto perder Sibyl, mas ele estava errado. A rejeição de Rory era tão ruim, lembrando-lhe de todas as razões por que ele fora um tolo por deixá-la chegar tão perto.

O estrago foi feito agora. Ele não podia voltar no tempo. Ele se recusava a fazê-la esquecer. Ela mudara de ideia, e ele teria que encontrar uma maneira de aceitá-lo.

A única coisa que ele poderia pensar em fazer agora era encontrar o demônio que Ronan tinha subjugado e matá-lo de modo que não houvesse chance de ele nunca controlar suas ações novamente.

Pelo menos isso era algo real e sólido — um propósito, ele poderia focar de modo que ele não tivesse que pensar sobre o que acontecera.

O chuveiro ligado atrás da porta fechada. Ela estava lá agora, lavando todos os traços dele de sua pele. A noção incomodava mais do que deveria. Ou talvez fosse a sua própria necessidade de agarrar-se ao perfume que ela deixara em cima dele que o fez se sentir assim. A parceria foi muito desequilibrada. Ela tinha todo o controle, todo o poder. Tudo o que ele podia fazer era tropeçar no rescaldo de suas escolhas.



Ele não poderia mudar seu voto. Ele se recusou a forçá-la a ficar com ele. O bate-papo de Ronan com ela havia informado que ela não precisava nem estar perto dele para ele sobreviver. Se ela fosse embora, sem necessidade de deculpa.

Foda-se isso.

Cain não era capacho. Ele estava cansado de ver as pessoas com quem se importava irem-se. Ele era um lutador por natureza, e se a sua sobrevivência significava que ele tinha que lutar um pouco sujo, então que assim seja. Rory detinha o seu futuro em suas mãos, e ele estaria condenado se ele a deixasse esmagá-lo.

De uma forma ou de outra, encontraria uma maneira de passar por essa cabeça cor-de-rosa dela.

Capítulo 21

Ronan esperou até que o sol estava alto antes que ele ousasse chegar para o senhor Synestryn que roubara seu sangue. A ligação entre eles era fraca agora, como era o demônio que a forjara. Como Ronan, seus poderes diminuía durante o dia, minando sua força.

Cuidadosa e lentamente, ele escorregou ao longo do fio de sangue e poder que os unia, penetrando na mente do demônio pelas menores gotas. Este contato não era sobre controle, ou sobre a tentativa de livrar a mente de Ronan da presença que ele infectou. Ele não fez tanto como uma onda quando ele passou, em busca só de informação.

O sono do demônio mudou quando ele começou a acordar. Ronan segurou ainda, deixando pensamentos vis e fluxos de memórias em torno dele como esgoto. Como cada um que tocou, ele deixou infiltrar-se, concedendo-lhe informações.



A dor que esta criatura causara era um fétido, podre câncer na cabeça de Ronan. Ele não se atreveu a lutar contra isso, mas não julgar os atos de maldade era muito, muito mais difícil. Cada momento de repulsa, a cada segundo de acusação forçou o demônio em vigília.

Havia pouco tempo, — só o deixou segundos antes de a fera acordar e perceber o que Ronan estava fazendo. Antes que fosse tarde demais, e que o demônio o agarrasse e o chupasse para dentro, Ronan voltara para fora da decadência purulenta dos pensamentos da criatura e de volta para os limites legais, escuros de sua própria mente.

O espaço familiar o consolava. O ajudava a lavar o horror repulsivo do que vira.

Ronan ficou imóvel na escuridão do porão, lentamente peneirando as informações que reuniu. A maior parte era de lodo inútil que ele descartou antes que pudesse criar raízes e crescer. Mas havia detalhes que coletara, coisas que estiveram na vanguarda do pensamento do demônio.

Dos pensamentos de Raygh.

Esse demônio tinha um nome. Ele se imaginava como uma espécie de rei. Tão poderoso como era, Ronan estava certo de que demônios menores eram rápidos em obedecer.

Como os *handlers* que Raygh enviara. Eram criaturas poderosas em seu próprio direito, mas escolheram responder a Raygh por algum motivo que Ronan não conseguia entender.

Isso era interessante, mas não tão importante como as outras informações que Ronan aprendera.

Raygh tinha dois filhos. Ambos foram mortos, e agora ele ia buscar todos aqueles que estavam presentes no momento da morte de seus filhos. Isso é o que essas criaturas farpadas de cauda buscavam. Eles estavam recolhendo sangue, dando a Raygh uma maneira de acompanhar a sua presa e controlá-los.

E, graças ao tempo de Ronan na lama podre da mente do demônio, ele



sabia exatamente o que estava acontecendo a Raygh depois. Ronan havia sentido todas elas antes — tanto, humanas quanto Sentinelas.

Rory e Cain estavam entre eles, bem como Iain, Jackie, Hope, Logan, Drake, Helen, a criança humana Autumnne Beth — a mulher que Ronan puxara de uma caverna, há alguns meses atrás. Todos eles precisavam ser advertidos, e aqueles que estavam já seguros atrás dos muros de Dabyr precisavam permanecer lá.

Ronan tentou levantar a mão para puxar o telefone do bolso, mas ele estava muito fraco. Em poucas horas, quando o sol baixasse, ele seria capaz de avisar os outros, mas, até então, sua única função era manter a barreira que havia construído em sua própria mente, semelhante ao que ele tinha projetado para Rory, mas não tão forte. Ela não tinha ideia do que estava enfrentando. Ronan sabia. Só havia um tanto de poder que ele poderia gastar, e as suas opções eram um escudo mais fraco ou dois mais fracos.

A escolha foi simples. O demônio e ele eram um jogo combinado. Ambos eram mais fortes durante a noite, os dois viviam de sangue. A única diferença era que Ronan tinha cuidado com sua comida, enquanto Raygh pouco se importava com aqueles de quem se alimentava. Eram navios. Cascas vazias para serem deixadas de lado quando ele tivesse acabado com eles.

A falta de fome fez Raygh mais forte, mas Ronan tinha algo mais a seu lado. Anos de necessidade do que ele não poderia ter dera uma vontade de ferro. Ele se controlou e foi por isso que, não importa quão bem alimentado estivesse o demônio, ele nunca passaria pelas defesas de Ronan.

Ele não era um fantoche.

No momento em que Rory saiu do chuveiro, Cain estava vestido e esperando por ela, vestido com um olhar não-me-foda em seu rosto.



Ela olhou para o casaco e as chaves pendurada nos dedos grossos. — Eu acho que nós estamos indo?

— Estou indo embora. Você fica aqui com Ronan. Você estará segura aqui.

— Segura? Você está brincando comigo?

— Mais segura do que você vai estar em qualquer lugar. Não podemos ir para Dabyr com o demônio em sua cabeça, o que significa que eu preciso matá-lo.

— Apenas como isso. Você ao menos sabe onde está?

— Não... Mas tem que ser perto de onde você o perdeu. Quanto maior a distância entre você e ele, mais difícil seria para ele controlá-la.

Ela não queria que ele fosse. Ela queria alguém para ir e matar o bandido. Não Cain. Ela não estava preparada para perdê-lo, especialmente quando ele estava arriscando sua vida por ela. — Isso é loucura. Você não pode simplesmente ir lá sozinho e caçar demônios.

— Por que não? Eu faço isso o tempo todo. Apenas mais um dia no escritório.

— Sim, se o seu escritório for cheio de dentes e garras venenosas.

Ele enfiou as chaves no bolso e fechou o zíper da sua jaqueta. — Eu deveria ter deixado um bilhete. Basta fingir que foi o que eu fiz.

Ele começou a se afastar, mas ela agarrou seu braço. — Sério? É assim que vai ser?

— Eu não tenho ideia do que você está falando.

— Sim, você tem. Você está com raiva de mim, então você vai me punir por me preocupar.

Suas sobrelhas se uniram, e ela jurou que sentiu seu braço vibrar com raiva sob o couro. — Você me viu, Rory. Todo o caminho através de mim. Você me conhece. Você realmente acha que eu sou tão pequeno?

— Eu não teria pensado assim até agora, ao vê-lo pronto para ir.

Seus olhos se contraíram. — Eu poderia tê-la deixado sem dizer adeus.



— Não seria a primeira vez que isso aconteceu comigo. Eu sou uma menina grande. Eu posso lidar com isso. Ela fingiu que não doeu que ele estivesse indo para longe. Ela não queria dar a ele a satisfação de saber que ele atingira a marca.

Rory virou as costas e saiu para pegar suas roupas. Ele reuniu-os de onde ela as jogou pela casa e colocou-as na cama. Era uma coisa atenciosa para um homem para fazer quando ele estava tentando machucá-la.

— Eu não estava tentando prejudicá-la, — disse ele, sua voz mergulhando baixo.

Ela puxou a Luceria, amaldiçoando sua existência. — Colar estúpido.

— Você prefere que eu vá e encontre a pessoa que pode fazê-lo cair de sua garganta? — ele perguntou.

Rory caiu em cima da cama, segurando a roupa contra o peito. Havia muita coisa acontecendo dentro dela — muitas emoções, muito estresse. — O que eu quero não parece importar.

Ele se aproximou, suas grandes botas entraram em vista. — É importante para mim.

É? Ela inclinou a cabeça para trás para olhá-lo nos olhos. — Você continua me empurrando para ser como as mulheres em suas memórias, mas eu não sou como elas.

— Eu sei disso agora. Eu não vou cometer o mesmo erro novamente.

— Então, onde é que eu fico? Eu ainda tenho um demônio preso no meu cérebro, e um colar mágico preso em volta do meu pescoço. Se eu tirá-lo, você morre.

— Eventualmente. As cores da Luceria ainda não solidificaram. Ainda temos tempo.

— Você esquece que você jogou-se aberto para mim. Eu sei quão pequenas são as chances que você encontre outra mulher compatível com o seu poder antes de sua alma morrer. Eu não sou o tipo de pessoa que pode largar isso para trás.



—Eu não quero ou preciso de sua piedade.

Sua voz levantou em frustração. — Não é pena. É decência, merda humana.

— Você não é humana. Seu rosto estava impassível. Ele bloqueou a ligação entre eles, dando a ideia de como ele se sentia.

Até agora, ela não tinha percebido o quão facilmente ela viria a aceitar essa conexão com ele como uma espécie de sentido adicional, algo que ela levou como certo, como sua visão. Agora que a conexão tinha ido embora, ela se sentia... solitária.

— Você sabe o que quero dizer, — disse ela.

— Aparentemente não. Você é a única que quer se afastar de nossa parceria. Você pediu por espaço, e agora que estou tentando dar a você, você está com raiva. Apenas me diga o que você quer que eu faça.

Ela não tinha respostas. As coisas que ela queria não eram coisas que ele poderia lhe dar. Ela queria garantias — a promessa de que ele não iria morrer e deixá-la se debatendo do jeito que ela tinha ficado quando a mãe morreu, quando Nana morrera. Ela não podia passar por isso novamente.

Mas ela não podia suportar deixá-lo ir embora ou, saber que ele estaria muito mais seguro com ela ao seu lado, com seu poder ali para tirar tudo o que tentasse feri-lo. Ela não era muito forte ainda, mas ela era mais forte agora do que fora há algumas horas. O tempo que passara em seus braços, de alguma forma aumentou sua conexão, permitindo o espaço para que mais energia flua. Ela podia senti-la cantarolando lá, produzindo com antecipação para ela fazer uso dela.

Força pairou em seus dedos, fazendo-a implorar. Ela estava cansada de ser uma vítima, cansada de estar com medo de ter tanto como um corte de papel. Cain a fez mais forte e deu-lhe uma chance de lutar. Ela tinha certeza de que era o melhor negócio que ela ia conseguir nesta vida.

— Leve-me com você, — disse ela. — Mostre-me como lutar.

Ele olhou para ela por um longo tempo, e ela queria que ele a deixasse



dar uma olhada por trás da cortina, só por um segundo. Ela não gostava de estar do lado de fora como agora — como todos os outros — sozinha e querendo saber o que estava acontecendo em sua cabeça.

Finalmente, sem qualquer indício de como ele se sentia ele disse: — Vista-se. Eu não vou esperar muito tempo.

Capítulo 22

Cain sabia que estava manipulando Rory, e que estava errado, mas ele não podia fazer-se parar. Ele sabia o quanto ela odiava se sentir fraca. Sua força e independência significavam tudo para ela, e ainda assim ali estava ele, tentando-a com o fim de roubá-la de outro.

Ele tentou amenizar sua culpa, dizendo a si mesmo que era seu dever continuar lutando, e ele só poderia continuar a fazê-lo se Rory ficasse ao seu lado. Mas enquanto factualmente correto, os seus esforços para amarrá-la a ele ainda eram um tipo de fraude. E se ele abaixasse a guarda e permitisse a ela olhar em seus pensamentos, ela iria vê-lo, parecendo culpado.

Então, ele fez a única coisa que ele poderia pensar em fazer: ele manteve sua mente fechada para ela e levou-a para fora, no campo atrás da casa Geraí.

— O que estamos fazendo? —ela perguntou.

— Você disse que queria aprender a lutar.

— Eu disse, mas eu preciso de uma luta real, nada grande ou esmagadora, mas mais do que um amontoado de ervas daninhas.

— Você realmente acha que eu vou propositadamente arrastá-la para a batalha, quando você quase não aprendeu nada? É ruim o suficiente que tenha sido submetida a isso acidentalmente.



— Vou aprender a voar. Penso rápido nos meus pés. Eu nunca teria sobrevivido dois dias, trancada em um porão cheio de monstros, se não fosse esse o caso.

Ele não conseguia parar o rosnado que emanava de seu peito para o quadro que ela pintou.

— Não é grande coisa. Não é minha ideia de um local de férias ou algo assim, mas vamos apenas dizer que isso se provou para mim que eu estou no meu melhor quando a merda bate no ventilador.

— Eu prefiro não provar a sua teoria errada da maneira mais difícil.

Ela soltou um suspiro cansado. — Então você não vai me levar para lutar realmente. Eu estou presa com ervas daninhas derrotando o mal?

—Por enquanto. Quando eu tiver certeza que você está pronta, então vamos subir na cadeia alimentar. Talvez derrotar um arbusto malévolos.

— E só espero que o demônio *in-the-box* permaneça estável. Ela apoiou a mão em seu quadril, trazendo sua atenção para a curva profunda da sua cintura.

Cain sabia exatamente como era aquela pele debaixo da sua mão, contra sua língua. Sua boca encheu de água com a memória, fazendo com que ele desejasse poder marchar de volta para a cama e mantê-la lá por um ano ou dois.

— Eu vou matar o demônio, mas você não está pronta para esse tipo de luta. Ainda não.

— E se nós esgotarmos o tempo?

— Então eu vou controlar você.

— Antes que eu consiga matá-lo primeiro com o meu poder de fogo mágico?

Ele deu de ombros, recusando-se a deixá-la ver o quanto ele odiava deixar aquela criatura permanecer dentro dela. — Se você me matar, você não terá mais poder. Você vai ficar com uma grande ameaça como qualquer mulher humana normal teria.



— Claramente, você nunca ouviu falar de TPM ou você teria mais medo.

— Eu não vou levá-la em combate até que você prove que está pronta.

— Tudo bem. Teste-me.

Antes que ela tivesse tempo de perceber o que estava fazendo, Cain desembainhou a espada e a enviou oscilando para a cabeça dela. Ele não tinha intenção de machucá-la, mas ela não sabia disso. Pouco antes de ele retardar o golpe, uma quente cúpula azul de luz se derramou sobre seu corpo. Sua espada deslizou fora do escudo, jogando-o fora de equilíbrio.

— Bom.

Ela sorriu, e seus olhos escuros brilharam com entusiasmo. — Fácil. Tente novamente.

Ele chutou a perna para fora, varrendo seus tornozelos. Ela começou a cair, mas se transformou em um giro desafiando a gravidade que a pousou no chão a poucos metros de distância.

Cain acenou com aprovação. — Sua autodefesa é decente, mas há tanta coisa que eu posso fazer para você, sem correr o risco de danos. O que eu realmente preciso saber é o quanto poder de fogo você tem.

— Dê-me algo para destruir. Um alvo — qualquer alvo.

Ele apontou para o extremo leste da clareira onde uma árvore morta se inclinou perigosamente para um lado. — Lá. Aquela árvore.

Ela empurrou o queixo no ar e começou a andar em direção a ela. Cain agarrou seu braço.

— Não. A partir daqui.

Sua postura confiante cambaleou, mas sua mandíbula assumiu uma postura desafiadora. — Se eu fizer isso, você vai me levar com você para ir caçar o demônio?

— Depende.

— Como?

— Querendo ou não você ainda está de pé. Você não é boa em uma



luta, se eu tiver que carregá-la.

Ela puxou o braço e deu-lhe um olhar duro. — Ninguém precisou me carregar desde que eu era uma criança. Pelo menos não até a noite em que lhe conheci.

— Você está dizendo que eu fiz de você uma fraca? Cain enviou uma bolha de energia através da Luceria, lembrando-a de que, sem ele, ela não teria poder.

Ela estremeceu, mas escondeu-o rapidamente. Mais uma vez, sua mandíbula estava apertada com desafio, forçando as palavras através dos dentes cerrados. — Eu não sou fraca.

— Prove.

Ele sentiu uma onda chupar o fluxo de energia dele com tanta força que sacudiu sua estrutura. Assim quando ocorreu a transferência, um lampejo de suas emoções apareceu, agitando um pouco além do alcance. Ela estava furiosa que ele duvidasse dela. Com medo de que ela fosse um fracasso. Determinada a provar a sua força.

Um grito áspero derramou de sua boca. Seus dedos estendidos em direção à árvore, como se estivesse jogando alguma coisa para ela. Um segundo depois, uma lufada de chamas envolveu o tronco, transformando-o em cinzas em questão de segundos.

Rory caiu de joelhos. Cain entrou em pânico e estendeu a mão para ela, mas ela se afastou. — Não faça isso.

Ela arfava lá no chão frio, mantendo-se com as mãos. Seu corpo balançou, e era tudo o que podia fazer para não estender a mão e segurá-la.

Lentamente, ela se empurrou para seus pés. Ela tropeçou para o lado, mas pegou o equilíbrio antes que ele fosse forçado a agarrá-la.

Seus pés estavam apoiados distantes. Sua pele estava pálida e fantasmagórica. Ambas as mãos queimadas em vermelho brilhante, com manchas de fuligem nas pontas. Ela olhou para ele, desafiando-o a fazer o



movimento errado.

— Não, — disse ela. — Agora, vamos.

Cain odiava a si mesmo por aquilo que ele estava prestes a fazer, mas ela se recusava a reconhecer os limites dela, então, era seu dever forçá-la a atingi-los. Duramente.

— Claro, — disse ele. —Vamos entrar no carro.

Ele começou a andar, e levou cada bocado de força de vontade que possuía para não virar e ajudar. Ele estava a meio caminho de volta para casa, quando a ouviu bater no chão.

Cain parou. Ele sabia que deveria manter-se andando e provar a ela que ela não era tão forte como ela pensava, mas não podia deixá-la ali ou forçá-la a rastejar como uma espécie de besta. Ela precisava dele, e se ela não aceitasse esse fato, ele ainda era um fato. Assim como ele precisava dela.

Ele se virou e a viu tentando recuperar seus pés. Seu cabelo rosa virou no rosto com o vento, dando-lhe visões fugazes de sua derrota dolorida.

Ele parou na frente dela. Ela olhou para suas botas, seus braços tremendo tanto que ele não tinha certeza de como ela se segurou para cima. Ela não iria levantar o olhar mais alto, como se estivesse envergonhada.

Cain se agachou ao lado dela, e colocou o cabelo atrás da orelha para mantê-lo fora de seus olhos. Lágrimas brilhavam lá, mas não caíram aparentemente retidas por pura vontade. Seu lábio inferior estava preso entre os dentes com tanta força que ele temia que ela tirasse sangue.

Ele não disse nada, enquanto esperava lá, guerreando consigo mesmo sobre a possibilidade ou não de tocá-la. O próximo passo era dela, e isso não era nada que ele poderia fazer por ela.

— O fogo é difícil, — ela finalmente disse.

— Parece.

— Eu realmente sou péssima nisso, não é?



— É isso que você acha?

— Eu vi aquelas mulheres em suas memórias. Eu vi o que elas podem fazer. Eles poderiam fazer todos os dias e quase não derramar uma gota de suor. Eu queimei uma árvore morta e estou prestes a cair.

— Então o que você quer fazer agora?

— Você acha que eu deveria parar, não é? — Sua voz era tão fria e cortante como o vento. — Você acha que eu deveria apenas sentar e esperar os grandes homens viris para me salvar.

— Você me conhece. Você já esteve dentro dos meus pensamentos. É isso que você acha que eu acho?

Seu olhar encontrou o dele, e ele viu medo espreitando lá. E vergonha.

— Não, — ela admitiu. — Eu vi as coisas que você quer de mim.

— E então?

— Não são o tipo de coisas que uma princesa fraca precisando de um resgate faria.

— O que nos traz de volta à minha pergunta anterior. O que você quer fazer agora?

Ela mostrou os dentes para ele, e maldito se ele não se ligasse, só um pouco. — Quero ser forte o suficiente para lutar, Cain. Quero levantar desse chão congelando e explodir alguns demônios.

Ele ficou de pé. — Então, levante-se.

— Você não acha que eu o faria se eu fosse capaz?

— Você é capaz. Você simplesmente não pode fazer isso sozinha. Peça a minha ajuda.

— Foda-se.

Ele deu de ombros e puxou um músculo tentando fazê-lo parecer indiferente quando cada instinto dentro dele estava gritando para ele agir. Ele não gostava dela lá embaixo, parecendo fraca e indefesa. Ele sabia que ela tinha que estar gelada, o que ralava contra cada instinto que ele tinha de cuidar de seu bem-estar. Mas isso era importante. Se ela se recusasse a



inclinar-se sobre ele, ele iria levá-la à morte.

Sua voz era áspera como cascalho congelado. — Tudo bem. Fique lá.

— Você realmente vai me fazer pedir?

— Eu ajudei a você antes, sem que tivesse que pedir, mas eu preciso saber se você é mesmo capaz de pedir.

— Eu não preciso de você, — ela rosnou. — Eu não preciso de ninguém.

Ele sofria por ela e tudo o que ela tinha perdido. Suas próprias perdas o deixaram com raiva também, mas ele não tinha desistido de outros. Não como ela tinha. Rory estava tão sozinha neste mundo tão sozinho que ela não conseguia ver nenhuma outra maneira de ser.

— Todo mundo precisa de alguém. Não há vergonha nisso, — disse a ela.

— Diz o homem que está em seus próprios pés.

— Só por causa de seu raciocínio rápido lá atrás em sua casa. Se os demônios não tivessem tido o seu escudo para atrasá-los, estaríamos todos mortos.

— Ou pior, — disse ela, tremendo de repulsa.

— Ou pior, — ele concordou.

— Então você me deve?

— Se você quiser manter a pontuação.

Ela ficou em silêncio por um momento e, quando falou, sua voz era tão fraca que o vento quase a roubou dele. — Estou no crédito, então. Ajude-me.

Não era o que ele esperava, mas pelo menos ele estava pegando-a do chão frio. Isso por si só era um grande alívio.

Cain a puxou para seus pés. Seu corpo todo tremia visivelmente. Ela não ia ser capaz de resistir, mas ele não se atreveu a ralar contra sua independência por pegá-la. Em vez disso, ele aliviou seu corpo contra o dele, apoiando-a enquanto ele deslizava o braço em torno de seu corpo e



segurava a parte de trás de seu pescoço.

As duas partes da Luceria ligadas com uma faísca. Eles se conectaram através dela, deixando um caminho quente como era. Ele empurrou um fio de energia dentro dela, repondo a sua força. A correção foi temporária, e ele não se atreveu a ir tão longe a ponto de fazê-la se sentir completamente recuperada, com medo de ela empurrar a si mesma, mas por agora, foi o suficiente para que ela pudesse andar.

Rory olhou para ele, seus olhos escuros procurando seu rosto por algo que ele desejava que ele entendesse. Ele queria que ela fosse feliz, para caber em seu mundo. Ele queria que ela o aceitasse como seu próprio antes de seu tempo juntos estar acabado.

Ele percorreu um longo caminho desde a noite em que a conheceu, quando ele ainda estava zangado com o mundo por roubar-lhe — roubar Sibyl e Jackie, matar Gilda e Angus. Sua dor havia aumentado sua ira, cegando-o para qualquer coisa parecida com um futuro.

Mas ele podia ver um agora. E o pensamento de perdê-lo antes que ele nunca realmente o tocasse assustou o inferno fora dele.

Rory deu-lhe esperança, o mais poderoso alimento conhecido pelo homem, mas ela também tinha a capacidade de esmagar essa esperança com tão pouco como algumas palavras descuidadas. Tanto quanto Cain queria acreditar, ele estava com medo. Ele já perdera tanto. Se ele se deixasse apaixonar por ela, os riscos eram muito altos.

Ainda assim, cada vez que a tocava, cada vez que olhava em seus olhos, via seu futuro estender-se diante dele, como um brilhante caminho de ouro. E, em seguida, no segundo seguinte ele se foi, um mero truque dos olhos.

Seus dedos se curvaram contra seus braços enquanto seu peso deslocava para seus próprios pés. Ela já não precisava dele para ficar ereta, mas ela não se afastou. Ela olhou fixamente para sua boca, e os lábios entreabertos, como se lembrando de seu beijo.



Só assim, ele precisava beijá-la novamente. O desejo o atingiu a partir do nada, fazendo-o tremer com a força da compulsão.

Ele percebeu naquele momento que ele nunca se cansaria dela. Não importava que ele houvesse dormido com ela menos de uma hora atrás. Não importava que ela se recusasse a depender dele, insultando a sua capacidade de fazer o seu trabalho. Nem sequer importava que ela tivesse o poder de acabar com sua vida. Ele era atraído por ela de uma forma que desafiava a razão e percorria todo o caminho para a loucura. Ela era parte dele agora — em seu sangue. Talvez se ele tivesse se refreado ele poderia ter ido em frente com sua vida sem nunca saber o que ele tinha perdido. Mas essa opção estava muito longe, deixando apenas sua necessidade de chegar o mais perto possível dela.

Ela não queria isso. O tipo de conexão que ele desejava a aterrorizava. Isso a fazia dependente dele, algo que ele tinha certeza de que ela nunca iria escolher ser.

Ele não queria assustá-la ou forçá-la a mudar quem ela era simplesmente porque era o que ele queria. Se seus sonhos a machucassem, então como poderia ele continuar a quer?

Ele não podia. Ele não faria isso. Sua única opção era ou mudar o que ele queria, ou deixá-la ir. E ele não podia deixá-la ir.

Então ao invés de forçá-la a aceitar seus avanços indesejados, ele manteve a conexão mental entre eles bem fechada quando ele se inclinou para beijá-la. Sem que pensamentos fugazes do que ele queria dela iriam vazar. Nenhum desejo secreto seria colocado em exposição para ela ver e estar desconfortável. Ele iria esconder essa parte de si mesmo dela, dando-lhe somente tanto quanto que ela pedia. E ao fazê-lo, ele também iria proteger o pequeno núcleo de si mesmo que permaneceu intocado por ela.

Isso era o que estava mantendo as cores da Luceria fluindo. Ele não tinha se dado a ela por completo. E enquanto ele se mantivesse firme nisso, ele poderia continuar a lutar uma vez que ela encontrasse seu salvador



maldito.

Os lábios de Rory eram experimentais contra o dele. Seus dedos estavam apertados em sua jaqueta de couro, e ela subiu na ponta dos pés para encontrá-lo, mas ela estava se segurando, também.

A necessidade de chegar dentro de seus pensamentos e encontrar a causa de sua hesitação era quase irresistível. Somente séculos de prática de autocontrole permitiram-lhe permanecer fiel à sua decisão.

O calor construiu entre seus corpos. Faíscas de poder formigavam caindo fora dele, acariciando sua pele onde quer que eles se tocassem. Ele não poderia impedir que isso acontecesse, mais do que ele poderia parar o crescimento latejante de seu pênis.

Rory sentiu isso também. Seus quadris fizeram esse pequeno giro delicioso, moendo contra ele de uma forma que sugou o ar de seus pulmões. Ela abriu a boca em um doce gemido de aprovação, e Cain aproveitou a oportunidade para aprofundar o beijo.

Ela tinha o gosto quente, algodão doce e tentação selvagem. Ele bebeu-a, divertindo-se com o cheiro da sua pele e o calor deslizando para fora dela. Ela tornou-se flexível em seus braços, contorcendo-se como se chamas queimassem suas boas intenções.

Seus membros ressoaram com necessidade ansiosa. Ele sentiu o impulso contra os seus pensamentos, em busca de entrada, mas se manteve firme. Se ele baixasse a guarda, ele sabia que estaria perdido. Tê-la dentro dele era muito intoxicante. Isso o faria perder a cabeça.

Sua boca procurou seu pescoço, sua língua tocando junto da pele onde a Luceria costumava sentar-se. Secos tentáculos da sensação crua sacudindo por ele, caindo em um emaranhado erótico na base de sua espinha. Ela deslizou os dedos sob o paletó e camisa, até que suas mãos estavam estendidas sobre seu coração. Sua Marca da Vida oscilou em resposta ao seu toque. Todo o seu corpo se apertou em um soco de luxúria.

Contra sua vontade, seus quadris subiram em sua direção. Ele sentiu



um pequeno puxão de poder deixando-o, e um segundo depois, ela mostrou os dentes e rasgou sua camisa aberta na frente.

Cain quase sorriu em ferocidade, mas seus lábios estavam muito bem torcidos com o desejo. Ele ficou ali, observando sua boca se mover sobre seu peito, nem sequer se atreveu a respirar, com medo que ela parasse. Os ramos de sua Marca da Vida giravam descontroladamente, chocando-o com a vista. Mas nem mesmo a exibição desenfreada poderia competir com aquela doce cabeça cor-de-rosa se movendo-se para baixo de seu corpo com intenção clara.

Se ele a deixasse ir mais longe, ela estaria no chão frio novamente, e isso não era algo que ele podia suportar.

— Dentro, ele rasgou para fora, orgulhoso de que fosse capaz de formar essa palavra única coerente.

Ela olhou para ele, seus olhos escuros com enorme desejo. Sua boca estava brilhante e úmida, inchada e tentadora como o pecado. Sua pele estava corada de um rosa escuro. — Não. Aqui. Agora.

Ela foi para o seu cinto, e não havia nada que ele poderia ter feito para impedi-la. Suas mãos mal funcionavam. Seu corpo inteiro estava cuspindo com os poucos suspiros de ar que ele tinha dado.

A língua de couro do cinto capotou livre da fivela. O peso de sua espada puxou para ele. Seu pau inchou descaradamente em sua braguilha, contraindo-se com a necessidade de se aproximar dela.

Rory esfregou-o através do jeans antes de abrir seu zíper. O silvo metálico foi perdido no vento. Ela puxou para baixo o tecido, expondo-o para o ar frio. Uma gota de umidade derramada a partir da ponta de sua ereção, completamente fora de seu controle. Ela viu e segurou seu olhar enquanto ela lambeu-a fora.

Cain quase gozou apenas olhando para ela. Ele apertou o cerco contra a vontade, cada músculo em seu corpo tremendo com o esforço. Sua boca quente se fechou sobre ele, seus olhos escuros desafiando-a a parar.



Ela era um desafio. Um delicioso desafio, pecaminosamente sexy. Que encontraria de frente. Se ele a deixasse obter a vantagem, a sua ardente Rory iria o sobrecarregar e destruí-lo, sem sequer tentar. Ele tinha que manter algum nível de controle, pois a única alternativa era dar-se afastado completamente.

O que ele não faria.

Cain levantou-a de sua posição de cócoras e beijou-a. Não era suave e gentil. Foi uma batalha por conquista e ar. Ele mordeu os lábios, sugou-a fundo em sua boca para manter sua atenção. Suas mãos sorrateiramente sob sua camisa para a taça dos seios pesados. Ela gemeu em sua boca e se arqueou contra suas mãos, sem dizer nada, a pedir mais.

Continuar isso era a última coisa que ele deveria ter feito, e ele ainda era guiado por sua força irresistível de dar a ela o que ela queria.

Ela tirou sua jaqueta, e um momento depois, a camisa voou com o vento. Ele tinha certeza que ela tinha que ter frio, mas tudo o que o cumprimentou era pele quente, avermelhada. Seus mamilos estavam em gomos apertados, empurrando para cima em um convite silencioso.

Cain se inclinou para aquecê-la com a boca, tirando um alto grito de prazer de seus lábios. Em todos os lugares que ele a tocava era suave, quente e macia. Mesmo a dor de suas unhas, cravadas em seu couro cabeludo para manter sua cabeça no lugar, eram o tipo de dor suave. Isso enviou serpentinas elétricas de necessidade correndo por ele, batendo nele para deixá-la nua e mergulhar dentro de suas profundezas doces.

Seus dedos foram para a cintura, apenas para descobrir que ela tinha feito o trabalho sozinha. Seus jeans estavam escancarados, com a mão dentro de sua calcinha, acariciando-se. Um aumento momentâneo de ciúmes o fez rosnar. Ele queria ser o único a agradá-la. Ele queria seus dedos deslizando na boceta dela e sobre o clitóris, deixando-a sem fôlego em suspiros carentes.

Tão egoísta como esse desejo era, ele não o podia negar. Não agora,



quando o seu sangue estava escaldante em suas veias, em pulsos duros, que rugiam em seus ouvidos. Mais tarde, ele iria dar um aperto em seus desejos egoístas, mas agora, era tudo o que podia fazer para não jogá-la no chão frio e enfiar-se dentro dela.

Cain puxou as calças jeans agarradas pelas coxas. Ela inclinou-se para ajudá-lo, seus dedos enrolados juntos com a pressa. Assim que ela estava nua, todo o seu corpo parado enquanto ele olhava para ela.

A luz do sol agarrou-se a sua pele, drapejados com reflexos dourados. Os cachos loiros que cobriam seu sexo eram mais escuros onde sua excitação os tinha umedecido. Ele sabia que gosto ela teria se ele a colocasse para baixo e se banquetear-se com ela, mas ele não podia tolerar o pensamento dela deitada nua no chão frio, mesmo com o corpo dele para aquecê-la de cima.

Em vez disso, ele espalhou para fora o casaco e colocou para trás, puxando-a para cima dele. Ela montou o seu corpo, com os joelhos almofadados pelo couro. Seus seios atingiram seu peito nu, provocando uma lâmina de relâmpago dinâmica através dele e dentro dela.

Ela puxou uma respiração chocada e deixou-a fora com um gemido irregular. Cain agarrou o cabelo dela para segurá-la para que pudesse beijá-la novamente, precisando muito de sua boca para encontrar as palavras, para exigir sua cooperação.

O calor úmido de seu sexo ancorado contra seu abdômen. Seu pênis se sacudiu e se contorceu por trás dela, latejando e pingando com a necessidade. Ela chegou por trás dela e levou-o em sua mão, acariciando-o do jeito que ele gostava. Ele não tinha que dizer-lhe como. Ele não estava vinculado a sua mente. Ela simplesmente sabia o que precisava de alguma forma.

Ela levantou-se, alinhando seus corpos e afundou, levando a ponta de sua ereção dentro dela. O aperto sedoso do fogo de seu sexo o acolheu dentro. Ele observou enquanto ela se estendia para aceitar a invasão,



maravilhado sobre quão erótico foi ver os seus corpos se fundirem. Com cada impulso lento de seus quadris, mais de seu pênis desaparecia dentro dela, só para sair com sua lubrificação brilhando sobre ele.

Não havia sombras para esconder qualquer coisa. Sem escuridão para cobri-los. Tudo estava em exposição, fazendo-se queimar com a borda afiada da realidade.

Isso realmente não era um sonho. Muito bom para ser verdade, certamente, mas ainda tão real que ele não tinha escolha a não ser acreditar.

Rory encontrou seu olhar. Seus lábios estavam entreabertos, seus olhos escuros e sonolentos. Ela cutucou em seus pensamentos, mas Cain tinha mantido a barreira no lugar, recusando a sua entrada.

Essa unidade a assustara antes, e ele não estava prestes a cometer o mesmo erro duas vezes. Nem mesmo se sentiu como se estivesse pedindo por isso. Isso era puramente físico, e se isso não era o suficiente para ele, então ele não merecia mais.

Com suas mãos se em seu peito ela se inclinou para frente, dando-lhe um beijo tão quente que ele sabia que ela queimou o chão abaixo deles. Os pontos brilhantes encheram sua visão, e um orgasmo se inclinou em direção a ele de repente.

Ele se conteve, mas seu controle não iria durar muito. E quando ele gozasse, ela gozaria com ele, o prazer rugindo através dela.

Sentou-se e assumiu o controle de seus quadris, mantendo-a imóvel enquanto ele a enchia. Ela tomou tudo dele, balançando em seus braços enquanto ele encaixava-os juntos perfeitamente. Suas pálpebras estavam a meio mastro, seus lábios rosados se separaram enquanto ela ofegava violentamente.

Mais uma vez, ele a sentiu seu roçar em sua mente como se procurasse a entrada. Teria sido tão fácil ceder e abrir os portões. Deus sabia que ele a queria lá com ele. Mas esse caminho era um desastre. Ele não conseguia



se lembrar por que, mas as impressões remanescentes deixadas por sua decisão eram fortes o suficiente para controlá-lo dentro.

Sua cabeça caiu para trás, exibindo seu pescoço e a Luceria ametista escura enfeitando as linhas finas, delicadas. Por enquanto ela realmente era dele, e enquanto a conexão pudesse ter sido temporária e passageira, parecia real.

Ele não conseguia manter a boca fora dela. O gosto de sua pele era viciante, os mordiscando, sugando beijos que ele lhe deu, deixou para trás as marcas de posse. Sua língua pegou a ponta da Luceria, e todo o seu corpo se esticou, apertando-o para dentro e para fora.

— Faça isso de novo, — disse ela, suas palavras sem fôlego e exigentes.

Cain, desta vez, reconheceu a agitação suave de seu orgasmo iminente.

Sim. Isso era o que ele queria. O que ele precisava. Dar-lhe prazer lhe dava uma sensação inebriante de satisfação que ele nunca tinha encontrado em nenhum outro lugar.

Ele pediu que seus quadris se movessem mais rápido em cima dele, puxando-a para baixo em cada curso para que eles se juntassem tão profundamente quanto poderiam estar. O desejo de também juntar seus pensamentos bateu forte, mas ele ignorou e centrou-se na física, no cheiro de sua excitação, no rubor de sua pele, cada vez mais nos gritos que enchiam o ar frio.

Ela começou a tremer. Seus músculos apertados. O tom de sua voz se levantou e seus dedos cravaram em seus ombros.

Cain segurou a nuca na palma da mão, ligando as partes da Luceria. Energia fluiu a partir do solo para ele, depois para ela. Ele ergueu o cabelo, criando um halo rosa em volta da cabeça. Faíscas conectaram das vertentes, afundando de volta para a terra de onde vieram. Com cada batida de seu coração, poder pulsava dentro dela. E com cada pulso veio um aperto de seu corpo.



Prazer rodou por ele, crescendo enorme e ofuscante quando consumiu sua visão. Ele sentiu o tremor na beira do êxtase e sabia que ele ia cair bem em cima com ela.

Seus mamilos apertados e arrastados sobre o peito, fazendo sua Marca da Vida responder em uma onda frenética de ramos tumultuosos. Sua vagina se apertou ao redor dele, e ele sabia que ele era um caso perdido. Segurar era impossível. Era simplesmente muito prazer para ter — muita perfeição para ser encontrada em seus braços.

Sua boca se abriu em um grito de conclusão, e Cain cobriu seus lábios com os dele para bebê-lo. Ele fundiu-os juntos quando a primeira onda frenética bateu nele. Faíscas saíam de seu cabelo. Ele ouviu estalos no ar. O gosto de seus gritos varreu sua língua, e profundamente dentro de seu corpo, o primeiro pulso de seu lançamento quebrou livre.

Os quadris de Rory mexeram loucamente e seu sexo o abraçou com força, apertando enquanto o orgasmo a invadia. Ele derramou-se dentro dela, enchendo-a com jatos duros de sêmen. O prazer era interminável, e ainda por cima muito breve. Ele abraçou-a enquanto a tempestade passava.

Ela pendia em seus braços, descansando a cabeça em seu ombro enquanto ela prendeu a respiração. Ele acariciou suas costas e acariciou seus cabelos, não querendo deixá-la ir. Seu coração trovejava em seus ouvidos e seu coração estava acelerado, mas ele estava contente e completamente em êxtase, pairando naquele momento em que os problemas do mundo não poderiam romper.

Quando o vento frio passou por cima deles e o suor resfriou seus corpos, Rory começou a tremer. Cain encontrou o artigo mais próximo de roupa que ele podia e colocou sobre suas costas nuas. Era a sua camisa que ela tinha rasgado.

Ele sorriu com a lembrança de sua ferocidade, ao mesmo tempo em que fez o seu amolecido pau contrair-se com um pouco de emoção. Ele



gostava que ela não tivesse vergonha de tomar o que queria dele, e o pensamento do que ela poderia fazer em seguida teve sua ereção desinflada, o curso rapidamente invertido.

Eles não podiam ficar aqui fora assim, não importa o quanto ele queria fazê-la voltar. O sol estava pendurado baixo no céu. Não era seguro estar aqui. E estava muito frio agora que não havia mais um inferno de luxúria os alimentando, escorrendo de seus corpos.

Ele se levantou e a colocou sobre seus pés. Ela se agarrou a ele enquanto ela ganhava equilíbrio, com o olhar fixo no dele.

— O quê? — Ele finalmente perguntou, quando se tornou claro que havia algo em sua mente.

Ela lhe deu o menor aceno de cabeça. — Nada. Devemos nos mover. Está frio.

Ele a ajudou a recolher suas roupas, oferecendo-lhe sua camisa arruinada para limpar a bagunça molhada que tinha deixado entre as coxas.

— Desculpe por rasgar sua camisa, — disse ela, com um sorriso tímido em sua boca.

— Não. Você gostou.

— Talvez um pouco. Eu nunca rasguei a roupa de um homem antes. Ela puxou a calcinha e a calça jeans, cobrindo a bunda mais tentadora que ele já tinha visto.

Ele puxou seus jeans e afivelou sua espada no lugar. — Sinta-se livre para fazê-lo novamente quando quiser.

Seu sorriso iluminou todo o seu mundo e aqueceu-o todo o caminho até seus ossos. Ocorreu-lhe naquele momento que ele poderia amá-la se ela permitisse. Parte dele já o fazia, talvez, apesar de admitir que o fizesse muito vulnerável. Uma vez que as cores da Luceria solidificassem, não sobreviveria sem o seu vínculo, e a última coisa que ele queria era amarrá-la a ele com culpa.



Não, era o seu dever para com ela ter certeza de que não acontecesse. Ela merecia uma escolha que não fosse influenciada por seu sentimento de ser responsável por sua vida. Então ele segurou seu coração fechado, seus pensamentos apertados, e fez o seu melhor para não se apaixonar por ela.

Rory se sentia... enganada. O sexo fora ótimo, o homem quase a fez perder a cabeça fazendo-a gozar tão duro, mas não foi como antes. Cain se segurou, e ela não gostou. Ela gostava de sentir o que ele sentia, sabendo o que o transformava e como o toque dela o deixava louco. Gostava da intimidade de sua conexão e saber que ele nunca compartilhara isso com qualquer outra mulher antes. Agora que ele estava se segurando, chateado com ela fazendo-a sentir-se insegura, o que a irritou ainda mais.

O sol estava baixo no horizonte, dando a cada folha de grama morta uma longa sombra. Eles voltaram para casa, ele todo sem camisa e bonito sob sua jaqueta de couro aberta.

Se tivesse chance, ficaria feliz em rasgar outra camisa de seu corpo e ver onde ele a levava. Mas agora não era o momento para isso. Agora era o momento para a realidade, para o perigo iminente e decisões difíceis.

Realidade nua e crua.

Rory queria segurar sua mão ou apoiar o braço no seu, qualquer coisa para conectá-los, mas ele estava muito longe, seu olhar atento sobre seu entorno, como se esperando problemas. Ele a deixava nervosa, afastado do calor lânguido de seu interlúdio erótico.

— O que acontece comigo se encontrar a pessoa que bloqueia minhas visões antes de matar o demônio na minha cabeça?

— Eu só posso chutar.

— Então chute.

Ele lançou-lhe um rápido olhar, antes que corresse à frente e abrisse a porta de trás para ela. — Se você não for capaz de puxar o meu poder para



se defender, então não há fim para os danos que o demônio poderia fazer. Ele poderia simplesmente assombrar seus sonhos, te atormentar por diversão, ou ele poderia usar o seu corpo contra sua vontade, causando estragos incalculáveis.

— Quanto tempo eu tenho antes da gaiola de Ronan falhar?

— Anos. Horas. Não há nenhuma maneira de saber.

Ela passou por ele, arrastando o cheiro de seu peito nu e jaqueta de couro, quando ela foi. Tão gostosa. Isso foi para a cabeça e rolou por ali, descarrilando o trem do pensamento por um segundo. — Então, até matá-lo, eu sou uma bomba-relógio para todos ao meu redor.

— Sim.

Pelo menos ele não se incomodou em mentir.

— Incluindo você, — ela adivinhou.

— Melhor eu do que alguém mais fraco.

Isso era exatamente como ele pensava nisso nesses termos, como se sua segurança fosse uma reflexão tardia.

Ela se virou para encará-lo. — Me mataria se eu te machucasse. Precisamos encontrar esse demônio.

— Ronan pode saber onde ele está, ou ser capaz de localizá-lo. Ele vai acordar logo. Acho que devemos esperar por ele.

— Ele é uma bomba-relógio ambulante, também? Quero dizer, ele tem o mesmo demônio em seu cérebro, né?

— Sim, mas o seu controle mental é melhor que o seu.

— Porque eu sou uma mulher?

— Não, porque você é uma Theronai. Os Sanguinar têm habilidades que ultrapassam as nossas. Eu não quis dizer nenhum insulto.

Muito ruim. Uma boa luta barulhenta teria sido um longo caminho para aliviar a tensão crescente.

— Você precisa descansar enquanto pode.

— Eu me sinto bem, — disse ela.



— Por enquanto. O poder com o que eu te alimentei vai desaparecer em breve, deixando-a tão fraca quanto estava antes. Você realmente não quer que isso aconteça na hora errada, não é?

— Não. Mas receio que você vá embora se eu for dormir.

Cain balançou a cabeça. — Não vou deixá-la sozinha agora. Até que o demônio esteja morto, você está em risco. E se Ronan vier comigo, então você terá que vir também. A menos que você prefira que eu chame alguém?

Ela não queria que ninguém mais ao redor. Mesmo agora, ela podia ver as imagens fugazes de um casal à distância quando se sentaram para jantar. Uma vez que Ronan fosse para cima, ela ia começar a receber feedback dele também. Mesmo Cain alimentava suas visões de vez em quando. A única coisa que parava tudo estava no seu toque, e ela realmente duvidava que quem ele mandasse para tomar seu lugar como seu guardião teria o mesmo efeito calmante.

— Eu vou com você, — disse ela.

— Então você deve dormir.

— Não é possível. Estou muito ligada. Mas vou deitar no sofá e descansar até que saíamos.

Ele a seguiu até a sala de estar, e a próxima coisa que ela soube, ela sentiu sua presença roçar sua mente, mandando-a dormir.

Seu último pensamento consciente foi que ela ia ter uma longa conversa com ele sobre limites quando ela acordasse.

Capítulo 23

Joseph olhou para cima de sua mesa quando Tynan entrou logo após o pôs do sol. Raiva vibrava pelo todo o corpo magro do Sanguinar.



—Nenhuma das pessoas do meu povo mostra sinais de terem tomado o sangue da mulher morta.

— Achei que estivesse certo de que ela foi drenada.

— Eu estava. Eu estou.

— E as bolhas? Eu vi os efeitos que seus esforços para filtrar o sangue de Tori deixaram em você. Aqueles seriam muito difíceis de deixar escapar.

— Eu não deixei escapar nada. Cada Sanguinar que estava dentro das muralhas de Dabyr no momento do assassinato de Beth foi contabilizado. Não vi sinais em qualquer um deles.

— Então onde isso nos deixa? Poderia um Dorjan ter drenado o sangue de Beth?

Tynan meneou a cabeça e arriou-se em uma cadeira, como se sentasse muito rápido pudesse fazê-lo quebrar. — Eu não queria levantar suspeitas, por isso tive o cuidado em minha investigação. Eu poderia, no entanto, questioná-los mais profundamente.

— Você quer dizer procurar suas memórias adivinhou Joseph.

— Sim. A única palavra falou volumes de sua aversão à ideia.

Joseph suspirou e chamou Nicholas, que havia passado as últimas horas procurando por imagens da câmera de segurança. — Alguma pista?

—Sim. Encontrei alguma coisa, algo que você vai querer ver.

— No meu escritório. Tynan está aqui, também.

— Bom. Talvez ele possa lançar alguma luz.

Joseph desligou o telefone e perguntou a Tynan, — E os Sanguinar dormindo? Existe alguma chance que um deles tenha despertado para um lanche da meia-noite?

— Eu verifiquei os cofres de dormir. Todos estavam lá. Nenhum mostrou sinais de sangue contaminado. A maneira como ele disse isso, com uma hesitação cansada em sua voz, — disse a Joseph que havia algo mais a dizer.

— Mas... ?



— Mas, mais duas das pessoas do meu povo estão perto da morte. Eu não tinha percebido o quão frágil eles se tornaram. Eu preciso ir à caça para eles. O sangue disponível aqui simplesmente não é suficiente.

— Você não pode sair. Ninguém pode sair até encontrarmos quem matou Beth.

— Posso pelo menos pedir a um dos Sanguinar em campo voltem para casa, então?

— Claro. E eu posso te dar um pouco mais de sangue para mantê-los até que a ajuda chegue. Não é como se eu estivesse indo para a batalha em breve. Não importa o quanto odiasse estar estagnado atrás desta mesa.

— Obrigado, Joseph. Sua generosidade não será esquecida.

Joseph sabia uma coisa ou duas sobre o desespero. E enquanto ele não confiava de todo no Sanguinar, Tynan provara estar disposto a sacrificar a si mesmo para a raça de Joseph mais e mais recentemente. Um pouco de doação era o mínimo que ele poderia fazer.

Nicholas entrou no escritório, um computador portátil seguro em suas mãos e um olhar furioso em seu rosto cheio de cicatrizes. Ele arremessou-o na mesa de Joseph, alinhando-o de modo que ambos, Tynan e Joseph, pudessem ver. — Eu peguei alguns vídeos de alguém andando na suíte de Beth.

— Quem era? Joseph exigiu.

— Nenhum indício. Mas veja isso. Nicholas trouxe à tona uma imagem em divisão. À esquerda, a foto do homem que sabotara as câmeras, há alguns meses, permitindo que os muros de Dabyr a fossem violados. O traidor que fizera aquilo e que ainda não fora encontrado.

À direita havia outra imagem de um homem. Como na imagem mais antiga, tudo o que era visível era a parte de trás da cabeça que foi camuflada por um moletom com capuz. Não havia sequer um vislumbre de seu rosto, como se ele soubesse como evitar as câmeras.

Os dois homens estavam vestindo o mesmo moletom castanho.



— O traidor é quem matou Beth, — disse Nicholas.

Joseph calou-se em estado de choque, sem vontade para expressar a verdade que pendia tão evidente e óbvia na frente deles.

— Foi alguém do meu povo, — sussurrou Tynan. — Um Sanguinar é nosso traidor.

A mão de Nicholas colocou-se em sua espada. Joseph duvidava que o homem sequer percebesse a ameaça silenciosa.

— Nós não sabemos ao certo, — disse Joseph, na esperança de acalmar a situação antes que ela ficasse fora de controle. — Isso é apenas uma suposição.

— Não, — disse Tynan, deslizando a seus pés. — Você não entende o sangue do jeito que eu faço. Eu estou lhe dizendo que Beth foi fortemente drenada. Se o homem nestas imagens é o mesmo, então ele é um dos meus.

— Eu corri as fotos através de um programa, comparando altura e proporções. Tudo era o mesmo, exceto que o homem que foi para a porta de Beth era um pouco mais magro do que aquele que das câmeras desativadas. Muito mais magro do que o homem que saiu de sua suíte.

O corpo de Tynan sacudiu com raiva. — Ele estava desesperado por sangue. Morrendo de fome.

— Quantos Sanguinar estão sob nosso teto, perguntou Joseph.

— Dezenas, — disse Nicholas.

— A maioria dos quais está dormindo, — acrescentou Tynan.

Joseph deu a Tynan um olhar fixo. — Você sabe o que eu vou lhe pedir para fazer, não é?

Tynan assentiu. — Eu vou questioná-los diretamente.

— Se eles resistirem? — Perguntou Nicholas.

— Eu gostaria de dizer que gostaria de subjugar-los, mas eu estou muito fraco para isso. Temo que vá precisar de retaguarda.

Nicholas assentiu. — Claro. Tudo o que você precisar, cara.



O cabelo ao longo dos braços de Joseph levantou-se em percepção um segundo antes de Lyka aparecer em sua porta aberta. Apenas vê-la enviava uma onda de alívio lavando por ele, esfriando a cauterização, os cantos furiosos de sua alma.

Seu olhar dourado varreu a reunião, e ela chegou a um impasse, balançando. — Sinto muito. Eu não queria interromper.

Joseph queria dizer a ela para entrar, mas ele sabia que não devia perder seu fôlego. Se ela estava aqui, não era porque queria vê-lo. Na verdade, a palidez de sua pele e o tremor fino que atravessava seus dedos lhe disse que a visita não era para se divertir.

— Está tudo bem, — disse ele. — Você precisa de alguma coisa?

Ela olhou para os outros homens reunidos e seus lábios eram apertados e planos, como se ela estivesse tentando segurar o tinha vindo dizer aqui.

Joseph sabia que era melhor manter suas testemunhas à distância, mas a chance de ficar sozinho com ela, mesmo que ela pairasse bem fora de alcance, era demais para ele resistir. Ele olhou para Tynan. — Vá fazer o que você precisa fazer. Nicholas vai apoiá-lo.

Os homens saíram. Lyka ficou na porta, segurando o batente tão apertado que levou o sangue de seus dedos delgados. — Eu não sei como dizer isso.

— Dizer o quê?

— Eu nem tenho certeza que você vai acreditar em mim.

— Basta dizer. Seja o que for. Então vamos a partir daí.

— Eu tenho sido babá do filho de Ella, Ethan, por um tempo agora, cuidando dele enquanto ela trabalha. Ela perguntou se podia ficar na minha suíte por alguns dias. Eu lhe disse que ficaria feliz em tê-la, que eu ficaria feliz em ver o bebê sempre que necessário. Ela está lidando com tanto agora, você sabe? Seu peito arfava com a emoção, e por um segundo, Joseph estava completamente distraído de suas funções pela visão. Os



maravilhosos seios foram enfatizados pela malha justa que ela usava.

— Você está bem? — ele perguntou, resistindo à vontade de tomar sequer um passo na direção dela. Ele não podia suportar a ideia dela fugir. Ele precisava dela aqui, por algum motivo ele não poderia nomear, acalmando os nervos e aliviando a dor de cabeça quase constante.

— Eu não sei, Joseph. Isso tudo é tão fodido.

O som de seu nome na sua língua o fez tremer. Ele nem sequer tentou esconder isso. Simplesmente não havia força suficiente nele para preservar seu orgulho. Ele tinha muito a fazer antes que ele pudesse descansar, e toda a sua energia tinha que ir para encontrar este traidor antes que ele matasse novamente.

— Apenas me diga o que está acontecendo, ele insistiu. — Deixe-me tentar ajudar.

Ela assentiu com a cabeça. — Ella finalmente chorou até dormir algumas horas atrás. Ethan estava exigente, por isso sentei-me para balançá-lo. Ela fez uma pausa e puxou uma respiração profunda. — Ele... mostrou-me alguma coisa.

— O quê? Eu não entendo.

— Nem eu, em primeiro lugar. Ethan sempre foi um pouco estranho, tão sóbrio e tranquilo. E ele cresceu tão rápido.

Sinos de alerta dispararam na cabeça de Joseph. Pequenos detalhes tudo clicado junto com um estalo audível. Ella fora encontrada nas mãos dos Synestryn. Ela disse que não estava ali à muito tempo — que ela estava grávida quando a levaram, mas e se ela tivesse mentido? Joseph não vira Ethan nas instalações da creche, nem mesmo quando ambas, Beth e Ella, estavam trabalhando. Na verdade, não vira o bebê desde que ele nasceu.

Ella não quis que o Sanginar a ajudasse no trabalho de parto. Ela teve a criança em seu quarto, sem ajuda médica. Joseph não sabia quais suas intenções ao passar pelo trabalho de parto sozinha, mas mesmo que soubesse, não teria questionado. Por que ela iria querer confiar em um



Sanguinar que levaria seu sangue quando acabara de escapar de demônios que se alimentavam dela?

A não ser que ela não tivesse certeza de que a criança que ela carregava — não tinha certeza se ele era humano ou outra coisa. Tal como o seu pai.

Outra criança, meio-Synestry havia nascido recentemente e sobreviveu. Ele estava sendo criado por uma família Geraí, bem longe da Dabyr. Poucas pessoas sequer sabiam que ele existia, e ainda menos sabiam o quão diferente ele era de um bebê humano. Ele, também, crescera rápido demais. Ele, também, fora capaz de tocar as mentes dos outros, mostrando-lhes coisas que ele tinha visto.

— O que ele quis mostrar a você, Lyka?

Ela engoliu em seco duas vezes, e em seguida encolheu os ombros. — Ele viu o assassinato de Beth. Ele viu quem fez isso. Isso é o que ele me mostrou.

Desta vez, Joseph foi incapaz de manter-se longe dela. Apenas a tensão enrolada súbita irradiando através dela, como se ela estivesse prestes a fugir, o fez parar em seu caminho.

Sua voz saiu fria e dura o suficiente para fazê-la recuar. — Quem era?

— Um dos Sanguinar. Aquele com o rosto do bebê e olhos verdes como grama. Eu acho que o nome dele é Connor.

Joseph sabia exatamente de quem ela estava falando. — Connal.

Horror concentrando-se em seu estômago. A raiva assassina impregnando seus membros. Sua espada foi tirada antes que ele percebesse o que tinha feito.

Os olhos de Lyka arregalaram-se enormes com medo. Ela abraçou o batente da porta, tornando-se um alvo tão pequeno quanto possível.

— Fique aqui, ele gritou irritado que ela ainda achasse que ela poderia ser seu destino. — Feche as persianas e tranque a porta atrás de mim.

— Por quê?



— Porque você é uma testemunha de um assassinato.
— Ethan foi a testemunha, não eu.
— Sim, mas ele não tem palavras. Você tem. Fique aqui enquanto eu vou lidar com isso.
— O que você vai fazer? — Ela perguntou.
— Primeiro, vou até Ethan para ele me mostrar o que mostrou a você. E então eu vou executar um Sanguinar.

Connal sabia, pela espionagem não-tão-sutil de Tynan, que ele havia descoberto que a morte de Beth não era suicídio. Ele estava procurando por sinais de sangue contaminado, mesmo indo tão longe para verificar os cofres de sono de sua própria espécie.

Não restava muito tempo antes que o ato de Connal fosse descoberto. O complexo foi bloqueado, mas ele obrigou um dos seguranças humanos a abrir o portão para ele mais tarde, quando ele estivesse pronto para sair.

E ele tinha que sair. Não havia escolha senão ir. Ele seria descoberto. O próximo ato de Tynan seria vasculhar as memórias daqueles aqui e puxar a verdade da mente de Connal. Tão forte quanto ele estava com o sangue de Beth fluindo através dele, ele não era forte o suficiente para frustrar os esforços de Tynan. De todos eles, Tynan era o mais forte, mesmo quando ele estava fraco.

A mente de Connal correu por algum tipo de plano. Ele já recolhera suas coisas e as guardara em sua van. Mas para onde iria? Não havia nenhum lugar que ele pudesse correr que não fosse encontrado.

A menos que ele se virasse para o Synestryn. Eles já se alimentaram dele — ainda que por um preço. Talvez eles fossem abrigá-lo também. Eles, sem dúvida, exigiriam o pagamento por isso, também, mas tinha que ser melhor do que o que o Theronai faria com ele se ele fosse capturado.

O que Connal precisava era de alavancagem financeira. Tributo. A



única coisa que preocupava os Synestryn eram alimentos, recipientes para a sua descendência, e o acesso ao Portal.

Ele não era forte o suficiente para mover a pedra Sentinela, e ele não tinha tempo para criar um caminho através das paredes. Mas o que ele fez foi ter acesso a um dos seus filhos. E sua mãe. Ella sobrevivera ao parto de um dos bebês Synestryn. Poderia fazê-lo novamente. Isso tinha que valer a pena o preço do ingresso e da proteção que os demônios poderiam lhe dar.

Connal sofreu apenas um momento de hesitação com a ideia de trocar duas vidas pela sua própria. Talvez tivesse havido um momento em que o teria incomodado mais, mas esse tempo passou. Ele estava encurralado em um canto, e como um animal, reagiria em conformidade.

Ele sentiu Ella dentro do quarto de Lyka. Ele não se preocupou em bater na porta. Ele simplesmente invadiu. A criança olhou para ele em acusação, de modo que Connal o enviou para dormir. A mãe já estava dormindo, mas ele insistiu a ela para flutuar mais fundo em suas garras. Ele jogou Ella sobre um ombro e pegou a criança no outro braço. O poder que ele usou para mascarar sua presença era precioso, mas a perda era necessária se quisesse sair daqui com seu tributo a reboque.

Ninguém o viu quando ele correu para sua van. Um casal de seres humanos particularmente sensíveis franziu a testa em confusão quando ele passou, mas isso foi tudo. Ele arrumou tanto Ella e Ethan na parte traseira da van, e a levou para fora da garagem.

Assim como ele havia ordenado, o guarda humano abriu o portão, permitindo-lhe a passagem. Connal estava certo que o ser humano faria o resto de seu trabalho como ele tinha sido obrigado a fazer.

Agora tudo que Connal tinha que fazer era alcançar a segurança antes que o sol se levantasse. E ele sabia exatamente para onde ir.



Capítulo 24

Ronan estava tremendo com o esforço quando acordou. O agarre do senhor Synestryn sobre ele estava ficando mais forte. Ronan não tinha certeza de quanto tempo ele seria capaz de manter o controle. Como isso estava, levou vários minutos para ele empurrar para trás a raiva inchada e a necessidade de matar que pulsava em suas veias.

Precisava se alimentar. Estava fraco por causa da luta, fraco por manter o demônio encurralado.

O cheiro de comida o levou para cima. Rory estava dormindo no sofá, com o cabelo cor de rosa espalhado por todo o braço do sofá de couro. Seu pulso batendo em seu pescoço, tão firme e forte que fez água na boca de Ronan.

Ele deslizou em sua direção, vendo a luz de seus olhos derramarem sobre ela em um olhar gelado. Ele se ajoelhou ao lado dela e levantou-a para sua boca.

O silvo de aço sendo puxado parou Ronan frio.

— Má ideia, — disse Cain atrás dele.

A raiva surgiu através de Ronan, combinando com a fome até não haver espaço para o pensamento racional. — Eu preciso, — foi tudo o que ele pode cuspir para fora.

— Precisa do sangue de outra pessoa. Ela está fora dos limites.

Cain não entendia a fome. Não verdadeiramente. Ele sabia sobre a dor, mas não sobre fraqueza, e não sobre a necessidade de moagem por algo que lhe era constantemente negado.

Apenas uma bebida. Isso é tudo o que ele precisava para mantê-lo para que ele pudesse buscar outra fonte de sustento. Ele seria cuidadoso. Gentil.

Ronan abaixou a cabeça. A picada fria do aço queimando na nuca.



— Para trás, Ronan. Esse demônio está fodendo com sua cabeça. Esse não é você.

Era ele. O verdadeiro dele. Tremendo e fraco de fome, desejando algo tão raro que os bocados fugazes que conseguiu foram apenas suficientes para mantê-lo — mais como indícios provocantes destinados a torturá-lo com o que ele nunca poderia ter.

Mas ele entendeu a ameaça tranquila de Cain. Ele acreditava nisso. Os homens Theronai não eram razoáveis quando se tratava do sangue de suas mulheres.

Ronan pousou Rory e virou-se para Cain. — Estou muito fraco para caçar. O demônio dentro de mim...

Cain embainhou a espada e arregaçou as mangas. — Tire somente o que você precisa para ir caçar. Nem uma gota mais. Preciso estar forte o suficiente para lutar.

Ronan tomou o que foi oferecido. O poder de Cain fluiu para ele, alimentando sua mente o suficiente para o nevoeiro da sede de sangue se dissipar. Assim que ele foi capaz, ele se afastou do homem maior, fechando suas feridas.

—Tenho que sair agora, — disse Ronan, tendo o cuidado de não olhar para a tentação de Rory exposta, deitada como uma oferenda.

Cain assentiu. — Nós iremos procurar o demônio esta noite. Chame se você quiser se juntar a nós. Sei que você quer vê-lo morto tanto quanto eu.

Ronan não tinha tanta certeza. Por mais que tenha querido o demônio morto, parte dele estava crescendo gostando da presença escura agachada em seus pensamentos. Ele sabia que não estava certo, que ele não deveria se sentir assim, mas não havia nada que pudesse fazer para detê-lo.

Quanto mais Raygh estava em sua cabeça, mais familiar ele se tornava. Talvez se ele simplesmente parasse de lutar, não seria tão ruim. Raygh tinha poder. Oceanos do mesmo. Ele raramente estava com fome e quando ele estava, ele tomava o seu preenchimento.



Qual seria a sensação de estar saciado? Realmente cheio?

Ronan não tinha ideia, mas se Raygh poderia ajudá-lo a descobrir, então talvez ele não fosse completamente mal.

Cain viu Ronan ir, sabendo que o homem estava correndo contra o tempo. Tendo estado perto do próprio fim, ele sabia o que era isso. O desespero e o medo. A percepção de que o tempo não era um rio que fluía infinito como no passado, mas uma rasa piscina infantil muito pequena para conter todas as coisas que ele realmente queria fazer com sua vida.

E havia algo mais nos olhos de Ronan que preocupou Cain. Uma espécie de aceitação. Quase submissão. O Sanguinar não tinha lutado com ele por mais sangue.

O que quer que estivesse acontecendo, não era bom. E enquanto Cain estava longe de confiar em alguém do jeito que ele tinha confiado em Gilda e Angus, ele realmente gostava de trabalhar com Ronan. Ele não era todo assustador e misterioso como tantos outros dos Sanguinar. Ele era mais pragmático, e isso era algo que Cain respeitava.

A última coisa que ele queria era que Ronan perdesse a batalha com o demônio e enlouquecesse. Porque se isso acontecesse, Cain se preocupava de que ele poderia realmente ter que usar sua espada sobre o homem, ao invés de simplesmente ameaçar usá-la.

Rory ainda não movera. Ele ajudou-a a dormir. Ele tinha certeza de que ela estaria irritada com isso, mas ele sabia o que ela enfrentaria se não cuidasse de seu corpo. Lutara o suficiente ao lado de Gilda e Angus, por séculos, para saber como funcionava, e ele preferia que Rory ficasse com raiva a tê-la simplesmente funcionando fora do vapor em um momento perigoso.

Ele teria gostado muito mais de ficar aqui e vê-la dormir, mas não havia tempo para isso. Quanto mais tempo esse demônio percorria a terra, mais



ameaça que ele representava. E enquanto ele teria preferido guardá-la em algum lugar seguro, que não estivesse indo para o trabalho. Não só não havia nenhum lugar em que ele pudesse levá-la sem correr o risco dos habitantes de Dabyr, ele também não confiava em mais ninguém para protegê-la do jeito que ele faria, até seu último suspiro.

Assim, Cain colocou-a no carro, afivelou o cinto de segurança, e pegou a estrada.

Ele dirigia em direção ao sistema de cavernas mais próximas de onde Rory teve seu primeiro controle rasgado pelo demônio. Não havia garantias de que este fosse o lugar, mas era um palpite tão bom quanto qualquer outro.

Talvez uma vez que Ronan estivesse alimentado ele teria algumas ideias melhores sobre onde procurar.

O veículo Geraí que deixaram para o uso de Cain era menor do que ele gostava. Sua cabeça ficou batendo no teto quando saltava ao longo da estrada. Seu ombro roçava o de Rory a cada poucos minutos. Seu perfume encheu o espaço confinado, tentando-o com as memórias do que eles compartilharam.

Ele teria preferido passar o resto da noite deitado com ela, arrancando tanto prazer de seu corpo quanto ela poderia ter, mas isso era um sonho para homens cujas companheiras os aceitavam. Rory queria seu poder, e ela ainda queria seu corpo, mas ela não o queria, pelo menos não da maneira que realmente contava.

Ainda assim, se o poder que ele deu a ela a puxasse para ele então, era a atração que ele usaria. Ele se recusou a dar em cima dela. Havia muito em jogo.

À medida que se aproximava de uma cidade pequena, ela começou a se mover em seu assento e fazer pequenos sons choramingando de desconforto.

Suas visões. Elas pareciam estar cada vez mais fortes, se a tensão



vibrando por ela fosse qualquer indicação. Cada vez que um carro passava por eles, todo o seu corpo estremecia em seu sono. Finalmente, Cain tomou-lhe a mão, esperando que seu toque fosse capaz de fazê-las parar.

Um carro na pista oposta desviou para desviar de algum animal atropelado, e Cain teve que desviar para fora da estrada para evitar a colisão. Ele, instintivamente, colocou as duas mãos no volante, e ao fazê-lo, parou de tocar Rory.

Ela começou a acordar, e ele podia sentir os pulsos úmidos de choque batendo em seu link.

— Onde estamos? — Ela perguntou depois de alguns segundos. Sua voz era baixa e sexy com os restos de sono.

— Seguindo para o leste, para onde você sentiu pela primeira vez a presença do demônio.

Ela abriu a garrafa de água colocada entre eles e bebeu profundamente. — Acho que estamos chegando mais perto.

— Como você pode dizer?

— Essa gaiola que Ronan construiu? Eu sinto que chocalha agora.

Oh, inferno, não. Se o animal se soltasse, não haveria uma coisa que Cain pudesse fazer para detê-lo. Não haveria nada de físico para ele matar. Ela se tornaria a ameaça, e não importa quem estivesse puxando suas cordas, ele sabia que não seria capaz de derrubá-la. O melhor que podia fazer era nocauteá-la, e não estava certo de que fosse funcionar.

Cain estacionou do lado da estrada. Havia pouco tráfego, mas o suficiente para que abalasse este carro de brinquedo, uma vez que passasse.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou.

Ele pegou seu telefone. — Chamando a retaguarda. Eu acho que é uma má ideia você ir após este demônio. Vou ligar para alguém para vir protegê-la, enquanto eu vou caçá-lo.

— O quê? Não vou ficar sentada com alguma babá. Não tenho medo,



você sabe.

—Sim? Bem, eu tenho. Estou morrendo de medo que a gaiola de Ronan falhe e você perca o controle de novo.

— Então? Se isso acontecer, me nocauteie. Isso funcionou da última vez.

— Não vou arriscar. O demônio tem que morrer, mas você não tem que vir comigo. Vou encontrar alguém que esteja disposto a protegê-la com sua vida. Morgan, talvez. Ou Nicholas. Ambos os homens eram nobres guerreiros ferozes. Ambos viriam se Cain chamasse.

E se um deles fosse o homem que ela estava procurando — o salvador que a livrasse de suas visões? E se ela fosse compatível com um deles?

Cain não a podia deixar convencê-lo. Ele hesitou por apenas um segundo antes de enviar um texto pedindo ajuda.

— Whoa. Apenas espere, foda. Sou eu que tem o demônio-na-caixa. Não você.

—Sim, mas sua segurança é minha responsabilidade.

Do jeito que seu rosto ficou manchado de vermelho com raiva, ele estava achando que era a coisa errada a dizer.

Seus olhos se contraíram. — Não fui a responsabilidade de ninguém em um longo tempo. Sou uma mulher crescida e *vou* fazer minhas próprias escolhas. Especialmente quando se trata de decidir o que fazer para expulsar o idiota na minha cabeça.

Isso ia acabar mal, e ele ainda não conseguia pensar em uma única coisa razoável que ele pudesse dizer para refutá-la. Ela era adulta. Era a cabeça dela que estava habitada pelo demônio. Quanto mais tempo eles discutiam sobre isso, mais perigo havia de o animal se libertar.

A resposta de texto de Nicholas voltou rápido. *Dabyr em confinamento. Ninguém pode sair. Virei o mais breve possível.*

Confinamento? Teclou Cain.

É uma longa história.



Há algum guerreiro nas proximidades que possa ajudar?

Apenas Ronan.

Parecia que estavam por conta própria.

Cain conseguiu manter a voz calma, apesar da necessidade de agitação para gritar a ela que se submetesse. — O que você quer fazer?

— Encontrar o filho da puta. Matá-lo.

— Você faz parecer simples. Eu lhe asseguro que não é. Especialmente se as proteções de Ronan estão falhando.

Ela olhou para ele, seu olhar escuro duro. Um lampejo de insegurança fez oscilar seu queixo, mas foi embora antes que pudesse ter certeza que o vira.

— Então, como é? — Ela perguntou. — Diga-me o que esperar. Mostre-me como você fez antes. Ela empurrou o queixo para ele, como se o desafiasse. — Vá em frente. Posso aguentar. Qualquer que seja a coisa assustadora que vamos ver, que hordas desagradáveis vamos enfrentar. . . Eu posso aguentar.

Talvez pudesse. Talvez fosse tão dura quanto pensava que era. Mas ele não queria colocar nada disso em sua cabeça. Ele queria que a sua vida fosse segura e feliz e cheia de coisas limpas e bonitas. Nem demônios e monstros e os restos de crianças devastadas. Ele vira o suficiente dessas coisas para ambos. Ele precisava que sua vida fosse melhor.

Assim como ele tentou torná-la melhor para Sibyl. Ele lutou com ela a cada tentativa de desempenhar um papel na guerra. As poucas vezes que fora forçado a levá-la para o perigo, quase o matara. E na noite em que foi roubada... Cain ainda tinha pesadelos.

Ele envolveu Sibyl apertado, forçando-a a manter-se segura, e na primeira oportunidade que ela teve para sair, fugira disso.

E se Rory fizesse a mesma coisa?

Esse foi o seu erro. Todo esse tempo ele estava tentando manter Rory fora de perigo. Mas se fosse para ela ser uma verdadeira parceira do jeito



que ele queria que ela fosse, ela não podia ficar atrás e esperá-lo voltar para casa da batalha. Ela tinha que estar ao seu lado, lutando e matando e enfrentando todo o horror associado a esses atos.

Nesse momento ele percebeu que se fechando fora como ele tinha feito não estava fazendo nenhum favor a ela. Claro, isso poderia prolongar sua vida, mas poderia facilmente custar a dela. Ela não sabia o que esperar, e a única maneira era que ela poderia viver com isso — e que eles não tinham tempo — ou para ele mostrar-lhe o que ele tinha vivido.

O propósito de Cain era mantê-la segura, e a melhor maneira de fazer isso era ensiná-la a se manter viva em combate. Porque, se ela escolhesse ficar com ele, a guerra seria sua vida de agora em diante. Não seria um lugar seguro, limpo, cheio de coisas bonitas. Seria assustador e perigoso e escuro.

Mas ele precisava dela. E o mundo precisava dela, também, mesmo que não soubessem.

O carro balançou quando um caminhão acelerou por eles. Ela ainda estava olhando, à espera de sua resposta.

Uma vez que ele fizesse isso, ele não seria capaz de desfazê-lo. Suas habilidades com a remoção de memórias não eram boas, e ele não correria o risco de danificá-la.

—Tenha certeza, Rory. Depois de ver essas coisas, elas não podem ser invisíveis.

—Eu já tive a minha quota de memórias de pesadelo. Um pouco mais não é grande coisa.

—Você teve dois dias horríveis em cativeiro, e alguns encontros fugazes. Tenho séculos de batalhas na minha cabeça.

—Se você pode levá-las, eu posso levá-las. Além disso, penso em toda a estratégia e as táticas que você conhece, todas as informações que você coletou.

—Você tem certeza? — Ele perguntou, esperando por um indulto.



—Eu tenho certeza.

Cain assentiu e segurou o rosto dela entre as mãos. Sentir sua pele contra a dele novamente aliviou um pouco da fúria de terror que estourou através dele. Ele ainda odiava isso, mas pelo menos era mais fácil enfrentar quando ele a estava tocando.

Ele juntou todas as coisas que vira, as batalhas em que lutou, os demônios que matou. Juntou tudo isso junto em uma bola crescente de imagens e detalhes sensoriais. A barreira que havia construído entre eles se dissipara como fumaça no vento, deixando um rugido de fluxo de pensamento puro fora dele.

Rory estremeceu e fez um som de engasgo. Seu corpo ficou tenso, e seus olhos revertidos em sua cabeça. Um grito silencioso rasgou através dela, mas não tentou lutar com ele. Não tentou parar a torrente de informações. Aceitou-o em si mesma, sem julgamento às coisas que ele fez ou não fez.

Suas falhas brilharam em detalhes ofuscantes enquanto borbulhavam das profundezas de sua memória, mas Rory as absorveu, também, sem se incomodar com seus inúmeros erros.

Lentamente, quando as memórias piscaram e morreram como uma chama carente de oxigênio, ela deu um longo suspiro, sugando o ar. — Uau.

Cain estudou seu rosto, certo de que veria desgosto ou pelo menos decepção cruzar suas feições. Em vez disso, o que ele viu foi pura admiração.

— Você realmente é velho, — disse ela.

Uma risada enferrujada conseguiu se libertar do seu peito. — Isso é tudo que você tem a dizer? Eu te mostro o trabalho da minha vida e é isso?

— Sim, com certeza, não eram monstros e lixo. Mas maldição, Cain. Você realizou-se bem, considerando todas as coisas.

— Você não está com medo? Não está chateada?



— Estou completamente fora de mim. Você já passou por coisas terríveis — muito mais do que eu. Meio que me faz sentir segura.

Choque o sacudiu. Essa era a última coisa que ele pensou que ela iria dizer. — Segura?

— Sim. Quero dizer, olhe para toda a merda que você sobreviveu. Com você do meu lado, eu sou invencível.

—Difícilmente. E não se atreva a ir ficando arrogante comigo. Essa é uma boa maneira de nos matar.

Seus olhos se arregalaram e ela agarrou seus braços com força suficiente para deixar hematomas. A cor sumiu de sua pele e todo o seu corpo começou a tremer.

—O que é isso? — Ele perguntou.

—O demônio. Ele... descobriu o que acabou de acontecer. Ele sabe o que está na minha cabeça agora — todas as informações que você me mostrou, como você luta, o que você sabe, onde você mora.

— O que tem isso?

— O demônio quer vê-lo, também.

Capítulo 25

Rory tentou começar um aperto, mas o pânico foi correndo por ela, empilhando no topo da colagem louca de memórias que Cain colocara em sua cabeça. Ela queria jogar com calma, fingir que o que ele fizera não abalara toda a sua estrutura. Fazendo luz do que ela vira ajudara a dissipar um pouco do medo persistente e dores deixadas para trás. Mas ela não podia ser irreverente sobre o demônio. Não quando ela sentiu o quão perto estava de se libertar.

— Eu acho que nós precisamos encontrar Ronan, — disse ela. — Eu



não tenho certeza de quanto tempo sua gaiola vai segurar.

Cain já estava discando em seu telefone antes que ela terminasse de falar. — Precisamos nos encontrar. Ele escutou por um momento. — Sim, nós estamos perto. Nós estaremos lá.

Cain retornou à estrada.

Rory foi atingida por uma avalanche de imagens quando um aglomerado de carros passou. Ela fechou os olhos e tentou não deixar a cintilação luminosa vinda ao encontro a fizesse vomitar. As pessoas estavam andando, dirigindo, assistindo TV. Tudo bateu junto, chocando-se em um discordante, nauseante caos. Ela agarrou a mão de Cain, não se importando que isso a fizesse parecer fraca. Não podia lutar contra as visões também. Agora não. Estava tomando toda a sua concentração manter unidas as paredes trementes da gaiola que Ronan construía.

Quando a pele dela encontrou a dele, paz visual caiu sobre ela, fazendo-a enfraquecer de alívio. Agora que o conjunto de estímulos fora embora, ela sentiu o barulho estridente do demônio em sua cabeça. Assim que ela percebeu a coisa procurando uma saída, isso parou. Ela podia sentir a sua intenção sinistra, mas os detalhes do que ele estava tentando fazer foram perdidos por ela. Ele queria se libertar, mas havia mais do que isso, mais até do que o seu desejo pelo conhecimento que Cain lhe dera. Ela só não tinha certeza do que era.

A única coisa que ela sabia era que ele estava perto de rebentar para fora da gaiola que Ronan formara e, se isso acontecesse, não havia uma coisa que ela poderia fazer para impedi-lo de sequestrar seu corpo. Com Cain estando perto, ela não tinha dúvidas de que ele seria sua primeira vítima.

A mulher estava se aproximando. Raygh podia senti-la aproxima, trazendo com ela, muito em informação e sangue. Ele queria enfiar-se em



sua mente e forçá-la a vir a ele, mas conteve-se, passando o tempo. Sair da gaiola que o Sanguinar usara para proteger a mente da mulher levaria muito esforço. Enfraquecendo-o.

Eventualmente, ela seria dele para punir. Ele tiraria dela o conhecimento que o guerreiro Theronai havia lhe dado e, em seguida, usaria o que sobrasse dela para saciar sua sede de vingança. Ela estivera lá quando Krag morrera. Ela permitiu que isso acontecesse, zombava dele. Isso não era algo que ele pudesse deixar sem resposta, não importa quão atraente fosse o conhecimento que ela carregava dentro dela.

Nenhum de seus asseclas conseguiu encontrar mais sangue para ele. Era como se todos os seus alvos desaparecessem na clandestinidade, fora de seu alcance.

A ideia enfureceu Raygh, fazendo-o desejar algo para matar.

Canaranth entrou na câmara do trono com dois Slayers masculinos a reboque. Ambos estavam com os ossos finos, sujos e cobertos de marcas de mordida apodrecendo. Febre queimava em seus olhos pouco visíveis debaixo de uma massa selvagem de cabelos emaranhados.

Zillah manteve estes potentes estoques de sangue em segredo, trancados nos recessos mais profundos destas cavernas. Não foi até que Raygh assumisse as explorações dos Synestryn que fizera essa descoberta deliciosa.

Os assassinos foram mantidos em relativa submissão com os anos de fome e fadiga. Zillah tivera o cuidado de mantê-los vivos, mas ainda mal — apenas o suficiente para produzir mais sangue para substituir o que ele drenara. Ainda assim, mesmo depois de anos de cativo, o sangue que fluía através deles era um cocktail poderoso.

Não é à toa que Zillah tivera tal saúde robusta quando ele fora condenado.

— Aproxime-os, ordenou Raygh.

Canaranth empurrou os Slayers à frente. Eles estavam nus, vestidos



apenas em sujeira, sangue seco e cicatrizes. O queixo inclinado para cima em desafio, e seus olhos prometiam vingança. Pena que nenhum dos dois iria viver tempo suficiente para cumprir essas promessas.

Raygh tocou a testa do primeiro homem. Pensamentos violentos encheram sua cabeça. Houve pouco sentido a ser feito do que Raygh viu — nenhuma informação útil. Os músculos magros do homem apertaram enquanto se esforçava contra a corda segurando seus pulsos atrás das costas. Ele mostrou os dentes, deixando escapar um grunhido de advertência.

Quão adorável.

Raygh empurrou sua cabeça para trás e mordeu seu pescoço, sugando enormes goles de energia quente. Levou apenas alguns segundos para esvaziar o assassino do sangue, momento em que Raygh deixou-o cair ao chão.

Com um pensamento, ele deu permissão aos demônios que o cercavam para a festa sobre os restos, que foram rapidamente arrastados nas mandíbulas de dezenas de seus asseclas.

Raygh virou-se para o segundo homem. Não havia nenhum indício de medo nele, nem mesmo depois de ter visto o que acontecera com seu parente.

Ele enfiou a cabeça do outro homem para trás, mas as palavras de Canaranth o detiveram. —Você vai matá-lo, também?

Raygh considerado a criatura de aparência humana, questionando se a sua utilidade valia-lhe a ousadia de dizer o que pensava. — Por que não deveria?

—O sangue de um assassino é poderoso. Zillah viveu desses poucos homens por anos. Se você matar todos eles, então eles não podem mais nos alimentar.

—Então, saia e me traga mais. Raygh precisava de mais sangue, mais poder. Ele tinha que ser forte o suficiente para romper as correntes que o



prendiam no lugar, impedindo-o de trazer a ele o que era dele.

—Mais? Mas perdemos centenas dos nossos para recolher esses poucos homens.

— Nossos? Quer dizer meus.

Canaranth inclinou a cabeça. — Claro, meu senhor. Eu não quis lhe faltar com respeito.

— Então talvez você não deva questionar minhas ações. Se eu quiser drenar cada assassino do planeta, então, é meu direito. E é seu dever tornar isso possível.

— Sim, meu senhor.

Raygh torceu a cabeça do Slayer para o lado e o mordeu profundamente. Seu corpo se contraiu, e depois ficou inerte quando a morte caiu sobre ele.

Raygh lançou o corpo de lado. — Agora vá e traga-me outro Slayer de nossos currais. Eu preciso de mais sangue.

Apenas um pouco mais de sangue, e ele tinha certeza de que ele teria o poder de romper as últimas cadeias, diminuindo as defesas que o impediam na mente de sua presa. Antes do nascer do sol, eles estariam de joelhos a seus pés, implorando-lhe para matá-los.

Tolo. Canaranth estava convencido de que Raygh era um tacanho, uma besta idiota. Ele não tinha ideia do que custara recolher os poucos Slayers alojados abaixo, ou o que era necessário para controlá-los. Se eles fossem alimentados com muito pouco, morreriam. Se demais, eles revidariam, matando tudo o que pudessem alcançar. A única razão que fez algum sentido em tudo para mantê-los era porque curavam tão rápido, regenerando litros de sangue que ajudava a manter a espécie de Canaranth vivo.

Matá-los foi estúpido e inútil e, a este ritmo, os poucos Slayers que



havam deixado estariam morto ao nascer do sol.

Talvez fosse hora. Canaranth tinha passado todas as noites desde a fuga de Ella perguntando-se como ela estava, se perguntando se a criança sobrevivera. Ele não deveria amá-la. Ele nem deveria ser capaz de amar. Mas se o que ele sentia por ela não era amor, era o mais próximo a ele que Canaranth nunca iria ver.

Ele precisava estar com ela. Ele disse a ela que iria para ela. E agora a sua própria covardia o deteve.

Ela não ia querê-lo. E mesmo se o fizesse, não tinha nada para oferecer a ela. Ela era humana. Precisava de uma vida humana com uma casa e comida e sol. Tudo o que ele tinha para lhe oferecer era uma caverna escura cheia de sangue e dor.

Por mais que ele quisesse vê-la novamente, a única maneira que podia era se ela voltasse para ele. E se o fizesse, sua vida estaria em risco constante.

Se Raygh fosse tão descuidadamente drenar um Slayer que oferece sangue ilimitado, então o que o impediria de fazer o mesmo com uma frágil mulher humana?

E tudo isso porque ele estava assumindo que ela ainda vivia, o que não era provável. Ter um filho híbrido era perigoso. A maioria das mulheres morria. Ainda mais a prole. As chances eram de que Canaranth seria mais feliz conjecturando sobre o destino de Ella do que realmente o conhecendo. Pelo menos assim, enquanto ele dormia, podia sonhar que ela estava viva e bem, brincando com seu filho debaixo de um sol que só podia imaginar.

Capítulo 26



Cain caminhou pelo andar da casa Gerai, desejando que Ronan se apressasse.

— Você vai se sentar? — Perguntou Rory. — Está me deixando nervosa.

Ela tinha razão para estar nervosa. O demônio estava ficando mais forte. Mesmo Cain podia sentir o inchaço dentro dela agora, abaulando contra os limites da gaiola que Ronan havia criado.

A última coisa que ele queria fazer era aumentar a sua ansiedade, então ele fez o que ela pediu e sentou-se ao lado dela no sofá gasto.

Ela não olhou para ele enquanto falava. — Se isso não funcionar, eu quero que você me prometa que você vai fazer o que tenha que fazer para me impedir de ferir alguém.

— Eu quero te prometer, mas eu não posso. Eu já prometi mantê-la segura. Eu não posso agora prometer fazer de tudo para pará-la.

— Porque você pode ter que me matar, — ela adivinhou.

— Ele não vai chegar a esse ponto. Ronan estará aqui em breve. E mesmo se ele não chegar a tempo, você é forte. Eu sou forte. Podemos lutar contra o demônio juntos.

— Nós não pudemos da última vez.

— Nós não sabíamos que o problema existia então. Agora vamos conseguir. Nós sabemos o que está por vir, e vamos enfrentá-lo.

Ela lhe deu um sorriso triste. — Você tem tanta fé.

— Não mais do que você merece.

Um carro parou do lado de fora. Cain se levantou e encontrou Ronan na porta. Ele parecia melhor do que antes, mas ainda assim claramente não cem por cento. Linhas de tensão sulcavam sua boca, e seus olhos estavam sem brilho.

Ele invadiu a pequena casa sem parar para sutilezas. — Deite-se, ele ordenou a Rory.

— Uh. Claro. Não me assustei ou algo assim por aqui. Eu só vou tirar



um bom cochilo.

A mandíbula de Ronan apertada como se estivesse mordendo de volta palavras duras. — Somente faça isso.

Cain não gostou da vibração saindo do Sanguinar. Não que ele tivesse muita escolha. Ainda assim, ele ficou de pé ao lado do sofá onde Rory estava deitada, perto o suficiente para parar Ronan se as coisas saíssem do controle.

— Vou precisar de sangue, — disse Ronan.

Cain balançou a cabeça. — Eu não —

Ronan rosnou: — Não lute comigo sobre isso. Se você deseja que o demônio seja contido, eu preciso de sangue.

— Está tudo bem, — disse Rory. — Basta fazer o que você precisa fazer.

Antes de Cain poder argumentar mais, Ronan foi para seu pescoço, inclinando-se sobre ela de uma forma que parecia demais com o abraço de um amante.

Ciúme furioso rugia a superfície, fazendo o sangue de Cain retumbar em seus ouvidos. Sua mão estava em punhos sobre a sua espada, e era tudo o que podia fazer para manter-se puxando o aço vivo.

Rory deixou escapar um suspiro de contentamento, o que só alimentou a explosão irracional de possessividade de Cain. Ele sabia que Ronan estava ajudando. Ele sabia que tomar sangue de seu pulso teria levado muito mais tempo. E eles estavam claramente ficando sem tempo. Mas nada disso importava, enquanto observava outro homem segurar Roryem seus braços.

E se ela decidiu deixá-lo para o bem? E se ele tivesse que testemunhá-la compartilhar sua vida com outro homem, um de seus irmãos?

Ele não era forte o suficiente para isso. Nem perto disso.

Rory corcoveou no sofá, seu corpo curvando-se. Ela estendeu a mão às cegas, com as mãos enroladas em punhos.

Cain esqueceu tudo sobre seu ciúme quando uma onda de pânico o



atingiu. Ele agarrou-lhe a mão, esperando para confortá-la. Em vez disso, a conexão entre eles queimou amplamente e um grito de medo cambaleou para ele a partir de Rory.

Agindo por instinto, Cain abriu-se, estendendo a mão para ela através da Luceria. Gritos silenciosos vibravam entre eles. Em sua mente, a batalha foi travada quando Ronan lutava para conter o Synestryn que estava trabalhando para controlá-la através de seu sangue.

Era difícil entender o que estava acontecendo. Havia tanta dor que irradiava a partir do ponto onde o poder de Ronan brilhou em um tremor, uma bolha dourada. No centro estava uma enrolada, entidade preta, coberta de escamas e chamas. À medida que a bolha se encolheu, a criatura foi forçada a se tornar cada vez menor. Ele se debatia em sua gaiola, arranhando e rosnando.

E então Cain viu outra coisa. Pairando atrás Ronan, outra criatura maior ainda empoleirada em silêncio. Quando o animal de Rory encolheu, o de Ronan cresceu.

Ele não estava batendo de volta o demônio, ele estava puxando-o para dentro de si.

Cain queimou com a necessidade de ajudar, mas não havia nada que pudesse fazer. Sua espada era inútil aqui. A força física não significava nada, e ele só iria distrair Ronan se ele tentasse ajudar o homem.

A bolha encolheu até que era do tamanho de uma bola de gude. O demônio dentro gritava em fúria, soltando um estridente ruído metálico. Ronan chutou para fora, em uma caixa de aço, selando-a fechada.

Ele sentiu Rory relaxar. Quando ele recuou de sua mente, ele a viu deitada no sofá, ofegante e pálida.

Ronan oscilava. Cain agarrou seus ombros e ajudou-o a sentar em uma cadeira. Quando ele olhou para cima, seu rosto magro era uma máscara gritante de desespero. — Você tem que achar o demônio em breve. Eu não posso aguentar muito mais tempo. Vai... Ele parou, fazendo sons horríveis



de asfixia.

— Ronan? Você está bem?

— Contenha-me, Ronan sussurrou, tremendo.

Cain não tinha certeza se tinha ouvido direito. — O quê?

— Encadeie-me. Agora. Eu não posso manter o controle por muito tempo.

O demônio. Ele estava vindo para sair e jogar.

Cain não se atreveu a perder um segundo. Ele sacou a espada e bateu a parte rombuda dela contra a têmpora de Ronan. O Sanguinar caiu na inconsciência, mas não havia nenhuma garantia de que iria segurá-lo por muito tempo.

Cain o pegou e levou para o porão, onde não havia risco que a luz solar atingisse a pele mais tarde. Não havia nenhuma maneira de saber quanto tempo Ronan precisaria ser contido.

—O que você está fazendo? — Perguntou Rory.

— O que ele me pediu para fazer.

Sua voz tremeu. —Ele está mau, não é?

—Sim. Ajude-me a procurar algo para amarrá-lo.

A corda do varal corria pelo teto do porão. Cain cortou-a e amarrou as mãos de Ronan nas costas.

Ela entregou-lhe um rolo de fita adesiva. —Será que isso vai ser suficiente?

Cain sentiu o quão forte esse demônio era — quão determinado estava para assumir o controle. —Eu não penso assim. Queria ter algumas correntes.

—Espere um pouco. Ela correu de volta para cima e voltou com sua jaqueta de couro. Ela usou uma tesoura para cortar o couro, deixando um comprimento de três metros de corrente.

—Aqui.

Não era muito, mas era melhor do que o que tinham.



Cain ligou os terminais juntos com várias bobinas de fio de cobre grosso tecendo através dos elos, e cobriu a coisa toda com fita adesiva. No momento em que ele terminou, Ronan parecia uma lagarta de prata.

— O que vamos fazer com ele? — ela perguntou.

— Nós vamos ter que deixá-lo aqui. A única esperança que ele tem é se matarmos o demônio.

— Nós vamos ter que encontrá-lo primeiro.

O jeito que ela disse isso o fez virar e olhar para ela. — Você tem uma ideia.

— Você não vai gostar.

— Eu não tenho que gostar se ele funcionar. A vida de Ronan está na linha. E depois do que ele tinha feito para Rory, Cain lhe devia.

— Eu posso sentir isso me puxando. Mesmo agora, tão fraco como é, ainda há este pequeno puxão, me atraindo em direção a ele.

— Você está certa. Eu não gosto disso.

— Essa não é a parte que você não vai gostar. Ela endireitou os ombros como se ela estivesse preparando-se para a batalha. — Quanto mais me aproximo, mais forte ele fica. Eu acho que é por isso que estava tão perto de se libertar.

— Porque nós estamos perto.

Ela assentiu com a cabeça. — Sim. Então, eu posso nos levar até lá, mas eu não tenho certeza de quem estará ao volante, uma vez que chegemos.

— Só me aponte à direção certa. Eu posso ir sem você.

— De jeito nenhum. Eu senti o quão forte ele é. Eu sei que você é durão e tudo mais, mas essa coisa controla um exército. Você não pode lutar sozinho.

— Você está certa.

Cain usou outras várias camadas de fita adesiva para prender Ronan em um tubo de cobre, então ele discou para Joseph. — Eu preciso de ajuda. Poder de fogo sério. Quem pode enviar?



— Ninguém.

— Isso é grande, Joseph. Duas vidas estão em jogo.

— Sinto muito, mas não há nada que eu possa fazer. Jackie, Andra e Nika estão grávidas e no banco. Lexi está na África. Viviana e Neal estão na Pensilvânia, e Dakota e Liam estão enfiados até os quadris com os demônios no Texas, juntamente com os defensores.

—E quanto a Helen e Drake?

—Eles deixaram uma nota que eles estavam indo em uma profunda caverna para limpá-la e reduzi-la a partir de dentro. Eu não posso alcançá-los. Joseph suspirou. —Sinto muito, Cain. Você está por contra própria. Nós temos nossa própria crise aqui.

— Que crise?

—Connal roubou uma mulher humana e seu filho. Nós não sabemos por que, mas sabemos que não é bom. Ela estava escondendo, mas o bebê era meio Synestryn.

—Connal? —perguntou Cain, atordoado.

—Sim. Ele é o nosso traidor. Foi ele que deixou os demônios entrarem através das paredes para atacar Lexi.

—Por quê? Que motivo ele teria para fazer isso?

—Será que isso importa? — Perguntou Joseph. —Eu não posso encontrar qualquer sentido nisso, mas isso não muda o fato de que há um menino e sua mãe lá fora, e nós estamos presos aqui, pelo menos por mais alguns minutos.

— Presos?

—Connal forçou dois seres humanos a ajudá-lo. Um destruiu o mecanismo do portão, e o outro cortou a linha de combustível para o helicóptero. Podemos escalar as paredes, mas vai demorar um pouco para o Geraí obter veículos aqui. Andra quer estourar o portão aberto, mas nos deixaria vulneráveis a um ataque.

— E se você enviar homens para encontrar Connal, então eles não



estarão lá para defender Dabyr.

— Exatamente. Por tudo que sei, essa é a etapa final — uma Dabyr indefesa. Eu não vou arriscar colocar qualquer gestante na batalha. Rastreamento da área, com os escorpiões procurando as coisas que Ronan nos advertiu. Sem dúvida, eles estão em busca de sangue. Temos que continuar batendo-os nas paredes.

Cain olhou para Rory, que o observava abertamente. — Não deixe que eles recebam sangue de ninguém, Joseph. Eu vi o que eles podem fazer, e você não quer fazer parte disso.

— Eles são tão maus como disse Ronan?

— Sim. Ele está completamente desativado. É onde eu estou indo agora, para encontrar o demônio que o está controlando. Se alguma coisa me acontecer, alguém precisa vir e cortar Ronan solto. Assumindo que ele sobreviva.

— Não. Você está do lado de fora. Eu preciso de você para ir atrás de Connal. Nicholas está sentado aqui, me dizendo que você está perto. Todo mundo está ocupado, fora de contato ou muito longe para ajudar. Eu preciso de você para caçá-lo.

— Precisamos matar o demônio, Joseph.

— A vida de uma mulher e uma criança está em jogo. Eu não estou lhe pedindo. Encontre Connal e detenha-o. Isso é uma ordem.

Capítulo 27

Alguma coisa estava errada. Rory podia sentir isso.

O corpo de Caim não tinha se movido ainda. Nem mesmo seu peito se movia com a respiração. Ele não tentara colocar outra parede entre eles, e mesmo que fosse uma invasão violenta de privacidade, Rory não se



conteve. Ela timidamente cutucou sua conexão, olhando para o que o tinha chateado.

Fúria bateu nela como um tapa duro que fez nus seus dentes. Medo teceu em torno de sua fúria, juntamente com uma massa de empilhamento de culpa. Rory não tinha ideia do que isso significava, mas as emoções eram tão fortes que ela sabia que algo terrível tinha acontecido.

— Claro que eu quero ajudar, — ele quase gritou, — mas Rory tem que vir em primeiro lugar. Você sabe disso.

— Não, Rory não, — disse Rory.

Cain ignorou-a, fazendo-a querer dar-lhe um soco no estômago. Ela odiava ser deixada de fora da conversa, como se a sua opinião sobre o que estava acontecendo não importasse.

— Eu entendo perfeitamente. E você precisa entender que eu vou fazer o que tenho que fazer. Você e suas ordem podem ir se foder. Cain desligou, com o rosto manchado de raiva.

Ela nunca o vira parecido com isso antes. Ele estava além de furioso e bem em fúria homicida.

— O que aconteceu? — Ela perguntou, sem saber se ela realmente queria saber.

— Um dos Sanguinar raptou uma mulher humana e seu filho.

— Bem? O que você está esperando? Vamos encontrá-los.

— Você não pode ir a lugar nenhum até que eu mate o demônio, e não com a sua condição debilitada. E de Ronan.

— Você está brincando comigo? — Ela exigiu. Tocar sua raiva acendera a sua própria, fazendo-a queimar brilhante. — Quem se preocupa com a minha condição, debilitante ou de outra forma, quando há uma mulher aterrorizada e uma criança que precisa de nós para salvá-los? Tenho certeza de que Ronan vai se sentir da mesma maneira. Ele quase se matou me ajudando. O que você acha que ele faria por uma criança inocente?

— Outros vão estar na pista do Sanguinar breve. Precisamos levá-la



para um lugar seguro.

— Seguro? Sêrio? Você é tão estúpido? Onde inferno você pode me levar que eu não carregue o meu cérebro para o passeio? Porque, enquanto eu estou usando minha cabeça, e enquanto há um demônio dentro dela, eu estou muito bem fodida. Eu poderia muito bem ser fodida ao salvar aquela pobre mulher e seu filho.

— Uma vez que o demônio estiver morto, então podemos ir atrás de Connal.

— Você realmente acha que eu vou me preocupar sobre mim enquanto há uma criança desaparecida em jogo?

— Não é seguro para nós esperarmos, não agora que eu dei ao demônio razão para lutar ainda mais para libertar-se através da implantação do conhecimento em sua cabeça. Ronan não pode ajudá-la novamente. Ele está muito fraco.

—Dane-se, Cain. Eu vi o que toda a sua vida foi. Você nunca pensou uma vez sobre a sua própria segurança, quando havia outras pessoas em perigo. Não se atreva a tentar me alimentar com qualquer besteira agora, porque não sou tola. — Ela tomou um longo suspiro, tentando encontrar calma suficiente para soar razoável. — Agora, você e eu iremos atrás do imbecil que raptou essas pessoas. Nós vamos encontrá-los e ter certeza de que estão seguros. E então nós vamos encontrar o demônio no meu cérebro e matá-lo. E então nós vamos encontrar a pessoa que bloqueia minhas visões e tomar o seu anel mágico ou qualquer outra coisa para que eu não tenha de andar cega metade do tempo. Entendeu?

Ela sentiu um pulsar pesado do pulso de raiva frustrada dele, mas quando ele falou, não havia um único indício que matizasse o tom calmo. —É isso que você realmente quer?

Rory não se incomodou com as palavras. Em vez disso, ela reuniu-se a sua determinação para fazer a coisa certa e empurrou-a para ele. Ela o deixou ver como ele não ia impedi-la, mesmo que isso significasse que ela



o abandonaria. O que quer que a levou, ela não deixaria aquela mulher e criança até o final presos em um porão inundado cheio de monstros do jeito que ela ficara.

Cain estremeceu e agarrou o telefone até que os nós dos dedos estalaram. — Este é o pior momento possível. Você percebe, não é?

— Não me importo. É o tempo que temos.

— E se o demônio emerge e assume o controle de seu corpo de novo?

— Bata-me. Mate-me. Tudo o que você tiver que fazer. Até então, eu vou lutar.

Ela sentiu a aceitação relutante vibrar através do seu link. — Entra no carro. Não temos muito tempo.

Cain não disse nada enquanto se dirigiam de volta para a estrada mais próxima. Era bem depois da meia-noite, e não havia muito tráfego.

O carro acelerou até que eles estavam a noventa. Independentemente do que ele disse, Cain queria encontrar aquele garoto, tanto quanto ela.

Sua voz era dura, não deixando espaço para discussão. — Nós mantemos a ligação aberta. Dessa forma eu posso controlar seus pensamentos. Se o demônio se libertar ou começar a sussurrar coisas para você, eu saberei.

— Concordo. Embora eu ache que a primeira coisa que o demônio faria seria fechá-lo para fora.

— Provavelmente. É por isso que se você tentar me bloquear, eu vou torná-la inconsciente.

Ela ainda não estava acostumada com a ideia de ter Cain em sua mente, tocá-la de um modo tão íntimo, mas, até agora, tinha sido o único que tinha vindo a colocar-se lá fora, expondo toda a sua vida. Ele não pediu muito em troca, e seu pedido agora era completamente lógico.

— Você tem a minha permissão, — disse ela. — Não ouse me deixar machucar quem não merece.

Ele acenou com a cabeça, com o rosto sombrio. Ele entregou-lhe o



telefone. — Chame Nicholas. Pergunte-lhe onde Connal está. Ele pode ser capaz de controlar o seu veículo.

Rory não perdeu tempo em fazer perguntas. Ela não sabia sobre essas pessoas, mas ela estava disposta a fazer qualquer coisa que pudesse ajudar a salvar o garoto.

Nicholas respondeu rápido. — Diga-me você mudou de ideia, Cain.

— Oi, Nicholas. Meu nome é Rory Rainey. Estou com Cain e ele me pediu para chamá-lo e tê-lo nos dizendo onde Connal está.

— Graças a Deus. Caim está bem?

— Ele está dirigindo.

Suspeita estava clara em seu tom. — Deixe-me falar com ele.

Rory suspirou em frustração, mas segurou o telefone no ouvido de Can. — Ela está comigo, Nicholas... Sim, comigo, comigo. Diga a ela o que você sabe.

Quando Rory voltou na linha, todas as suspeitas de Nicholas desapareceram substituídas por uma espécie de reverência animada que ela não entendia. — Desculpe pela confusão. Eu tinha que ter certeza de quem você era antes que eu lhe desse informações.

— Claro. Qualquer que seja. Agora derrame. Este imbecil do Connal foi quem roubou a mulher e o filho, certo? Onde ele está?

— Connal desativou o dispositivo de rastreamento em seu carro, mas Ela tem um telefone celular com ela. Estamos rastreando isso. Vou mandar suas coordenadas para o telefone de Cain.

— Obrigada.

— Diga a Cain que temos guerreiros no caminho agora, mas eles estão, no mínimo, 20 minutos atrás de vocês.

Rory transmitiu a mensagem.

Cain assentiu. — Pergunte a ele—

Ela não tinha necessidade de ouvir o resto da sua pergunta. Isso já tinha deslizado em sua cabeça completamente formado. — Cain quer



saber se você tem Geraí no caminho para interceptá-lo.

— Não. É muito perigoso. Nós não queremos quaisquer vítimas humanas mais. Connal já matou uma mulher e danificou a mentes de dois homens com uma força brutal. Os Geraí não tem chance.

Ela não teve que dizer uma palavra. Ela sentiu Cain absorver o conhecimento dela.

Foi um processo tão legal que ela não gastou tempo pensando sobre como era assustador. Ou teria sido com qualquer outra pessoa. Com Cain não era tão ruim.

— Chame-nos se alguma coisa mudar, — disse ela.

— Chamarei.

No momento que ela desligou, Nicholas já tinha enviado uma mensagem com um anexo para o telefone de Cain. Abriu-a, e ao invés de uma listagem de coordenadas como ela esperava, ela viu um pequeno ponto se movendo através de um mapa. Ela deu zoom para ampliar e viu outro ponto onde eles estavam.

— Ele está indo para o sul. Se vire para o leste até à frente, estaremos no caminho certo para interceptá-lo.

Cain ligou o motor. Desculpas atada a sua voz. — Nós vamos acertar as bordas da civilização em breve.

— Está tudo bem. Eu posso levá-lo.

— Você está levando muita coisa agora.

— Ainda bem que eu sou forte, então, né?

Enquanto se dirigiam para leste em direção aos subúrbios, as visões começaram a piscar com mais frequência dentro de seus olhos. O movimento imprevisível de uma dúzia de outras pessoas que se deslocavam a fez enjoada. Ela agarrou o assento e focou em sua respiração.

A mão de Cain deslizou sob seu cabelo, acariciando a parte de trás de seu pescoço. Como se um interruptor tivesse sido alcançado, as visões desapareceram, dando-lhe um pouco de paz visual.



— Obrigada.

— Eu gostaria de poder fazer mais. Desejava que tomar minha Luceria lhe desse a capacidade de controlar as visões.

—Sim, eu também. Mas ter você me tocando é um inferno de um prêmio de consolação.

—Eu não vou estar sempre por perto.

O pensamento fez seu coração apertar com a ansiedade e outra coisa que ela se recusava a reconhecer. —Eu sei. Mas você está aqui agora. Isso é bom o suficiente.

Quando cada quilômetro passou, sentiu a ondulação do demônio com o poder. Eles estavam se aproximando, tornando-se difícil para Rory se concentrar em qualquer outra coisa.

Ela verificou o telefone novamente e viu que Connal tinha acabado de passar pela estrada que eles estavam. —Vá para a direita no cruzamento em frente. Estamos perto.

Cain foi onde ela disse a ele, e mais uma vez eles começaram a deixar as áreas povoadas por uma mais rural, isolada.

O demônio balançou dentro de sua gaiola. Ela podia ouvi-lo agora, rosnando em fome e ansiedade. Ele sabia que ela estava se aproximando.

—Quão longe? —perguntou Cain.

Ela não tinha certeza se ele queria dizer o quão longe estava o demônio ou Connal, então ela pegou o que ela realmente poderia responder.

—Connal está a poucos quilômetros à nossa frente, e ele está voando. Ela viu a luz vermelha piscando como parecendo lenta. —Espere. Eu acho que ele está parando.

Rory deu zoom no mapa até que ela pudesse ter uma imagem de satélite mostrando fotografias da área. Era uma foto antiga que parecia que tinha sido tirada no calor verde do verão. Tudo o que ela podia ver eram árvores, e extensões de terreno desabitado.

— Não há nada lá, mas o ponto não está em movimento.



— Deixe-me ver.

Ela tirou o zoom para que ele pudesse ter uma ideia do local e mostrou a Cain no mapa. Depois de uma rápida olhada, ele deu-lhe um aceno de cabeça severa. —Eu conheço a área. É repleta de cavernas.

—Ótimo. Momentos de diversão.

—Você sabe que você não tem que—

—Pare já antes de você me irritar. Eu sei que eu não tenho que fazer nada. Como se você poderia me fazer o mesmo se você tentasse. Pare de me lembrar do óbvio e vamos resgatar a criança.

Ele deixou-a cair, mas ela podia sentir a pulsação de sua frustração se dissipar dentro dela. Ao lado disso, ela também sentiu um puxão leve, pedindo-lhe para se aproximar. O demônio.

Cain saiu da estrada. A poucos metros de distância, uma van preta estava estacionada na beira de um campo, ao lado de um penhasco rochoso que se sobressaía. Não havia casas em vista—sem luzes além das estrelas acima. Eles estavam muito longe da iluminação pública. Não havia mesmo quaisquer linhas de energia, o que a tranquilizou quando Cain moveu a mão do pescoço dela, ela teria explodido com um monte de imagens de TV a cegando.

Ela não estava pronta para ele parar de tocá-la ainda, tão logo que ele parou, ela colocou o carro estacionado e desligou o motor, deixando as chaves na ignição.

—Você está pronta? — Ele perguntou.

— Eu posso fazer isso.

— Podemos esperar por ajuda.

—E deixar os demônios fazerem o que quer que estejam para fazer com o bebê? Foda-se isso. Vamos conseguir alguma coisa.

Ele balançou a cabeça e levantou a mão para abrir a porta. No instante que a sua pele deixou a dela, ela foi atingida com milhares de cenas de sangue e podridão. Imundos, bestas oleosas lutavam entre si por pedaços



de carne podre, dando-lhe uma visão de perto e pessoal de seus dentes afiados e ferozes, os olhos brilhantes.

Graças a Deus ela não tinha cheiros em suas visões.

Ela tinha que colocar sentido nas visões—recolher todas as informações que ela pudesse de modo que eles não fossem lá às cegas. Com apenas dois deles, teriam que ser cuidadosos.

Rory agarrou o fio de energia que a atravessava e puxou com força. Ela se concentrou em seus olhos, do jeito que ela tinha feito para fazê-los ver no escuro, esperando que ele fosse resolver suas visões. Em vez disso, elas cresceram apenas mais vivas e ofuscantes. Quanto mais tentava, pior se tornava até que ela estava enjoada e ofegando com o esforço.

Finalmente, ela se soltou do poder de Cain, sentindo a fita encaixar de volta no lugar.

Seus fodidas visões normais estavam de volta, mas pelo menos elas não estavam mais em 3D. Elas desapareceram para baixo até que ela viu uma visão que fazia sentido. Um bonito homem magro tinha o corpo mole de uma mulher sobre seu ombro. De acordo com o outro braço, ele carregava uma criança cujos membros gordinhos saltaram quando o Sanguinar corria através de uma passagem rochosa.

Então, enquanto ela observava, apareceu em outro ângulo, e outro. Connal estava sendo cercado por criaturas, e cada um deles estava se aproximando.

—Precisamos nos apressar, ela guinchou.

—Eu entendo. Vamos adaptá-la.

Rory não perder tempo discutindo. Ela sentiu sua determinação de ver a sua proteção como uma força imutável batendo através dele. No momento em que ela se atrapalhou em seu caminho para fora do carro, ele estava lá com um longo casaco de couro. Ele colocou-a em seus braços, limpando as visões quando sua pele roçou a dela. Uma cobertura de plástico passou sobre sua cabeça.



—Eu não posso ver, ela admitiu.

—Use meus olhos.

— Como?

— A Luceria. Nossa conexão está aberta. Use-a para ver o que eu vejo. Ou você pode ficar aqui. Eu vou entrar e pegá-los sem você.

Sua reação instintiva era para que fosse gritar com ele em negação. Não só ela queria ajudar, mas ela também não queria estar de pé no escuro, cega e sozinha. Mas, quando o pensamento racional infiltrou, ela percebeu a verdade. Ela o atrasaria. Talvez até mesmo o levasse à morte. Não pensara o que seria estar tão perto de uma horda de demônios. Era tão ruim quanto estar na cidade, apenas com pedaços de sangue em vez de comerciais noturnos ruins.

Rory queria lutar. Ela precisava lutar. O desejo queimou-a tão forte que a cegou ante qualquer outra possibilidade. Só que agora, ela percebeu o quão estúpida sua falta de premeditação tinha sido. Se ela não podia ver, como ela poderia lutar?

Cain agarrou-a pelos ombros e deu-lhe uma pequena sacudida. —Você está desistindo de mim agora? Você nem sequer tentou ainda. Agora, acalme-se e use a Luceria.

Ele estava certo. Ela não podia desistir. Mesmo agora, que a mulher e seu bebê estavam sendo arrastados mais profundamente nas entranhas da terra.

Rory se concentrou na Luceria, a sentiu abraçando seu pescoço. Estava aquecida e vibrava em antecipação. Ela sentiu seus pensamentos, sentiu suas emoções. Tudo o que tinha que fazer agora era filtrar tudo isso e usar seus olhos. Certamente, vendo o que ele viu agora não deveria ser mais difícil do que ver as memórias de algo que ele já tinha visto antes.

Com essa estratégia em mente, Rory fechou os olhos. As imagens demoníacas queimadas em detalhes mais horríveis, mas ela tentou ignorá-los, tentou ignorar seus próprios olhos completamente. Só os olhos de Cain



importavam.

Poder teceu em torno dela, escorrendo para fora da Luceria para abraçá-la perto. Ela nem sequer tinha que tentar tirar isso dele agora. Ele simplesmente veio a ela como se pertencesse dentro dela.

Os fios de energia engrossaram, transformando-se em fitas de ressonância de energia. Algo se encaixou, e ela viu seu rosto. Ela agarrou essa imagem, concentrando-se em seu cabelo rosa, brilhando sob a lua brilhante. De repente, a visão passou por ela, fora do alcance.

—Quase, ela ouviu Cain sussurrar.

Mais poder deslizou para dentro dela, afundando em sua pele e ossos. Sentia-se mais leve, como se pudesse flutuar, se ela se deixasse ir. Só as mãos de Cain sobre os ombros vestidos de couro a mantinha fixa no chão.

Como sintonizar o rádio, ela procurou a frequência correta, descartando aquelas visões fluindo dos demônios.

Lá. Bem ali. Ela viu a cabeça de novo, e desta vez, quando ela agarrou a imagem, ela ficou presa com ela.

Orgulho encheu seu tom. — É isso aí. Só isso.

Antes que ela tivesse tempo de sorrir para o seu sucesso, não conseguiu seu controle, e sua visão se dissolveu em uma enxurrada de dentes, sangue e pele. A vertente de poder que ela estava segurando retrucou em Cain, deixando-a como uma pilha de falha gasta.

—Está tudo bem, — disse ele. Sua voz era suave, mas ela podia senti-lo lutando contra sua decepção. —Temos tempo para você descobrir isso.

—Só não agora, acrescentou. Ela agarrou sua mão para que ela pudesse ver seu rosto com clareza, e quase desejou que ela não tivesse.

Sua mandíbula era fixada com determinação, e seus ombros estavam puxados para trás. Lamento pairava em seus olhos, e ela sabia que ela ia odiar as próximas palavras que saíssem de sua boca linda. —Eu não posso levá-la até lá. Não quando você está cega e comprometida. Tenho que me concentrar completamente em conseguir pegara mulher e seu bebê para



fora.

Rory acenou com a cabeça quando uma avalanche de frustração a prendeu no lugar. —Eu entendo. Eu vou te atrapalhar. Ficar no caminho.

Sua voz soou como um pedido de desculpas, —Rory, eu sinto —

—Não. Não sinta. Está tudo bem. Você vai lá e salva essas pessoas. Eu vou ficar aqui.

—Você não está lutando.

—Não há tempo para discutir. Eles precisam de você. Vá agora. Antes que eu mude de ideia.

—Se as coisas ficarem perigosas afaste-se ou coloque um escudo para se proteger. O sol nascerá em breve. Os Synestryn vão voltar a se esconder.

— Eu vou ficar bem. Basta ir.

Cain virou e saiu. Um enxame de visões do demônio encheram seus olhos, fazendo-a doente.

Decepção e raiva sacudiram seus ossos. Ela não tinha medo. Se os demônios viessem, ela sabia que poderia se proteger. Mas isso não era o suficiente. Nem perto disso. Ela queria ser como Cain e ajudar os outros também. Sua vida fora tudo sobre ela por muito tempo. O isolamento conseguiu estreitar seu foco até que ela mal conseguia ver além de si mesma.

Cain abriu seus olhos e mostrou a ela o que estava faltando. E agora que ela tinha visto como poderia ser— como deveria ser— ela sabia que ela nunca iria voltar a ser feliz com menos.

Ela não podia simplesmente ficar sem fazer nada, então ela tropeçou de volta para o carro, entrou, trancou as portas e se agarrou ao poder de Cain. De uma forma ou de outra, ela faria seu cérebro ver o que ela queria ver. E então ela iria atrás dele.

Raygh sentiu sua presa se aproximar. A vontade de agarrá-la na mente



e puxá-la o fez salivar, mas ele segurou firme, fingindo que ainda estava preso e mantido sob controle. Ela parou de se mexer agora, mas quanto mais perto ela estava, mais fácil se tornou sentir seu batimento cardíaco. Ele ainda iria breve, mas não até que ele desse a ela a mesma dor e medo que foram infligidos sobre seus filhos.

Uma vez que todos os seus gritos fossem dele, preso por toda a eternidade dentro de suas memórias, então ele iria drenar o sangue dela e levá-la com ele para sempre. Ela iria fornecer-lhe informações e alimentar o seu poder, dando-lhe a força para encontrar seus amigos, aqueles que também eram responsáveis pela dor de Raygh.

Na verdade, um deles estava com ela agora. Ele sentiu o poder do homem irradiando através dela, e enviou seus demônios para fora para recolher o sangue do homem.

Fora um longo tempo desde que Raygh experimentara o poder do sangue de um Theronai masculino. Mas isso estava prestes a mudar. Seu companheiro possuía grande conhecimento. Se alguém sabia como chegar ao portão, e ao sangue Atanásio que estava do outro lado, seria este homem. E tudo o que ele sabia Raygh em breve saberia também.

Capítulo 28

Canaranth cheirou Ella antes que a visse. A doce fragrância a luz de sua pele eram inconfundíveis. Seu coração saltou com entusiasmo e alegria, e ele estourou em uma corrida de morte, correndo em sua direção.

Antes que ele tivesse percorrido 300 metros, sua mente o apanhou com suas emoções. Se ela estava aqui, ela estava em terrível perigo. Raygh destruía tudo o que ele tocava. Ele não se importava com quanta tolice era matar três Slayers quando cultivar seu sangue era muito mais inteligente.



Ele já matara um dos filhos humanos que precisavam. Nada importava para ele além de sua raiva, a fome e os seus caprichos. Zillah fora cruel, mas pelo menos ele tinha algum sentido de preservar o seu futuro.

Raygh estava em uma agitação de raiva e tristeza, e Canaranth sabia que ele não iria parar até que todo mundo que testemunhara a morte de seus filhos fosse destruído.

Ele tinha que levar Ella de volta para a segurança, para as mãos dos Sentinelas.

Quando Canaranth ultrapassou uma curva no túnel que conduzia à superfície, ele viu o corpo dela caído sobre o ombro de um Sanguinar com quem eles tiveram relações no passado, Connal. Em seu outro braço estava uma pequena criança com um cheiro familiar.

Seu filho. O menino pendurado no braço flácido de Connal era filho de Canaranth. Ele sobreviveu.

Choque e alegria incharam sob suas costelas, roubando-lhe o fôlego.

Que seu filho sobrevivesse era um milagre. Ser capaz de ver o menino com seus próprios olhos, era mais do que Canaranth merecera ou esperara. E Ella estava aqui também, seu coração batendo com a garantia de que ela estava viva.

Ele deu um passo para frente, atingindo a sua família antes que ele percebesse que não poderia deixar ninguém saber que ele era o pai do menino. Ou o quanto ele amava Ella. Por aqui, isso seria ferramenta utilizada contra ele. Se alguém suspeitasse de sua conexão com eles, eles iriam sofrer por isso.

Então, ao invés de revelar o quanto ele ansiava por tomá-los em seus braços, ele colocou uma máscara de indiferença e se dirigiu ao Sanguinar. — Por que você está aqui?

Connal parou de imediato. Seus olhos pálidos brilharam com a luz, pois ele reuniu seu poder. — Eu busco asilo. Trago homenagem a Zillah.

— Zillah está... não mais. Você precisa pegar o seu tributo e sair agora.



Canaranth silenciosamente desejou que Ella acordasse para que ele pudesse ver seu rosto novamente, mesmo que ele implorasse para ela ficar dormindo. Vê-lo seria difícil para ela. E ela poderia dizer algo para dar a eles.

— Quem é o líder aqui?

—Eu sou, mentiu Canaranth. — Agora vá, antes de eu o estripe e alimente-o com meus demônios.

Os olhos de Connal se estreitaram. —Você está mentindo. Seu coração está acelerado. Agora, por que você mentiu para mim?

—Dê-me seu tributo. Vou levá-lo para Raygh e solicitar uma audiência para você.

—Não. Vou levá-lo a ele eu mesmo. Leve-me a ele.

Os olhos de Connal brilharam mais brilhantes, e Canaranth sentiu a picada de compulsão correr sobre a sua mente. Ele tentou lutar contra ele, mas ele não havia se alimentado em dias, sabendo que eles precisavam conservar o sangue que havia deixado. Ele estava fraco, e por causa disso, ele se virou e começou a caminhar.

Não havia nada que Canaranth poderia fazer agora. Não até que Connal deixasse de ir a sua mente. Mas uma vez que o fizesse, Canaranth iria e se alimentaria. E então ele iria voltar para sua família. Ele iria levá-los à força, se fosse preciso, matando quem entrasse em seu caminho, mesmo que ele tivesse que drenar todos os últimos Slayers que eles tinham para fazer isso acontecer.

Aparentemente, era mais parecido com Raygh do que pensava.

Este labirinto de túneis subterrâneos era muito mais extenso do que Cain suspeitara. Marcas de garras eram evidentes nas paredes onde a pedra fora raspada para alargar as passagens. Isso fora feito de forma metódica, intencionalmente, como se eles precisassem de espaço para



mover algo grande.

Ele fez uma nota mental disso, mas isso foi toda a atenção que poderia poupar. Este lugar estava cheio de demônios menores, quando deveria ter sido quase sempre vazio. O sol sairia em breve, mas até então, não deveriam ter tantos demônios presentes como havia.

O grande número de criaturas o manteve na ponta dos pés enquanto ele as cortava. O cheiro de seu sangue e seu suor estava alertaria outras pessoas de sua presença, mas não havia muito que pudesse fazer sobre isso. Sua prioridade tinha que ser Ella e seu bebê.

Além disso, quanto mais cedo ele conseguisse terminar esse trabalho, mais cedo ele poderia voltar para Rory. Ele não gostava de deixá-la lá fora, sozinha, desprotegida. Se não fosse por seu puxão constante em seu poder, ele teria se distraído com preocupação. Mas enquanto ela estava extraíndo a energia dele, ela estava viva. Ele pegou o consolo que podia com isso.

Um par de Sgath esgueirou-se a partir de uma fenda estreita, seus olhos verdes brilhando com fome. Eles eram pequenos, jovens, mas eles também eram rápidos e ferozes. Eles trabalharam em conjunto, circulando de forma que ele foi continuamente ladeado.

Ele esperou a sua vez, à espera de um deles para atacar. A cada segundo que passava, sentia-se à vontade para correr, mas se ele fosse morto, ele não seria de nenhuma ajuda para os seres humanos.

Por fim, o outro à sua esquerda enrolou-se para atacar. Quando ele voou em direção a garganta de Cain, ele se afastou e cortou o focinho de seu irmão. Um de seus olhos se apagou quando o outro Sgath bateu na parede da caverna. Cain usou seu momento de confusão atordoada cortando a cabeça, em seguida, fez um rápido trabalho na besta ferida.

Do fundo do corredor, ele ouviu o rascar revelador de garras em pedra. Centenas delas. O cheiro de sangue negro do Sgath agrupando abaixo deles era como tocar um sino para o jantar dos demônios.



O tempo para a paciência acabou.

No instante que Raygh cheirou a criança caída sobre o braço do Sanguinar, ele sabia o que significava. O bebê parecia completamente humano à primeira vista, mas o cheiro dele deu-lhe distância.

Não só era meio-Synestryn a criança, ele era filho de Canaranth.

Raygh estendeu as mãos. — Dê a criança para mim.

A súbita tensão que ultrapassou Canaranth foi mais uma prova de que a primeira suposição de Raygh estava correta. Ainda assim, seu servo tomou a criança do Sanguinar e lentamente levou-o mais perto.

A ligeira hesitação de deixar o menino emocionou Raygh, mostrando-lhe mais uma das muitas fraquezas que o tenente anterior de Zillah possuía.

Com um pensamento, Raygh acordou a criança, libertando-o da escravidão do Sanguinar. Não houve lágrimas ou gritos de medo. A criança olhou para ele com calma, o interesse constante.

— Ele é a nossa, anunciou Raygh.

— É claro, — disse o Sanguinar. — Tributo em troca de asilo. E comida.

— Chegue mais perto.

O Sanguinar entregou a mulher dormindo para Canaranth, que a embalou como se fosse uma coisa rara e preciosa.

No entanto, outro ponto fraco esperando para ser usado contra ele. Foi realmente nojento assistir.

O Sanguinar ajoelhou-se aos pés de Raygh, como era adequado.

— Eu vou aceitar o seu tributo. E o seu sangue.

— Não, — disse o Sanguinar. — Meu sangue é meu. Eu não vou permitir que você me controle.

— Eu já o faço, — disse Raygh. — Você veio aqui trazendo presentes, em busca de asilo. Isso significa que você não tem mais para onde ir. Você



está em minha casa, na minha presença. Você já está despojado de todo o controle. O resto é mera formalidade.

— Deixe-me tirar a criança de você, meu senhor, assim você pode se alimentar com mais conforto, — disse Canaranth.

Raygh jogou o menino para ele, observando com diversão quando ele escolheu, entre as quais coisas preciosas ele deixaria cair no chão. No final, Canaranth aliviou a mulher para baixo a tempo de jogar seu corpo sob o menino, permitindo-se levar o peso do impacto.

Interessante. E útil. Se Canaranth estava disposto a sofrer por causa da mulher e da criança, então talvez ele não fosse uma causa perdida, afinal. Raygh poderia utilizar humanos para Canaranth se transformar num verdadeiro líder, ao invés do fracote de atualmente. Sua espécie precisava de governantes mais fortes.

— Eu não vou lhe dar o meu sangue, — disse o Sanguinar.

— Eu não espero que você me dê. Mas vou tê-lo. E antes que o outro homem fosse capaz de se mover para fora do caminho, Raygh o agarrou pela cabeça e empurrou a sua vontade na mente do Sanguinar.

Connal era seu nome. Ele estava desesperado. Perdido. Fraco.

Raygh o segurou firme enquanto se alimentava, sugando sangue e informações dele.

Zillah tinha enganado Connal ao beber seu sangue mascarando-o dentro de uma humana grávida. E agora que ele teve um gosto, queria mais. O sangue humano, o sangue Sentinela — nada disso o saciava — só o sangue de um vaso alterado pela reprodução humana enchia o vazio.

Raygh puxou sua boca longe, sem se importar com o sangue que derramava do pescoço de Connal. — Você acha que eu vou dar-lhe o sangue de meus criadores?

— Zillah o deu.

Connal tentou se libertar, mas ele era fraco em comparação com Raygh, que o mantinha ainda sem esforço. — Zillah era um tolo.



A voz do Sanguinar tornou-se um gemido desesperado. — Eu fui útil. Eu o ajudei.

— Sim, mas agora o seu povo sabe de sua traição. Você é inútil para mim.

Connal curou suas feridas fechando-as, mas o processo foi lento, provando quão pouca força restava nele. — Eu posso ajudar. Eu posso encontrar mais mulheres para você, as mulheres gostam de Beth.

— Quem você matou. Raygh vira isso nas memórias de Connal.

— Eu precisava de seu sangue.

Raygh estudou-o por um momento. Talvez ele pudesse ser de uso, mas se ele traía sua própria espécie, ele trairia Raygh bem. Melhor não arriscar o que estava fadado ao fracasso. Além disso, com o resto do sangue do Sanguinar, Raygh seria suficientemente forte para romper a última das defesas da Theronai de sexo feminino. Em seguida, ela viria a ele sem luta.

— E eu preciso do seu sangue. Ele agarrou os cabelos de Connal e inclinou a cabeça para trás. O Sanguinar nem sequer se esforçou quando ele morreu.

Capítulo 29

Cain não faria isso. Rory podia sentir sua avaliação calma da situação enquanto ele descartava as opções possíveis para a sobrevivência. Ela viu a parede de pequenos demônios varrendo na direção dele, como uma furiosa enchente escamosa. Não havia nenhuma maneira de que ele fosse capaz de matá-los todos antes que eles o matarem.

Bastava apenas uma mordida para derrubá-lo. Um pequeno arranhão venenoso.

E então ela percebeu o que acontecera. Todas as outras visões haviam



desaparecido de sua vista. Só via através dos olhos de Cain agora. Seu foco sobre ele e sua segurança era absoluto, permitindo-lhe controlar o seu campo de visão.

Não que isso lhe fizesse muito bem. Isso era tudo o que podia ver, como se ela estivesse ali com ele. Como diabos ela iria com ele para dentro da caverna e para o seu lado, quando não podia nem ver como sair do carro?

Algo fez cócegas na parte de trás de sua mente, chamando sua atenção. Seu medo por Cain cresceu até que ela estava tremendo por ele. A única coisa que importava era entrar na caverna. Ela tinha que ir. Agora. Antes que fosse tarde demais.

Rory empurrou-se para fora do carro, caindo no chão frio. Ficou de pé, usando o carro como um quadro de referência. A única visão que teve foi dos poderosos braços de Cain cortando dezenas de demônios, o sangue preto que fazia a terra lisa sob seus pés.

O capô do carro ainda estava quente. Ela tentou se lembrar de qual direção a entrada da caverna estava a partir daqui, mas nunca fora boa com as direções, e não tinha ideia de qual curva tomar.

Ainda assim, a necessidade de avançar a levou para frente. Ela tropeçou em depressões no solo, mas ficou em pé, andando em passos que ela esperava fossem a direção certa.

Ela deve ter se desviado do curso, porque foi puxada de volta para a esquerda, como se uma corda invisível lhe desse um puxão forte.

Por aqui. Ela ouviu o sussurro do pensamento em sua mente, sua voz áspera, fria e alienígena.

Uma onda de medo se levantou de Cain e ele gritou um aviso sem palavras em sua cabeça.

Ignore-o, disse a voz. Ele precisa de você. Apresse-se.

Claro que Cain não queria que ela viesse e ajudasse. Ele estava sempre preocupado com a segurança dela. Mas desta vez, ele era o único com



problemas. Não ela. Ele precisava dela, e ela não ia deixá-lo.

Bom animal de estimação. Depressa!

Animal de estimação? Isso não parecia certo, mas ela não perdeu tempo se preocupando com isso. O rio de demônios inundando em torno dos pés de Cain não estava diminuindo. Ele precisava dela para protegê-lo.

Rory correu o mais rápido que pôde. Caiu duas vezes, mas estava de volta em seus pés, em segundos, empurrando para frente. Quando as mãos bateram na pedra fria, perto da entrada da caverna, uma sensação de euforia cascadeou sobre ela, fazendo-a tremer.

Mais demônios cercaram Cain, mas ele trabalhou seu caminho de volta em uma fenda, protegendo-se dos ataques de todos os lados. Cada poderoso golpe era um golpe mortal, enviando as cabeças e patas de vários demônios voadores.

Fique longe! alertou. *É uma armadilha.*

Uma armadilha para ele, com base na aparência das coisas.

Ele precisa de você, sussurrou a voz fria.

Rory concordou. Ela encontrou a curva na rocha, cheirava a umidade, odor fétido de decadência e sabia que localizara a abertura. Com uma das mãos na parede para guiá-la, pegou velocidade e correu cegamente em direção a Cain.

O demônio escapara dentro da mente de Rory, e ela nem sequer percebeu isso.

Cain forçou seu corpo a manter-se em movimento, a sua espada balançando enquanto gritava avisos contínuos para Rory ficar longe.

Nada do que dissera conseguiu passar. Ela estava convencida de que ele precisava dela. O demônio a induzira em acreditar na mentira.

Ele continuou lutando. O suor escorria em seus olhos, queimando. A maioria dos demônios a seus pés eram pequenos e fáceis de matar, mas



para o fundo da massa pululante viu animais maiores empurrando o seu caminho para frente.

Assim que chegaram, teve que voltar sua atenção para eles, o Synestryn menor romperia suas defesas. Não havia nenhuma maneira de sua espada pudesse estar em tantos lugares ao mesmo tempo.

Não queria morrer. Não agora, não quando acabara de encontrar Rory. Ele nascera para cuidar dela, profundamente. Ele amava seu espírito resoluto e sua recusa a recuar a partir do que ela acreditava que estava certo. Ele amava a sua vontade de se arriscar pelos os outros. Ele até mesmo amava o cabelo rosa ridículo e a maneira como se sentia quando ele roçava sua pele.

Eles quase não tiveram qualquer tempo juntos. A Luceria o fez sentir-se como se a conhecesse durante anos, e ainda assim apenas destacou o pouco tempo que realmente tiveram.

Mas suas desculpas para o que nunca teria eram egoístas em relação ao que aquele bebê nunca teria. Se Cain perdesse esta batalha, o pequeno Ethan estaria perdido também. Ele não podia deixar isso acontecer.

Sua determinação alimentou seus membros, forçando-os a se mover mais rápido. Ele não poupou nenhuma atenção sobre o que estava por trás dos demônios bem na frente dele. Ele se concentrou apenas em derrubá-los, observando quando o Synestryn atrás deles puxou os cadáveres de volta para se alimentar deles.

Rory se aproximou. Ele sentiu sua energia puxar dele tão rápido, que quase queimou. Ele não podia dizer o que estava fazendo com isso, se ela iria usá-la para ajudá-lo ou matá-lo. Com o demônio livre em sua mente, não havia nenhuma maneira de saber do lado de quem ela estava.

Cain levantou a espada para outro incontável ataque, mas com o tempo seu balanço aterrissou, os alvos na frente dele foram embora. Eles foram arrancados, gritando em fúria quando algo os empurrou de volta contra a parede da caverna.



Dezenas de demônios se contorciam atrás de uma parede azul levemente brilhante. Alguns deles explodiram sob a pressão, fazendo com que os outros entrassem em um frenesi de sangue.

Rory estava perto, olhando cegamente para o espaço. Ela ainda não estava de frente para o caminho certo para ver o que ela estava fazendo.

Sua respiração era difícil, e sua pele estava muito pálida. Seu corpo tremia sob a tensão de esmagamento dos demônios.

Mais poder fluíu fora dele, alimentando a sua magia. Ela soltou um grito rouco de esforço, e os demônios por trás da parede de incandescência foram esmagados na lama preta oleosa. Os poucos que escaparam, correram para se alimentar do sangue vazando pelo chão.

Cain não esperou para ver o que ela faria a seguir. Enquanto o demônio em sua cabeça ainda estivesse, ela era uma ameaça. Talvez não fosse matá-lo e cortar a fonte de seu poder, mas isso não significava que não usaria seu poder para matar os outros. Havia inocentes aqui, e era dever de Cain se certificar que Rory não os prejudicaria.

Assim, como ele prometeu, ele chegou a sua mente com a intenção de torná-la inconsciente. Só que não aconteceu nada. Ela ficou em pé.

Essa mesma luz azul que havia esmagado os demônios contra a parede formada em torno dele em um cilindro, prendeu seus braços para os lados. Ele sentiu seus pés deixarem o chão, e enquanto ela caminhava mais profundamente nas cavernas, Cain balançava a seu lado como um balão em uma corda.

Um sorriso perverso curvou sua boca bonita, e quando falou, a voz que saiu não era dela. Era uma ameaça de assobio baixo. — Ela é minha agora. E você também.

Amarre a humana em minha cama. Tranque a criança em um canil no meu quarto para garantir sua cooperação.

Essas foram às ordens de Raygh para Canaranth, dadas em uma forma



arrogante, assumindo que o tom era óbvio de que ele nem sequer se perguntou se Canaranth obedeceria ou não.

Foi isso que ele se tornou? Um lacaio que fazia o que era dito, sem pensamento ou opinião?

Sim, Raygh poderia matá-lo com pouco mais de uma contração de seu dedo. E sim, ele era um dos senhores Synestryn que governavam com o controle implacável. Mas isso não significava que Canaranth fosse um covarde.

Adorava Ella tanto quanto um monstro como ele era capaz de amar alguém. E o seu filho... nunca pensara em sentir tão profunda esperança quanto a que sentira quando segurou seu filho em seus braços.

Ajudou Ella a escapar uma vez. E enquanto quebrara a sua promessa de ir encontrá-la, fizera isso para seu próprio bem. Ela deveria estar segura por trás dos muros escondidos dos Sentinelas.

Se não fosse por Connal, ela ainda estaria.

Canaranth era parcialmente responsável pelos eventos que levaram Ella a estar de volta dentro das cavernas. Se tivesse desafiado Zillah, recusando-se a alimentar Connal, nada disso teria acontecido.

Mas tinha, e agora era o trabalho de Canaranth proteger sua família.

Ele levou Ella a uma câmara pequena de pedra. Seu filho sentou-se no colo de sua mãe, olhando para Canaranth com olhos escuros enormes. Enquanto ele observava, plumas de tinta preta rodaram dentro de sua íris, quase invisíveis contra a cor marrom rica.

— Eu sou seu pai, — disse ao menino. — Vou tirar você daqui. Você e sua mãe estarão seguros.

Não tinha certeza de como faria isso acontecer — Raygh ficaria furioso por ser desobedecido. Ainda assim, valia a pena todo o castigo que sofreria ao ver sua família de volta nas mãos dos Sentinelas.

Havia dois deles aqui, agora. Podia sentir o cheiro deles nas proximidades. Tudo o que tinha a fazer era se certificar de que eles saíssem



daqui vivos para tirar Ella e o menino daqui.

Machucava que sequer soubesse o nome de seu filho. Que tipo de pai não sabia de um fato tão fundamental sobre a sua própria carne e sangue?

Com um toque de arrependimento por coisas que sabia que nunca poderia ter, Canaranth empurrou a compulsão de sono longe da mente de Ella, acordando-a.

Ela piscou várias vezes. — Olá? Quem está aí?

Seus olhos humanos não estavam mais acostumados com o escuro do jeito que foram. E mesmo assim, ela sempre precisava de um pouco de luz para ver. O isqueiro que ele carregava o lembrava dela, e ele mais uma vez colocou-o em bom uso.

O fogo deflagrou a vida, brilhando em seu rosto. O brilho dourado em volta dela, como se quisesse ser uma parte dela. Tão bonita, tão limpa e macia.

Ele sentira falta de tudo sobre ela, e só agora ele percebera quão inadequada a sua memória era comparada com a coisa real.

— Canaranth, — ela perguntou, incrédula.

— Sim. Você está segura agora, mas você tem que sair daqui. Não é seguro para você ou o nosso filho.

A criança permaneceu totalmente em silêncio — sem choros exigentes ou gritos balbuciantes.

Ella puxou o menino para o peito em um abraço. — Você sabia que ele era o seu?

— Instantaneamente. O cheiro dele.

Ela engoliu em seco e assentiu. — Eu não vou sair sem você. Venha com a gente.

— Eu não posso. Você sabe que eu não posso. Eles me caçarão.

— Vamos fugir. Nos esconder.

— Não há nenhum lugar em que você e eu possamos viver em segurança. Como você conseguiu manter nosso filho vivo por tanto tempo



é uma maravilha. Ele é tão grande.

— Ethan. Eu o nomeei Ethan. Ele é forte, como você. Tudo o que ele precisa é de nós a amá-lo. E o sol.

O sol. Se ele já não tivesse tido conhecimento da fenda gigante entre eles, isso deixou claro. — A luz do sol o mantém vivo?

— Sim. Como o outro bebê. Ouvi rumores. Escondi seu lado Synestryn. Ninguém sabe.

Canaranth acariciou a bochecha sedosa de Ethan. — Sua mãe te ama. Eu te amo. Nunca se esqueça disso.

— Não fale como se você nunca fosse vê-lo novamente, — disse Ella. — Nós estaremos juntos agora.

Ela iria lutar com ele, se ele disse a verdade. Não havia tempo para isso agora. Mais tarde, ela estaria irritada com sua mentira, mas era o melhor.

Obrigou-se a dar-lhe um sorriso tranquilizador. — Se é isso que você realmente quer.

— Eu quero.

— Ok, então você precisa ouvir atentamente. Não temos muito tempo. Eu preciso que você fique aqui, escondida, até que eu volte para você.

— Não, não vá embora. Os monstros...

— Vou deixá-la sozinha. Vou ver isso. Basta ficar aqui e ficar quieta. Eu não vou demorar muito.

Ela assentiu com a cabeça.

Canaranth tinha pouca energia, graças ao sangue humano correndo em suas veias. Mas ele era poderoso o suficiente para proteger sua família.

Ele usou os dentes para cortar e abrir seu pulso, e colocou uma linha de sangue em frente à entrada para a câmara. No sangue, ele teceu um alerta para a sua raça para ficar longe. O cheiro de posse encheu o espaço, marcando esta área como sua.

Suas medidas não manteriam Raygh ou qualquer um dos outros senhores Synestryn, mas nenhum dos animais menores incomodaria Ella e



seu filho.

Tudo o que tinha que fazer agora era encontrar o Theronai que ele cheirava e certificar-se que permanecesse vivo o tempo suficiente para salvar sua família.

Capítulo 30

Rory percebeu o que estava fazendo muito tarde. Fora enganada. O demônio em sua cabeça — Raygh era como ele chamava a si mesmo — estivera escondido ali, esperando silenciosamente por uma oportunidade de atacar, e usou o medo de Cain contra ela. Como um cão seguindo um rastro de bacon, fora para onde Raygh a levou, nem mesmo percebendo que ela não estava mais no controle.

E agora ela estava presa dentro de seu próprio corpo, incapaz de fazer algo mais do que gritar de frustração e raiva silenciosa.

Visões de centenas de demônios encheram seus olhos. Ela se viu diante de uma horrível fera monstruosa.

Raygh.

Seu rosto estava afundado, seu corpo sem pelos, tingido da mesma cor que contusões novas. De suas narinas abertas, planas, vazavam ranho em seus lábios e queixo, que ele lambia com a língua escamosa, preta.

Ela se ajoelhou diante dele, quieta e flexível, lutando pelo controle. Cain flutuava ao seu lado, enrolado dentro da gaiola que Raygh havia criado usando seu corpo. Ela tentou cortar o fluxo de poder para libertá-lo, mas era como se a conexão entre sua mente e seu corpo fosse cortada.

— Você está desperdiçando sua energia, Raygh sussurrou para ela. Muco voou de onde vazavam sobre os lábios, fazendo seu estômago dar um sacolejo enjoado.



Ela estendeu a mão para a Luceria, na esperança de encontrar alguma maneira de tocar a mente de Cain. Certamente ele tinha um plano. Todas aquelas milhares de batalhas que ele mostrara estavam cheias de estratégias vencedoras. Ela não tinha tido tempo para revolver através de todas elas e dar sentido a elas, mas Cain estivera em torno sempre. Ele tinha que ter um plano.

— Que dilema, — disse o monstro de melega. — Eu realmente quero matar seu namorado, mas se eu fizer isso, então todo o poder bonito de vocês será perdido. Basta pensar o que posso fazer com algum treino, um casal de Theronais ao meu comando.

Ela estava definitivamente pensando nisso. Pelo menos ela era nova em tudo isso, e relativamente inofensiva, ao contrário de algumas das outras mulheres das memórias de Cain.

Outro homem entrou na sala. Dezenas de olhos deslizaram em sua direção, dando a Rory uma visão clara. Ele era alto, pálido, e em comparação com Raygh, lindo. Ele poderia facilmente ter passado por um ser humano — pelo menos a partir de certa distância. Sua voz era suave e hipnotizante, quase gentil. — Eu acho que nós deveríamos engaiolá-los. Separadamente, é claro. Isso lhe dará tempo para decidir o que fazer com eles. Ele se aproximou, e os pequenos demônios se separaram para deixá-lo passar. — Vou levá-los agora, se lhe agrada.

— Não. Quero o seu sangue primeiro. Então não haverá nenhuma dúvida de sua obediência. Ele vai fazer o que eu quero, assim como ela faz.

— Claro. Você vai precisar diminuir a barreira para segurá-lo. Ele tinha um punhal na mão, que segurava contra a garganta de Cain com um ar de ameaça. — Se você lutar, eu vou te matar.

Rory sentiu o fluxo de energia passando com facilidade quando o cilindro brilhante de luz dissipou-se até os cotovelos de Cain. Ele se esforçou, mas o escudo apertado manteve-se firme.

Ela era incapaz de fazer qualquer coisa, exceto testemunhar o evento



através de muitos olhos para contar. Os ângulos diferentes deram-lhe uma visão perturbadora em 3D, forçando-a a testemunhar a fúria de Cain de todos os ângulos.

— Se você machucá-la, eu vou matar você, rosnou Cain.

Raygh riu, enviando fitas de muco voando em seu colo. — Eu vou machucá-la. Você pode ter certeza disso. Em um minuto, você vai me ajudar a machucá-la.

— Nunca vai acontecer. Eu sou obrigado pelo meu voto.

— Eu não sou. Vocês dois são apenas marionetes de carne para minha diversão. É minha vontade que importa. Não a sua.

Ela sentiu uma onda de conforto quando Cain roçou sua mente, passou tão rápido, que ela não tinha certeza se o havia sentido em tudo.

— Como é doce, — disse Raygh. Então, para o homem com a adaga, — Traga-o para mim.

O corpo de Cain balançava ao longo do chão quando o homem pálido o puxou por uma orelha em direção a Raygh. Tudo o que tinha a fazer era recuperar um segundo de controle e Cain iria cortar esses filhos da puta para baixo antes que pudesse piscar. Sua espada estava em sua mão, apertou firmemente contra sua perna. Se ela pudesse encontrar a força para empurrar o demônio de volta para sua caixa, eles conseguiriam sair vivos dessa.

Rory se lembrou do que Ronan fizera quando bloqueou o demônio dentro daquela gaiola. Ela podia imaginar a caixa de metal em sua mente, aberta e esperando por ela para empurrá-lo para dentro. Ela era forte. Ela poderia fazer isso.

Instintivamente, ela estendeu a mão para o poder de Cain para ajudar seus esforços, mas não podia tocá-lo. Algo enorme e mal apareceu em seu caminho. Enquanto lutava, as visões queimavam no brilho doentio, empurrando o seu caminho para os olhos como eletrificadas agulhas de tricô. Dentro de algumas dessas visões, ela viu Raygh recuar. Se ele



também estava reagindo a suas visões ou se ela estava ganhando algum terreno, ela não tinha ideia. Ou funcionava para ela.

Ela reorientou seus esforços, tentando imaginar a presença demoníaca amarrada e encolhendo.

O suor escorria pelas costas. Seus músculos tremiam de tensão. O Godzilla das dores de cabeça invadiu seu cérebro como se fosse Tóquio. Um grito sufocado de dor irrompeu de seus lábios, mas ela manteve o som para si mesma com nenhuma alimentação para a compulsão dos demônios.

— Ela está batendo em você, — disse Cain, sua voz profunda e grave aquecendo-a como a luz do sol. — Ela vai destruir a sua mente até que não seja nada mais do que polpa grossa.

Seus esforços de torcida a ajudaram a ignorar a dor e lutar mais.

Algo dentro de uma de suas visões lhe chamou a atenção. Raygh estava olhando para ela, mostrando os dentes, pois rosnou em frustração. Ele não estava prestando atenção ao homem com a adaga — o único que tinha levantado apenas no ângulo certo para mergulhá-la no pescoço de Raygh.

O demônio viu o que ela viu. Ela sentiu a faísca de consciência. Ele virou-se a tempo para bloquear o ataque de seu servo. O pulso do homem pálido estalou audivelmente quando foi dobrado para baixo. A ponta da adaga enfiou-se no antebraço. A raiva de Raygh era tão poderosa, que ela sentiu soprar de volta contra o seu gosto quente, a respiração podre.

Mas ele estava distraído agora. Ocupado.

Rory empurrou cada pedaço de força de vontade e força que ela tinha na presença do demônio a sua mente, prendendo-o dentro de uma bolha brilhante da maneira que Ronan tinha feito. A gaiola só durou uma fração de segundo, mas foi o suficiente para quebrar seu poder sobre ela.

Ela soltou a explosão de energia de Cain contra ele. Ele bateu no chão, caindo a seus pés. Sua espada apareceu em um arco poderoso, cortando o



peito do demônio abrindo do estômago ao queixo. Na desaceleração, Raygh jogou o homem que tentou esfaqueá-lo no caminho. A espada de Cain atravessou para a direita antes que ele pudesse se retardar ou parar.

Rory sentiu seu horror com o que ele fizera, sua fúria contra a criatura que o levava a prejudicar alguém que tentou ajudar.

Raygh jogou o homem pálido em Cain, deixando-o fora de equilíbrio. Ele recuperou o equilíbrio e arremeteu. Um berro furioso ecoou pelas paredes da caverna.

Ela sentiu o demônio reunir seu poder, explodindo livre da bolha brilhante para assumir o seu corpo mais uma vez. Ela reagiu, gritando quando a dor atravessou seu crânio. As visões que corriam para ela dos monstros que os cercavam se tornaram mais brilhantes, mais vivas. Uma parte dela viu uma massa de criaturas que pululava na direção do homem com a adaga. Ele estava sangrando muito, lutando para golpeá-los.

Rory queria ajudar, mas não podia se mover. Raygh havia recuperado o controle de seus membros, prendendo-a no lugar. Tentou lutar com ele, mas estava tão cansada. Fraca. Seu coração estava pulando batidas, empurrando ao redor em seu peito como se estivesse tentando se libertar.

Foi quando ela percebeu o que estava acontecendo. Raygh estava sangrando, morrendo. E Rory iria morrer junto com ele.

— Não! gritou Cain. Seu desespero ecoou em seus ouvidos e dentro de seus pensamentos. Ele sabia o que estava acontecendo. Ela sentiu escoar o conhecimento escuro dentro dele, fazendo-o hesitar.

Se Cain matasse o demônio, ele iria matá-la também.

Capítulo 31

Ronan agachou-se em um pequeno canto de sua mente, esperando



para atacar o demônio que controlava seu corpo. Isso o devastara, lutar contra as correntes e fitas que o prendiam até que o sangue fluíu livremente de sua pele quebrada.

Ronan não poderia sequer reunir o controle que ele precisava para curar a si mesmo. O demônio não se importava se ele vivesse ou morresse, ele só se preocupava em liberar o corpo para usar como quisesse.

Enquanto Ronan esperava, sentindo seu corpo enfraquecer queda após queda, ele sentiu uma súbita mudança. Uma pausa piscando no controle do demônio.

Sem hesitar, Ronan surgiu de onde ele esperava, forçando sua consciência a inchar e surgir, assim não haveria espaço para o demônio.

Ele percebeu o que acontecera e revidou, rosnando pelo controle. Ronan não teria outra chance. Ele estava fraco demais para fazer isso de novo, e agora o demônio sabia que ele estava à espreita. Se fosse para Ronan ser livre, agora era sua chance.

Suas células queimavam enquanto ele rasgou o poder deles. Seus músculos tremiam enquanto se contraíam. A fita da vinculação se soltando quando ele virou o tecido em combustível, crescendo magro e frágil.

Por um segundo fugaz, ele sentiu a presença de Rory, reconhecendo seu espírito de luta instantaneamente. Ele teve seu sangue. O demônio habitava a ambos. Eles compartilhavam um espaço, ligados entre si de uma maneira que Ronan não tinha tempo para entender. Ele simplesmente aceitou sua presença como um fato.

O demônio era poderoso, mas sua força estava desaparecendo. Alguma coisa acontecera. Ele estava morrendo.

E ia levar tanto Ronan como Rory com ele.

Não. Recusava-se a permitir isso. Seu povo precisava de Rory para sobreviver e dar-lhes o sustento. Menos um Sanguinar deixado de alimentar não era nenhuma tragédia. Menos um Theronai feminino deixando de alimentar sua espécie, deixando de ter filhos, cujo sangue era



forte — era.

Como a fome devastou seu corpo, ele sabia o que tinha que fazer. Ele não deixaria sua espécie sofrer como ele sofria agora, lutando contra a desesperança, dor e desespero. Ela e seus futuros filhos eram a chave para a sobrevivência dos Sanguinar. Ela tinha que viver, não importa o quê.

Fortalecido por sua decisão, Ronan fez a única coisa que poderia pensar em fazer. Encontrou a persistente presença enfraquecida do demônio em sua mente e puxou-o dela. Ele lutou contra a seu abraço, mas não era páreo para um Sanguinar sem nada a perder.

Vamos morrer juntos, ele sussurrou para a criatura. *E vou torturá-lo por toda a eternidade.*

Cain sentiu o momento que Ronan havia libertado Rory do abraço do demônio. Ele não entendia como Ronan fizera isso, mas não havia tempo para descobrir agora. Mais tarde, perguntaria a Ronan. E agradeceria. A qualquer momento que ele precisasse de sangue, Cain lhe daria. Ele não merecia menos.

Supondo que sobrevivesse.

Se Ronan estava amarrado ao demônio da mesma forma que Rory fora, então as chances eram de que matar o demônio iria matá-lo também.

Infelizmente, não havia escolha. A vida de Rory estava em jogo enquanto o demônio vivesse, e o voto de Cain forçou sua mão. Ele poderia, no entanto, matar a fera devagar, dando tempo para Ronan escapar.

Cain fez um corte raso no braço do demônio. O som de arranhar, o chiado das criaturas ficou mais alto com o cheiro de sangue, enviando-as em um frenesi.

Um lampejo de pânico explodindo de Rory foi o único aviso que Cain teve do ataque iminente. Ela enviou-lhe uma imagem de centenas desses pequenos demônios escorpião de cauda deslizando em direção à sua volta.



Sua mente girava entre as opções e pousaram sobre a única conclusão possível. Os pequenos demônios não eram venenosos. O Synestryn senhor na frente dele era o perigo real.

Raygh levantou a mão, e as paredes da caverna começaram a tremer. Rochas caíram do teto, picando os braços e costas de Cain.

Se ele não matasse o demônio, ele traria a caverna em cima deles. Não havia mais tempo para atrasar e dar tempo para o Sanguinar escapar.

Sinto muito, Ronan.

A massa de demônios escorpião de cauda invadiu a volta de Cain. Suas farpas cravaram em sua pele, empurrando o seu caminho direto através de seu couro. Ele ignorou e ajustou o seu balanço para o peso adicional montando seu corpo.

Raygh encolheu-se no seu trono de pedra, escorregando em seu sangue quando viu a intenção de Cain. Não havia nenhum lugar para o demônio correr. Pelo menos é o que Cain pensava.

O demônio levantou de seu assento, aumentando constantemente fora de alcance. Cain saltou para o trono, mas o peso adicional dos pequenos demônios o fez perder o equilíbrio. Ele escorregou no sangue e começou a cair, o chão de pedra da caverna e a massa com fome de demônios esperando por ele.

Algo parou sua queda. Rory. Ele sentiu o carinho na presença dele quando ela bateu longe os demônios com uma rajada de vento cortante. Ela impulsionava-o, levantando-o até que ele estava a pouca distância.

Ele não tinha nenhuma influência dentro de sua aderência invisível, mas ela estava tão firmemente fixada em sua mente, ela reconheceu o problema em um instante, dando-lhe uma superfície sólida sobre a qual se levantar. Ele não sabia o quão longe seu piso temporário se expandiria, mas ele confiava nela para dar-lhe o que ele precisava.

Um raio de fogo saiu dos dedos de Raygh, queimando ao longo das costelas de Cain. Ele segurou seu grito de dor atrás dos dentes cerrados e



virou para o pescoço do demônio. Ele não podia se mover para fora do caminho. Ele estava preso contra uma rocha que se projetava no teto. Em vez disso, saiu de cena.

Cain mergulhou atrás dele, sabendo que ele não podia deixá-lo escapar. Quando ele caiu, ele avistou o andar de baixo. Centenas de Synestryn forrando o chão, esperando para atacar quando ele batesse no chão. Rory estava perto do homem que tinha ousado o ataque a Raygh, mantendo as criaturas em volta com um círculo brilhante de fogo.

Quando ela dividiu sua atenção para retardar sua queda, as chamas gaguejaram e alguns demônios vazaram completamente.

Deixe-me ir, ele disse a ela. Proteja-se.

Estou um pouco ocupada. Cuide da sua maldita vida.

Raygh bateu no chão correndo. Cain estava sobre sua cauda, mas não perto o suficiente. O demônio chegou a uma passagem — o levando fora — e colocando suas mãos de escamas azuis nas paredes. A caverna se abalou e mais rocha derramou para baixo.

Uma parede de demônios bloqueava Cain de seu alvo. O cheiro de seu sangue lhes tinha beliscando seus calcanhares. Eles não o atingiram por trás só porque Rory estava lá, protegendo suas costas.

Ele cortou através deles, empurrando o seu caminho para frente. Um par conseguiu passar através de suas defesas, mas não havia nada que ele pudesse fazer para detê-los. Veneno entrou em seu sangue, retardando-o. Não minara sua força ainda, mas iria. Em breve.

Antes que pudesse acontecer, ele jogou tudo o que tinha para alcançar o senhor Synestryn. O barulho das paredes, queda de pedras caindo, e os gritos de demônios esmagados era ensurdecedor. Raygh caiu na abertura, mas o sorriso de escárnio torcido de determinação em seu rosto monstruoso deixou claro que ele ia puxar a caverna em cima deles, mesmo que tivesse que morrer para fazer isso acontecer.

Caim empurrou um dos demônios maiores para fora do caminho,



dando uma mordida profunda em troca. Seu braço direito foi quebrado e ficou instantaneamente dormente. Ele pegou a espada na mão esquerda e usou cada pedaço de sua força para estocar para frente.

A ponta de sua espada atravessou a garganta de Raygh. Um duro golpe para o lado e a sua medula espinal foi cortada. Ele caiu de joelhos. Cain terminou o trabalho, decepou a cabeça de Raygh completamente.

O senhor Synestryn estava morto. Cain o impediu de colapsar a caverna. Mas isso não importava. Havia muitos demônios deixados para lutar. Ele foi envenenado, desvaneceria rapidamente. Seu braço direito estava quebrado. Ele não poderia lutar contra todos eles. E nem poderia Rory.

Eles estariam todos morrendo aqui e compartilhando o túmulo de Raygh.

Capítulo 32

Então era assim que terminaria.

Rory não era de desistir, mas ela sabia de todas as adversidades quando as viu, especialmente quando as viu de tantos ângulos. A avaliação de Cain reverberou em sua mente, concordando com a sua própria. Ele não podia ver uma maneira de sair, também.

Ele estava em má forma. Mal conseguia lutar. Ela estava lutando para manter os demônios fora dele e mantê-los longe dela. Não sabia por quanto tempo mais ela poderia manter o fluxo de magia. Como estava, estava tremendo e com dificuldades para respirar. E essa fraqueza sobre a qual ele havia lhe avisado? Estava aqui, esmagando-a sob uma montanha de exaustão repentina.

Talvez se ele a tocasse — as duas metades da Luceria ligadas — ela



poderia encontrar a força para realizá-las. Valia a pena a tentativa.

Cain ficou mais perto da saída, e as chamas em torno dela e do moribundo se apagando.

—Agarre-se, ela disse a ele. — Eu vou tirar você daqui.

— Não. Não posso ir. O sol. Eu sempre quis ver o sol.

Certo. Ela quase se esqueceu de que ele era um dos Synestryn, incapaz de suportar a luz solar.

— O que posso fazer? — Ela perguntou, seu desespero óbvio até mesmo para seus próprios ouvidos.

— Meu filho. Sua mãe. Eu coloquei-os aqui. Ele tocou sua cabeça, dando-lhe uma imagem de onde Ella e Ethan estavam escondidos. — Salve-os.

— Eu vou tentar, — disse ela, e enquanto ela falava, a visão de seu rosto — a que vinha dele — apagou.

Ele estava morto.

O peso da promessa que ela fez para ele curvou os ombros. Ela não sabia como ia conseguir salvá-los, muito menos a si mesma, mas ela não ia desistir ainda. Não quando ainda havia tempo para lutar pela sobrevivência.

Rory levantou-se para fora do anel de fogo, deixando-o morrer. Ela estava em um disco de ar solidificado, esperando que ela não caísse no mar negro de dentes e garras. Enquanto se movia, ela se viu a partir de centenas de olhos. Um único raio de sol saltou fora de seu cabelo rosa.

Esperança a encheu. Se havia sol, havia uma saída. Tudo o que tinham a fazer era encontrá-la. E ainda nenhum dos demônios ousou olhar nessa direção. Ela não podia usar seus olhos. Tinha que encontrar uma maneira de assumir o controle de si própria.

Um pulso de energia derramou dentro dela, uma oferenda de Cain. Ela agarrou-se a ela, esforçando-se para usá-la para fazer a sua vontade. Mas não importava o quanto ela tentasse, ela não conseguia forçar um dos



demônios a olhar para a luz do sol para que ela pudesse ver para onde perfurar.

Cain estava seguro dentro de uma cúpula de proteção, mas o veneno estava agindo rápido, roubando sua força. A dela foi sumindo como a dele, a sua ligação vibrando sob a tensão. Ele não conseguia abrir os olhos. Ela não podia usá-lo para ver, também.

Rory virou a cabeça na direção certa, mas o fluxo de visões era muito denso, cegando-a. Ela focou no poder de Cain em uma cunha, com a esperança de empurrar todos os outros locais de lado.

Um flash de luz encheu seus olhos. Seus olhos reais. O raio estava brilhando diretamente em seu rosto, dando-lhe um pequeno vislumbre do sol nascente. Medalhas de ouro brilhantes e laranjas fluíram através da pequena fresta. A liberdade estava tão perto, ela podia sentir seu calor, mas a abertura era pequena demais para ela e Cain passarem.

Eu sempre quis ver o sol.

Aquele homem ou demônio ou o que ele fosse havia dado sua vida em um esforço para salvá-los. Ela desejava agora que ele tivesse vivido o suficiente para ela mostrar-lhe esta bela vista.

Ele se foi, condenado à escuridão eterna, mas ela podia mostrar a todos os demônios o que viu. Talvez ela pudesse afugentá-los.

A chama da esperança acesa dentro de Cain. Ele ainda estava com ela, alimentando-lhe o poder que precisava para permanecer no ar.

Mostre a eles. Mostre-me. Mostre-me o sol.

Rory reuniu a força de Cain em si mesma, e concentrou-se em fazer um único demônio ver o que viu. No início, ela não tinha certeza se funcionaria, mas, em seguida, seu alvo abaixo começou a gritar alto, um grito doloroso. Ele correu em terror absoluto, batendo tão forte na parede que ficou imóvel.

Era isso. Ela fizera isso. Agora tudo o que ela tinha que fazer era repetir isso novamente cerca de duas centenas de vezes.



Ela não tinha certeza se poderia fazê-lo, mas tinha certeza de que ia tentar. A emoção do desafio a reforçou. Cain sentiu, também, oferecendo-lhe encorajamento silencioso e total confiança. Ele realmente achava que ela poderia fazer isso. Sua fé nela não vacilou nem um pouco.

Ela havia testemunhado antes, quando ele saltou após o demônio cair, confiando-a a pegá-lo. Ela não teve tempo para se maravilhar sobre isso na época, mas não podia deixar de fazê-lo agora. Ele não a via como fraca ou impotente. Ele não a via como alguém que precisava ser salva. Ele a via como igual. Uma parceira. Para ele, ela não estava quebrada, mas toda sólida e bonita. Ela iria salvá-los.

Algo nela estalou, alguma compreensão fundamental do que ela vira ocorreu, e tudo caiu em uma matriz ordenada. Seus olhos começaram a funcionar corretamente. Ela já não era governada por visões de pessoas ao seu redor. Ela os governava.

Ela começou a triagem através das coisas que via, tendo conhecimento de tudo o que ela testemunhou através de cada criatura presente. A respiração de Cain era superficial. Seu coração estava diminuindo. Ela estava presa em uma sala próxima, e, demônios torcidos escuros começaram a atravessar provisoriamente uma linha molhada traçada através da entrada. Ela enrolou-se em torno de seu bebê, protegendo-o com seu corpo quando os monstros entraram.

Rory não tinha mais tempo para aprender a fazer o que ela precisava fazer. Ela chupou em grandes goles o poder de Cain e ouviu-o gemer enquanto ela o obrigou a dar-lhe o que ela precisava. O ar na frente dela brilhava enquanto ela reformulou-o, forçando-o a focar o feixe de luz solar em uma pequena banda. Ele bateu os olhos, ardendo brilhante e perfeito para suas necessidades.

Rory olhou para a luz até as lágrimas molharem seu rosto. Ela forçou as criaturas abaixo para ver o que ela via. Ela não lhes deu nenhuma maneira de se esconder. Não havia forma de escapar. Mesmo quando eles



fechavam os olhos, sua visão ainda estava lá, forçando seu caminho para o seu cérebro, o caminho que suas visões sempre tinham feito para ela.

O cheiro de fumaça sufocou. Os gritos agonizantes de demônios morrendo encheu o ar. Seus olhos ardiam com a luz ofuscante que dirigiu para eles. Ela saudou a dor, recusando-se a piscar até que o último estridente assobio desapareceu no silêncio.

Ela flutuou para baixo até que seus pés tocaram algo sólido. Bolhas de cor manchada desapareceram de sua vista, deixando-a em pé na escuridão. Ela não podia ver Cain ou Ella. Ela não podia ver nada. Ela estava cega, e Cain estava morrendo.

Sentia a presença de Cain, sentia a Luceria amarrando-os juntos, e seguiu essa conexão. Ela empurrou o seu caminho através de pilhas de demônios mortos, usando suas botas para empurrá-los de lado. As roupas de Cain estavam molhadas com o sangue. Ela podia sentir a queimadura de veneno em sua pele, mas não tinha ideia de como corrigi-lo.

Suas mãos tremiam de cansaço, e era tudo o que ela poderia fazer para ficar em pé. O cansaço pesou-a, e ela não podia mais dizer se o que ela estava sentindo estava vindo dele ou dela.

Com um esforço de vontade excruciante, ela puxou em seu poder, canalizando-o sobre a pele para fechar suas feridas. Ela não tinha ideia se funcionou. Ele ainda estava escorregadio com sangue.

Um segundo depois, ela caiu, fraca demais para sentar-se. Seu corpo duro amortecendo sua queda, e abaixo do fedor dos demônios, da fumaça e do sangue, ela cheirava sua pele. Tão quente, tão familiar. Como em casa.

Rory tinha perdido todas as pessoas que já tinha amado. Sua mãe, Nana. Ela perdera sua pequena vida tranquila e sua casa. Não perderia Cain também. Não enquanto houvesse uma única centelha sequer de poder deixado em qualquer um deles.

Ela agarrou sua mão grande e levou-a à garganta de modo que o anel se agarrou ao seu colar. Havia apenas um leve fio de energia, mas ela se



pegou nela e puxou, exigindo ir a uma missão de procurar e destruir dentro de seu corpo. Com a magia derramando dela, a deflacionando, abatimento caindo sobre seu corpo. Ela não podia se mover mais. Ela mal conseguia puxar sua próxima respiração, mas ela continuou canalizando energia para ele, ordenando-lhe que limpasse o veneno.

Cain estremeceu sob sua mão, deixando escapar um gemido de dor. Um som de asfixia terrível subiu entre eles, e um segundo depois, ouviu-o vomitar. Em seguida, ele ainda se foi.

Apenas a batida constante de seu pulso a impedia de entrar em completo pânico.

Nada importava, exceto mantê-lo vivo. Não se importava com nada além de sentir sua respiração seguinte encher o peito. Não se importava se ela vivia. Não se importava se ela passasse o resto de sua vida atormentada por visões debilitantes. Ela não queria nem mais encontrar a pessoa que as faria ir embora. Isso só a separaria de Cain, o que tornaria sua vida um lugar mais sombrio agora do que a cegueira temporária jamais poderia.

Ela precisava dele para sobreviver. Ela precisava dele em sua vida, ao seu lado, segura e feliz. Ela jurou que, se vivesse, desistiria de sua busca pela liberdade de suas visões e aprenderia a aceitá-las. O preço que teria que pagar em troca da vida de Cain seria um bom negócio. O que quer que fosse que o universo exigisse dela, ficaria feliz em desistir. Mesmo de sua vida.

Por favor, não o deixe morrer.

Rory não via nada além de escuridão, mas ouviu um som fraco e trêmulo. Movimento. Passos.

Alguém estava vindo. Ela não sabia se era amigo ou inimigo, mas isso não importava. Fizera tudo o que podia. Não houve luta deixada por ela. O que quer que viesse viria, e se morresse, pelo menos morreria segurando o homem que amava.



Capítulo 33

Justice não tinha ideia de onde estava indo. Tudo que sabia era que estava atrasada, graças a um acidente na I-35.

Impaciência queimava em seu intestino, fazendo com que suas mãos agarrassem no volante. Seu Porsche não gostava dessas estradas esburacadas de sertão, mas isso era muito ruim. Se não se comportasse, ela o largaria e encontraria outro carro. Talvez uma caminhonete boa que não iria reclamar pra caramba.

A luz de um trem de carga que lhe chamou a atenção, vinda do oeste. O nascer do sol brilhou fora de seus carros de metal, que se estendiam à distância. Se ela não ultrapassasse o trem, iria atrasar-se ainda mais, e ela não tinha esse tipo de tempo.

Ela ligou o motor, aproveitando a mudança de marchas suave e poderosa, o zumbido deslizando através dela. À frente, as barricadas listradas de madeira foram descendo lentamente, as luzes e sinos repicando para avisá-la do perigo iminente.

Uma onda de emoção vibrou através dela, que se estendeu à boca com um sorriso. Ela o faria. Provavelmente. Talvez.

O Porsche entrou no ar, uma vez que atingiu a pequena rampa na estrada que levava às pistas. Ela atravessou o cruzamento da estrada de ferro, o capô de seu carro recortando na barricada de madeira.

Ela aterrissou com força suficiente para sacudir os dentes. A extremidade traseira do Porsche balançava com o vento criado pelo trem.

Justice observou a passagem de trem em seu espelho retrovisor, imaginando o que teria sido se ela estivesse apenas meio segundo mais lenta. Ela acordara há anos atrás nua, sozinha e confusa, sem memória de quem ela era. Quando ela se agachou sob um iminente cartaz publicitário



de um escritório de advocacia decadente, as gigantes letras incandescentes fazendo a pergunta "Buscando a justiça?" Zombaram dela. Ela estava buscando muito mais do que isso desde aquela noite, e agora, anos depois, ela ainda não estava mais perto de encontrar respostas. Ela nem sequer sabia seu próprio nome.

Se esse trem de carga houvesse batido nela, teria desaparecido tão de repente quanto surgira, voltando para onde quer que fosse que ela viera?

Aparentemente, ela não ia descobrir neste momento. Talvez amanhã.

Ela desacelerou no próximo cruzamento e pegou a esquerda. Ela não sabia o porquê, mas depois de mais de uma década de saltar por todo o país como um pinball, ela parou de questionar por que ia a qualquer lugar. Ela seguiu seu intestino, e ignorou o mundo girando passando por ela. Nada que essas pessoas fizeram podia tocá-la. Ela, no entanto, tocou-lhes muitas vezes. Às vezes é duramente.

Enquanto se aproximava de seu alvo, não podia evitar, mas sentia que desta vez era diferente. Especial. Podia sentir isso irradiando em seus ossos, enchendo seus pulmões com antecipação.

O que quer que esperasse por ela dessa vez seria algo para o diário. Ela só queria que ela soubesse como acabaria. Será que precisaria dar uma palavra amiga neste momento, ou uma arma?

Só há uma maneira de descobrir.

Justice girou sobre a estrada de cascalho, ignorando as queixas do Porsche sobre a pintura lascada e poeira. Quando ela tomou a última vez, ela viu uma pequena casa assentada, se aconchegando dentro de um anel denso de árvores.

Ela estacionou o Porsche ao lado de uma van preta e saiu, o senso de urgência crescendo a cada segundo que passava.

Quando ela bateu na porta, ninguém respondeu. Idem com a campainha. O lugar estava fechado, mas não deixaria isso detê-la.

Ela circulou em volta e olhou através das barras. Ninguém.



Com a coroa de sua arma, ela quebrou a janela e entrou. O lugar era escuro, silencioso. O cheiro de algo picante e doce encheu o ar, como se alguém tivesse feito um assado recentemente.

Uma rápida pesquisa da área de estar e quartos lhe disse que ninguém estava aqui. Só que ela estava aqui por algum motivo, e esse motivo foi se tornando cada vez mais desesperado.

Justice começou a abrir portas, procurando em armários, olhando por trás de cortinas de chuveiro e debaixo das camas. Finalmente, ela abriu uma porta que levava para baixo em um porão. O doce aroma era mais forte aqui, puxando-a para dentro.

Com a arma na mão, ela desceu os degraus de madeira. Quando ela estava na metade do caminho para baixo, ela viu um homem amarrado a partir dos ombros aos tornozelos. Ele estava caído de frente. Sangue acumulado debaixo dele. Um filete tinha trabalhado seu caminho sobre o piso de concreto para o ralo.

Pânico bateu no peito dela, e ela ficou ali, olhando estupidamente em estado de choque por um momento. Fazia muito tempo que não sentia nada tão poderoso — bom ou ruim. Talvez nunca tivesse sentido nada parecido com isso. Emoções pareciam deslizar em torno dela, principalmente, nunca a tocando de qualquer maneira significativa.

Até agora.

Ela estava com medo. Assustada completamente e totalmente borrada.

Justice desceu correndo os degraus para o homem sangrando. Seus dedos pressionaram contra sua garganta, sentindo o pulso, mas o frio de sua pele lhe disse que era tarde demais.

Ele soltou um gemido baixo, e novamente, ela ficou chocada. Ele ainda estava vivo. Ela não estava atrasada demais.

A pergunta era: por que ela estava aqui? O que ela deveria fazer?

Ela cortou as fitas com sua faca. Parar seu sangramento parecia ser a



primeira ordem do negócio.

Sua lâmina atingiu metal. Ele fora preso também. Quem quer que fosse alguém realmente queria ter certeza que ele ficasse onde estava.

Talvez ele fosse um cara mau. Talvez ela estivesse aqui para terminar o trabalho e matá-lo.

Algo sobre isso não soava verdadeiro. Se ele deveria morrer, então tudo o que ela teria que fazer era ficar longe. Quaisquer poderes que a compeliram para cá não teriam sido desperdiçados com o esforço de enviá-la aqui.

Até o momento ela tinha cortado o homem sanguinário livre, sua respiração estava ofegante dentro e fora de seu peito magro. Suas roupas eram muito grandes, e ele estava tão magro que o sentiu frágil quando ela o moveu, tentando localizar o sangramento.

Até onde ela podia dizer, ele não tinha cortes. O que mudava as coisas.

— De quem é esse sangue? Ela exigiu.

Sua cabeça caiu para trás contra o braço dela, e ela ficou impressionada com a forma como ela embalou-o, como se fosse algo precioso. Mas isso não era verdade. Ninguém era precioso para ela.

Seus olhos azuis pálidos abertos. Dor agitando lá, junto com a fome interminável e desespero. Seus lábios se moviam e um leve sussurro inchado. — Sangue. Preciso.

O som de sua voz fez com que memórias ocultas rodassem em sua cabeça. Ela estendeu a mão para elas, tentando as pegar, mas tudo caiu, abandonando-a.

Frustração fez apertar os braços ao redor de seu corpo. Ela abaixou a cabeça mais perto, esperando para ouvir mais uma palavra — algo, qualquer coisa para lhe dar de volta o que foi levado. — O que você precisa?

Ele lambeu os lábios secos. Ingerindo. Seu olhar focado em sua garganta. — Sangue. Por favor.



Esse poder que levava — Deus, destino, carma — o quer que fosse, falou com ela agora, em silêncio, pedindo-lhe para dar-lhe o que ele precisava.

Com a mão trêmula, ela puxou o cabelo preto encaracolado longe de seu pescoço e levantou-o mais elevado. Seus lábios roçaram a pele dela no que ela pensou que seria a sensação de um beijo. Uma sensação de formigamento, de familiaridade, derramou-lhe na espinha. Ela sabia o que ele ia fazer, mas ela não estava com medo.

Então, novamente, ela não tinha medo de um trem de carga em alta velocidade, também.

A dor aguda quebrou sua pele, e sua boca começou a se mover contra ela, alimentando-o. Prazer diferente de tudo o que ela poderia ter imaginado acariciou sobre ela, iluminando partes de si mesma que ela assumiu estavam mortas ou desaparecidas. Outras pessoas sentiam alegria e tristeza. Outras pessoas riam e choravam. Para Justice, tinha sido tudo falso — um ato projetado para caber dentro. E agora as coisas eram dela, cruzando-a como um raio.

O homem em seus braços ficou pesado. Ela não estava mais o segurando. Seu corpo inchou e se moveu, segurando-a como se sua vida dependesse disso. Talvez ele dependesse.

Ela ficou mais fraca. O frio do piso de concreto afundou dentro dela, roubando seu calor. Seu coração acelerou, e uma sensação de medo se levantou.

Ele a estava matando. E ainda mais surpreendente: ela não queria morrer.

Justice tentou se afastar, mas ele era muito forte. A faca estava deitada no chão nas proximidades, descartada e esquecida. Mas a arma estava escondida em sua cintura.

Ela se atrapalhou para alcançá-la. Suas mãos não funcionavam direito. Ela não estava segurando isso certo e não conseguia descobrir qual a



maneira de movê-la para que ela pudesse atirar. Então, em vez disso, ela levantou o metal pesado e bateu com ele na cabeça do homem.

Ele ficou mole. O sangue escorria de seu pescoço. Ela cobriu a ferida e correu para longe, deixando-o estatelado no chão. No momento em que ela se levantou, ele já estava se movendo.

Ela não esperou para ver o que ele faria em seguida. Ela apenas correu. Subiu as escadas, a porta da frente e em seu Porsche. Enquanto ela estava lutando para encontrar a chave certa, ela o viu dentro da casa, a olhando, apenas fora da luz.

Tudo o que ele era, ela estava fora daqui. Aquela sensação incômoda, que a levou a fazer as coisas que ela fez, foi embora agora. Aparentemente, salvando sua vida, era por isso que ela veio, e agora que seu trabalho foi feito, ela estava ficando bem longe.

Ronan amaldiçoou o sol, enquanto observava a mulher fugir. Poder cantou em suas veias, e pela primeira vez na memória, ele já não estava com fome. Ela fizera isso para ele, e agora ela se foi. Mas não importa o quanto de energia possuía, ele não podia ir atrás dela. Não à luz do sol. Ele estava preso aqui até o anoitecer, momento em que, ela estaria muito longe.

Ele memorizou o número da placa. Talvez alguém em Dabyr poderia ajudá-lo localizá-la enquanto dormia.

Se não, então ele ia procurá-la ao anoitecer. Ele tinha o sangue dela agora. Não havia nada que ela pudesse esconder dele. Ele iria encontrá-la, e quando o fizesse, ele teria certeza de que ela nunca correria dele de novo.

Capítulo 34



Rory acordou na escuridão total. Ela estendeu a mão para Cain, mas tudo o que ela sentia era uma cama macia. O cheiro de sabão em pó encheu seu nariz, tão bem-vindo depois do fedor dos demônios queimados.

Um enorme buraco apareceu bem no meio dela, mas ela estava muito tonta e confusa para descobrir o que estava errado.

Ela estendeu a mão, em busca de uma lâmpada. Uma mão ossuda quente encontrou a dela e a segurou em um aperto amoroso.

— As luzes já estão acesas, mel.

Rory ainda estava em estado de choque. Ela sabia que a voz a lembrava de sua infância. — Mãe?

— Sim. Essa única palavra estava cheia de pesar e chances perdidas.

— Eu estou morta, não estou?

— Você é muito viva. Tudo vai ficar bem.

— Rory, — disse uma voz profunda e culta. — É Logan. Você está segura em Dabyr. Sua mãe está certa. Você vai ficar bem.

Mamãe estava viva. Isso era tão bizarro, Rory não poderia envolver a cabeça em torno dela. Ela se esforçou para fazer sentido, mas tudo o que ela poderia encontrar era alívio feliz.

Ela apertou a mão de sua mãe, recusando-se a deixar ir por medo de que ela desaparecesse. — Pensei que você estivesse morta. Nana disse que você tinha ido embora.

— Jurei a ela que ficaria longe se ela cuidasse de você. Ela não queria o meu problema com drogas afetando você. Nem eu sabia que era uma mãe horrível, mas estou limpa agora.

Confusão inundava Rory, fazendo-a girar a cabeça. — Não entendo.

Logan disse: — Encontramos sua mãe com os outros seres humanos que eram reféns de Krag. Nós a trouxemos aqui, levamos as toxinas do seu corpo e lhe demos refúgio. Não tínhamos ideia de quem ela era, até que lhe trouxe aqui e que lhe viu.



— Eu sonhei que eu vi você antes, mas estava muito alta para atender. Sinto muito, Rory. Por tudo.

Ela seguiu o braço da mãe até que ela pudesse puxá-la para um abraço.

Rory não se preocupava com o passado. Ela teve sua própria quota de erros — feriu muitas pessoas. Talvez ela fosse uma tola por perdoar sua mãe pelas coisas ruins que ela fez, mas ela não se importava. A vida era demasiado curta para não perdoar. Então ela fez. Ela deixou toda a merda cair fora, deixando apenas uma chapa brilhante, limpa estendendo-se na frente delas.

Com o cheiro da mãe envolto em torno dela, as peças do quebra-cabeça começaram a clicar juntas. Mamãe tinha estado nas ruas há anos. Ela provavelmente foi ao abrigo da irmã Olive. E ela estava lá quando Rory havia sido jogada naquele porão inundado.

Sua mãe foi quem bloqueou as visões de Rory. Ela sempre fez. É por isso que ficara muito pior depois que ela saiu, e por que elas desapareceram de vez em quando, quando Rory estivera perto dela sem saber.

Felicidade a trespassou e ela deixou-se sentir esperança no futuro. Instintivamente, ela estendeu a mão para a mente de Cain para que ela pudesse compartilhar sua alegria com ele, só para não encontrá-lo — total e completamente desaparecido. Pânico roubou sobre ela, chupando o ar dos seus pulmões.

Rory se afastou de sua mãe e olhou na direção de onde a voz de Logan tinha se originado. — Onde está Cain?

— Dormindo, — disse Logan. — Você levou o veneno dele, mas ele estava em má forma.

— Ele vai viver? Por favor, deixe-o viver.

— Sim. Ele vai acordar em breve e eu tenho certeza que ele vai querer vê-la.

Alívio trouxe lágrimas aos seus olhos, fazendo-os arder. — O que



aconteceu? Como é que conseguimos sair de lá?

— Os guerreiros que Joseph enviou após Ella e Ethan encontraram vocês.

— Eles estão bem?

— Ethan está bem. Sua mãe não. Ela morreu protegendo-o.

Rory não poderia processar isso agora. Ela já estava lidando com muito. — Eu quero falar com Cain, mas eu não quero que ele me veja assim, cega e indefesa. Quanto tempo vai demorar para consertar meus olhos?

Tristeza pendurava na voz de Logan. — Sinto muito, Rory. Eu já tentei corrigir a sua cegueira. Não há nada mais que eu possa fazer.

Capítulo 35

Cain acordou em Dabyr. Joseph estava ao seu lado, parecendo como se ele precisasse de um ano de sono.

Ele não podia sentir Rory. Ele estendeu a mão para ela, mas não havia... nada.

Pânico lhe cortando como uma navalha, o fazendo sair da cama. — Onde está Rory?

— Acalme-se. Ela está viva. Ela está aqui. Segura.

— Eu quero vê-la. Ele jogou as cobertas para trás, encontrando-se nu. Joseph atirou-lhe uma trouxa de roupa. — Ela está se recusando a ver qualquer um. Mais especificamente você.

— O quê? Por quê?

O olhar de Joseph bateu no pescoço de Cain com uma mensagem óbvia.

Cain levantou a mão, sentiu a Luceria de volta no lugar. Sua Marca da Vida estava quase nua novamente.



— Logan o manteve dormindo enquanto suas folhas caíram. Nós não vimos qualquer ponto em fazer você sofrer com isso.

— Quanto tempo? Exigiu Cain. — Quanto tempo desde que minha Luceria caiu?

— Pouco mais de um dia.

Um dia inteiro para Rory pensar e mudar de ideia. E ainda escolhia evitá-lo. — Eu não entendo. O que fiz de errado? A última coisa que eu lembro era que ela estava queimando os olhos de todos os demônios de uma só vez. Aconteceu alguma coisa depois disso?

— A mãe dela está aqui.

— Viva?

— Sim. Ela era uma das vítimas que resgatamos na última primavera. Viciada em drogas no encalço de Krag. O Sanguinar limpou-a e ela está morando aqui desde então.

— Ela era aquela por quem Rory estava procurando, adivinhou Cain.

— A pessoa que bloqueava suas visões.

Joseph concordou. — Sua Luceria caiu pouco depois que ela acordou e percebeu o que estava acontecendo. Ela me pediu para devolvê-la.

Cain vestiu a calça jeans e afivelou sua espada em seu lugar. — Onde ela está?

— Ela não quer lhe ver.

— Eu não dou a mínima. Onde ela está?

Joseph suspirou. — No quarto do outro lado do corredor. Eu a queria perto no caso de ela mudar de ideia.

As pernas de Cain estavam um pouco vacilantes, mas ele ignorou a fraqueza e caminhou pelo corredor. Joseph estava próximo às suas costas, vociferando, como se ele pudesse realmente impedir Cain de ver a mulher que amava.

Ele parou com a mão na porta de seu quarto quando o conhecimento o afundou, afastando todas as trevas e dúvida. Sua alma foi preenchida



com a luz ofuscante da verdade completa e perfeita. Ele a amava, em uma espécie de caminho para sempre, e ele não ia deixá-la ir tão facilmente.

— Há algo que você precisa saber, — disse Joseph.

Cain não se importava com o que o homem tinha a dizer. Não havia nada que mudaria a mente de Cain. A porta se abriu e Rory parou de repente, sua cabeça virando-se para ele. Ela estava olhando diretamente para ele, mas não havia nenhum sinal de reconhecimento. Sem raiva, sem emoção ou alívio. Apenas vazio.

— Rory está cega, sussurrou Joseph.

O choque da notícia o golpeou com força, mas ela desapareceu em um instante, sem fazer nada para agitar sua decisão. Ele ainda a amava. Ainda a queria. — Isso não muda nada.

— Cain? — disse Rory. Ela deu um passo em direção a ele e correu para a mesa do café. Ela se conteve antes que ele viesse para o seu lado. Rubor queimando em suas bochechas. — Vá embora.

— Não vai acontecer. Você e eu vamos conversar.

— Não há nada para falar. Eu tomei minha decisão.

— Assim como eu, Cain virou-se para Joseph. — Deixe-nos.

— Eu não acho que é uma boa ideia. Se Rory não quer você aqui —

Cain cortou. — Então, ela pode me chutar para fora. Depois falamos.

Joseph concordou. Para Rory, ele disse: — Eu estarei lá fora se precisar de mim.

— Ela não vai, — disse Cain.

Joseph fechou a porta ao sair.

Cain não esperou para mergulhar dentro. Quanto mais tempo ela estava longe dele, pior ele se sentia. E era mais do que apenas sua Marca da Vida que estava sofrendo. Ele sentia falta de tê-la em seus pensamentos, sentindo-a tão profundamente uma parte dele que ele não poderia dizer a diferença entre eles.

— Eu preciso de você, ele admitiu, não dando a mínima para o seu



orgulho.

— Não, você precisa de alguém para lutar ao seu lado. Isso é tudo o que você sempre quis. — Sua voz se calou. — Isso é uma criança.

— Você está dizendo que você não quer a mesma coisa? Você adorava ter o meu poder em suas mãos. Eu sentia cada segundo da sua alegria quando você estava detonando. Você já não pode mentir e fingir que você não o amava.

— É claro que adorei. Mas no caso de você não ter ouvido Joseph, eu estou cega. O Sanguinar não pode corrigi-lo.

— Então?

— Então, o que faz com que seja muito difícil lutar, você não acha?

— Não para você. Claro, é um desafio, mas desde quando você já se afastou de um desafio?

— Os riscos são demasiado elevados. Vou fazer alguém ser morto. Talvez até você.

— Talvez. Talvez não. O que eu sei é que, sem você eu não tenho muito tempo.

— Portanto, trata-se de salvar a si mesmo. Eu vejo.

— Não, você não vê. Mas se eu tiver que usar piedade para ter você de volta ao meu lado, então eu vou. Custe o que custar, Rory. Eu te amo demais para deixá-la ir embora.

Ela ficou imóvel. — Amor? Eu sou muito foda para você amar.

Ele ficou em silêncio enquanto ele foi até ela. Ele segurou seu rosto, fazendo-a sacudir com surpresa. Em seguida, ela se estabeleceu em seu toque, seus olhos, vibrando fechado em prazer.

— É isso que você acha? — Perguntou ele.

— É o que eu sei. Estou desamparada agora, Cain. Eu não posso ser o que você quer que eu seja, com exceção da parte mãe do bebê, que eu não estou totalmente preparada.

— Eu vou esperar. Tanto quanto você precise. E se você nunca estiver



pronta, eu ainda vou te amar. Como não posso, quando você é tão forte e destemida?

Ela sentou-se com as mãos sobre o peito, estremecendo embora por um segundo quando ela percebeu que estava nua. Formigamento de fitas de excitação teceu entre eles. Os ramos de sua Marca da Vida balançaram sob seu toque.

— Eu não sou destemida agora, Cain. Eu estou morrendo de medo. Eu não sei o que vou fazer.

— Me dê uma chance. Deixe-me te amar.

— Você realmente não quis dizer isso. É apenas a besteira mágica falando.

— É isso o que você diz a si mesma? Que o que você sente por mim não é real?

— Não pode ser. Nada bom é real.

— Você não quer saber se você estiver errada? Pegue minha Luceria novamente, Rory. Uma vez que você fizer isso, você vai ver quão verdadeiro é o meu amor por você. Eu não vou ser capaz de esconder a verdade. Você vai vê-lo brilhante e claro, do jeito que eu sinto.

— E se você estiver errado? E se o que essa coisa entre nós é for embora? Você realmente quer estar preso com uma mulher que não pode lutar?

Ele conhecia sua Rory. Ela era uma lutadora no coração. Ela iria encontrar uma maneira de ajudá-los a lutar contra os demônios, independentemente de poder ou não ver. Um dia, ela perceberia isso, também, mas até então, era seu dever, seu privilégio — para continuar a tentar mostrar-lhe a verdade.

— Se você está realmente preocupada, em seguida, dê o seu voto com cuidado. Você pode me dar o tempo que você escolher. Eu vou usar esse tempo para provar que meu amor é real e não dependente de algo que pode ou não pode fazer.



— Eu também te amo, ela sussurrou.

Suas palavras encheram-no, fazendo-o sentir-se invencível. Ele era o homem mais sortudo que já tinha existido, e ele pretendia passar cada dia tendo a certeza que ela sabia como ele se sentia.

Ele tirou suas mãos e as guiou até o pescoço. — Então tome minha Luceria, Rory. Dê-me o seu voto. Você não vai se arrepender.

Suas mãos tremiam quando ela tocou a banda. Ela caiu facilmente, deslizando pelo seu peito em seu aperto. Ele tomou dela e fixou em torno de sua linda garganta.

Rory engoliu. Sua voz tremeu. — Eu prometo ficar com você por tanto tempo quanto você realmente me amar.

Cada célula do seu corpo se levantou, gritando na vitória. Ela era sua agora. Para sempre. Porque esse é o tempo que seu amor por ela iria durar.

Cain apressadamente terminou a cerimônia, ferindo-se, dando-lhe o seu voto, observando como a Luceria encolhia para caber em sua pele. Ela imediatamente se aprofundou a um rico roxo escuro que fez sua pele brilhar em contraste. A Lady Ametista. Para sempre sua.

Seus olhos se arregalaram com surpresa e um sorriso ergueu sua boca. — Eu posso me ver.

— O quê?

Seu sorriso ficou maior. — Eu posso ver através de seus olhos. E os outros. Seu poder... as visões não me cegam. Elas deixam-me ver.

Cain sentiu a alegria brilhar dentro dele, enchendo-o e fazendo-o todo. Foi ampliado por conta própria, tão poderosa que ele não tinha certeza se podia conter tudo.

Ela o abraçou apertado e ele dobrou-se ao seu redor, sabendo que ele nunca se cansaria dela, não importa quantos séculos vivessem.

— O que fazemos agora? — Ela perguntou.

— Tudo o que te fizer feliz.

— Primeiro, eu vou levá-lo para o quarto e usá-lo descaradamente.



— Eu gosto de onde esse plano está indo.

Um rugido feroz entrou em sua voz. — E então, quando escurecer, vamos sair e chutar alguns traseiros de demônio.

Cain riu. Ele simplesmente não conseguia segurar tanta felicidade. — O que você quiser, Rory. O que você quiser.

Capítulo 36

Sibyl resistiu ao impulso de chamar Cain. Ela não queria interromper a sua felicidade. Depois de todos os seus anos de serviço fiel a ela, ele não merecia menos.

Ela pegou sua boneca de porcelana e colocou-a sobre o tampo de sua mala. Os cachos loiros estavam emaranhados agora, o vestido azul marcado com manchas de sujeira. Há alguns meses atrás, Sibyl a olhara apenas como uma boneca, mas não mais. Ela era uma mulher agora, ainda se acostumando com o seu corpo de mulher e todas as suas estranhas manias.

— Você vai voltar, não é? — Perguntou à boneca.

— Sim. Eu só saí por causa de Cain. Se eu não o tivesse empurrado, nunca teria deixado meu lado. Ele encontrou a mulher. Posso ir para casa agora.

Os olhos negros da boneca piscaram, e dentro desse olhar vítreo, Sibyl viu a presença de sua irmã Maura.

— Você tentará me encontrar, não é? A voz de Maura hesitou entre o medo e a esperança.

— Você não pode ficar sozinha. Não é seguro. Venha para casa.

A boca da boneca não se mexeu, mas a voz de Maura derramou tudo a mesma coisa. — Eu não tenho casa.



— A Mãe e o Pai te perdoaram. Como eu fiz. Os outros vão tão bem.

— O perdão é para quem não pretende fazer o mal.

O sangue de Sibyl refrigerou na ameaça velada de sua irmã. — Seus poderes voltaram.

— Assim como o seu. Ao contrário de você, eu não posso evitar, a não ser usá-los. Eventualmente.

— Não tem que ser assim. Você pode encontrar um homem cujo poder pode ser usado para controlar a si mesma.

— E o que o Theronai teria de mim? Quem valorizaria sua honra tão pouco que se uniria com seu inimigo? E quem pode me tocar sem que o mate?

Sibyl não tinha respostas.

— Não se incomode procurando por mim, — disse Maura. — É um desperdício de seu tempo.

— Você pode salvar um moribundo. Há valor nisso. Redenção.

— Não para mim. Eu estou... quebrada.

— A Mãe e o Pai estão mortos. Cain encontrou sua companheira. Estou sozinha agora. Eu preciso de você.

— Você nunca me necessitou. Você tem tudo.

— Não a minha irmã.

— Nós nunca fomos feitas para sermos irmãs.

— Nós nunca fomos feitas para sermos separadas. Você é parte de mim, como eu sou parte de você. Por favor. Venha para casa.

Houve um silêncio longo e sombrio. Finalmente, Maura disse: — Não tente entrar em contato comigo novamente.

Os olhos da boneca perderam o brilho da vida, deixando Sibyl sozinha em seu quarto.

Maura estava diferente desta vez. Insistente. Determinada. Sibyl temia que onde quer que Maura estivesse, o que ela estivesse fazendo, ela sofria. E por causa disso, Sibyl se recusou a deixá-la sozinha.



Apesar das coisas que Maura fizera, ela não estava além da redenção.
E Sibyl teria certeza de que ela encontraria.

Fim



**MEMTIVE DE FENSHORE CONTENDO NO NOSSO ALMA
O QUE REHOU DE HISTÓRIA DO LÍDRO.**

<http://talionistw.wordpress.com/>